Ser Brenner

A Parede de Ferro

O Revisionismo Sionista de Jabotinsky a Shamir

(1984)

Editora AAARGH
Na internet, 2003

Lenni Brenner: A Parede de Ferro. Publicado pela primeira vez em 1984 pela Zed Books, Londres. Transcrito e corrigido pela primeira vez por Einde O Callaghan para REDS - Die Roten em 2001.

PREFÁCIO DO EDITOR DA WEB

Este livro, publicado pela primeira vez em Londres em 1984, já foi divulgado na Web com a aprovação do autor. Nós o encontramos em <http://www.marxists.de/middleast/ironwall/
index.htm> Esta edição <html> de 2001 inclui muitos erros de
impressão devido à digitalização e fizemos o nosso melhor para melhorá-la, mas alguns erros permanecem.

Fornecemos esta versão <pdf> porque acreditamos que este livro é uma fonte muito útil de reflexão histórica sobre as origens da atual política do Likoud em Israel, liderada pelo sinistro general Sharon. É literalmente uma genealogia das políticas racistas, expansionistas e totalitárias impostas à infeliz Palestina por uma multidão feroz, hoje chamada localmente de "Likoud".

Isso não significa que partilhamos todos os pontos de vista do autor, um trotskista americano bastante antiquado, que manifesta uma credulidade resiliente no que diz respeito à história recente "judaica". Em particular, a arte dos judeus de se apresentarem sempre como "vítimas" impõe-se facilmente a uma mente não crítica.
Obviamente, Brenner faz parte daquela cultura que, acreditamos, necessita muito de uma reavaliação. Mas este é outro debate.

Esta edição com motivação política é apenas para uso justo e não tem finalidade econômica.
Março de 2003

CONTEÚDO

Apêndice 1

Apêndice 2

Apêndice 3

1. Jabotinsky: os primeiros anos

Odessa

Odessa era e é linda: localizada em um planalto elevado, tem vista para o Mar Negro através de sua baía. Tomado aos turcos apenas em 1792, o porto mais meridional da Rússia czarista não tinha gelo, excepto durante cinco semanas em cada Inverno, e rapidamente se tornou o próspero exportador de cereais do império, sendo o seu carácter uma extensão cosmopolita das rotas comerciais do Mediterrâneo.

Não havia judeus na Rússia até o final do século XVIII. Em 1471, dois mercadores judeus da comitiva de um nobre de Kiev "corromperam para o judaísmo" dois clérigos proeminentes de Novgorod. Uma heresia, conhecida como Judaizantes, começou a se espalhar entre os monges ortodoxos russos, usando passagens do Antigo Testamento como base para uma crítica à ordem social estabelecida. Eventualmente, em 1504, os seus líderes foram queimados na fogueira e a seita desapareceu; mas o Santo Sínodo sempre se lembrou dos desviantes e daí em diante os mercadores judeus foram proibidos de entrar na "terra russa".

Foi apenas no século XVIII, com a conquista de vastos territórios aos moribundos impérios polaco e turco, que o regime de São Petersburgo foi confrontado com uma população judaica interna.

Havia apenas cinco judeus em Odessa em 1792, quando os turcos foram finalmente expulsos completamente da Ucrânia. Apesar da intensa desconfiança nos judeus e na sua religião, São Petersburgo percebeu imediatamente que os comerciantes judeus dispersos eram vitais para a economia das suas novas aquisições. Na verdade, os judeus foram encorajados a migrar das antigas terras polacas para o interior escassamente povoado de Euxine. No último quartel do século XIX, Odessa detinha a segunda maior comunidade judaica, depois de Varsóvia, no império; a cidade já tinha 25% de judeus em 1880. A maioria das lojas era de propriedade de judeus, e a peça central da prosperidade de Odessa, o comércio de grãos, estava em mãos de judeus. Embora a maioria dos migrantes falasse apenas iídiche à chegada, o russo rapidamente se tornou a sua língua materna. A Judiaria de Odessa era de longe a comunidade judaica mais modernista na chamada Pálida de Assentamento, a área à qual os Autocratas de Todas as Rússias confinaram a grande maioria dos seus mais de cinco milhões de súditos judeus.

Pais e escolaridade

Vladimir Yevgenievich nasceu em 5 de outubro de 1880, terceiro filho e segundo filho de Yona e Khava Jabotinsky. Yona, ou Yevgenni, para usar a versão russa de seu nome, era um alto burocrata da Companhia Russa semi-oficial de Navegação e Comércio, encarregado da aquisição de trigo ao longo do rio Dniepr; Khava era filha de um rico comerciante chassídico. Os Jabotinskys estavam abastados e contentes na época do nascimento de Vladimir, mas em 1884 o desastre atingiu a família.

Yevgenni ficou gravemente doente e teve que ir a Berlim para tratamento. A família o seguiu e Vladimir Yevgenievich foi matriculado no jardim de infância e logo começou a falar alemão. Ele se lembrava pouco da Alemanha nos últimos anos, além de encontrar o Kaiser Guilherme I nos jardins de Bad Ems e trocar saudações. Eventualmente, os Jabotinskys ficaram sem dinheiro e não puderam mais pagar os caros especialistas - que imediatamente se livraram deles, dizendo-lhes para consultar médicos na Rússia – e regressaram à Ucrânia, onde Yevgenni morreu em 1886.

A viúva logo abriu uma pequena papelaria em frente à sinagoga local. Seu irmão, um rico empresário, ajudou financeiramente e, embora as circunstâncias fossem reduzidas, Khava deu a seu filho

aulas de violino – quase obrigatórias para os meninos judeus de sua época e classe – e o mandou para uma escola preparatória particular. Seu primeiro encontro com o anti-semitismo foi quando ele tinha oito anos, e sua mãe levou um ano até que ela pudesse colocá-lo em uma escola pública - estudantes judeus caíram sob um numerus clausus e várias escolas o recusaram antes que sua família pudesse colocá-lo ele. Mas o anti-semitismo não era uma preocupação das autoridades de Odessa; A infância de Vladimir foi plácida e até o fim da vida ele olhou para Odessa com o mais profundo sentimento de carinho.

Línguas

Khava era de Berdishev, uma cidade ucraniana tão judia que muitos dos goyim (gentios) falavam iídiche, e ela tinha dificuldade com o russo. O alemão era a sua língua cultural; ela só aprendeu russo para falar com os criados que seu marido lhe providenciou. Mais tarde, Jabotinsky não conseguia se lembrar se ela e Yevgenni falavam iídiche um com o outro, mas falavam apenas russo com os filhos. Embora sua enfermeira gentia conhecesse o iídiche, comum entre os criados, ela foi proibida de falar com ele nessa língua, mas Jabotinsky logo aprendeu a língua. Mais tarde, na adolescência, na escola, ele escreveu para a mãe em iídiche, mas insistiu que nunca falava essa língua, nem em casa nem na rua. Khava o enviou para aprender hebraico com um tutor quando ele tinha seis anos. Ele aprendeu um pouco de gramática e eles traduziram a Bíblia, mas ele não estava muito interessado e, aos 13 anos, como aconteceu com milhões de meninos judeus naquela época e desde então, ele a abandonou como língua morta. Além de alguma poesia, ele não tinha nenhum interesse pela cultura judaica – ele a achava triste, bolorenta e desinteressante.

Foi no início de suas aulas de hebraico, ele lembrou mais tarde, que teve seus primeiros pensamentos "sionistas", perguntando à sua mãe: "Será que nós, judeus, também, algum dia teremos um estado próprio?" À maneira das mães de todo o mundo, que sabem tudo o que uma criança de sete anos precisa saber, Khava respondeu, com ternura: "Claro que vamos, seu tolo!" Jabotinsky nunca mais duvidou desta verdade evidente; a partir desse dia "não perguntou mais: isso me bastava". 1 O russo era a sua língua: até ao fim da sua vida,
em 1940, 25 anos depois de ter visto a sua terra natal pela última vez, ele pensava em russo quando estava sozinho. Ele aprendeu o alfabeto com sua irmã Tamar quando a família voltou da Alemanha. À medida que crescia, a literatura se tornou sua paixão. Embora não fosse um bom aluno, ele aprendeu a recitar grande parte de Puskin e Lermonlov de cor. Ele e seus amigos criaram seu próprio jornal; aos nove anos encontrou uma gramática espanhola e começou a aprender sozinho.
O primeiro contato com o inglês veio através das aulas da irmã; Francês de um primo; Ele estudou latim e grego na escola, mas eles o entediavam – ele nunca olhava para línguas mortas. Entre os doze e os quatorze anos aprendeu esperanto sozinho, chegando a escrever poesia na nova língua internacional.
Seu interesse por línguas atraiu a atenção de alguns de seus colegas de escola poloneses e logo ele estava lendo o épico Pan Tadeusz, de Adam Mickiewicz.

Início de carreira

Sua carreira literária começou quando ele tinha dez anos, com alguma poesia; aos 13 anos ele estava traduzindo o Cântico dos Cânticos e outros poemas do hebraico. Fez uma tradução juvenil de Raven, de Poe, que mais tarde, numa versão melhorada, tornou-se um padrão das antologias. Aos 16 anos ele enviava artigos para os jornais locais. Em 1898, ele decidiu ir para o exterior para completar seus estudos e convenceu o Odessky Listok local a contratá-lo como correspondente estrangeiro. Estipularam que ele só poderia escrever de capitais europeias onde ainda não tivessem um dos seus homens. Ele escolheu Berna e matriculou-se lá na faculdade de direito.

Uma das primeiras coisas que Jabotinsky fez em Berna foi declarar-se totalmente vegetariano; isso durou exatamente duas semanas – ele estava constantemente com fome e socialmente isolado. Ele logo falou politicamente pela primeira vez; Nachman Syrkin, um socialista-sionista pioneiro, veio dar uma palestra e no período de discussão os sionistas e marxistas logo se envolveram em um debate animado. Vladimir Yevgenievieh, de 17 anos, assustou a disputada colônia estudantil russa: ele confessou não estar familiarizado com as ideias socialistas e não estava preparado para se declarar sobre a questão, mas sabia com certeza que era um sionista como:

---

[1] Joseph Schechtman, *Rebelde e Estadista,* p.47.

> o povo judeu é um povo muito mau; seus vizinhos o odeiam, e com razão. O seu fim no exílio é uma "Noite de São Bartolomeu" geral, e a sua única salvação reside numa imigração geral para a Terra de Israel.[2]

As suas palavras enfureceram os marxistas, que estavam determinados a derrotar os czaristas e outros anti-semitas. Mas Jabotinsky estava simplesmente repetindo o que ouvira na juventude.
O "Comitê de Odessa", a Sociedade para o Apoio aos Agrícolas e Artesãos Judeus na Palestina e na Síria, foi autorizado pelo Palácio de Inverno em 1890, e mesmo antes do Primeiro Congresso Sionista Mundial em 1897 tinha mais de 4.000 membros. Anos se passariam até que Jabotinsky se juntasse ao movimento. A Palestina ainda era apenas uma imagem romântica. Ele tinha um poema, *Gorod Mica* (Cidade da Paz), publicado em 1898 na *Voskhod* (Sunrise), uma revista judaica de São Petersburgo. Seu velho xeque beduíno contou como, antigamente, Deus havia prometido que, após séculos de exílio sem honra, os judeus retornariam a Sião.

Itália

Jabotinsky não ficou muito tempo na Suíça: nunca foi um estudante rotineiro, o direito não tinha apelo e não gostava do alemão. No outono de 1898, seu jornal permitiu que ele se mudasse para Roma. Era um lugar incomum para um estudante russo ir, já que eles eram conhecidos por serem gregários e tagarelas, sempre agrupados. Não havia colónia em Itália mas, ao contrário de tantas outras, Jabotinsky não era então político e sentiu pouca compulsão para converter a empresa. Ele também gostou de aprender novos idiomas; já havia estudado latim e começou a aprender italiano seis meses antes de partir para Roma.
A cidade era barata e, se alguém soubesse a língua, mais barata ainda – não era preciso pagar "alla Inglese". Não é exagero dizer que se apaixonou pela Itália: em seis meses era Vladimiro Giabotinsky, fluente no idioma em todos os níveis. Mergulhou em Dante, mas não negligenciou os dialetos populares que encontrou e, mesmo anos depois, conseguiu reproduzir com precisão 12 deles. Nenhum italiano, disse ele, jamais pensou que era da sua província natal, mas sempre ficavam surpresos ao descobrir que ele não era italiano.

Giabotinsky achou a Universidade de Roma estimulante: assistiu às palestras de Antonio Labriola, o primeiro acadêmico marxista da Itália, e logo se converteu ao socialismo, embora nunca tenha se filiado a nenhuma organização. Nem o seu socialismo recém-criado era incompatível com o seu sionismo – nem era uma consideração prática para ele. Ele acreditava neles apenas no sentido de que tinha suas opiniões sobre literatura. Ele ainda era um cavalheiro literário e não sentia vontade de se envolver nos assuntos italianos. O seu escasso contacto organizacional com o movimento operário local consistiu em escrever alguns artigos para o diário socialista *Avanti,* defendendo os estudantes russos de um ataque num jornal direitista que os tinha chamado de hooligans e desordeiros.

Durante milênios, os judeus souberam, como que por instinto, nunca andar sob o Arcus Titi, com seu relevo triunfal de judeus cativos carregando como despojo o candelabro sagrado de sete braços ou menorá, retirado do destruído Templo de Jerusalém em 70 d.C. ... Vladimir olhou para ela, é claro, mas não lhe causou muita impressão – como o antigo bairro do gueto às margens do Tibre, era de um passado remoto. Exceptuando um punhado de obstinados que identificaram a emancipação judaica com a derrubada do poder temporal do Papado, não houve anti-semitismo em Itália. Pelo contrário, os italianos orgulhavam-se de ter sido o povo de Roma, liderado em 1848 pelo lendário republicano Angelo Brunetti (Ciceruacchio), quem derrubou os antigos muros do gueto. Não houve discriminação, social ou legal, contra os 40.000 judeus da Itália. Um deles, Luigi Luzzali, ascendeu ao cargo de primeiro-ministro apenas alguns anos depois, em 1910.
A questão judaica não era central para a existência de Jabotinsky quando ele deixou a Rússia e praticamente desapareceu da sua consciência na Itália. Ele escreveu mais tarde que não se lembrava de ter ouvido a palavra "ebreo" nenhuma vez durante sua estada de três anos em sua nova "pátria espiritual". Até os últimos dias de sua vida foi aluno do Risorgimento. O nacionalismo italiano, e particularmente o grande Garibaldi, tornou-se – tal como ele os entendia – a imagem que o guiou no trabalho posterior da sua vida sionista.

Retorno para Odessa

---

[2] Joseph Nedava, Jabotinsky e o Bund, *Assuntos Judaicos Soviéticos,* vol.III, no.1, (1973), p.40.

Jabotinsky nunca foi pobre na juventude. O povo de Khava era um grande empresário e seu jornalismo - principalmente folhetins leves - permitiu-lhe visitar Khava todos os anos até que seu período de italianização finalmente terminou com uma viagem via Veneza e Constantinopla, no verão de 1901, para se registrar para o recrutamento. Ele voltou com um pseudônimo favorito, "Altalena". Ele pensou que significava elevador, mas significava balanço. Quando percebeu seu erro, gostou bastante da imagem – ele realmente se conhecia bem o suficiente para ver que ainda não era “estável ou constante”. Ele ainda estava costurando e tecendo.
Jabotinsky logo se tornou totalmente dedicado à sua versão intensa do sionismo, mas "Altalena", "swing", tornou-se seu tributo vitalício aos seus despreocupados dias de estudante.
O governo decidiu que poderia dispensar os seus serviços e ele se estabeleceu em Odessa. Ele visitou a Itália mais tarde, várias vezes, por questões sionistas, e observou de longe enquanto Mussolini finalmente olhava, mas nunca entendeu, ou realmente quis entender, por que a ordem mais ou menos liberal entrou em colapso.

Uma interpretação psicanalítica A
interpretação psicanalítica de um político, especialmente a partir da escassa literatura sobre sua infância, é, na melhor das hipóteses, complicada. Mas não havia nada de ambíguo na fixação oral de Jabotinsky. Khava cercou sua família de orações, e sua história de infância é uma ladainha interminável de “ele aprendeu esta língua, leu este livro, escreveu aquele poema”. Dizem-nos ainda que ele odiava matemática e sempre foi indisciplinado quando estudante: sinais infalíveis de fixação oral. Esses tipos preocupam-se com os aspectos da cultura que o seu inconsciente identifica com a boca. Indivíduos com fixação oral tendem a ser pobres em matemática e carecem de um forte senso de ordem. Seu breve vegetarianismo foi, mais uma vez, um sintoma óbvio de oralidade. Ele tinha outros estigmas da fixação: colecionava palavrões de muitas línguas e adorava concursos de palavrões; ele ficou irremediavelmente viciado em histórias de detetive e faroestes. Mais tarde, na casa dos trinta, as exigências políticas – ele viria a tornar-se o principal expoente do militarismo do sionismo – converteram-no num martinet absurdo, mesmo na vida civil batendo os calcanhares e curvando-se desde a cintura ao ser apresentado. 3 Esses maneirismos pessoais exagerados, tão recentemente adquiridos, ocorrem frequentemente em intelectuais quando finalmente, ideologicamente – isto é, verbalmente – compreendem a necessidade de uma disciplina severa.

Se Jabotinsky poderia ter sido outra coisa senão um sionista, dados os seus antecedentes familiares e de classe, é uma questão discutível, mas pode-se dizer categoricamente que para ele ter sido outra coisa que não um escritor e linguista era simplesmente uma impossibilidade. A palavra foi central em seu personagem, não apenas na infância, mas durante toda a vida. Jabotinsky, aos 60 anos, ainda era o Vladimir de seis.
Jabotinsky, anos depois, respondeu a um questionário detalhado de um seguidor sobre sua vida privada, principalmente sobre suas memórias de juventude. Ele não se lembrava do pai com clareza, o Jabotinsky mais velho costumava sair de casa para comprar grãos quando Vladimir era criança, e sua doença naturalmente desviava sua atenção do filho pequeno. Mas obviamente a morte de um pai quando um menino tem seis anos certamente terá um efeito psicológico. Um menino irá – inconscientemente – desejar a morte do pai para poder “cuidar da múmia”. Na adolescência, Vladimir rejeitou a religião judaica, nunca rezando ou seguindo os mandamentos rituais da fé, com a única grande exceção de que, para agradar a sua mãe, ele sempre recitava o kadish, a oração pelos mortos, no aniversário da morte de seu pai. . Talvez a sua meticulosidade a este respeito tenha sido uma hipóstase, através da formação reaccional, do seu desejo edipiano infantil de morte para com o pai.

Em geral, Vladimir também era muito devotado a Khava, sempre escrevendo, visitando-a com frequência, muitas vezes de grandes distâncias, e até comemorando seu aniversário na sua ausência. O biógrafo Joseph Schechtman salienta que, após a morte de seu filho mais velho, Milla, quando Vladimir tinha dois anos, ela transferiu seu favoritismo para ele e não para Tamar, sua irmã mais velha. Isto não é nada estranho nos lares judeus ortodoxos, onde os filhos são religiosamente primordiais. Tal como acontece com todos os sionistas, Eretz Yisrael era "a terra dos nossos antepassados", mas para este modelo de filhos devotados, o seu sionismo só pôde ser pessoalmente realizado quando ele trouxe a sua mãe para a Palestina após a Primeira Guerra Mundial, enquanto ele ainda permanecia no estrangeiro, trabalhando para o movimento. A ultradireita em todo o lado proclama que a piedade filial é uma virtude cardeal e, nesse aspecto, Jabotinsky era uma caricatura do perfil autoritário.

---

3 Pierre Van Paassen, *Vladimir Jabotinsky: Uma Reminiscência,* Midstream, Inverno de 1958, p.55.

2. Sionismo Russo: Traição aos Judeus

Rússia: a Primeira Revolução O reino "cristão" mais oriental de 1901, a Rússia era, na verdade, um despotismo oriental, burocrático e assassino. Até a nobreza fundiária era totalmente dominada pelos burocratas, os chirtovniki, leais apenas à dinastia. Os populistas ou narodniki, os terroristas do Partido Social Revolucionário, eram vistos como o inimigo, seguidos pelos polacos, arménios e outros nacionalistas, sendo os marxistas uma preocupação crescente. Num tal ambiente, o *Odesskiya Novosti,* um jornal burguês provincial comum, não estava à procura de problemas quando contratou Jabotinsky, de 21 anos, como colunista a tempo inteiro.

Jabotinsky: Escritos e Prisão O jovem Jabotinsky não era muito profundo; ele escreveu tagarelice sobre a vida na cidade e as artes. Seu salário de 120 rublos por mês era principesco. Ele se sentia no topo da vida, e este era o seu problema: ele teve sucesso rápido demais. Sua atitude tornou-se completamente individualista; ninguém tinha quaisquer direitos ou deveres. Todos deveriam ser tão livres quanto um pássaro, o anarquismo burguês do segundo ano, certo de cair ao entrar em contato com a vida real. Ele lançou sua primeira peça, em verso, em 1901, mas nem mesmo um esboço existe agora. Foi vagamente pacifista e bem recebido pelos círculos teatrais da cidade. Ele lançou outra peça em versos no ano seguinte: "Não há dever. Tu és livre. Então acenda tua vela diante do Desejo - o Desejo seja a tua lei." 4 A produção seguinte do jovem escritor foi um poema, Pobre Charlotte – uma glorificação individualista de Charlotte Corday, a assassina do grande revolucionário francês Jean Paul Marat. Foi considerado bom o suficiente para Maxim Gorky distribuir através de sua editora, mas Jabotinsky estava começando a irritar a intelectualidade de Odessa. Quando ele tentou defender sua posição no círculo artístico-literário local, sua postura de "Estou bem, Jack" deixou a multidão furiosa, e apenas a chegada repentina dos gendarmes o salvou de alguns golpes violentos. Tal arrogância não poderia durar sob a pressão da realidade czarista. Com certeza, a polícia apareceu na primavera de 1902 e encontrou seus artigos na *Avanti.* Embora não soubessem ler italiano, decidiram segurá-lo enquanto os traduziam. Sete semanas de prisão, até que as autoridades concluíram que as peças não lhes interessavam, finalmente o fizeram perceber que os revolucionários locais eram idealistas, embora equivocados.

Atividade política inicial

Sua política inicialmente não foi além de conseguir que a ópera apresentasse La Juive, embora ao fazê-lo ele tenha entrado em contato com um sionista que lhe deu Herzls Judenstaat e os relatórios dos primeiros Congressos Sionistas Mundiais. Foi necessário um pequeno pogrom (destruição – de *pogromit,* para destruir) seis semanas antes da Páscoa de 1903, numa cidade próxima (menor apenas porque ninguém foi morto) para finalmente trazê-lo para a política organizacional. Sabendo que o mesmo poderia acontecer em Odessa, ele escreveu aos 12 judeus mais ricos da cidade pedindo uma instalação de defesa: nenhum respondeu.

Os *burzhua* judeus eram famosos pela sua covardia, sempre com medo de que, se se defendessem, teriam problemas com as autoridades e, talvez, perderiam as suas propriedades. Além disso, todos sabiam que era a própria polícia quem sempre organizava os pogroms, e os capitalistas judeus nunca hesitaram em usar a polícia contra os grevistas. Se mobilizassem os seus trabalhadores contra o pogromshchiki, estariam a armar o inimigo de amanhã contra os problemas de hoje. Mas um dos

---

4 Schechtman, *Rebelde e Estadista,* p.66.

Os destinatários de Jabotinsky enviaram sua carta, anonimamente, a um comitê sionista de defesa estudantil: contataram-no e ele se alistou. Acontece que não houve nenhum pogrom em Odessa naquele ano. (A "terceira secção", a Okhrana – Segurança – o Departamento para a Defesa da Segurança e Ordem Pública, estava ocupada a preparar uma lição piedosa de terrorem para a corrida de deicídios da capital da Bessarábia, Kishinev.)

O Retorno dos Pogroms e o Estado dos Judeus Russos No mundo de hoje, 49 mortos, centenas de feridos e estuprados, é um dia de poucas notícias. Mas então, o massacre de 6 a 8 de Abril abalou os judeus até às raízes. Foi o primeiro pogrom de assassinatos em 20 anos, um exemplo clássico de como estas coisas foram feitas. O governo proibiu todos os jornais da província, exceto um; em Fevereiro, Pavoliki Krushevan, editor do *Bessarabets,* começou a fomentar a histeria antijudaica. Um menino camponês foi assassinado e Krushevan disse aos seus leitores que os judeus o mataram para usar seu sangue nos matzohs (pão ázimo) da Páscoa. Na Páscoa, quando a turba estava mais facilmente agitada contra os assassinos de Cristo, os agitadores da Okhrana embebedaram-nos e atacaram os judeus. O mundo culpou o novo ministro do Interior do czar, Vyacheslav Konstantinovich von Plehve, pelo massacre. Como representante da linha dura no tribunal, cuja resposta à crescente oposição foi o aumento do terror oficial, ele ordenou à guarnição local, nada menos que 5.000 soldados, que suspendesse o fogo. Eventualmente, eles pararam o massacre e meses depois alguns dos instigadores foram levados a julgamento, a fim de acalmar o clamor do Ocidente. Não surpreendentemente, eles receberam sentenças extremamente brandas. Mas o que agitou a juventude judaica não foi tanto a carnificina, mas o facto de os judeus não terem apresentado qualquer defesa, apesar dos meses de discursos de Krushevan. Eles sabiam que o pogrom era apenas o primeiro e que teriam de responder.

Novas ideias estavam espalhadas pelos judeus russos. A maioria ainda eram seguidores da religião tradicional, e os rabinos tinham a sua explicação habitual para os seus infortúnios – a vontade de Deus – mas muitos dos mais instruídos, especialmente os jovens, já não aceitavam os rabinos como a palavra final. Durante algumas décadas existiram alguns Maskilim, burgueses esclarecidos que tentaram elevar o nível cultural do povo, mas não tiveram sucesso. Mas duas novas forças entraram simultaneamente na vida judaica na década de 1880 e, em 1903, tanto o socialismo como o sionismo se tornaram movimentos de massas. Cada um, em completo antagonismo ao outro, exigia ação por parte do povo. Embora ambos ainda fossem minorias dentro da população judaica, eles eram as forças vindouras.

O separatismo sionista era uma variante ideológica "natural" para os judeus russos. Chaim Weizmann descreveu sua existência estranhamente isolada ao contar sobre sua juventude em sua pequena aldeia. Seu Motol, na província de Minsk, nas grandes marchas de Pripet da Rússia Branca, era o arquétipo da pequena cidade ou shtetl judeu. Duzentas famílias judias, um terço da população da cidade, cercadas por um mar de camponeses russos brancos. Eram os comerciantes que controlavam o comércio de madeira economicamente central da última grande floresta primitiva da Europa. Eram os agentes dos proprietários polacos, arrendando os seus moinhos, a sua destilaria. Em *Das Kapital* Marx escreveu sobre o papel das nações mercantis como os judeus, que viviam "nos poros da sociedade polaca". Eles foram um fator econômico significativo:

> somente quando o desenvolvimento da força produtiva do trabalho não tiver ultrapassado um estágio inferior e quando, portanto, as relações sociais dentro da esfera da vida material, entre homem e homem, e entre homem e natureza forem correspondentemente[5] estreitas.

A sua posição económica primitiva reflectia-se no seu nível cultural. Ao contrário do campesinato, a maioria dos judeus sabia ler, mas não o russo ou a bielo-russa, que, de qualquer forma, não tinham literatura. Weizmann sabia apenas algumas palavras em russo até os 11 anos de idade. 6 Eles falavam iídiche e quase todos os homens conseguiam pelo menos decifrar o alfabeto hebraico. Os mais prósperos, isto é, aqueles cujos pais tinham condições de mantê-los nos chaders ou escolas religiosas até a adolescência, podiam fazer-se entender em hebraico. Os jovens pobres, os balagolahs e tragers, os carroceiros e carregadores, geralmente abandonavam a escola, e seu hebraico era uma questão de palavras e frases. Poucas meninas, mesmo entre as economicamente mais seguras, aprenderam hebraico, poucos rituais judaicos envolvem mulheres, para elas existia o Tsenerene,

---

5 Karl Marx, *Capital* (brochuras do Novo Mundo), p.79.
6 Chaim Weizmann, *Tentativa e Erro,* pp.3-10.

uma versão iídiche do Pentateuco, portanto o iídiche era a língua universal do lar e, portanto, inevitavelmente, da "rua judaica". Assim, ainda falando apenas, mesmo depois de séculos, a sua língua imigrante única; economicamente fortemente diferenciado dos camponeses; vestido com trajes estranhos; teologicamente totalmente distintos dos seus vizinhos, os judeus eram verdadeiramente uma casta à parte. Anos depois, Jabotinsky os resumiu como "fanáticos... "Somos escolhidos... desconsiderando... o mundo lá fora, "Pooh! a tudo que é novo". 7 A piedade
assumiu proporções monstruosas e milhares competiram com zelo: “Quem estuda o Talmud 100 vezes não deve ser comparado com aquele que estuda o Talmud 101 vezes”. A pena foi drástica: a oralidade descontrolada leva ao desalinho pessoal, e os velhos bairros de lata judaicos eram notoriamente imundos: “Dois judeus e um queijo produzem três cheiros” era um antigo provérbio polaco. Karl Marx estava apenas sendo prosaico quando observou que “os judeus da Polônia são os mais difamatórios de todas as raças”. 8 O primeiro movimento operário judaico teve de incutir nos seus membros o desejo de limpeza e insistir para que limpassem e pintassem as suas casas e dessem roupa limpa aos seus filhos. 9 O próprio Jabotinsky referiu-se mais tarde à “sujeira do gueto”. 10A língua iídiche era atrofiada e alienada da vida, carecendo de muitos termos agrícolas e industriais comuns. Milhões entre os judeus, os chassidim (piedosos) seguiram dinastias de wunder-rabbonim, descendentes de seguidores do Baal Shem Tov (Senhor do Bom Nome), Israel ben Eliaser, um lenhador e místico do século XVIII, que procurou devolver a alegria na religião talmudicamente mumificada por meio de danças e outros êxtases mesquinhos. Ao fazê-lo, geraram yeshivas (escolas talmúdicas) repletas de estudantes prolixos cujas mentes fervilhavam de caballa, interpretações numéricas secretas das letras do alfabeto, significados ocultos das escrituras, fantasias de golems – o monstro original de Frankenstein, trazido à vida por encantamento para proteger os judeus – e os dybbuks, possuidores de espíritos que só poderiam ser exorcizados por esses taumaturgos rabínicos. A Bíblia, o hebraico, as alianças eternas entre Deus e o seu povo – estes eram os lugares-comuns ideológicos da vida. Em cada Páscoa e Dia da Expiação, o mundo judaico exclamava ritualmente *"leshono hobo Birusholaim" ("próximo* ano em Jerusalém"). Em meio ao ataque universal à Bíblia e aos gritos de Jerusalém, o sionismo conquistou adeptos pela mesma razão que outros movimentos messiânicos haviam surgido anteriormente na vida judaica após a perseguição: ele trabalhou no que a maioria dos judeus aceitou automaticamente, de acordo com a fórmula universal posterior. estabelecida por Freud: derivava da bagagem religiosa do superego masculino judeu. Foi a política dos reinos antigos convertida em teologia e transformada novamente, mutatis mutandis, na política prática da época de Cecil Rhodes. O sionismo foi o exponencial utópico de uma casta sitiada de fanáticos religiosos crematistas. No mundo real, a Palestina assolada pela pobreza sob os turcos poderia não ter significado para a maioria dos judeus ou mesmo para a maioria dos primeiros sionistas. Na prática, o sionismo era, para a maioria, nada mais do que uma variante modernizada da tradicional caridade piedosa: Mone Judeu mendigando dinheiro de um segundo judeu para enviar um terceiro judeu para a Palestina". A miséria de suas vidas fez com que este povo escolhido, o mais humilhado, não para a Palestina, mas para a verdadeira Terra Prometida do trabalho e da relativa tolerância na América.

Os filhos da classe média reagiram à sua estreita formação religiosa de três maneiras. Alguns rejeitaram-no completamente. O mundo contém muitos exemplos de estudantes que fugiram da escola e que se tornaram autores, e muitos ex-bochers de yeshiva (estudantes talmúdicos) descreveram seus discursos melamed (professor percevejo, pedante buggy) como o maior tolo que já existiu. Muitos, mas em número cada vez menor, continuaram a encher as sinagogas sem questionar a fé. Outros procuraram combinar as duas posições extremas: a vida judaica, concordaram, estava obsoleta, mas poderia e deveria ser reformada. O sionismo encontrou seus adeptos entre esses dois últimos grupos, sendo o ingrediente absolutamente essencial para o seguimento de massa do movimento a existência de milhares de estudantes judeus de classe média que podiam, embora muitas vezes com dificuldade, conversar no que era, para a maioria dos outros judeus, nada mais. do que uma lingua
Embora Herd e os líderes sionistas ocidentais bajulassem os rabinos, na esperança de conquistar as massas ortodoxas, eles próprios eram livres-pensadores, e Herzl, que se via como o judeu Cecil Rhodes, teve o cuidado de dar ao seu movimento um tom modernista atraente para quaisquer possíveis patronos imperialistas. Mas o sionismo russo é anterior à sua Organização Sionista Mundial.

---

7 Jabotinsky, *A História da Legião Judaica,* p.169. 8
Runas de Dagobert (ed.), *Um mundo sem judeus,* p.vii. 9
Bernard Goldstein, *As estrelas dão testemunho,* pp.9-10.
10 Jabotinsky, *O Estado Judeu,* Registro Judaico Atual, novembro de 1931, p.20.

Hovevi Zion (Amantes de Sião) surgiu após os pogroms do início da década de 1880. Procuraram regressar à terra dos seus antepassados, mas não tinham ambições políticas. Quando a Organização Sionista Mundial foi criada em 1897, eles carregaram nela a sua mentalidade apolítica milenar. Esses Palestinfilstvo não eram nem um pouco extraordinários no império Romanoff, teologicamente preocupado.
Nem os números insignificantes, algumas dezenas de milhares no máximo, que realmente partiram para a Palestina eram algo de novo no cenário da sua Terra Santa, que tinha visto toda a variedade de cultos cristãos, islâmicos e judaicos – monofisitas arménios, pietistas protestantes templários alemães. , aldeias guerreiras muçulmanas circassianas, templos Bahai, etc. Formalmente parte do novo movimento de Herzl, esses amantes de Sião ainda eram na verdade cultistas, em vez de políticos sérios.

O Movimento Sionista

Antes do massacre de Kishinev, os sionistas não participavam absolutamente na oposição ao regime. 11 Embora não seja totalmente legal, o movimento foi tolerado, 12 e em 1903 havia nada menos que 1.572 grupos locais com aproximadamente 75.000 membros, embora a maioria deles não fizesse mais do que nominalmente parte do movimento, fazendo pouco mais do que comprar um shekel, ou bilhete de adesão, na sinagoga local. A organização nacional estava nas mãos de ultraconservadores. Em sua autobiografia, *Tentativa e Erro,* publicada em 1949, Weizmann resumiu um memorando que havia escrito para Herzl na primavera de 1903:

> Nosso progresso, eu disse, foi bloqueado pela atitude direitista da liderança sionista e suas inclinações clericalistas... A juventude judaica da Rússia estava se afastando de nós porque não teria nada a ver com um sionismo oficial que considerava como Mizrachista [religioso, literalmente, oriental] e pequeno-burguês, enquanto dentro do próprio movimento todas as outras tendências foram carimbadas como ateístas e revolucionárias. 13

O memorando original era ainda mais contundente. Os líderes sionistas ocidentais, particularmente os alemães culturalmente dominantes, jogavam demagogicamente para obter o apoio dos rabinos ortodoxos. Eles, escreveu Weizmann, "recorrem à religião como isca". Ele alertou: "Isso levará diretamente à catástrofe". Ele tentou impressionar Herzl que:

> A maior parte da geração mais jovem contemporânea é anti-sionista, não por um desejo de assimilação como na Europa Ocidental, mas através de uma convicção revolucionária... Quase todos os estudantes pertencem ao campo revolucionário.

Weizmann tinha acabado de visitar o Pale e conhecia o jovem:

> a atitude que evidencia em relação ao nacionalismo judaico é de antipatia, chegando às vezes ao ódio fanático... Numa pequena cidade perto de Pinsk, por exemplo, os jovens rasgaram os rolos da Torá em pedaços. Isso fala muito... Na Europa Ocidental existe uma ideia exagerada da influência e seguimento dos rabinos, sem qualquer relação com os factos.

Ele implorou a Herzl: "Não devemos dirigir o nosso esforço de propaganda, como até agora, exclusivamente para a pequena burguesia". 14 Weizmann tinha a sua própria "Facção Democrática" e queria que o seu líder mundial rompesse com os Mizrachi. Ele não sabia o que os historiadores descobriram 65 anos mais tarde, que Herzl estava tão profundamente empenhado no processo de cortejar os judeus ortodoxos que tinha subsidiado secretamente do seu próprio bolso a primeira conferência mundial de Mizrachis. Herzl não queria absolutamente nenhuma parte de uma esquerda, mesmo de uma esquerda moderada, nas suas fileiras – muito pelo contrário.

Colaboração de Herzl com Von Plehve Em 4
de junho, um estudante sionista, Pincus Dashewski, tentou assassinar Krushevan, e Plehve decidiu reprimir o movimento. Herzl apressou-se em restaurar o status quo ante, viajando a São Petersburgo para ver Plehve nos dias 8 e 13 de agosto. Os eventos são conhecidos no *Diário de Herzl.* Os russos foram

---

[11] Schechtman, *Sionismo e Sionistas na União Soviética,* p.12.
[12] Schechtman, Rússia: Relações com o Sionismo e Israel, *Enciclopédia do Sionismo e Israel,* vol.II, p.974.
13Weizmann , pág. 81.
[14] Weizmann, *Cartas e Artigos de,* Série A, Cartas II, pp.306-9.

preocupado com o efeito de Kishinev na opinião ocidental e preparou um memorando para o ministro. Se os russos interviessem junto aos turcos em nome do sionismo e subsidiassem a emigração judaica, o anúncio poderia ser feito no "Nosso Congresso, que se reunirá em Basileia de 10 a 23 de agosto... Isto seria, ao mesmo tempo tempo, acabar com certa agitação." 15 Von Plehve explicou a sua preocupação sobre os novos rumos que viu o sionismo tomar: Ultimamente a situação piorou ainda mais porque os judeus têm aderido aos partidos revolucionários. Usámos um lóbulo simpático ao seu movimento sionista, desde que trabalhasse no sentido da emigração.

Você não precisa justificar o movimento para mim. Vous prêchez à un converti [Você está pregando para um convertido]. Mas desde a conferência de Minsk temos notado changement des gros bonnets [uma mudança de figurões]. Fala-se agora menos de sionismo palestiniano do que de cultura, organização e nacionalismo judaico. Isto não nos convém. Notámos em particular que os seus líderes na Rússia... não obedecem realmente ao seu Comité de Viena. 16 Herzl aproveitou a abertura: "Ajude-me a chegar à terra mais cedo e a revolta terminará. E o mesmo acontecerá com a deserção para os socialistas." 17 Herzl e von Plehve trocaram cartas. Os russos anunciaram formalmente, nos termos mais vagos, o seu apoio ao sionismo, sob a condição de que a organização local se limitasse à emigração e nada fizesse em nome dos direitos nacionais judaicos dentro do império. 18 Em troca, Herzl anexou uma carta que acabara de escrever a um dos Rothschilds: contribuiria substancialmente para a melhoria da situação se os jornais pró-judaicos parassem de usar um tom tão odioso em relação à Rússia. Deveríamos tentar trabalhar nesse sentido num futuro próximo. 19 Imediatamente após as suas reuniões com Plehve, o líder sionista fez um discurso

aos seus seguidores russos pedindo-lhes que evitassem antagonizar os poderes constituídos, agitando pelos direitos dos judeus. Mais importante ainda, eles tinham que evitar a mancha vermelha:

> Na Palestina, na nossa terra, um tal partido vitalizaria a nossa vida política – e então determinarei a minha própria atitude em relação a ele. Você quer dizer injustiça se diz que me oponho às ideias sociais progressistas. Mas, agora, nas condições atuais, é muito cedo para lidar com tais assuntos. Eles são estranhos. O sionismo exige envolvimento total e não parcial. 20

Herzl estava simplesmente a enganar os seus apoiantes: o anti-socialismo era parte integrante da sua estratégia diplomática. Ele apresentou os seus argumentos ao Kaiser da mesma forma que orientou para Plehve: apoiar-nos e as massas judaicas virão connosco em vez de seguirem os social-democratas. Ele sabia que nenhum dos estados capitalistas queria uma Palestina socialista; nem os Rothschilds e outros judeus ricos que ele tentou trazer para o movimento; e ele também não.

Em 3 de setembro, após o Congresso, Herzl escreveu a Plehve para lhe dizer que, graças ao facto de ter sido capaz de anunciar o apoio da Rússia ao sionismo, tinha conseguido interromper a discussão sobre "ocorrências dolorosas". Ele continuou a contar a Plehve sobre o intenso debate no movimento sobre uma oferta britânica de parte de Uganda (uma parte que agora está no Quênia) como um nachtasyl (abrigo noturno) temporário, como um substituto para a Palestina. A maior parte dos sionistas russos não estava interessada. As suas predileções religiosas fizeram-nos ver as coisas como a Palestina ou nada. Ele então contou a Plehve que havia discutido Uganda versus Palestina com vários revolucionários e inventado uma história completamente falsa de que os revolucionários preferiam a Palestina. A sua história de galo e touro foi concebida para convencer os czaristas a fazerem mais para o ajudar a consolidar a Palestina, mas a verdadeira história do seu encontro com a revolução foi muito mais sinistra.

Durante o Congresso, Herzl teve uma reunião secreta com Chaim Zhitlovsky, então um importante social-revolucionário. Em fevereiro de 1915, Zhitlovsky escreveu pela primeira vez sobre essa estranha conversa; Herzl disse a ele que:

---

15 Raphael Patai (ed.), *Os Diários Completos de Theodor Herzl,* vol.IV, pp.1520-1.
16 Ibid., pág. 17
Ibid., pág. 18
Amós Elon, *Herzl,* p.381. 19
Morte, pág.
20Elon , pp.381-2.

> Acabei de chegar de Plehve. Tenho a sua promessa positiva e vinculativa de que em 15 anos, no máximo, ele nos dará uma carta para a Palestina. Mas isto está ligado a uma condição: os revolucionários judeus cessarão a sua luta contra o governo russo. Se dentro de 15 anos a partir da data do acordo Plehve não efetuar a carta, eles ficam novamente livres para fazer o que considerarem necessário.

Zhitlovsky escreveu que a proposta bizarra o impressionou tanto que ele conseguiu se lembrar de toda a conversa, palavra por palavra. Ele respondeu à oferta de Herzl da maneira mais desdenhosa:

> Nós, revolucionários judeus, mesmo os mais nacionais entre nós, não somos sionistas e não acreditamos que o sionismo seja capaz de resolver o nosso problema. Transferir o povo judeu da Rússia para Eretz-Israel é, aos nossos olhos, uma utopia, e por causa de uma utopia não renunciaremos aos caminhos em que enveredámos – o caminho da luta revolucionária contra o governo russo, que deveria também levar à liberdade do povo judeu.

Ele alertou seu interlocutor que:

> A situação do sionismo já é bastante duvidosa pelo próprio facto de se manter afastado da revolução. A sua situação na vida judaica tornar-se-ia impossível se pudesse ser demonstrado que toma medidas positivas para prejudicar a luta revolucionária judaica.

Zhitlovsky disse a Herzl que a organização de combate social-revolucionária já estava planejando matar Plehve, e Herzl finalmente percebeu que seu plano para cancelar a revolução russa era uma fantasia.
Ele fez Zhitlovsky prometer não revelar a conversa a ninguém, mas, como veremos em breve, a notícia se espalhou quase imediatamente. Zhitlovsky, em 1915, disse sobre Herzl:

> [Ele] era, em geral, demasiado "leal" às autoridades governantes – como é próprio de um diplomata que tem de lidar com os poderes constituídos – para que algum dia se interessasse pelos revolucionários e os envolvesse nos seus cálculos... Ele fez a viagem, é claro, não para interceder pelo povo de Israel e para despertar compaixão por nós no coração de Plehves. Ele viajou como um político que não se preocupa com sentimentos, mas com interesses... A "política" de Herzl é construída sobre pura diplomacia, que acredita seriamente que a história política da humanidade é feita por algumas pessoas, alguns líderes, e que o que eles organizam entre si torna-se o conteúdo da história política.

A resposta judaica aos esforços de Herzl O encontro de Herzl com os czaristas não foi bem recebido pelo povo judeu. Os inimigos de esquerda do sionismo simplesmente viam-no como um traidor, mas mesmo na opinião da WZO foi contra a iniciativa desde o início e no Congresso de Basileia foi acordado não discutir todo o assunto. Apenas um delegado levantou-se em defesa do encontro dos seus líderes com o carniceiro de Kishinev: Jabotinsky. Ele argumentou que era vital separar tática e ética e também defendeu a linha de Herzl de que não havia espaço no movimento para uma facção socialista. O pandemônio se instalou e Herzl teve que correr para o palco para tirá-lo do pódio. 21 Herzl estava certo ao ir até von Plehve e Jabotinsky estava certo em defendê-lo? 22 Weizmann lidou muito bem com o episódio em
Tentativa e Erro:

EU ... acreditava que o passo não era apenas humilhante, mas totalmente inútil. A irrealidade não poderia ir mais longe... Nada surgiu, naturalmente, das conversas "cordiais" de Herzl com von Plehve, nada, isto é, exceto desilusão e desespero mais profundo, e uma divisão mais profunda entre os sionistas e os revolucionários. 23

O plano de Herzl era que os judeus ricos, de facto, comprassem a Palestina aos turcos em troca da cobertura da dívida externa da Sublime Portes. Monarquista convicto, ele lamentou que o mundo cristão nunca tolerasse um reino dos judeus por razões teológicas. Ele não se contentaria com nada menos do que um

---

21 Samuel Portnoy (ed.), *Vladimir Medem – A vida e a alma de um lendário socialista judeu,* pp.295-8.
22 Schechtman, *Rebelde e Estadista,* pp.85-6.
23 Weizmann, Tentativa e Erro, pp.82-3.

república aristocrática inspirada nos Doges de Veneza – nos seus *Diários* ele refere-se ao seu sonho de casar as filhas das melhores famílias do seu futuro estado com as dinastias da Europa. Ele insistiu que os delegados ao primeiro Congresso Sionista Mundial usassem trajes formais para que o evento fosse levado "a sério". Para ele, Hochpolitik era tudo o que existia. E já em Junho de 1895 ele estava convencido de que "os anti-semitas tornar-se-ão os nossos amigos mais confiáveis, os países anti-semitas os nossos aliados". 24 Hoje, mesmo os seus modernos biógrafos pró-sionistas vêem-no como um esnobe e excêntrico incurável.
Jabotinsky apoiou-o no Congresso porque partilhava do mesmo maquiavelismo elegante, declarando-se incapaz de apreciar

> Críticas esteticamente meticulosas de visitas e apertos de mão, que são investigações abrangentes sobre a questão de saber se é ou não permitido e necessário enviar telegramas de saudação ao sultão ou vir a Petersburgo. 25

Ele estava certo no nível formal; a maioria dos sionistas aprovou as tentativas de Herzl de ganhar o patrocínio de Abdul Hamid II, apesar do facto de Hamid ter sido responsável pelo massacre de dezenas de milhares de arménios – muito mais do que Nicolau II alguma vez matou judeus. Mas os sionistas comuns, assim como a maioria das pessoas, acharam muito mais fácil fazer amizade com o assassino de outra pessoa do que correr com o seu próprio destruidor. Jabotinsky teve sua própria interpretação de seu herói Giuseppe Mazzini: *"Noi faramo l'Italia anche uniti col Diavolo" (Pela* Itália nos uniríamos até ao Diabo), que ele reelaborou em "Ao trabalhar pela Palestina eu até me aliaria com o Diabo." O mot de Mazzini tornou-se a religião revelada dos nacionalistas modernos, mas a leitura de Jabotinsky ultrapassa todas as outras. Geralmente acrescentam uma qualificação tácita: contra o nosso principal inimigo. Herd e Jabotinsky queriam mais do que um país próprio – eles queriam uma colônia. No mundo do imperialismo – Hochpolitik – Romanoff era o inimigo dos judeus; ele era um aliado potencial do sionismo. Herzl e Jabotinsky não tinham dúvidas de quem eram os seus verdadeiros inimigos: os socialistas.

Jabotinsky e a Autodefesa Judaica Pouco se
sabe especificamente sobre as atividades de Jabotinsky na defesa sionista durante o período 1903-7, mas houve pouco em seus esforços além de algum heroísmo estudantil. A sua base de classe, a pequena burguesia judaica, tinha então uma reputação pelos seus físicos fracos e cobardia moral. Sem saber onde ocorreria o próximo pogrom, era impossível identificar quais armas eles obtiveram. A oposição à social-democracia significava que a defesa sionista não tinha base nas maiores concentrações de trabalhadores judeus e nenhum potencial de aliados entre os socialistas gentios. A defesa sionista foi mais uma determinação por parte da juventude do que uma realidade. Em 1906 Jabotinsky concluiu:

> Autodefesa – dificilmente se pode falar sobre isso a sério. Em última análise, não nos adiantou nada; no início, o medo evitou alguns pogroms, mas agora, quando o viram em acção e compararam o número de judeus e de pogromistas mortos – quem leva isto a sério? Quando desejam, iniciam um pogrom e matam quantos judeus quiserem, e a autodefesa simplesmente não serve para nada. É claro que existe consolo (moral) na autodefesa. Mas o seu equilíbrio prático equivale a zero e continuará a ser zero, e é tempo de reconhecê-lo silenciosamente em voz alta, para que as pessoas não tenham esperanças em vão. 26

É difícil encontrar algo louvável nas atividades de Jabotinsky durante os anos 1903-8, o período da primeira revolução russa – traduzir *Na Cidade do Massacre* no Meio da Matança, de Chaim Nachman Bialik, dificilmente se qualifica para uma estátua no parque. Algumas das ações de Jabotinsky devem inevitavelmente ser intrigantes para qualquer estudante sério da revolução russa. Que o czar era mau e que o desejo do povo de derrubá-lo era totalmente justificado é geralmente aceito; portanto, certos acontecimentos evocam respostas universais: o facto de o Potemkin de Eisenstein ser uma obra-prima foi reconhecido desde o momento em que foi publicado. Os historiadores posteriores, depois de examinarem as fraquezas dos líderes revolucionários do motim, nem sequer procuraram desafiar a conclusão universal de que o que fizeram foi totalmente meritório. Jabotinsky, porém, se opôs ao motim. Elias Giber, um dos primeiros e devotados seguidores,

---

24 Patai, vol.I, pág.
25 Schechtman, p.90.
26 Ibid., p.79.

escreve que quando, em 14 de junho de 1905, a tripulação do encouraçado, navegando no ancoradouro de Odessa, levantou-se em protesto contra vermes em sua carne:

> círculos revolucionários realizaram reuniões de agitação. Jabotinsky participou de uma dessas reuniões na redação de um jornal. De repente, ele teve uma explosão de raiva; ele desprezou o motim como prematuro e previu um pogrom em seu rastro. Suas palavras foram ignoradas. Poucos dias depois, um pequeno pogrom realmente eclodiu, mas a intelectualidade judaico-russa ressentiu-se do que considerava a arrogância de Jabotinsky e rompeu com ele.[27]

A ofensa de Jabotinsky contra a revolução obriga-nos a afastar-nos dele para examinar os seus antagonistas na esquerda judaica e russa, pois foi a sua luta contra o czar que determinou o destino imediato e a longo prazo dos judeus, da Rússia e, na verdade, de toda a população. civilização moderna.

O marxismo e o Bund O

marxismo tinha sido originalmente uma questão de falantes da língua russa, mas a juventude judaica foi a primeira das nacionalidades oprimidas a adotá-lo. Os trabalhadores das grandes favelas judaicas de Varsóvia e de outras cidades do antigo reino da Polónia-Lituânia eram os mais alfabetizados da sua classe no império.
A sua pobreza, a sua opressão nacional e a opressão geral do czarismo fizeram deles uma pedra natural para o ardente movimento revolucionário russo. A intelectualidade judaica radicalizada, se fluente em polaco ou russo, geralmente optava pelos mundos mais vastos que ambas as línguas abriam. Mas todos os socialistas sérios perceberam que a propaganda deve ser feita na língua do povo, e desta necessidade surgiu o Algemeiner Yiddisher Arbeiterbund in Polin, Lite un Rusland – a Liga Geral dos Trabalhadores Judeus da Polónia, Lituânia e Rússia – o Bund. Quase desde o início, desenvolveram um forte tom nacionalista, proclamando-se a única organização socialista para os judeus em todo o império. Os seus camaradas do Partido Social Democrata dos Trabalhadores Russos acolheram bem os trabalhadores judeus, mas recusaram-se a acomodar-se às ideias separatistas do Bunds. O marxismo é um guia para a luta revolucionária, e a necessidade de unidade obriga os marxistas a rejeitar qualquer coisa que divida desnecessariamente os trabalhadores. Quando os judeus individuais falavam a língua das pessoas ao seu redor, não tinham necessidade de se juntar a grupos judaicos especiais. E mesmo uma secção propagandista iídiche tinha de ser estritamente subordinada à luta geral. A Rússia czarista tinha pelo menos 192 nacionalidades e a Okhrana usou os antagonismos tradicionais entre estas nacionalidades para dividir os trabalhadores, colocando os cristãos contra os judeus, e os tártaros muçulmanos contra os arménios nos campos petrolíferos de Baku. A experiência ensinou a social-democracia a ver o nacionalismo como uma diversão, uma extensão da hiperalfabetização da pequena burguesia, que por toda a parte arrasta consigo os valores obsoletos e a estreiteza das forças dominantes nas suas sociedades nacionais. Bolcheviques e Mencheviques concordaram plenamente no seu diagnóstico do Bundismo. Georgi Plekhanov, Vladimir Lenin e os outros russos foram totalmente apoiados pelos mais destacados judeus socialistas, mais notavelmente Julius Martov, antigo fundador do Bund, e Lev Davidovich Trotsky, ambos líderes dos jovens mencheviques. Eles não tinham a menor tolerância para com o sionismo, que consideravam obviamente pequeno-burguês no seu apelo. Eles raramente o encontravam diretamente. Apenas Trotsky participou uma vez num Congresso Sionista Mundial, em Basileia, em 1903, quando por acaso estava na cidade. O sionismo tinha pouco apelo para os trabalhadores judeus além do mais restrito dos negócios "judaicos", ou seja, açougueiros kosher e similares. Mas o Bund era um osso na garganta, juntamente com todos os outros agrupamentos socialistas que tentaram combinar o marxismo e o nacionalismo. Obrigou-os, sobretudo a Lénine, a definir cientificamente o marxismo, a nação e o nacionalismo.

Lenin é universalmente reconhecido como um escritor extraordinário; prolífico – suas obras coletadas chegam a mais de 40 volumes – mas raramente, mesmo que minuciosamente, estejam erradas. Ele estava possuído pela verdade, particularmente pelas realidades da luta social e até mesmo os estudiosos judeus burgueses muitas vezes têm o maior respeito pelo seu nome. Desde então, a União Soviética passou por uma evolução imensa e muitas vezes sinistra na questão judaica, como em todas as outras. Mas ninguém, salvo os inevitáveis excêntricos, sequer finge ter o menor traço de anti-semitismo ou hostilidade para com os não-russos. Na verdade, diz-se que ele se recusou a tolerar até mesmo o humor étnico ou dialetal mais inofensivo. No poder, ele suprimiu impiedosamente o anti-semitismo e, após a Guerra Civil, as instituições de caridade judaicas capitalistas na América cooperaram com os soviéticos na reabilitação das comunidades judaicas devastadas na Ucrânia.

---

27 Elias Giber, *Uma História da Legião Judaica,* p.16.

Dado que a nossa época é a do declínio dos impérios veneráveis, talvez fosse inevitável que as lutas das nacionalidades oprimidas tivessem dado ao seu nacionalismo uma pátina de glória imerecida, uma ilusão invariavelmente destruída pelas sombrias realidades dos Estados nacionais que surgiram. das ruínas do império. Lenine nunca nutriu tais auto-enganos – para ele só poderia haver uma opinião sobre a relação entre o marxismo e o nacionalismo: o marxismo não pode ser reconciliado
com o nacionalismo, mesmo que seja da marca mais justa, mais pura, mais refinada e civilizada. Em lugar de formas alternativas de nacionalismo, o marxismo promove o internacionalismo, a fusão de todas as nações na unidade superior, uma unidade que cresce diante dos nossos olhos com cada quilómetro de linha ferroviária que é construída, com cada confiança internacional e com cada associação de trabalhadores. ..
Combater toda a opressão nacional? Sim claro! Lutar por qualquer tipo de desenvolvimento nacional, pela "cultura nacional" em geral? - Claro que não. O desenvolvimento económico da sociedade capitalista apresenta-nos exemplos de movimentos nacionalistas imaturos em todo o mundo, exemplos de formação de grandes nações a partir de uma série de pequenas, ou em detrimento de algumas das pequenas, e também exemplos de assimilação das nações. O desenvolvimento da nacionalidade em geral é o princípio do nacionalismo burguês; daí a exclusividade do nacionalismo burguês, daí as intermináveis disputas nacionais. O proletariado, porém, longe de se comprometer a defender o desenvolvimento nacional de cada nação, pelo contrário, adverte as massas contra tais ilusões... O proletariado não pode apoiar qualquer consagração do nacionalismo. 28
Com o judaísmo mundial era um caso aberto e fechado. Não tinham
território, língua ou economia comuns, nem os requisitos mínimos de nacionalidade. Lenin desprezava o nacionalismo judaico: Os judeus na Galícia e na Rússia não são uma nação; infelizmente (não por culpa deles, mas dos Purishkeviches), eles ainda são uma casta aqui ...
São... apenas filisteus reaccionários judeus, que querem fazer recuar a roda da história e fazê-la avançar, não das condições que prevalecem na Rússia e na Galiza para as que prevalecem em Paris e Nova Iorque, mas na direcção inversa - apenas eles podem clamar contra a "assimilação". 29 A medida
do desprezo que o Partido Social Democrata dos Trabalhadores Russo tinha pelo sionismo foi melhor resumida na descrição que o menchevique Plekhanov fez dos Bundistas como "sionistas com enjôo".
Mas embora ele retratasse vividamente o sectarismo nacional do Bund, ainda havia uma enorme diferença entre os dois movimentos. O Bund não tinha qualquer interesse no hebraico ou na Palestina, que eles desprezavam como "terra dos gepeigerte" (a terra que havia morrido). Seu conceito central era "dawkeit" (aqui). Os judeus tinham pleno direito aos direitos "aqui", eles não deveriam ter que emigrar para a América ou a Palestina para obtê-los.
O Bund não só partilhou a concepção marxista geral do sionismo – uma utopia reaccionária – mas foi o primeiro a experimentá-lo como uma força contra-revolucionária. Embora fossem eles próprios nacionalistas sectários em relação à língua iídiche, reconheceram a necessidade geral de unidade com os trabalhadores polacos e russos, tanto na luta sindical como na luta política contra o czar. Eles logo encontraram uma nova geração de sionistas que tentaram sincretizar o socialismo e o sionismo. O Poale Zion (Trabalhadores de Sião) falou sobre o socialismo na Palestina, mas referiu-se à união com os não-judeus na luta pelo socialismo na Rússia como assimilação, "travando batalhas de outros povos". Os trabalhadores gentios seriam sempre antissemitas; denunciaram o programa Bunds como uma ilusão, alegando que a maioria dos trabalhadores judeus não eram proletários de fábrica, mas artesãos, incapazes de travar uma verdadeira luta de classes na Diáspora. Somente no seu próprio estado os judeus poderiam criar um verdadeiro proletariado de baixo para cima. Em 1901, o Bond expulsou os sionistas de Poale dos seus sindicatos, informando-lhes que, uma vez que viviam em Pinsk e não na Palestina, tal conversa em Pinsk era objectivamente uma traição de classe, uma vez que os trabalhadores judeus de Pinsk estavam, definitivamente, envolvidos em uma luta de classes desesperada com os capitalistas e a polí

A Revolta de 1905

Foi neste mesmo período que um funcionário da Okhrana, Sergei Zubatov, concluiu que era impossível esmagar completamente a oposição ao regime. Ele decidiu construir uma rede de demagogos, renegados e espiões para dividir e perturbar o crescente, mas ainda assim ingénuo, movimento de massas contra o trono. Dele

28 Hyman Lumen (ed.), *Lenin sobre a Questão Judaica,* pp.111-12. 29 Ibidem.

O agente mais famoso, Padre Georgi Gapon, tentou direcionar a Associação dos Trabalhadores de São Petersburgo exclusivamente aos capitalistas e não aos autocratas, mas a pressão vinda de baixo obrigou-o a levar centenas de milhares de seus seguidores ao Palácio de Inverno para contar ao pequeno pai" dos sofrimentos do seu povo às mãos dos burocratas. E assim, no que ficou conhecido como Domingo Sangrento, 9 de Janeiro de 1905, quase mil trabalhadores, muitos carregando ícones, foram metralhados pelos cossacos, emancipando os sobreviventes da sua ilusões tradicionais, e transformá-los em certos destruidores da dinastia. O que será conhecido para sempre como "1905" tornou-se a maior revolta popular desde a Comuna de Paris. Gapon fugiu para o exterior e escreveu sobre suas experiências - o esboço geral da carreira de Gapon pode ser encontrado em qualquer história padrão da Rússia ou do comunismo, mas seu documento ingênuo, *A História da Minha Vida,* caiu no esquecimento. Nele ele contou os estratagemas internos de seu mentor e listou alguns dos outros Zubatorshchiki:

Havia também o Dr. Shapiro, um dos líderes do movimento sionista. Zubatoff aparentemente ajudou todas essas pessoas, e eu resumi sua política na antiga fórmula Divide et impera. Ele estava evidentemente tentando organizar os trabalhadores judeus sob a bandeira do sionismo e tentando separá-los do Partido Revolucionário, enquanto alistava os trabalhadores cristãos sob o pretexto de uma luta por concessões económicas, a fim de separá-los também da política. Ação. 30 O “Dr. Shapiro” era na verdade o General Sionista Heinrich Shayevich. Já em

1900, Zubatov percebeu que os sionistas eram profundamente antagónicos à revolução e aconselhou que o regime não os suprimisse. 31 Em julho de 1901, um renegado populista, Manya Wilbushevich, criou um Partido dos Trabalhadores Independentes Judeus Zubatovistas em Minsk com a ajuda de Joseph Goldberg, um sionista trabalhista, que escreveu a plataforma do novo partido: um ataque ao Bund por trazer à tona questões políticas alheio às lutas económicas dos trabalhadores. 32 Em Novembro, os sionistas de Poale realizaram uma conferência em Minsk; Wilbushevich escreveu uma carta triunfante a Zubatov:

> Parabenize-me com uma grande vitória que não esperava tão cedo. O Congresso dos Sionistas decidiu combater o Bund. Agora todos os sionistas são nossos assistentes. Resta apenas descobrir como utilizar seus serviços. 33

Wilbushevich, através de Zubatov, conseguiu que Plehve permitisse uma convenção sionista totalmente russa em Minsk, em Agosto de 1902.34 Shayevich , um monarquista convicto, juntou-se aos Independentes na convenção e rapidamente se tornou o seu líder em Odessa. 35 Tiveram o seu maior sucesso em Minsk, onde a polícia local olhou para o outro lado quando realizou algumas greves estritamente apolíticas, mas foram impedidos de entrar em Vilna por um muro de hostilidade dos trabalhadores. Quando o movimento de Shayevich em Odessa começou a fugir do seu controle, os trabalhadores iniciaram uma onda de greves. Isto foi demais para Plehve e em julho de 1903 ele ordenou que fechassem. Na verdade, Wilbushevich tentou fingir ser uma revolucionária penitente, mas o ódio por ela como criminosa da Okhrana era esmagador e, no início do Inverno de 1904, ela fugiu para a Palestina, onde se tornou uma das principais figuras do movimento[36] trabalhista sionista. Se a ligação Zubatov-sionista não bastasse, o diagnóstico do Bund de que o sionismo era outro caçador de ratos de Hamelin foi confirmado após o Congresso de Basileia, quando o relato de Zhitlovsky sobre a incrível proposta de Herzl chegou a Vladimir Medem, talvez o mais ferrenho opositor do sionismo dentro do Bund. Medem tinha visto Herzl no Congresso e ficou impressionado com o contraste entre a famosa aparência régia de Herzl - diz-se que ele lembrou aqueles familiarizados com a arte de um baixo-relevo do assírio Tiglath Pileser III - e sua falta de compreensão da política: O que sobre o que
desejava falar ao Bund era fácil de compreender: durante a sua conversa com Plehve, recebeu a insinuação de que o sionismo poderia contar com o apoio da Rússia

---

30 Georgi Gapon, *A história da minha vida,* p.94.
31 Henry Tobias, *O Bund Judaico na Rússia,* p.146. 32
Ibid., p.141. 33
Ibid., p.146. 34
Ibid., p.147. 35
Ezra Mendelsohn, *Luta de Classes na Pálida,* p.150. 36 MM,
Partido dos Trabalhadores Judeus Independentes, *Encyclopaedia Judaica,* vol.8, cols.1347-8, e YS, Shochat, Mania Wilbushewitch, ibid., vol.14, cols.1441-2.

governo em troca do qual deve procurar restringir o movimento revolucionário dos trabalhadores judeus. Presumivelmente, Herzl desejava levar a cabo essa missão específica – uma indicação da sua profunda compreensão do Bund! 37

A aversão

revolucionária judaica da Primeira Duma ao sionismo só aumentou durante a revolução subsequente. Em Outubro de 1905, o regime concedeu uma Duma, um parlamento, como parte das manobras do regime para isolar e esmagar a greve geral da classe trabalhadora a nível nacional que abalava o trono. Todos os revolucionários, com exceção dos mencheviques georgianos, boicotaram as eleições porque ainda tinham esperanças de derrubar a dinastia. Caso cometessem erros, ainda haveria tropas camponesas analfabetas, intocadas pela revolta, e os generais puderam usá-las para fornecer escoltas aos pogromshchiki e para esmagar os guardas operários levemente armados. Mas o Czar ainda estava fraco e teve de permitir que as eleições continuassem, e em Abril aqueles que não deram atenção ao boicote elegeram uma Duma dominada pelos Cadetes, os Democratas Constitucionais, o partido da burguesia liberal. Entre os novos representantes estavam 12 judeus, cinco deles sionistas.

Embora os judeus tenham sofrido a pior opressão dos súditos europeus dos czares e, inversamente, tivessem mais a ganhar com uma vitória revolucionária completa, os capitalistas judeus e a pequena burguesia – ortodoxos, assimilacionistas liberais e sionistas – eram o agrupamento nacional mais tímido da sua classe em todo o período. toda a luta contra o czar. 38 Eles não tinham qualquer interesse em mudar a sociedade, exceto pelas restrições impostas a si mesmos como judeus.

Muitos escritores judeus modernos sentimentalizaram o gueto, mas estudiosos sérios concordariam com a avaliação de Jabotinsky sobre a realidade de "sua submissão diante de um governo, sua falta de autoconfiança, sua adoração a um gevir [homem rico], sua prontidão para fornecer *aos* levitas para qualquer santuário pagão." 39 Em 1906, os trabalhadores organizados tinham-se emancipado do servilismo geral, mas, na maior parte, a comunidade mais ampla poderia ser descrita como Mendele Mocher Sforim, o primeiro dos mestres literários produzidos pelo gueto, retratou comicamente o seu povo em 1891 em seu *desconforto em Sião:*

> Esta é a maneira dos judeus, a natureza imbuída neles desde tempos imemoriais, que sempre que virem um sujeito com uma moeda de ouro, deixe-o ser o que quiser, mesmo que seja um bezerro, uma besta em forma humana - ele se torna seu Deus, e eles se curvam diante dele, dançam e brincam diante dele, dando glória ao seu nome.[40]

Eleitos por um eleitorado politicamente ingénuo, os cinco sionistas partilhavam completamente o seu atraso. Para eles, o sionismo era psicologicamente uma resposta às calúnias dos seus rivais de classe cristãos. Eles também podiam agora discursar sobre as antigas glórias do seu povo; embora fossem entusiastas da língua, eram sionistas que ficavam em casa, nada do tipo que se instalava na Palestina. Eles temiam o socialismo, sabendo que uma revolução completa significaria o surgimento de cooperativas camponesas de marketing, o que colocaria muitos comerciantes judeus fora do mercado. Eles também compartilhavam o ceticismo dos shtetls de que "Ivan", os shagits comuns (jovens gentios do sexo masculino), algum dia seria o firme aliado dos judeus. Muito mais "realistas", eles preferiram confiar nos seus opostos russos, nos sólidos advogados e professores dos Democratas Constitucionais e na maioria dos líderes sionistas afiliados à elite liberal Kadety. 41 A maus-politik dos delegados sionistas já tinha sido plenamente expressa na convenção sionista de Minsk de 1902, por um deles, SY Rosenbaum: “Somos mais do que leais”. 42 Judeus leais ao Czar!

O desastre ocorreu quase imediatamente. Romanoff sabia que depois de ter detido o Soviete, o conselho que surgiu para coordenar a greve geral dos trabalhadores, não tinha nada a temer do parlamento não representativo no Palácio Tavricheski e, em 8 de Julho, depois de terem sentado por apenas 72

37Portnoy , p.295.

38 Jonathan Frankel, Profecia e Política, p.165. 39

Jabotinsky, *O Estado Judeu,* p.20. 40

Mendele Mocher Sforim, *Mal-estar em Jacob.*

41 Louis Greenberg, *Os Judeus na Rússia,* vol. II, pág.201.

42 Portnoy, p.267.

dias, ele peremptoriamente enviou tropas contra eles. Os cadetes de sobrecasaca registaram devidamente a indignação, apelando ao povo para não pagar impostos e não servir no exército. Os trabalhadores, que não votaram neles, dificilmente seguiriam o seu exemplo agora, e sem as massas por trás dela, a Duma não era mais do que um machado sem cabo. O czar percebeu que precisava de uma Duma para apaziguar os críticos estrangeiros e realizou novas eleições em fevereiro de 1907.

A essa altura, o resto dos mencheviques, percebendo que a revolução havia sido temporariamente derrotada nas ruas, apresentaram candidatos. Eles ganharam 65 cadeiras, reduzindo drasticamente a votação dos cadetes. Apenas seis judeus foram devolvidos, apenas um deles sionista. O czar ficou ainda menos satisfeito com esta Duma e dissolveu-a em junho de 1907. Nenhum sionista foi eleito para a Terceira Duma; O insignificante papel parlamentar do sionismo russo acabou.

O papel dos sionistas Dar

apoio aos cadetes não foi o único papel desempenhado pelos sionistas durante o drama de 1905: nos bastidores, Nahum Sokolow, então editor de Varsóvia, mais tarde presidente da Organização Sionista Mundial, mantinha reuniões com o conde Sergei Witte , o primeiro-ministro dos czares. Não se sabe muito sobre estas conferências – elas não são mencionadas nem na Enciclopédia do Sionismo e de Israel nem nos artigos da Enciclopédia Judaica sobre Sokolow e são pouco abordadas por Florian Sokolow na sua hagiografia do seu pai. O que se sabe é que começaram em Outubro de 1905, na véspera da nomeação de Witte para o cargo, e que Sokolow lhe pediu que concedesse aos judeus os seus direitos e acabasse com os pogroms; e que Witte sempre se desculpou por não ter poder para ajudá-los. A circunspecção sionista relativamente a estes delicados discursos leva-nos a enfatizar que a grande maioria da juventude judaica instruída estava nas ruas a tentar derrubar o czar, enquanto Sokolow ia de chapéu na mão ao seu primeiro-ministro. 43 Nem foram estes os últimos contactos directos sionistas com o regime pogromista. Em julho de 1908, David Wolffsohn, sucessor de Herzl como presidente da WZO, veio a Petersburgo para se encontrar com o primeiro-ministro Pyotr Stolypin e o ministro das Relações Exteriores Alexandr Izwolsky sobre o assédio do regime ao Sionists Jewish Colonial Trust Bank. Wolffsohn foi esplendidamente recebido: 44 Izwolsky estava ansioso para agradar um judeu que pedia tão pouco dele e Wolffsohn e o antissemita se davam notoriamente: "Também posso dizer que fiz dele um sionista", escreveu Wolffsohn.[45]

Jabotinsky foi proeminente no desenvolvimento dos sionismos russos Gegenwartsarbeit in Landspolitik (políticas práticas do dia a dia nos países da diáspora) naqueles anos sangrentos. Ele foi uma figura proeminente na conferência sionista russa, realizada em Helsingfors (Helsinque), 21- 27 de Novembro de 1906. Foi aqui que o abstencionismo foi enterrado e foi endossado um programa que apelava a um regime democrático, com autonomia cultural nacional para os judeus. Mas na política há sempre uma questão-chave: como se chama o gato? Os judeus representavam 4,3% dispersos da população: sozinhos, nunca conseguiriam os seus direitos, mas as escolhas de Jabotinsky para potenciais aliados eram invariavelmente irrealistas. Concorreu à Segunda Duma, na província ucraniana de Volhynia; mesmo aqui os judeus constituíam apenas 13,24% da população e ele propôs que se voltassem primeiro para os camponeses. No entanto, se se mostrassem anti-semitas, ele preferia um acordo com os proprietários. Ambos se voltaram para os reacionários.

O que Jabotinsky não compreendeu foi que eventualmente, como aconteceu em 1917, alguns dos camponeses romperiam com o Centenismo Negro, mas que os proprietários de terras nunca o fariam. Ele também trabalhou em estreita colaboração com os nacionalistas ucranianos. Na multifacetada guerra civil entre 1917 e 1921, os exércitos ucranianos tornaram-se os piores dos pogromistas. Derrotado na Volhynia, concorreu novamente, para a Terceira Duma, de Odessa, nas eleições do outono de 1907. Um social-democrata ficou em primeiro lugar no primeiro turno, com Jabotinsky terminando em terceiro em um campo de quatro. Como o Socialista não obteve 50% dos votos, foi necessária uma segunda votação. As autoridades expulsaram o social-democrata da votação sob um pretexto, deixando Jabotinsky e um cadete enfrentando o homem do czar. Jabotinsky foi obrigado a retirar-se porque a opinião judaica não toleraria que os sionistas dividissem o voto progressista. Todos os seus estratagemas foram inúteis. Havia apenas um grupo na Rússia que poderia derrotar o czarismo e obter os direitos dos judeus,

---

43 Florian Sokolov, Nahum Sokolov, pp.
44 Getzel Kressel, Wolffsohn, David, *Enciclopédia Judaica,* vol.16, col.614.
45 Emil Cohn, *David Wolffsohn,* p.196.

e essa foi a força que finalmente destruiu o czarismo, os trabalhadores, mas até ao fim da sua carreira russa Jabotinsky lutou com unhas e dentes contra o movimento socialista.

Schechtman, discípulo pessoal de Jabotinsky ainda nos primeiros dias de sua carreira, enfatiza que o foco principal do trabalho propagandístico de Jabotinsky durante a revolução foi a batalha contra a assimilação e o socialismo. 46 Jabotinsky difamou os esquerdistas judeus: em Novembro de 1905, Medem fez um discurso sobre os desenvolvimentos revolucionários. Ele havia comentado que:

> O sangue está sendo derramado, a situação é horrível, mas é preciso ter em mente (lembro-me literalmente das palavras que se seguem): "O sangue constitui aquele lubrificante sem o qual o transporte da história não avança". Aqui estava um pensamento, poderíamos imaginar, que era perfeitamente legítimo e claramente elementar... algum tipo de sionista (não sei se ele estava em ação ou um impostor cruel) que escreveu... Alegadamente afirmei que o sangue judeu é o lubrificante da revolução russa... Publiquei uma negação... sem sucesso... anos depois, a declaração idêntica continua a serpentear pelos caminhos sionistas. 47

Só para constar, foi Aaron Hermoni, um jovem estudante, quem colocou a famosa difamação em circulação, mas Jabotinsky percebeu isso e pelo resto da vida nunca se cansou de divulgar a notória mentira. Ainda em 1940, ele ainda insistia que "na Rússia, foi um revolucionário judeu quem pronunciou a fórmula frequentemente citada: "O sangue judeu é o melhor para lubrificar as rodas do progresso " . , que ele raramente encontrou no Pale, foram seu principal alvo esquerdista nestes anos anteriores à Primeira Guerra Mundial.Em 1906 ele escreveu um panfleto, O Bund e o Sionismo, no qual negava os pressupostos fundamentais de todas as correntes revolucionárias, incluindo o Bund , que o anti-semitismo poderia ser derrotado pela revolução: Todos os seus feitos

de bravura são em vão e os seus sacrifícios inúteis, pois na nova Rússia, tanto eles como nós seremos empurrados por cima da cerca, à força e com desdém, como na Rússia antes a sua regeneração.49

No Inverno de 1905, Jabotinsky atacou a esquerda não-judaica numa reunião pública em Petersburgo, alegando que não estavam a fazer o suficiente para proteger os

judeus: As pessoas tentaram confortar-nos dizendo-nos que não havia trabalhadores entre aqueles que nos assassinaram. Talvez. Talvez não tenha sido o proletariado quem nos causou os pogroms. Mas o proletariado fez-nos algo pior do que isso: esqueceu-se de nós. Isso é um verdadeiro pogrom.[50]

Dado que, na pior das hipóteses, esquecer os Judeus não é "um verdadeiro pogrom", é difícil levar a sério as suas observações, mas os trabalhadores tentaram parar o pogromshchiki. Trotsky, que chefiou o Soviete de Petersburgo, escreveu mais tarde sobre a sua defesa, criada depois de "hooligans" terem começado a espancar judeus e revolucionários, mesmo na Nevsky Prospekt, com espanadores. As chamadas Centenas Negras planearam atacar um cortejo fúnebre revolucionário para as últimas vítimas dos czaristas.

Os trabalhadores compraram as lojas de armas, fabricaram milhares de adagas, espanadores e chicotes de arame e patrulhas noturnas foram iniciadas nos distritos fabris. O pogrom nunca aconteceu – os trabalhadores estavam demasiado bem armados e organizados. Desta vez, a polícia, os cossacos e as unidades de elite da Guarda conseguiram expulsar a defesa das ruas, mas não houve mais tentativas de desencadear outro pogrom. [51]

Estimou-se que havia apenas 3.322.000 trabalhadores industriais, comerciais e mineiros em 1897, e apenas um pouco mais em 1905. Apenas 200.000 estavam filiados aos Sovietes; estes foram recentemente radicalizados. A massa dos mujiques mal foi tocada pela revolta, e o czar pôde usar a soldadesca camponesa como uma chuva torrencial contra os trabalhadores. Mas ninguém poderia ter cancelado a vasta onda de formas divergentes de luta conhecida como "1905", mas que foi, em diferentes momentos e locais, uma greve geral, uma revolta operária em Moscovo, uma revolta nacionalista no Báltico e no Cáucaso e noutros lugares. , e uma onda colossal de terrorismo estudantil ceifando a vida de milhares de burocratas. O regime teve apenas uma resposta – violência. Hordas de pogroms contra os judeus, turbas tártaras contra os arménios, a polícia e o exército contra os trabalhadores. A pior das atrocidades antijudaicas ocorreu

---

46 Schechtman, pp.

47Portnoy , p.354.

48 Jabotinsky, *A Frente de Guerra Judaica,*

p.33. 49 Joseph Nedava, Jabotinsky e o Bund, *Assuntos Judaicos Soviéticos,* vol.III, no.I, p.42.

50 Schechtman, p.94.

51 Leon Trotsky, *1905,* pp.131-9.

em outubro de 1905, no início do contra-ataque do regime à greve geral. Lenin estimou que 4.000 judeus foram assassinados em 100 cidades, principalmente na zona rural de Pale, onde os trabalhadores organizados eram mais fracos. Mas mesmo no Pale os trabalhadores não-judeus, como em Vilna, estavam resolutamente ao lado dos Judeus 52 – Judeus e revolucionários foram as vítimas conjuntas do knout do Czar. A estimativa de Trotsky para o período entre o Domingo Sangrento, 9 de janeiro de 1905, e a abertura da Primeira Duma foi de 14.000 mortos, 1.000 execuções, mais de 20.000 feridos e outros 70.000 presos e exilados. Na Letónia, 749 trabalhadores e camponeses foram executados no Outono de 1905 pelos barões teutónicos do Báltico. Muitos foram forçados a enfrentar o desafio, outros foram açoitados até a morte, enforcados ou fuzilados. A revolução não deve desculpas aos judeus, e muito menos aos sionistas. A prova de lealdade aos judeus foi demonstrada então e novamente mais tarde, em 1917-21, quando o Exército Vermelho lutou no terreno contra os pogromistas subsidiados pelo imperialismo.

Escritos de Jabotinsky

Em 1908, Jabotinsky leu uma nova peça em versos, *Chuzhbina,* The Alien Land, para um círculo de escritores. Parte dele foi impressa em 1910 e o texto completo apareceu em Berlim em 1922. Nunca foi traduzido. Schechtman fala-nos desta interessante obra (reeditada 12 anos mais tarde, após a revolução bolchevique, por uma editora emigrada) que deve constituir a interpretação retrospectiva e prognóstica de Jabotinsky da revolução russa e do marxismo. Nele, os social-democratas de Odessa, em sua maioria judeus, parecem vencedores e a sociedade educada os corteja. Exceto Gonta. Ele lhes diz que, embora pensem que estão no comando dos acontecimentos, eles nada mais são do que "fragmentos nas ondas dos vórtices de outras nações... segurando uma espada inofensiva em uma mão sem nervos, vocês são inúteis na luta!" Gonta não tem respostas, apenas o "orgulho frio, inexorável, invencível, de coração duro e sem fundo de um rei que foi privado de seu trono e coroa". Eventualmente, os radicais judeus percebem que a sua mensagem não está a chegar às massas russas; em breve ocorre um pogrom e os jovens correm para a sinagoga para organizar uma defesa, mas, claro, é tarde demais, o tempo foi desperdiçado em teorizações revolucionárias inúteis. Gonta lembra-lhes novamente: “Somos meras sombras, não há nenhum papel a desempenhar, os acontecimentos seguem o seu curso independentemente da nossa vontade”. Gonta-Jabotinsky exorta-os a "cortar a última ponte entre nós e a terra estrangeira e a pronunciar anátema! Não aceitar e não conceder nada!" Através de um "verdadeiro" trabalhador russo, Styopa, ele diz aos equivocados socialistas judeus que o que as massas russas realmente querem é uma voz russa... com o sabor das estepes e do Volga." 53 Os estudiosos modernos comparam automaticamente os prognósticos de Jabotinsky com os o que eles,
em grau, sabem dos eventos maiores que ocorreram na Rússia em 1903-8 e desde então. A traição de Stalin ao leninismo e sua paranóia final no leito de morte sobre ter sido envenenado por médicos sionistas vêm à mente. afinal? A revolução foi uma ilusão desde o início, especialmente do ponto de vista judaico? Na realidade, não há a menor relação entre as concepções sombrias de Jabotinsky e o que estava para acontecer. Josef Vissarionovich Dzugashvili – Stalin – era um georgiano, não um Russo ou mesmo ariano. Ele não tinha nada do Volga ou das estepes. Trotsky nasceu em uma fazenda nas estepes ucranianas em Yanovka, perto de Bobrinetz, na província de Kherson. Mais importante ainda, os trabalhadores russos não falharam com os judeus: a revolução chegou ao poder e deu aos judeus total igualdade. Mesmo depois da morte de Lenine, em 1924, e depois do exílio de Trotsky em 1927, Estaline não foi identificado na mente mundial com o anti-semitismo. Flor iídiche. Ele tinha uma Palestina iídiche, Birobijan, no rio Amur, ao longo da fronteira com a Manchúria.

O colapso dos valores revolucionários nada teve a ver com as relações judaico-russas. Era inevitável numa Rússia isolada e atrasada, devastada por três anos de guerra, seguidos de quatro anos de guerra civil e invasão estrangeira. Os ideais de igualdade não podem prosperar no meio de dezenas de milhões de camponeses analfabetos e de pobreza severa e universal. Muitos dos melhores idealistas deram a vida na guerra civil. Muitos sobreviventes quebraram espiritualmente examinando as ruínas do império destruído que haviam herdado. Eles queriam receber algo em troca pela sua provação. Eles temiam que promover a revolução no exterior apenas complicaria os problemas económicos do país. Stalin atraiu muitos, inclusive judeus, ao permitir que os membros do partido

---

52 Lucjan Dobroszcki e Barbara Kishenblatt, *Imagem diante dos meus olhos,* p.110.
53 Schechtman, pp.139-41.

receber os mesmos salários que Lenine foi obrigado a dar aos remanescentes dos cientistas burgueses que não tinham fugido para o estrangeiro. Sob a política de Lenin de uravnilovka ou de nivelamento salarial, os membros do partido, mesmo aqueles que faziam o mesmo trabalho que os cientistas não políticos, não podiam ganhar um rublo a mais do que o salário de um operário qualificado - a fórmula clássica para o pagamento dos funcionários. de um estado operário, herdado da Comuna de Paris de 1870. Trotsky apontou para referências indiretas de Stalin ao fato de ele ser judeu: "lutamos contra Trotsky, Zinoviev e Kamenev, não porque sejam judeus, mas porque ..." mas mesmo Trotsky não afirmou que Estaline discriminava os judeus na vida social.

Durante os grandes expurgos do final dos anos 30, os jornais de Stalin sempre publicavam os nomes de nascimento das vítimas ao lado dos nomes de seus partidos, muitos eram judeus, e novamente Trotsky viu isso como Stalin favorecendo os remanescentes do anti-semitismo na tentativa de encontrar para si um nova base social para o seu regime. Mas o mundo político em geral, incluindo o actual Jabotinsky, definitivamente não via a União Soviética como anti-semita.

Ainda em 1940, mesmo durante o período do pacto Hitler-Stalin, Jabotinsky poderia escrever que:

> Nos últimos dez anos não ouvimos qualquer relato de quaisquer sintomas de anti-semitismo em qualquer território soviético, e presumimos que isto significa que tais sintomas não existem. 54

Foi apenas no período pós-1948 (depois de Estaline ter ajudado a criação do Estado de Israel com armas dos seus fantoches checos) que ele começou a falar de "cosmopolitas sem raízes". Mas, sem minimizar os seus crimes, pode-se dizer com precisão que o seu anti-semitismo não era nada, na prática, comparado com a sua ferocidade anterior para com os alemães do Volga, os tártaros da Crimeia e cinco outras nacionalidades que ele deportou, em massa, das suas terras natais. Suas explosões sobre os "destruidores trotskistas-titoístas-sionistas" faziam parte de sua posição geral contra toda a sociedade soviética. A peça de Jabotinsky não explicou nada sobre a degeneração real do comunismo e foi apenas uma reescrita sionista da noção reacionária de que "quanto mais as coisas mudam, mais permanecem as mesmas", nada mais do que apontar o dedo para a luta dos vários movimentos revolucionários. lutando para derrubar o czar e, não menos importante, obter igualdade para os judeus e outras nacionalidades oprimidas no império.

A convicção do Gonta da vida real de que os judeus só poderiam ser intrometidos malsucedidos nos assuntos das nações baseava-se em suas teorias raciais. Schechtman simplesmente evita este aspecto da filosofia de Jabotinsky, mas ele é tratado por outros de seus epígonos, notadamente Joseph Nedava e Oscar Rabinowicz. Nedava é o mais sincero, dizendo aos leitores que "Desde a chegada de Hitler ao poder, o termo raça foi muito manchado, mas vários filósofos que precederam Jabotinsky expuseram a teoria da raça." 55 Jabotinsky acreditava de fato no termo "muito manchado", insistindo em uma carta escrita em 1914 que,

> a fonte do sentimento nacional... reside no sangue de um homem... em seu tipo racio-físico, e somente nisso... as perspectivas para o homem espirituais são determinadas principalmente por sua estrutura física... Por essa razão, não acreditamos em assimilação espiritual. É inconcebível, do ponto de vista físico, que um judeu nascido numa família de puro sangue judeu... possa adaptar-se às perspectivas espirituais de um alemão ou de um francês... Ele talvez esteja totalmente imbuído daquele fluido alemão, mas o núcleo de sua estrutura espiritual permanecerá sempre judeu... A assimilação espiritual de povos de sangue diferente é impossível... Para tornar-se verdadeiramente assimilado, ele deve mudar seu corpo. Ele deve se tornar um deles em sangue... ele deve trazer ao mundo... durante um período de muitos anos, um bisneto em cujas veias apenas um minúsculo traço de sangue judeu permaneceu... Pode haver não há assimilação enquanto não houver casamento misto... Todas as nações que desapareceram (exceto aquelas... que foram massacradas...) foram engolidas pelo abismo dos casamentos mistos... a autonomia no Golah [exílio] provavelmente levará... ao completo desaparecimento da nação judaica como tal da face da terra...
>
> Imagine só... quando nossos descendentes viverão em paz entre um povo estranho... Essas condições levarão natural e livremente a um aumento de casamentos mistos... isso significará o início de uma assimilação completa...
>
> Sem essas raízes físicas, a flor espiritual está fadada a murchar... Isto marcará o fim da batalha travada pelo povo judeu pela existência nacional... Somente aqueles que desejam preservar a integridade nacional podem se autodenominar "nacionalistas" para o eterno e a todo custo...

---

54 Jabotinsky, *A Frente de Guerra Judaica,* p.92.
55 Nedava, p.45.

A preservação da integridade nacional é impossível, exceto através da preservação da pureza racial, e para esse propósito precisamos de um território próprio... Se você me perguntar com um sentimento de revolta e indignação: mas certamente nesse caso você quer a segregação a todo custo! Eu responderia que não se deve ter medo das palavras e nem da palavra "segregação". O poeta, o estudioso, o pensador... deve isolar-se e permanecer sozinho consigo mesmo... Nenhuma criatividade é possível sem segregação... A nação também deve criar... uma nação criativa precisa de segregação ... criará novos valores na sua segregação ... não os manterá para si, mas irá colocá-los na mesa internacional comum para o bem geral, e assim a sua segregação será vista com favor pela humanidade. 56 Em 1913, no seu artigo apropriadamente intitulado Rasa, ele deu a sua resposta à incómoda questão teórica sobre o que constituía uma nação:

Uma nação manifesta-se pelo seu próprio espectro racial" que permeia, em maior ou menor grau, a personalidade de qualquer membro médio do grupo, abaixo e acima da diversidade das suas fisionomias individuais .

As nações não eram racialmente puras, todas eram misturas, mas no final cada uma. nação carrega consigo sua própria substância, o primeiro e último baluarte da personalidade de uma nação - a peculiaridade de sua natureza física ("espectro racial") e paralelamente a ela sua psique... Algum dia a ciência poderá alcançar tal refinamento que se tornará possível por um especial. análise do sangue, ou talvez, do segredo das glândulas, para estabelecer o "espectro" ou "receita" dos vários tipos raciais mostrando todos os ingredientes: que vão para um típico italiano ou um polonês médio. Arrisco-me a prever que a maioria das receitas "conterá praticamente os mesmos ingredientes, apenas a proporção em que Deus e a história os extraíram será diferente... A raça irlandesa pode conter os mesmos ingredientes que a escocesa, mas a sua as respectivas quantidades estão provavelmente longe de ser as mesmas em cada combinação: daí a grande diferença entre os dois caracteres nacionais que nenhum observador questionaria.58

O sionista discutiu com a noção marxista de materialismo histórico. Ele reconheceu, in argumentando, que as sociedades funcionavam dentro de estruturas económicas. Mas, em última análise, a cultura teve de ser reduzida à raça:

Dada a completa semelhança de todas as outras condições – clima, solo, história – duas "raças" criariam dois tipos diferentes de economia... Se os tipos de economia, suas características especiais, a ordem social etc. são carimbados pela psique "racial", o é ainda mais na esfera da religião, da filosofia, da literatura.
Ele foi insistente. Todas as categorias que os estudiosos tentaram usar para definir a essência ilusória da nacionalidade eram, aos seus olhos, em última análise, inadequadas: Somos, portanto,
obrigados a afirmar: Território, língua, religião, história comum – todas estas não são a essência de uma nação. mas apenas seus adjetivos... a essência de uma nação, sua primeira e última fortaleza de singularidade de sua imagem, são suas características físicas distintivas, o composto de sua receita racial.
Mas houve muitos que presumiram que as grandes migrações em massa da época estavam de facto a quebrar a homogeneidade das populações nacionais. Aqui, novamente, Jabotinsky optou por divergir. De repente, com propósito polêmico, ele assumiu que o futuro seria socialista. Portanto, argumentou ele, a migração seria grandemente reduzida à medida que cada nação fosse capaz de resolver os seus problemas económicos. É imediatamente evidente que ele está apenas a utilizar quaisquer meios para justificar a sua tese a priori de que as nações não iriam e nunca deveriam fundir-se verdadeiramente.
Haverá um rebanho e um pastor? ... quando a isto se soma o sonho da integração das nações numa só mistura, aqui já é possível afirmar com alguma certeza: Não será... Nestas condições as características nacionais de cada bairro fechado só podem aumentar em pureza" e força, mas nunca o contrário... nesta visão de futuro na sua totalidade não há perspectiva de integração das culturas e da sua mistura, mas pelo contrário ; florescimento glorioso, como ainda não testemunhamos, de cada essência nacional numa atmosfera de paz e tranquilidade .

Raízes do Racismo de Jabotinsky

É fácil ver as fontes do racismo de Jabotinsky. O mundo burguês do início do século XX foi inundado por teorias social-darwinistas de conflitos biológicos naturais entre raças, e estas ideias rapidamente criaram raízes entre os primeiros sionistas. Embora nos tempos pagãos os mercadores judeus viajantes fizessem conversões e tomassem esposas não-judias, aumentando assim a sua força, na Idade Média os pais da igreja começaram a perseguir os rabinos se estes permitissem conversões do cristianismo. Para proteger o

---

56 Jabotinsky, *Uma Carta sobre Autonomia, Israel Entre as Nações* (Z. Zohar, ed.) (WZO, Jerusalém, 1966), pp.110-17. 57 Oscar Rabinowicz, *Concepção de uma Nação de Vladimir Jabotinsky,* p.28.
58 Ibid., pp. 27-9.
59 Eleazer Pedazur (Gad) (ed.), *Nação e Sociedade,* pp.5-12.

comunidade, os talmudistas começaram a desencorajar o proselitismo e, eventualmente, os judeus comuns passaram a ver o casamento misto como uma traição ao judaísmo e aos judeus. A grande maioria do povo simples dos shtetls não precisava de teorias raciais para se opor ao casamento misto e à assimilação, mas o a nova intelectualidade secularizada exigia mais do que a antiquada exegese talmúdica. O racismo invadiu o sionismo principalmente através dos sionistas alemães, como aconteceu com o antigo Martin Buber, que assumiu as teorias contundentes do direitismo alemão e se tornou adorateurs de leur sang, adoradores de sangue semita, alegando que "as camadas mais profundas do nosso ser são determinadas pelo sangue; que nosso pensamento mais íntimo e nossa vontade são coloridos por ele." O judeu foi expulso de sua terra e disperso pelas terras do Ocidente... ainda assim, apesar de tudo isso, ele permaneceu um oriental." 60] Para os racistas sionistas, as restrições talmúdicas à conversão foram providenciais, pois, inadvertidamente, é claro , as restrições mantiveram os judeus "puros". Essas teorias "modernas" forneceram a justificativa necessária para aqueles como Jabotinsky, que buscaram uma base secular para seu antagonismo ao marxismo. Se o mundo consiste em grupos étnicos biológicos separados, cada um com seu próprio e genuíno alma nacional, então a assimilação poderia, na melhor das hipóteses, ser nada mais do que um verniz falso, falso tanto para os judeus quanto para os gentios. Se as teorias raciais de Jabotinsky estivessem corretas, então os radicais judeus estavam todos errados, não era o sionista "Mizrachista" eram os verdadeiros obscurantistas, eram os marxistas que sugavam o internacionalismo dos seus próprios livros sagrados, enquanto os sionistas realistas como Jabotinsky exigiam realisticamente uma lealdade exclusiva ao grupo judaico e aos produtos da sua psique única. Se as nações tivessem almas nacionais distintas, então a cultura que os judeus haviam adquirido de outros não era, e não poderia ser, judaica. Na Conferência de Helsingfors, Jabotinsky apresentou a noção de forma direta: "No Galut [exílio] não criamos quaisquer valores... um único fio vermelho, que vai de Sião a Sião, atravessa toda a história do nosso povo." 61Logicamente, portanto, o iídiche não era verdadeiramente judeu. Nahum Goldmann, mais tarde presidente da WZO, deu-nos o slogan linguístico do sionismo russo pré-Primeira Guerra Mundial na sua *autobiografia:* "Russo ou hebraico, mas de forma alguma iídiche". 62 Jabotinsky tornou-se, desde o início da sua carreira sionista organizada, totalmente comprometido com o hebraico e, em 1910, começou a defender que toda a educação judaica na Rússia fosse exclusivamente em hebraico. A oralidade já tinha claramente marcado a sua carreira, mas foi então, à medida que o seu hebraísmo estava a atingir um nível febril, que a sua fixação foi poderosamente reforçada pelos efeitos devastadores de uma tragédia doméstica.

Em 14 de outubro de 1907 casou-se com Anna Markova Gelperin, irmã de um colega de escola; eles se conheceram quando ele tinha 15 anos e ela dez. Extremamente burguesa, ela gostava de ser casada com um escritor de sucesso financeiro, mas não tinha interesse no sionismo e não participou do movimento até a década de 1930. Mas ela sabia desde o início que ele já era casado com o sionismo. Um filho, Eri, nasceu em 13 de dezembro de 1910 com lábio leporino e fenda palatina. Eventualmente, as operações e as aulas de canto superaram estes defeitos, mas é razoável acreditar que o desastre teve um efeito inibidor na vida sexual dos seus pais que, mesmo antes do seu infortúnio, tinha sido severamente restringida por atribuições frequentes para o movimento. Quando os indivíduos sofrem uma experiência traumática na sua vida sexual adulta, há uma tendência para que a sua energia libidinosa regresse ao seu ponto anterior de gratificação. Jabotinsky não era apenas um pai comum. Ele era um orador revivalista da linguagem cujo filho primogênito tinha lábio leporino e fenda palatina. Seu filho nunca falaria, naturalmente, a língua de seus antepassados. Tal golpe poderia abalar qualquer pessoa, embora a fenda palatina seja, no mundo real, um acidente, geralmente não recorrente e geralmente operável. Mas o inconsciente, por definição, não é racional. O inconsciente de um homem que já compôs peças, nada menos que em verso, poderia, sem dificuldade, compor magicamente um psicodrama doméstico: o líder de seu povo, tentando salvá-lo de um mundo pecaminoso, é repentinamente punido por seus pecados por um terrível estigmas nos lábios de seu filho, uma tragédia grega clássica. Inconscientemente, a mente tenta resolver o seu problema; e aqui o inconsciente faz isso através da expiação. Jabotinsky opera nos lábios dos filhos de Israel, desfazendo séculos de iídiche para devolver-lhes a sua verdadeira, a sua Língua Sagrada. No mundo real o destino não o punia, todos esses pecados são imaginários, mas o inconsciente ignora isso. A obsessão de Jabotinsky pela educação totalmente hebraica para os filhos de Israel

---

60 Martin Buber, *Sobre o Judaísmo,* pp.15-19, 75-7.
61 Schechtman, p.115. 62
Nahum Goldmann, *Autobiografia,* p.32.

entrou em alta velocidade apenas duas semanas depois de seu infortúnio, em 29 de dezembro, quando fez seu primeiro discurso público em hebraico. Sua libido mudou drasticamente em relação à esposa. Ele já havia passado períodos significativos, semanas e meses, separado dela, eles viveriam juntos apenas dois anos e meio dos primeiros 15 anos de casamento e apenas cinco dos primeiros 25 anos. Eles não tiveram outros filhos, nem houve outras mulheres em sua vida. Nos anos posteriores, ele justificou o seu semicelibato aos seus seguidores declarando que um líder de um movimento político deve, tal como a esposa de César, estar acima de qualquer
suspeita. 63 Não é sugerido que o nascimento de Eri, e o que especulamos que ocorreu na psique de seu pai como resultado das deficiências da criança, tenham empurrado Jabotinsky em qualquer nova direção. Isso o levou ainda mais adiante em seu caminho político. Ele era agora um Moisés e um Arão para os filhos incrédulos de Israel, vagando pelo deserto, indiferente à Terra Prometida, ansiando pelas panelas de carne da Rússia. Em 1911, ele escreveu *Os Quatro Filhos,* uma reformulação da tradicional Hagadá (conto) da Páscoa, em que um pai responde às perguntas de seus filhos sobre o êxodo do Egito. Seu êxtase hebraico é ilimitado – e irreal. Ele diz ao seu leitor para contar ao seu Filho Simples como, "de dia para dia nosso orgulho cresce... quão bela é a nossa língua, quão grande é a felicidade da nação por ter poder sobre tal língua." Ele implorou aos seus leitores que contassem aos seus filhos sobre os "poetas maravilhosos que agora escrevem em nossa língua". O grotesco desta política de curso literário é óbvio se recordarmos a situação real dos judeus russos em 1911 – o ano em que Mendel Beilis foi preso sob a acusação de homicídio ritual – mas a mente inconsciente funciona de acordo com o princípio da omnipotência das palavras – digamos abracadabra e, pronto, como insistiu Herzl: "Se você quiser, não é um sonho". A parábola de Jabotinsky terminou com uma nota suave que os seus leitores ouviram, mas não poderiam ter compreendido – nem talvez ele próprio – conscientemente – a tenha compreendido. O último filho é o Filho que não sabe perguntar. No uso que faz da imagem em Os Quatro Filhos e em outros lugares, esse filho é o símbolo das massas estúpidas, ainda sentadas nas sinagogas, mas podemos ver que inconscientemente ele estava falando consigo mesmo sobre Eri.

Segundo a tradição, você deve contar a esse filho tudo o que ele não perguntar. Mas na minha opinião é melhor o pai ficar calado. Deixe-o apenas – sem dizer uma palavra – beijar a testa deste filho, que é o mais fiel daqueles que guardam o Santo: que não fala dele com os lábios da boca. 64 Durante dois anos ele empreendeu um sprachenkampf
em grande escala para cima e para baixo do Pale, proferindo o mesmo discurso, "A linguagem da nossa cultura", repetidas vezes, palavra por palavra, em 50 cidades e vilas, às vezes três ou quatro vezes em uma cidade. 65 Em 1913, ele apareceu em Viena para a conferência da delegação russa ao Congresso Sionista Mundial para exigir o endosso do seu programa. Ele entendeu, no papel – afinal, o sionismo sem hebraico é um fracasso – mas a maioria dos líderes falou contra ele. Eles eram homens práticos e as implicações de uma educação hebraica plena eram enormes. Não havia cartilhas para crianças do jardim de infância, nem textos na maioria das disciplinas. No entanto, o Congresso votou devidamente a sua resolução, mas nada fez para implementar a sua decisão. Ele lutou pelo loshn kodesh (língua sagrada) e foi finalmente derrotado em 1915, aos 35 anos, fazendo seu primeiro discurso público no desprezado mamaloshn fun dos povo iídiche. 66 Eventualmente, ele lecionou regularmente lá, mas no exterior, não na Rússia, que estava prestes a ser fechada para Jabotinsky durante os últimos 25 anos de sua vida.

---

[63] Schechtman, *Lutador e Profeta,* p. 64
Jabotinsky, Os Quatro Filhos, p.5.
65 Schechtman, Rebelde e Estadista, p.176.
66 Schechtman, Lutador e Profeta, p.545.

3. Jabotinsky em Constantinopla

Era inevitável que Jabotinsky atraísse a atenção dos líderes da WZO. Seu jornalismo lhe deu uma tremenda mobilidade. Em 1907 ele pôde passar um ano em Viena estudando literatura sobre nacionalismo. Ele era fluente em vários idiomas e sabia escrever em outros. O casamento não foi um obstáculo às suas atividades políticas. Mas o mais importante dos seus trunfos era que, como oponente convicto da revolução popular, pelo menos para os judeus, partilhava a sua convicção central de que só havia um caminho aberto para o sionismo: a intriga diplomática com os poderes constituídos.

A Importância da Turquia No inverno de 1908-9, ele conseguiu convencer os editores do diário Rus a enviá-lo para Constantinopla. O golpe militar dos Jovens Turcos criou naturalmente um imenso interesse na Rússia, há muito inimiga do cambaleante Império Otomano. Como sionista, Jabotinsky tinha as suas próprias razões para querer fazer um estudo aprofundado dos novos suseranos da Palestina. Ainda na Turquia aproveitou a oportunidade para fazer uma viagem à Palestina; foi a sua primeira visita lá e, estranhamente para alguém tão envolvido com o sionismo, a viagem teve pouco impacto sobre ele, tanto do ponto de vista pessoal como político. Ele mal tocou em seus escritos – ao longo de sua vida suas emoções estiveram mais envolvidas com Odessa do que com a Palestina. A intensa preocupação por ser judeu foi o que evoluiu diretamente do drama familiar de sua infância e foi o sionismo, o nacionalismo judaico, que foi injetado com suas emoções, e não a Palestina. A Palestina em 1908-9 não conseguiu proporcionar-lhe um sustento como literato, certamente nada que satisfizesse a sua esposa Anna, e ele não teve outra escolha senão regressar a Constantinopla. Ele gostava de duas coisas na Palestina: o hebraico era uma realidade no terreno e os colonialistas não tinham medo dos árabes e estavam preparados para se defenderem contra o banditismo que assolava o campo.

Os Jovens Turcos estavam ansiosos por convencer o mundo exterior de que tempos melhores estavam por vir para os seus súbditos cristãos e ele não teve dificuldade em fornecer entrevistas ao seu jornal. Os seus artigos impressionaram os líderes sionistas russos. Eles decidiram que ele era a pessoa ideal para propagandear a causa sionista entre os novos círculos dominantes e persuadiram Wolffsohn a contratá-lo em junho de 1909 como diretor de uma campanha de imprensa sionista bastante ampliada no Corno de Ouro.

As táticas de Herzl no Império Otomano

Desde o início, Herzl sabia que o destino do sionismo estava entrelaçado com o destino dos Osmanlis. Foi a doença obviamente terminal do "homem doente da Europa" que deu ao sionismo o seu ar inicial de plausibilidade. Ele simultaneamente procurou convencer os potenciais patronos imperiais europeus de que o sionismo seria a sua pata de gato na Palestina, após a divisão do domínio islâmico relíquia, enquanto, ao mesmo tempo, tentava mostrar ao quiosque Yildiz que ele e o seu movimento poderiam ajudar. sustentar o decrépito Estado turco. As conspirações com a Europa tinham de ser secretas para que a sua estratégia pró-Turquia tivesse sucesso, mas a sua Otomana tinha de ser estridente para que ele esperasse enganar Abdul Hamid II. O que ele propôs reduziu o nacionalismo judaico ao nível de uma operação Shylock: se Abdul Hamid entregasse a Palestina aos sionistas como um Estado vassalo autónomo, as altas finanças judaicas, assegurou o califa, resolveriam os problemas do seu tesouro imperial pagando os seus esmagamento das dívidas externas.
O sultão não estava nem um pouco interessado: a autonomia, ele sabia, levaria inevitavelmente à independência. Se ele concedesse isso aos judeus, que eram uma pequena minoria na Palestina, dificilmente poderia negá-lo às nações cristãs no seu museu imperial. Através de um intermediário, ele disse ao seu sionista

suplicante que os judeus deveriam economizar seu dinheiro: "Quando meu império estiver dividido, talvez eles obtenham a Palestina de graça. Mas apenas nosso cadáver pode ser dividido, nunca consentirá na vivissecção." 67

Os massacres armênios Em

pouco tempo, a diplomacia turca percebeu que Herzl poderia ser controlado; eles tinham o que ele queria. Poderiam eles brincar com sua ingenuidade, tentando-o com possibilidades futuras? Será que conseguiriam que ele provasse sua devoção à causa deles aqui e agora? Em 1896, a principal preocupação do califa era fazer com que as potências europeias, e a sua imprensa, tomassem o caminho oposto, enquanto ele continuava a massacrar os arménios. Comparados com os massacres arménios, os pogroms russos eram teatros amadores. Muito poucos judeus foram realmente mortos nos anos de pogrom de 1881-468 , enquanto uma atrocidade armênia frequentemente causava milhares de mortos. Em 1896-7, estima-se que Abdul Hamid condenou à morte entre 80.009 e 200.000 de seus súditos indefesos. Será que Herzl conseguiria que os jornais de propriedade de judeus e os jornalistas judeus fechassem os olhos ao seu tratamento aos arménios? Estaria ele disposto a tentar fazer com que os Arménios cancelassem a sua luta pela vida e pela liberdade? Em junho de 1896, Herd foi a Constantinopla na esperança de ter uma audiência com Hamid. Ele foi informado por um agente do Sultão que isso seria impossível – Herzl trabalhava para a Neue Freie Presse que acabara de atacar sua exaltada pessoa. Mas, escreveu Herzl em seu *Diário,*

> ele poderia e iria me receber como amigo – depois que eu lhe prestasse um serviço. O serviço que ele me pede é o seguinte: por um lado, devo influenciar a imprensa europeia (em Londres, Paris, Berlim e Viena) para tratar a questão arménia num espírito mais amigável para os turcos; por outro, devo induzir os líderes armênios se submetam diretamente a ele, após o que ele fará todo tipo de concessões a eles ...
> Eu imediatamente disse a Newlinski que estava pronto *para me mettre en campagne* [para iniciar minha campanha]. 69

Herzl foi a Londres para se encontrar com Avetis Nazarbekian, o líder dos Henshags, os Social-Revolucionários Arménios. O sionista disse ao seu intermediário:

> Quero deixar claro a este revolucionário que os Arménios devem agora fazer a paz com o Sultão, sem prejuízo das suas reivindicações posteriores quando a Turquia for dividida. 70

Em 13 de julho, Herzl conheceu o armênio:

> Prometi que tentaria fazer com que o Sultão acabasse com os massacres e as novas detenções, como prova da sua boa vontade. Mas dificilmente libertaria os prisioneiros antecipadamente, como desejava Nazarbek. Expliquei-lhe em vão que, afinal, os revolucionários podiam acompanhar o desenrolar das negociações de paz sem se desarmarem, com as armas aos pés. 71

A guerra com a Grécia e os esforços na Itália O

fracasso de Herzl com os armênios não o desencorajou. Em 17 de Abril de 1897, a Turquia entrou em guerra com a Grécia em retaliação por Atenas ter apoiado a luta de libertação dos seus concidadãos em Creta.
Ele aproveitou a oportunidade para mostrar publicamente ao Porte que o sionismo poderia ajudar a Turquia. Ele escreveu a Mahmud Nedim Pasha em 28 de abril:

> Peço-lhe que felicite Vossa Excelência pelas esplêndidas vitórias das armas turcas. O desejo de vários estudantes judeus de se unirem voluntariamente às forças armadas de Sua Majestade o Sultão é um pequeno sinal da amizade e da gratidão que nós, judeus, sentimos pela Turquia. Herr e em vários outros lugares eu organizamos comitês para iniciar coletas de dinheiro para soldados turcos feridos. 72

---

67 Walter Laqueur, *Uma História do Sionismo,* p.508.
68 Rússia, *Enciclopédia Judaica,* vol.14, col.443. 69
Patai (ed), *Os Diários Completos de Theodor Herzl,* p.387. 70
Ibid., p.415.
71 Ibid., pp. 417-18.
72 Ibid., p.541.

Herzl estava perdendo tempo. Nada conseguiu convencer os turcos a dar-lhe a Palestina, mas oficialmente Herzl manteve a sua política aberta pró-Sultão. Nos bastidores, porém, ele não demonstrou tal lealdade. Ele conheceu o rei Victor Emmanuel III da Itália em 23 de janeiro de 1904 e pediu-lhe que interviesse pessoalmente junto a Abdul Hamid em nome de uma Palestina sionista autônoma. Em troca, ele se ofereceu para ajudar os italianos a tomar a Líbia:

> E, finalmente, abordei também o meu esquema de Trípoli: canalizar o excedente da imigração judaica para a Tripolitânia, sob as leis e instituições liberais da Itália.
> *"Ma e ancora casa di altri" (Mas* aquela novamente é a casa de outra pessoa), disse ele. Mas a divisão da Turquia está prestes a acontecer, Vossa Majestade. 73

Política Sionista com o Novo Regime A ascensão ao poder dos Jovens Turcos reacendeu todas as antigas ilusões sionistas de conquistar as suas aspirações através do trabalho paciente com os governantes em Constantinopla, e o seu Bureau Político trabalhou arduamente. Para o funcionalismo turco e os judeus instruídos, eles assumiram o controle de um diário francês, o *Jeune Turc,* e de um semanário, *L'Aurore.* Para os judeus de língua ladina, eles criaram *o El Judeo – ha-Hehudi,* e embora não houvesse falantes de hebraico no império fora da Palestina, por razões de prestígio, eles criaram um semanário hebraico, *Ha-Mevasser.* Jabotinsky escreveu em francês e hebraico e supervisionou toda a operação. Ele lecionou incansavelmente; ele conquistou dois membros judeus do parlamento turco e os seus esforços foram bem sucedidos em todos os aspectos, excepto no mais importante: os turcos ainda não estavam interessados em entregar a Palestina à Organização Sionista Mundial. Os judeus seriam bem-vindos como imigrantes na Macedônia, onde os turcos, duramente pressionados pelos rum, os cristãos búlgaros, gregos, macedônios e sérvios, estavam ansiosos para ver mais não-cristãos, mas os turcos não tinham interesse em encorajar os judeus a se estabelecerem na Palestina. . Os judeus que de fato emigraram para a Palestina foram, em teoria. admitidos apenas para uma estadia de três meses e os recém-chegados foram proibidos de comprar terrenos. Na realidade, a administração local olhou para o outro lado, o suborno garantiu que não houvesse aplicação das limitações de tempo. Os turcos tinham problemas reais e o sionismo não era visto como um perigo sério. O sionismo estava realmente num limbo na política turca, mas isso pouco importava. Eles sempre poderiam presumir que o império continuaria a se desintegrar e que um dia eles se firmariam através de maquinações com os outros imperialistas.

Jabotinsky recebeu ordens de Wolffsohn para impor uma linha muito branda aos novos senhores da Turquia: o sionismo não significava um Estado judeu, apenas imigração livre para a Palestina e autonomia cultural. Mas subitamente, sem avisar nem Wolffsohn nem o escritório de Constantinopla, Jacobus Kann, um banqueiro que administrava as finanças da família real holandesa e membro do Comité de Acções, publicou um diário de viagem, em alemão, da sua recente viagem à Palestina. Nele, ele reiterou a linha tradicional herzliana de que a Turquia deveria estabelecer ali um Estado sionista autónomo. Ele começou a enviar cópias aos políticos turcos. Todos no escritório de Constantinopla estavam compreensivelmente nervosos - a Turquia estava agora governada sob a lei marcial - se isso fosse considerado uma política oficial, os sionistas turcos sentiram que poderiam correr perigo de vida. O escritório de Constantinopla avisou Wolffsohn que todo o capítulo do livro de Kann sobre as aspirações sionistas tinha de ser retirado – os turcos não acreditariam num repúdio puramente formal do pensamento de Kann. Wolffsohn, seguro em Colônia, não tinha ideia do possível perigo que os sionistas de Constantinopla enfrentavam. e se recusou a disciplinar Kann. Em fevereiro de 1910, os Constantinoplitas estavam em estado de pânico severo e exigiam nada menos do que a renúncia de Kann. Wolffsohn não quis ouvir falar de tal coisa e, em maio, Jabotinsky decidiu que não poderia mais continuar seu trabalho enquanto as declarações de Kann pairassem sobre sua cabeça, e ele renunciou.

Wolffsohn teve a sorte de que nada de desagradável aconteceu como resultado da indiscrição de Kann. Provavelmente, nessa altura, os turcos já estavam habituados a que os europeus dissecassem o seu império decadente e sentissem que não tinham nada a temer dos sionistas. Na Palestina, o sionismo foi uma força ineficaz em comparação com a presença turca ali e, mais importante, o movimento sionista foi um dos poucos factores políticos não-turcos no império que não estava em revolta. Pelo contrário em 1911 a WZO apoiou a Turquia contra os invasores italianos na Líbia e novamente nas duas Guerras Balcânicas de 1912-

---

73 Ibid., p.1600.

13. 74 Nas eleições de 1912 para o parlamento otomano, os sionistas palestinianos apoiaram o Partido da Unidade e do Progresso, no poder. 75 David Ben-Gurion, Itzhak Ben-Zvi, Moshe Sharett e Israel Shoehat (marido de Manya Wilbushevich) foram estudar direito na Universidade de Constantinopla em preparação para carreiras na política turca. 76

Fim do Império Otomano O sionismo foi cada vez mais leal à Turquia até depois da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Mas Jabotinsky foi único dentro do movimento: embora não haja nenhum sinal de que ele tenha feito algo para alertar a liderança da WZO, ele parece ter sido o único líder sionista que entendeu que o Império Otomano não poderia sobreviver a uma guerra com qualquer grande potência, e esse fato se tornou a estrela guia de sua política durante a guerra. No seu livro do pós-guerra, *A História da Legião Judaica,* ele escreveu sobre a sua concepção da realidade turca:

> Não consigo compreender como alguém poderia ter tido dúvidas sobre o assunto... que a Turquia, mais do que qualquer outra pessoa, teria de pagar por esta guerra, não tive e não poderia duvidar nem por um momento. Pedra e ferro podem resistir ao fogo; uma cabana de madeira deve queimar e nenhum milagre a salvará. 77

Ele estava, claro, bastante correcto sobre o destino da Turquia, mas, como escreve, esta era uma questão elementar: o facto de ele ter previsto isso serve para enfatizar não a sua clarividência, mas antes a miopia do movimento sionista como um todo. . Uma explicação para a sua loucura colectiva talvez possa ser encontrada na aceitação geral dos poderes constituídos pelo sionismo, o reflexo automático de um movimento contra-revolucionário que, como parte do seu argumento corrente com a revolução, deve enganar-se quanto à força do oponentes da revolução.

Foi a capacidade de Jabotinsky de ver as implicações para o sionismo da inevitável morte do Império Turco que, com o advento da guerra, levaria ao primeiro e mais importante avanço político do sionismo, a Declaração Balfour, e à própria ascensão de Jabotinsky ao topo. fileiras da WZO. Foi assim que o seu interlúdio turco, meio esquecido no seu regresso à Rússia, e a sua campanha pelo hebraico, revelaram-se, no final, muito mais produtivos do que os milhões de palavras desperdiçadas nos seus esforços quixotescos. Aprendemos aqui uma grande verdade: a ligação do sionismo com a realidade não reside nas suas pretensões de ser uma espécie de reflexo das preocupações das massas judaicas, mas sim que, como veremos, o sionismo poderia ser útil como uma pata de gato para o imperialismo vitorioso nos seus desígnios no Médio Oriente.

Crime da WZO Não basta dizer que o sionismo era ultra-imperialista nas suas políticas pró-Turquia: havia mais do que um elemento de insanidade envolvido. Não teria ocorrido a mais ninguém no vasto mundo judaico ter tentado impedir ou interferir com os Arménios na sua luta; nem ninguém teria pensado em apoiar a Turquia em nenhuma das suas guerras e, no final, o sionismo não ganhou nada com as suas acções.
Mas o que foi demonstrado, no início da sua história, foi que não existiam critérios de humanismo comum que a OMM se considerasse obrigada a respeitar. O avanço da causa de um estado judeu foi, para a WZO, o Alfa e o Ômega da vida. Se milhares de árabes e judeus massacrados desnecessariamente nas suas guerras são a sua mais grave atrocidade; proporíamos a diplomacia pró-turca da WZO como um dos seus crimes. Certamente, qualquer sionista moderno que tentasse defender a sua política perante um público arménio estaria cortejando a violência. Esse facto, com certeza o é, diz mais sobre a total aderência à integridade elementar inerente à filosofia sionista do que todas as polémicas sobre o tema de um Estado Judeu alguma vez escritas.

---

74 Eliazer Livneh, Alemanha: Relações com o Sionismo e Israel, *Enciclopédia do Sionismo e Israel,* vol.I, p.383. 75 Laca, p.223. 76
Moses Perlman, *Ben-Gurion olha para trás,* pp.43-7.
77 Jabotinsky, *História da Legião Judaica,* p.30.

4. Colaboração com o Czarismo e o Imperialismo Britânico

A Primeira Guerra Mundial e a Legião Judaica É difícil dizer com certeza como Jabotinsky viu a eclosão da guerra em agosto de 1914. Em 1934 ele escreveu que desejava uma derrota russa. Mas antes, em 1928, na sua História da Legião Judaica, ele já havia declarado que era indiferente a qualquer um dos lados. Para Jabotinsky, a guerra só começou realmente em 29 de outubro, quando dois navios alemães ligados à frota turca bombardearam Odessa.

Com a Turquia agora na guerra, isso tinha significado na sua perspectiva sionista. Convencido de que os otomanos não sobreviveriam, compreendeu que tinha chegado a hora do sionismo. Ele estava determinado a que o movimento fosse fatal. O seu esquema era bastante simples: ele estabeleceria uma Legião Judaica para lutar pelos britânicos na sua inevitável invasão da Palestina.

Apoio Russo à Legião Ele convenceu um jornal russo a enviá-lo de França para o Norte de África para ver que reacção haveria ao apelo do Sultão aos muçulmanos de todo o mundo para o apoiarem na guerra. Não havia, como ele esperava, nem o menor sentimento pan-islâmico. Mas a sua viagem revelou-se providencial do ponto de vista sionista. Chegou a Alexandria em Dezembro, mesmo a tempo de saber que os turcos tinham acabado de expulsar 11.009 sionistas russos da Palestina. Eles não fizeram nada para merecer o seu destino; na verdade, o sionismo palestino correu para apoiar os turcos; Ben-Gurion, Shochat e os seus amigos ofereceram-se para criar uma milícia sionista para policiar o país – o que teria libertado as tropas turcas para servirem noutros locais. Mas Jamal Pasha, o governador militar, não aceitou nada disso, e Shochat, o organizador dos HaShomer (Vigilantes), e sua esposa Wilbushevich, foram banidos para a Anatólia, enquanto Ben-Gurion foi sumariamente deportado. É difícil explicar as ações dos turcos, exceto em termos gerais. Um regime tão tirânico como o de Mohammed V, que excedeu todas as atrocidades anti-Arménias dos seus antecessores – centenas de milhares de pessoas foram mortas no maior genocídio dos tempos modernos antes de Hitler – não age racionalmente. O caso, no entanto, demonstra a ingenuidade do sionismo palestiniano ao tentar ligar-se à decadente tirania turca.

Tecnicamente, os novos exilados estavam agora sujeitos ao recrutamento russo, e os britânicos, legalmente, deveriam ter ajudado o seu aliado, mas as ameaças do cônsul russo nesta questão eram apenas blefes. Ele sabia muito bem que em 1913, quando tentou fazer com que os britânicos prendessem um revolucionário procurado, 10 mil judeus egípcios tinham-se revoltado e os britânicos tiveram de abandonar o assunto. A proposta de Jabotinsky para a Legião salvaria sua face. Os russos não estavam muito entusiasmados com a ideia de os sionistas servirem no seu exército e ficaram muito felizes por ver os judeus deixarem o seu império para sempre, mas não podiam admitir isso diplomaticamente. Agora, um sionista apresentou uma proposta que iria simultaneamente manter os judeus emigrados longe de si e, ao mesmo tempo, fazê-los lutar contra os inimigos do czar. O cônsul deu apoio à Legião.

Resposta Britânica: o Mule Corps Os britânicos estavam um pouco mais relutantes em concordar. Seu exército tinha muitas tropas coloniais, mas Westminster não tinha interesse em nada parecido com a Legião Estrangeira Francesa. Ainda não havia recrutamento na Grã-Bretanha e Lord Kitchener via a frente turca como periférica e não tinha planos para uma ofensiva na Palestina. Por fim, foi acordado que os refugiados poderiam criar um Zion Mule Corps como unidade logística, mas com o entendimento de que teriam de lutar em qualquer frente necessária.

Jabotinsky e seus amigos discutiram longamente a proposta britânica; ele finalmente decidiu que não poderia aceitar isso. O que ele tinha em mente era um exército valente, algo que atrairia os judeus para um movimento nacionalista.

base para ajudar na conquista de suas terras ancestrais. Agora tudo o que lhe foi oferecido foi uma unidade de trabalho não-combatente, obrigada a trabalhar em qualquer frente remota. E o nome! Uma mula é meio burro; um Zion Mute Corps parecia ridículo. Mas centenas de refugiados decidiram aceitar. Afinal, que diferença fez em que frente eles lutaram contra os turcos? Além disso, em tempo de guerra não existe uma linha rígida e rápida entre os elementos militares, eles certamente receberiam treinamento militar e assistiriam ao combate. No final, 562 dos Muleteers lutaram em Gallipoli.

Reacção Judaica Mundial à Guerra A

imensa maioria dos Judeus do mundo eram pró-Alemanha ou eram socialistas que se opunham tanto à Entente como às Potências Centrais. Na Grã-Bretanha e em França, os judeus nativos identificavam-se com o seu país de nascimento, mas o grupo muito maior de imigrantes, recém-saídos da prisão czarista, via a Grã-Bretanha e a França estritamente como aliados do czar e opôs-se à guerra desde o seu início. Na América como um todo, os milhões de recém-chegados eram a favor da saída da guerra e muitos aplaudiram a vitória alemã em Tannenburg e os subsequentes avanços alemães na Polónia e na Lituânia. Certamente, na própria Rússia, a grande maioria dos judeus opôs-se ao esforço de guerra e com perfeita razão. Os generais derrotados tiveram de explicar a si próprios e ao público porque é que os seus exércitos tinham sido esmagados, e rapidamente culparam os infelizes judeus, alegando que eram todos espiões alemães.
Logo, os judeus estavam sendo oficialmente executados como agentes alemães, e os pogroms tornaram-se comuns na vida militar russa. Por fim, cerca de 600 mil judeus foram deportados para leste, fora do Pale, e só os rápidos avanços dos alemães salvaram ainda mais judeus do mesmo destino. Dadas as circunstâncias, a maioria dos sionistas russos partilhava o ódio universal pela guerra e desejava nada mais do que uma libertação rápida e o aparecimento dos salvadores teutónicos.
A WZO foi oficialmente neutra, um escritório foi aberto em Copenhague, mas o vital Akrionskomitee permaneceu em Berlim. e não há dúvida de que os principais líderes queriam que os alemães vencessem. Das figuras centrais, apenas Chaim Weizmann e Nahum Sokotow eram pró-Aliados. 78 A WZO ainda não percebeu que a dinastia otomana estava condenada; menos ainda que o Hohenzotlern também seria expulso de seu trono. Eles usaram o governo alemão como intercessor junto aos turcos para um tratamento mais misericordioso aos sionistas russos na Palestina. Era do interesse da Alemanha ajudá-los: a opinião mundial condenou Berlim pelo seu fracasso em intervir quando os seus amigos islâmicos destruíram a comunidade arménia, e ajudar os judeus contribuiu muito para expiar o seu silêncio anterior - pelo menos aos olhos de alguns jornalistas judeus. na América, que a Wilhelmstrasse ainda esperava manter fora da *confusão europeia.* A WZO foi autorizada a utilizar a mala diplomática alemã na comunicação com o Bureau Político em Constantinopla e com o movimento na Palestina, como recompensa por manter o escritório central em Berlim. 79 Jabotinsky tentou convencer a WZO a apoiar a ideia da

Legião, viajando para Copenhaga para apresentar o seu caso, mas os resultados foram exactamente o oposto do que ele esperava. O Comité de Acções votou pelo repúdio de toda a propaganda da Legião: temiam que os turcos retaliassem o que restava da comunidade sionista na Palestina. O verdadeiro grau do compromisso de Jabotinsky com a Legião pode ser avaliado pelo facto de ter sido em Malmö, na Suécia, entre todos os lugares, que o fanático oponente do iídiche proferiu relutantemente o seu primeiro discurso público – sobre a Legião – na língua odiada. 80

Discussões na Rússia

Ele passou da Escandinávia para a Rússia no verão de 1915. Em julho, o governo proibiu, pela primeira vez, o uso de caracteres hebraicos, eliminando assim a imprensa hebraica e iídiche. Nessas circunstâncias, ele não conseguiu convencer os líderes sionistas locais a apoiar as suas ideias.
Eram patriotas burgueses ao contrário – nada fizeram para organizar uma resistência judaica para combater a nova repressão, depositando todas as suas esperanças numa vitória alemã. Eles também temiam o efeito que os seus esforços teriam sobre a segurança dos seus amigos na Palestina. Mas mesmo que tenha sido chamado de traidor pelos seus antigos camaradas, foi um sucesso junto do funcionalismo czarista.

---

78 Livneh, Alemanha: Relações com o Sionismo e Israel, *Enciclopédia do Sionismo e Israel,* Vol.1, p.383.
79 Ibid., p.384.
80 Schechtman, *Rebelde e estadista,* p. 214.

cometeu um erro na questão dos Mules. O Ministério das Relações Exteriores de São Petersburgo ouviu falar deles por meio de seu homem em Alexandria e ficou impressionado. Na altura, Jabotinsky não se atreveu a discutir as suas ligações com o regime, mas mais tarde escreveu sobre elas abertamente no seu livro:

> Foi aquele batalhão de burros de Alexandria, ridicularizado por todos os espíritos de Israel, que abriu diante de mim as portas dos escritórios do governo em Whitehall. O Ministro dos Negócios Estrangeiros em São Petersburgo escreveu sobre isso ao Conde Benkendorf, o Embaixador Russo em Londres; a Embaixada Russa encaminhou relatórios sobre o assunto ao Ministério das Relações Exteriores britânico; o Conselheiro-Chefe da Embaixada, o falecido Constantine Nabokov, que posteriormente sucedeu ao Embaixador, organizou as minhas reuniões com os Ministros Britânicos. 81

Jabotinsky era um agente pago do czar? Não há evidências de que ele tenha sido, nem de que alguma vez tenha recebido dinheiro de alguém em sua carreira. Mais tarde, ele defendeu sua colaboração com os Romanoff aplicando erroneamente a máxima de Mazzini. Ele estava apenas a alargar a lógica da sua defesa anterior do papel de Herzl face a Plehve. Podia também apontar para os crimes dos turcos contra o Yishuv (colonato) e para o facto de ter de tirar partido da sua certeza de que seriam derrotados em quaisquer circunstâncias. Mas ele se tornou muito mais do que um propagandista da sua própria causa legionária. Os britânicos foram obrigados pelos russos a declarar publicamente o seu apoio a uma tomada de poder russa em Constantinopla. Não só os judeus e os esquerdistas, mas até mesmo muitos imperialistas britânicos, bem como os gregos, pensaram que isto estava a dar aos incompetentes de São Petersburgo muito mais do que mereciam. Jabotinsky trabalhou para quebrar a resistência pública à aquisição. No seu livro de tese de 1917, A Turquia e a Guerra, essencialmente um absurdo intelectual que proclamava que o problema turco era a questão central da guerra, ele disse educadamente, mas sem rodeios, as suas esperanças em termos de patronos imperiais:

> Contudo, notamos mesmo agora uma forte aversão instintiva na mente inglesa média à Rússia ter Constantinopla e o Estreito. Chegou a hora de insistir numa revisão justa e completa deste sentimento hereditário. 82

Embora os russos tivessem provado a sua incompetência na guerra contra o Japão, e ele tivesse visto pessoalmente a intensa oposição dos trabalhadores ao regime, Jabotinsky estava completamente convencido de que o império se expandiria para conquistar a Galiza aos Habsburgos. Os czaristas não se limitaram a organizar pogroms esporádicos na invasão da província, mas removeram sumariamente todos os judeus dos cargos eleitos nos municípios conquistados, e Jabotinsky previu que os judeus de Constantinopla também perderiam os seus direitos durante os próximos 30 anos. 83 Ele viu as fraquezas dos otomanos e lutou contra eles, porque queria que eles caíssem no interesse do sionismo. Ele ignorou as fraquezas igualmente óbvias dos Romanoffs, que viu novamente em primeira mão na sua viagem pelo império em 1915, porque queria o seu apoio ao sionismo. O *eixo mundi* do seu sionismo era que os judeus não podiam resolver o problema do anti-semitismo na diáspora, portanto a recriação de um estado judeu era a coisa mais importante na vida judaica. Ele tem sido visto como um fanático inteligente: sua compreensão da política geral era de minimis; ele leu sobre outros tópicos além dos judeus, mas as preocupações judaicas e os interesses literários e linguísticos consumiram tanto de seu tempo que ele realmente não estudou seriamente assuntos políticos gerais. Ninguém pensaria hoje em republicar as suas opiniões sobre uma única questão política que não tocasse a sua estreita especialidade sionista. Para ele, a terra de Israel era mais importante que o povo de Israel. Em seu livro do pós-guerra sobre a Legião, ele expressou seus sentimentos com bastante franqueza:

> A meu ver, a questão era absolutamente clara: o destino dos judeus na Rússia, na Polónia e na Galiza, muito importante sem dúvida, era, se visto apenas na perspectiva histórica, algo temporário em comparação com a revolução na vida nacional judaica que o o desmembramento da Turquia nos traria. [84]

81 Jabotinsky, *História da Legião Judaica,* p.74.
82 Jabotinsky, *Turquia e a Guerra,* p.171.
83 Schechtman, p.229.
84 Jabotinsky, *História da Legião Judaica,* p.30.

O seu desejo de uma derrota turca levou-o, inexoravelmente, a favorecer uma vitória russa. Em 21 de janeiro de 1917, pouco mais de um mês antes da queda do czar, ele entregou o manuscrito final de seu livro A *Turquia e a Guerra.* Nele ele escreveu sobre a frente russa:

> Mesmo aí, esperamos, a Alemanha já não terá a oportunidade de administrar golpes perigosos, e talvez algum dia ainda testemunhemos um renascimento da ofensiva russa. 85

Embora não tivesse motivos para saber disso na época, quando deixou a Rússia, em agosto de 1915, nunca mais o veria. Ele tinha o que precisava para convencer os britânicos a criar a Legião: o apoio dos czaristas.

A Grã-Bretanha e a Campanha de Petições para a Legião

O anti-semitismo dos seus aliados russos tornou-se uma responsabilidade distinta para o governo britânico, tanto no país como no estrangeiro. Os filhos da Grã-Bretanha estavam a ser massacrados nas trincheiras, mas havia milhares de jovens judeus russos a passear pelas ruas de Londres. Teoricamente, o governo poderia ter permitido que o exército russo estabelecesse unidades na Grã-Bretanha (como permitiu aos polacos na Segunda Guerra Mundial), ou poderia ter tentado deportar os judeus para a Rússia através da Escandinávia, mas os políticos o fizeram. não ousamos implementar políticas tão descaradas. Estes judeus tinham migrado da sua terra natal para fugir do anti-semitismo e em nenhuma circunstância lutariam pelo regime do pogrom. Até mesmo muitos reaccionários britânicos simpatizaram com eles. O que Jabotinsky ofereceu às autoridades foi uma solução parcial para o seu dilema. Se montassem uma Legião, tirariam alguns dos jovens das ruas e vestiriam uniformes. Havia apenas um pequeno problema: os judeus não estavam mais interessados em morrer pelo aliado da Rússia do que em lutar no exército do czar. Um elemento substancial da comunidade judaica de Londres tornou-se altamente radicalizado como resultado da sua experiência na Rússia e, como resultado, não tinha ilusões sobre a verdadeira natureza do imperialismo britânico ou do capitalismo em geral. A partir do momento em que ele começou a defender publicamente a Legião, os judeus se opuseram veementemente a ele. Mais tarde, Jabotinsky admitiu que a principal preocupação de todos era não serem convocados e que o homem que queria que eles se juntassem à Legião Judaica era o "inimigo número um". 86

Jabotinsky tentou construir o apoio judaico para a ideia da Legião com uma campanha de petições, mas isto provou ser um fracasso. Em suas notas biográficas não publicadas, ele escreveu mais tarde que o caso "terminou em tumultos, desgraça e fracasso". 87 Sem a ameaça de recrutamento que enfrentavam – não sendo súbditos britânicos, a ameaça não se aplicava a eles – era impossível convencer os trabalhadores judeus a voluntariarem-se para morrer numa guerra imperialista.

No seu livro, Jabotinsky acusou Georgi Chicherin, que mais tarde se tornaria o segundo comissário soviético dos Negócios Estrangeiros, de mobilizar a esquerda emigrada contra ele. Não havia dúvidas sobre a eficácia da interrupção. A sua primeira reunião pública foi silenciosa, mas apenas porque os esquerdistas presumiram que havia polícia à espreita. Quando perceberam que Jabotinsky e seus poucos amigos estavam agindo sozinhos, começaram a atacar 30 de cada vez com assobios. Eventualmente, os comícios da Legião terminaram em brigas, com Jabotinsky tendo seus óculos quebrados e tendo que fugir de sua última palestra com

trabalhadores irados em seu encalço. 88 Após o desastre de Gallipoli, os Mules foram devolvidos a Alexandria e desmobilizados, mas 120 realistaram-se no final de 1916 e foram trazidos para a Grã-Bretanha, onde foram designados para o 20º Batalhão de Londres. Jabotinsky juntou-se a eles como soldado raso em janeiro de 1917. Mas sem recrutamento não poderia haver Legião. A ruptura de Jabotinsky veio, paradoxalmente, como resultado da derrubada do czar que ele supunha ser um dos vencedores da guerra. O novo governo estava determinado a permanecer na guerra, e agora que o anti-semitismo oficial foi abolido, o governo de São Petersburgo ousou arriscar politicamente apoiar o recrutamento dos seus súbditos na Grã-Bretanha. O Embaixador convocou Jabotinsky para uma consulta:

---

85 Jabotinsky, *Turquia e a Guerra,* p.252.

86 Schechtman, p.224.

87 Ibid., p.232.

88 Ibidem.

> Entre os judeus estrangeiros existem duas opiniões. Uma é a da maioria em Whitechapel – Não. A outra é a dos meus amigos e a minha – Sim... É tolice esperar que Whitechapel demonstre subitamente um desejo de guerra quando o cidadão comum britânico já perdeu esse desejo. 89

Em agosto, Jabotinsky conseguiu o que queria: o recrutamento de seus colegas judeus russos e, em 23 de agosto, o estabelecimento oficial da Legião. Os comícios de recrutamento foram reiniciados. Desta vez, com a Legião agora tendo apoio oficial e 60 ex-Mulas atuando como força de proteção, as reuniões não foram perturbadas. Mas a Legião sempre teve a oposição da imensa maioria dos judeus russos na Grã-Bretanha. Apenas algumas centenas de pessoas se juntaram à unidade por conta própria, a maioria dos 38º Fuzileiros Reais eram recrutados que odiavam Jabotinsky por seu apoio ao recrutamento. Mais de 20 mil judeus optaram por repatriar-se para a nova Rússia em vez de servir no exército imperialista. [90]

A Declaração Balfour Os britânicos não se tornaram subitamente pró-sionistas por causa do filo-semitismo. Decidiram finalmente apoiar a Legião e, em Novembro, emitiram a Declaração Balfour, anunciando a sua intenção de estabelecer um lar nacional para os Judeus na Palestina, por aquilo que consideravam necessário. Em 1936, David Lloyd George, o primeiro-ministro na época da decisão de patrocinar o sionismo, revelou a opinião do gabinete em 1917:

> O exército francês tinha-se amotinado, o exército italiano estava às vésperas do colapso e a América mal tinha começado a preparar-se a sério... Era importante que buscássemos toda ajuda legítima que pudéssemos obter. Chegamos à conclusão, a partir de informações que recebemos de todas as partes do mundo, que era vital que tivéssemos a simpatia da comunidade judaica... Eles foram úteis na América e na Rússia, que naquele momento estava apenas saindo. e nos deixando sozinhos.91

A derrubada do Czar e a Declaração Balfour reorientaram a liderança da WZO.
Embora os sionistas alemães nunca tenham parado de tentar, como realmente eram os bons alemães, fazer com que o Kaiser e o sultão esmagassem a estratégia britânica, a maioria dos sionistas também de repente viu as virtudes do Império Britânico e fez tudo o que pôde para ajudar a Entente. . Os sionistas de Poole, que originalmente tentaram construir uma Legião para os turcos, e depois mudaram, pelo menos na América, para uma posição anti-guerra, tornaram-se agora agentes de recrutamento para a Grã-Bretanha na América, apelando ao sangue judeu para "a realização do nosso santo ideal". 92 No final da guerra, aproximadamente 11.000 homens serviram na Legião, sendo 34% provenientes das Ardósias Unidas: 30% juntaram-se quando a Legião chegou à Palestina; 695 vieram do Canadá; 1% da Argentina: e apenas 28% da Grã-Bretanha, sendo a maioria deles recrutas. (Aproximadamente 560 voluntários para as Mulas, 1.500 serviram na invasão, 5.000 fizeram parte da ocupação pós-guerra e outros 5.000 estavam em treinamento quando a guerra terminou.)
Yosef Trumpeldor, o principal organizador dos Mules, regressou à Rússia para tentar convencer o governo Kerensky a criar um exército judeu de 75.000 homens para lutar na frente do Cáucaso. Eles deveriam abrir caminho através da Armênia turca e da Mesopotâmia e depois acabar na Palestina.
Trumpeldor até obteve o consentimento, em princípio, de Kerensky para a sua fantasia. O seu esperado exército desapareceu na história com a revolução bolchevique. No final, o imperialismo britânico pouco ganhou com o seu acordo com os sionistas: a América entrou na guerra e a Rússia saiu da guerra – nenhum deles reconhecendo o papel dos sionistas. Em termos práticos, a Declaração Balfour e a Legião ganharam-lhes 5.000 soldados, nada mais – e a inimizade do mundo árabe.

A Legião na Palestina A Legião viu poucos combates. Chegaram à Palestina em junho de 1918 e passaram o verão nas colinas perto de Nablus. Jabotinsky, nessa época tenente, liderou patrulhas noturnas pela mata e ocupou uma aldeia deserta. Os seus homens foram enviados para o vale do Jordão durante sete semanas – ele descreveu o calor ali como purgatório e Geena – e finalmente, a 23 de Setembro, a sua companhia tomou o rio Jordão.

---

89 Jabotinsky, *História da Legião Judaica,* pp.91-2. 90
Simha Flapan, *Sionismo e os Árabes,* p.102.
91 Grã-Bretanha – O Emancipador da Arábia e da Mesopotâmia – Lloyd George, *Palestine Post,* 26 de junho de 1936. 92
Joseph Rappaport, *Sionism as a Factor in Allied-Central Power Controversy (1914-18), Early History of Sionism in America,* p. 298.

vau em Umm-esh-Shert dos turcos em retirada. No relato de Jabolinsky sobre suas aventuras, a malária parece ter sido mais inimiga do que os turcos desclassificados. Jabotinsky nunca fingiu que o seu papel pessoal, ou o da Legião, fosse mais do que realmente era. Não seria culpa deles se não tivessem mais participação na conquista, pois eram apenas um pequeno contingente no exército de Allenby. Nós nos concentramos neles hoje porque conhecemos a história futura do país, mas para Allenby, então, eles eram apenas mais um distanciamento. Os italianos insistiram em ter 1.000 soldados na tomada do país, para proteger os seus interesses. Havia um contingente arménio e os árabes sob o comando de Lawrence eram uma parte vital do pensamento estratégico de Allenby. Ele estava conquistando a Palestina para a Grã-Bretanha. A Declaração Balfour foi apenas mais uma peça diplomática, nada mais.

Para Jabotinsky, o verdadeiro papel da Legião só poderia começar depois que os turcos fossem expulsos. Jabotinsky foi um colonialista consciente e consistente. Os turcos iriam, mas depois apareceriam os árabes. Se os sionistas quisessem desempenhar um papel nos assuntos militares, teriam de pelo menos ajudar na guarnição do local. Aqui começa suas lamentações. O funcionalismo britânico local não tinha simpatia pelo lar nacional. Desde o início eles enviariam a Legião para Jerusalém.

Eles não pediram uma Legião Judaica. Eram da escola do Cairo, dos arabistas, da sua Legião, das forças de Faisal, filho do xerife de Meca, cujos bandos prestaram o serviço crucial de cortar a linha férrea Damasco-Héjaz, isolando assim irremediavelmente os turcos e desmoralizando os seus especialistas alemães. . O exército britânico não precisava dos futuros serviços da Legião agora que a guerra terminara; nenhuma outra preocupação com as atitudes dos judeus americanos e russos perturbou o governo britânico, e eles começaram a desmobilizar a Legião. Jabotinsky travou uma ação desesperadora de retaguarda para manter sua unidade unida, mas ela estava condenada desde o início. Os homens da unidade, principalmente do East End de Londres, não estavam interessados na Terra dos seus Antepassados, tudo o que queriam era voltar para as suas famílias, ao contrário de Jabotinsky, que se via como um cavaleiro judeu cruzado, eternamente vigilante. Eles compreendiam que ele era um spieler poderoso, mas viam os sionistas palestinianos, como Jabotinsky teve de admitir, simplesmente como "tolos", e a própria Palestina como uma parte do além, como provavelmente qualquer londrino teria feito. 93 Os americanos, apesar de terem sido imigrantes recentes, estavam igualmente ansiosos por regressar a casa. Os palestinos eram terapeutas da terra Poalistas, semelhantes a um culto: eles viam os árabes como os primeiros americanos viam os índios, a luta era inevitável, mas eles lutariam contra eles como agricultores e não como a 7ª Cavalaria. Assim, também eles queriam ser desmobilizados, mas na Palestina, imediatamente, para que pudessem participar nas oportunidades pioneiras abertas pela eliminação dos turcos. Certamente Jabotinsky, que nunca fez nada pela metade, não fez nada para tornar a si mesmo ou a ideia da Legião querido pelas tropas por meio de sua mentalidade fanática de cuspir e polir. Seus homens cresceram no shtetl com sua miséria, mas Jabotinsky se tornou um martinete que batia os calcanhares. Ele era incapaz de compreender que ser um homem alistado era desagradável para qualquer pessoa acostumada com a desordem que muitos judeus então consideravam natural. A Legião cambaleou, mas os homens ficaram cada vez mais indisciplinados. Numa reunião no verão de 1919 ele os alertou que a Legião era vital para a colonização do país, os árabes não acreditavam que as tropas indianas, em sua maioria muçulmanas, que constituíam cerca de metade da guarnição, iriam combatê-los para protegê-los. judeus infiéis, mas ele apenas enfureceu os homens ao anatematizar todos os que queriam abandonar a Legião como "traidores do seu povo". 94 Nessa altura, visto como um intrometido pelos britânicos e um militarista excêntrico pelas suas próprias tropas, Jahotinsky ainda não conseguiu reconhecer o facto de que a sua utilidade tinha acabado. Ele foi salvo do repúdio total por parte de seus próprios homens pela decisão do exército de desmobilizá-lo em agosto de 1919, após 30 meses de serviço. Ele lutou contra a ordem até o fim, mas foi informado de que, se não aceitasse imediatamente, o exército não teria outra escolha senão discipliná-lo.

O significado da guerra e dos esforços de Jabotinsky A partir de então, o militarismo de Jabotinsky seria sempre privado e político; na sua reforma forçada vemos o início de toda a sua futura relação com os britânicos: à direita deles.

Os veteranos da Legião sempre se referiram a ela como o “exército judeu esquecido” e, para o mundo em geral, a Primeira Guerra Mundial tornou-se a “grande guerra esquecida”. Nos EUA o Tio Sam quer

---

93 Jabotinsky, *História da Legião Judaica,* p.160.
94 Schechtman, p.276.

Cartazes de recrutamento serviram de material para duas gerações de cartunistas. Mas os historiadores ainda não fizeram o suficiente para fazer com que o público letrado de hoje compreenda plenamente que a Primeira Guerra Mundial significou o colapso, talvez o início do fim, da nossa civilização industrial. Embora os líderes de todos os estados em guerra, e não apenas os perdedores, nos pareçam peças de museu, há algo que falta na nossa rejeição dos líderes da Primeira Guerra Mundial como retratos pitorescos numa velha rotogravura. O nosso sentimento de humor desligou-se da realidade da guerra para tornar o mundo "seguro para a democracia". Lloyd George era um assassino: tanto os aliados como as Potências Centrais massacraram entre 10 e 13 milhões de almas, tudo com um único e mesmo objectivo: tornar o elemento governante do seu estado ainda mais rico. Muita coisa aconteceu desde então, coisas monstruosas que teriam feito até mesmo alguns deles empalidecer, mas todas e cada uma das instituições sobreviventes que apoiaram essa carnificina – como aconteceu com os partidos Republicano e Democrata na América, os Conservadores e os Liberais na Grã-Bretanha, todos os partidos social-democratas os partidos que abandonaram o internacionalismo pelo social-patriotismo marcaram-se para sempre como traidores da civilização. É crucial perceber que nenhum destes factores se redimiu nos anos seguintes. Um crime de tal magnitude surgiu da sombria realidade de que estas facções representam classes fundamentalmente antiquadas e antagónicas aos interesses da humanidade. Até ao momento, as instituições sobreviventes responsáveis pelo que parece ser parte dos mortos e do passado ainda agem, sem vergonha, contra as massas no mundo moderno. O mesmo aconteceu com o sionismo que, através da Legião de Jabotinsky, atrelou-se ao rolo compressor da carnificina imperial.

Só existe uma palavra que pode ser usada com precisão para descrever Jabotinsky durante a guerra: um traidor. Aos Judeus da Rússia, aos Judeus da Grã-Bretanha, à democracia, à liberdade, à humanidade. Que um judeu que colabora com um governo enquanto este enforca judeus enquanto judeus sob falsas acusações de espionagem é um renegado é tão evidente que não requer mais elaboração. O mesmo aconteceu com Jabotinsky, que colaborou com os britânicos na perseguição aos trabalhadores do East End. E, finalmente, o Jabotinsky que colaborou com o Império Britânico na conquista da Palestina Árabe, foi igualmente um traidor: da democracia, do direito de cada nação à autodeterminação. O facto de ele ter feito tudo isto por uma causa ideológica e não por moeda vil, como aconteceu com os Lloyd Georges e os ricos dos vários impérios, não muda nada e não justifica nada. Ele era um fanático, preparado para traficar com os inimigos do seu povo em prol daquilo que considerava mais importante do que os seus direitos ou mesmo as suas vidas. Quando os seus actuais seguidores nos dizem que ele era um herói sionista, um construtor de nação obrigado a usar os poderes que existem para o seu propósito, tudo o que eles estão a fazer, na realidade, é avisar-nos antecipadamente de que eles, tal como ele, são preparados para trair a humanidade pelo bem do seu estado sionista.

5. O Fundador da Haganá

Sionismo Após a Primeira Guerra Mundial

A dispensa do exército deixou Jabotinsky livre de todas as responsabilidades no movimento sionista. Enquanto ainda estava no serviço militar, ele também atuou como representante político da Comissão Sionista criada como elemento de ligação entre as comunidades britânica e judaica dos países Aliados. Mas rapidamente se tornou claro que a sua concepção de como deveria ser a relação entre o sionismo e a Grã-Bretanha diferia tão fundamentalmente da de Weizmann que ele teve de ser destituído do seu posto mesmo antes de ser dispensado do exército. Jabotinsky sempre foi a favor de pressionar Londres em todas as questões para obter o máximo de concessões; A estratégia de Weizmann foi exatamente oposta.

Poucos movimentos políticos deste século tiveram um líder de longa data tão moderado como Weizmann. Ele não estava com pressa; a Declaração foi a vitória crucial, sem dúvida, mas ele sabia que a construção de Sião levaria décadas – se os britânicos não lhes dessem tudo de uma vez, não importava. A provação da tirania turca durante a guerra enfraqueceu gravemente o sionismo palestiniano, tanto numericamente como financeiramente, e o dinheiro não pôde ser obtido dos judeus da Europa Oriental, atormentados pela devastação e pelos pogroms que acompanharam a revolução russa e o estabelecimento de uma Polónia independente. Os judeus americanos, profundamente envolvidos com os problemas dos seus parentes na Europa, não estavam dispostos a desviar fundos de ajuda para o que consideravam pouco melhor do que um museu nacional. Weizmann não só tentou manter boas relações com a Grã-Bretanha, mas voltou-se diplomaticamente para os árabes, que considerava principalmente preocupados com a possibilidade de Faisal estabelecer um reino na Síria. Por sugestão de Allenby, ele fez uma viagem então imensamente difícil ao redor do Sinai para encontrar o emir na Transjordânia. Por fim, em 3 de janeiro de 1919, os Hachemitas assinaram um acordo para reconhecer os sionistas na Palestina, embora o pacto nunca mencionasse explicitamente um Estado judeu. Em troca, Faisal esperava o apoio sionista à sua reivindicação sobre a Síria e o acordo deles estava condicionado ao seu sucesso em Damasco. No final, os franceses expulsaram-no da Síria e o tratado não deu em nada, embora a WZO nunca tenha deixado de usar o pacto como um dos seus títulos de propriedade da Palestina.

Apoio Britânico

Naqueles primeiros anos, a posição sionista na Palestina dependia completamente da boa vontade do governo britânico e a benevolência da Grã-Bretanha para com o sionismo estava na proporção inversa da sua hostilidade para com os judeus como tais. A burguesia britânica tornou-se anti-semita em reacção à migração judaica do império czarista, sendo a sua figura mais representativa a este respeito o próprio Balfour.

Sendo primeiro-ministro em 1905, ele fez uma declaração notória em apoio à contenção da imigração.

De acordo com Hansard, ele afirmou que

> ele sem dúvida pensava que poderia facilmente ser imaginado um estado de coisas em que não seria vantajoso para a civilização do país que houvesse um imenso corpo de pessoas que, por mais patrióticas, capazes e trabalhadoras, por mais que se dedicassem na vida nacional, ainda assim, por sua própria acção, permaneceram um povo à parte e não apenas mantiveram uma religião diferente da grande maioria dos seus compatriotas, mas apenas casaram entre si. 95

Foi o seu governo que ofereceu "Uganda" a Herzl na esperança de que o protetorado desviasse parte da migração da Grã-Bretanha. Em 1914 depois de conhecer Balfour pela segunda vez

95Hansard , 1905.

Weizmann escreveu a um amigo que "o ex-primeiro-ministro me disse que certa vez teve uma longa conversa com Cosima Wagner em Bayreuth e que compartilhava muitas de suas ideias anti-semitas". 96 A revolução bolchevique, que ocorreu poucos dias após a Declaração, foi vista pela maior parte da classe dominante como uma conspiração judaica. Embora na própria Grã-Bretanha o anti-semitismo oficial nunca tenha ultrapassado as restrições à imigração e a discriminação social, o governo britânico não teve escrúpulos em financiar e armar as hordas de pogroms da Guarda Branca na Rússia, assumindo assim a responsabilidade fundamental pelo massacre de pelo menos 30.000 judeus. O sionismo foi visto como outra ferramenta contra o bolchevismo: num artigo de 1920, *Sionismo versus Bolchevismo,* Churchill escreveu que Trotsky odiava o sionismo porque frustrou os seus esquemas de um "estado comunista mundial sob dominação judaica". 97 Para Churchill, o sionismo ajudou a frustrar Trotsky, direcionando as energias e as esperanças dos judeus em todos os países para um objetivo mais simples, mais verdadeiro e "muito mais alcançável". 98 De um ponto de vista puramente colonial, o sionismo tinha um apelo adicional: a classe dominante
britânica jurou pela máxima *divide ut impera* e procurou sempre um aliado local. Confiaram nos muçulmanos na Índia contra a maioria hindu, nos turcos em Chipre contra os gregos, nos malaios contra os chineses na Malásia. Constantemente diante dos seus olhos estava o exemplo imediato da Irlanda. Sir Ronald Storrs, seu primeiro governador militar de Jerusalém, escreveu mais tarde que o empreendimento sionista foi aquele que abençoou tanto aquele que deu quanto aquele que recebeu, ao formar para a Inglaterra "um pequeno Ulster judeu leal em um mar de arabismo potencialmente hostil". 99

A Palestina Depois da Guerra

O exército na Palestina tinha uma imagem diferente dos sionistas e dos judeus; o seu anti-semitismo era muito mais grosseiro. *Os Protocolos dos Sábios de Sião* foram introduzidos no país por oficiais recém-saídos dos exércitos antibolcheviques no Cáucaso. Muitas autoridades viam os sionistas não como inimigos do comunismo, mas como comunistas. Afinal, raciocinaram eles, a maioria dos sionistas também não era da Rússia? Muito poucos militares no local – e não apenas os anti-semitas – poderiam aceitar a imagem de um "Ulster Judeu". Lá, os protestantes eram maioria em quatro condados contíguos, um milhão de pessoas, 23% dos 4,3 milhões de habitantes da Irlanda. Havia apenas 56.090 judeus na Palestina em 1917, uns insignificantes 8% da população, e constituíam a maioria em apenas duas cidades, Jerusalém e Tiberíades, no Mar da Galileia. E cerca de metade dos judeus eram chassidim que abominavam o sionismo como a heresia mais grosseira. Os protestantes da Irlanda do Norte poderiam, com o mínimo de assistência britânica, defender-se – mesmo sem a assistência britânica, o nacionalismo irlandês teria tido dificuldade em ganhar uma posição no Ulster – mas todos compreenderam que o minúsculo Yishuv sionista teria sido empurrado para o Mediterrâneo pelos palestinianos. e os milhões de árabes nos países vizinhos, mas pela presença das tropas protetoras britânicas. A diferença quantitativa entre as populações pró-imperialistas do Ulster e da Palestina era tão substancial que as duas situações não eram comparáveis, certamente não naquela altura. Desde o início da ocupação britânica houve esta contradição entre a visão de Westminster de um Ulster judeu – ou de um Gibraltar judeu, como disse certa vez o Coronel Patterson, comandante da Legião de Jabotinsky – e a realidade prática, facilmente sentida pelos sátrapas militares, de que o Os árabes eram a verdadeira força no país. A administração local sabia que não tinha de fazer nada pelos sionistas, que não podiam fazer nada para os prejudicar e eram totalmente dependentes deles.

O pacto de Weizmann com Faisal foi concebido para encontrar um apoio adicional para o sionismo, fazendo um acordo com a classe feudal da sociedade árabe mais ampla do Médio Oriente, à custa da classe dos proprietários locais. O pacto não deu em nada quando os franceses expulsaram o pretendente de Damasco, mas, mesmo que o seu reino alguma vez tivesse surgido, é impossível acreditar que os palestinianos se teriam considerado vinculados pela sua assinatura num tratado que assinava a saída do seu país. Ao contrário de Weizmann, Jabotinsky nunca teve a noção de que Sião pudesse surgir como resultado de um acordo de paz com qualquer árabe. Ele reconheceu prontamente que apenas os britânicos impediram os nativos de expulsar os sionistas do país, mas isso tornou-se o ponto de partida da sua determinação em

96 Leonard Stein (ed), Weizmann, *Cartas,* vol. VII, pág.81. 97
Winston Churchill, Sionismo versus Bolchevismo, *Illustrated Sunday Herald,* 8 de fevereiro de 1920, p.5. 98
Ibidem.
99 Ronald Storrs, *Orientações,* p.405.

manter constantemente a pressão sobre os britânicos. Ele insistiu que no momento em que os árabes vissem que os britânicos tinham a menor hesitação em implementar as suas promessas de construir a casa nacional, começariam a exercer a mais forte contrapressão na esperança de fazer Londres abandonar a Declaração. Portanto, argumentou incansavelmente, os sionistas não tiveram outra escolha senão exigir inabalavelmente que os britânicos os apoiassem ao máximo.

Nahum Goldmann salientou certa vez, correctamente, que se as potências tivessem decidido, cem anos antes, criar um Estado sionista, os árabes nada poderiam ter feito para os deter, pois eram, então, pouco mais do que membros de tribos. E se, sustentou ele, a Declaração Balfour não tivesse surgido naquele momento, mas fosse concedida, digamos, em 2017, não haveria absolutamente nenhuma chance de seu cumprimento porque uma nação árabe unida poderia facilmente resistir a tal imposição. . O nacionalismo árabe pós-Primeira Guerra Mundial estava muito mais próximo do seu passado do que do seu futuro. Com excepção de três Estados fracos da Península Arábica, Hejaz, Nejd e Iémen, todo o mundo árabe estava sujeito à Europa. A Palestina Árabe, por si só, era socialmente incapaz de resistir eficazmente ao ataque combinado da Grã-Bretanha e dos Sionistas. A grande maioria da população era formada por camponeses analfabetos ou beduínos. Como praticamente não havia indústria no país além do nível artesanal, não existia uma classe trabalhadora moderna. A classe mercantil árabe, maioritariamente cristã, era muito fraca. Os proprietários muçulmanos dominantes, os effendis, eram levantinos clássicos, uma classe alta parasitária que nunca mobilizaria os camponeses contra os invasores por medo de que, uma vez que os seus inquilinos enfrentassem os britânicos ou os sionistas, se voltassem contra eles. Eles viam no imperialismo o protector perfeito da sua posição social, tinham aceitado plenamente a dominação turca e, se não fosse o estímulo permanente da Declaração Balfour, teriam ficado muito felizes em servir os seus novos senhores britânicos.

Não havia possibilidade de as massas palestinas não tentarem derrotar a política Balfour; sua falta de educação predeterminou a forma de resistência. Até os britânicos entregarem o país aos sionistas, nunca houve qualquer história de surtos antijudaicos. Sob os turcos, grande parte do campo foi entregue ao banditismo, mas nunca foi dirigido aos judeus como tais. Os peregrinos religiosos judeus vinham se estabelecendo no país há séculos e não encontraram nada pior do que um desprezo condescendente.

Todos que os encontraram, árabes, sionistas, viajantes cristãos, os britânicos, desprezaram-nos. O máximo em fanatismo, eles vieram rezar no Muro das Lamentações e morrer em solo sagrado. A maioria era idosa, não trabalhava e vivia vidas miseráveis com a escassa caridade dos judeus mundiais. Eles nunca hesitaram em implorar aos turistas bem no Muro. O bairro judeu da cidade velha de Jerusalém era uma caricatura das favelas judaicas da Europa, decrépitas e imundas. A Palestina era um país islâmico e os muçulmanos consideravam-nos cobardes e consideravam esta a sua característica mais ofensiva. Mas eles eram um povo do livro, o Alcorão insiste no seu direito à sua religião, não fizeram mal a ninguém e foram deixados sozinhos. Havia algumas famílias sefarditas cujos antepassados vieram séculos antes, não tanto como peregrinos, mas como refugiados de Espanha. Estes e alguns falantes de iídiche Ashkenazi que viviam em Tiberíades e algumas das outras cidades pequenas eram mais industriosos e, portanto, mais respeitados. A Palestina Sultânica não era um modelo de relações comunais, mas ninguém considerava os palestinos antijudaicos. Isto mudou com a Declaração Balfour. Embora alguns dos educados entendessem que nem todos os judeus eram sionistas, as massas analfabetas eram incapazes de fazer uma distinção tão subtil. Tudo o que sabiam era que, sem nenhum pecado seu, os novos governantes estavam entregando o seu país aos judeus.

Jabotinsky viu que os árabes estavam agitados e percebeu o perigo potencial. A princípio isso não o incomodou muito – havia legionários no exército e ele não tinha dúvidas de que os britânicos não permitiriam que os nativos saíssem do controle. Mas a sua dispensa e a desintegração da Legião, tanto de cima como de baixo, começaram a preocupá-lo. Ele sabia desde os tempos de Londres que as classes altas britânicas estavam marcadas pelo anti-semitismo. Mas enquanto os seus métodos se adequassem ao seu propósito, ele assumia o seu característico ar de indiferença maquiavélica. Wickham Steed, editor do *Times,* era intensamente antissemita, mas tinha sido um forte defensor da Legião. Ainda em 1928, Jabotinsky poderia escrever:

> Ele compreendeu a mentalidade do sionismo como poucos cristãos conseguem compreendê-la – o aspecto interior, espiritual e anti-assimilação... Naturalmente – como acontece com qualquer não-judeu que fala como um sionista – muitos judeus acusaram-no de anti-semitismo. Esta tendência entre os meus colegas judeus – ver um Hamã em cada gentio que se permite

> contar uma anedota judaica (e a sua anedota é geralmente um elogio açucarado em comparação com aqueles que contamos contra nós mesmos) – sempre foi completamente incompreensível para mim.[100]

Mas embora o anti-semitismo de Steed não tivesse violência pessoal, na Palestina alguns dos militares estiveram envolvidos com os Brancos na Rússia, muitos outros simplesmente sabiam que o sionismo tinha de gerar um pogrom, e acolheriam isso com agrado, acreditando que iria abalar das políticas pró-sionistas do governo britânico. Então poderiam prosseguir com a séria tarefa de chegar a um acordo com os effendis e os comerciantes ricos. Jabotinsky era russo e podia sentir o perigo de um pogrom: agora ele, que tinha trabalhado avidamente com os anti-semitas russos e britânicos, começou a denunciar os militares como anti-semitas! Em julho de 1919, o juiz da Suprema Corte Louis Brandeis, líder da Organização Sionista da América, veio fazer uma visita. Jabotinsky avisou-o de que a complacência do exército iria garantir um pogrom e que eles ficariam felizes em vê-lo acontecer. Mas Brandeis foi incapaz de acreditar no mal do exército britânico; ele dispensou Jabotinsky com um sarcasmo: "Senhor, só posso ver que não falamos uma língua comum." 101 Jabotinsky escreveu rapidamente um artigo dizendo que, embora não devessem gritar lobo, no entanto a sede sionista tinha de insistir que o governo britânico deixasse bem claro que o sionismo estava na Palestina para ficar e que nenhum pogrom seria tolerado. Weizmann e Brandeis eram demasiado moderados para alguma vez considerarem usar palavras fortes com os governantes de um órgão tão respeitável como o Império Britânico, e Jabotinsky rapidamente percebeu que cabia a ele estabelecer a resposta do próprio sionismo para o que ele sabia que estava para acontecer.

A Haganah Em
dezembro, ele convenceu alguns outros líderes sionistas palestinos de que eles deveriam criar uma Haganah ou Defesa. Estas organizações paramilitares pró-imperialistas são imediatamente confrontadas com a questão básica da sua relação com a legalidade, e Jabotinsky insistiu que treinassem abertamente, mesmo que algumas delas fossem presas. Os sionistas tinham que ter o direito de se defenderem no lar nacional judaico. A sua Haganah foi concebida para obrigar os imperialistas a integrarem os seus Orangemen judeus directamente no aparelho militar.
Desde o início, o exército sabia que a Haganah existia. Jabotinsky fez com que seus homens treinassem nas encostas do Monte das Oliveiras, sede da Administração do Território Inimigo Ocupado, e pediu a Storrs que nomeasse seus homens como policiais especiais. Storrs não fez nada para o encorajar ou desencorajar na construção da milícia, mas em Fevereiro, o governo britânico deixou bem claro aos árabes que pretendia apoiar o sionismo. Por ordem, o administrador-chefe leu oficialmente a Declaração Balfour para uma delegação de notáveis árabes, provocando milhares de pessoas às ruas.

A coroação de Faisal,
no motim de Nebi Musa, em Damasco, no dia 8 de Março, atraiu ainda mais pessoas e as autoridades proibiram novos comícios políticos. Mas o pogrom eclodiu em 4 de Abril, devido à gestão incompetente do tradicional festival religioso Nebi Musa. Até mesmo Weizmann, que por acaso estava visitando a Palestina, finalmente ficou preocupado com a possibilidade de a situação ficar fora de controle e foi até os britânicos com seus medos. O general Louis Bols disse-lhe para não se preocupar: "Não pode haver problemas; a cidade está cheia de tropas." 102 Porque naquele ano a Páscoa coincidentemente caiu no mesmo dia da cerimónia de Nebi Musa. Weizmann, apesar de toda a sua preocupação, deixou Jerusalém para passar o feriado em Haifa. Desenvolveu-se uma situação em que uma série de acidentes se entrelaçaram e causaram o desfecho trágico de Nebi Musa significa Tumba de Moisés. [Isso está incorreto. O verdadeiro significado é: o Profeta Moisés. Ed.] Os habitantes das cidades das regiões periféricas marchavam anualmente para Jerusalém para rezar na mesquita de al-Aqsa e depois deixavam a cidade para descer a Jericó para o tradicional túmulo do profeta de Alá, Moisés. Um contingente de Hebron aproximou-se de Jerusalém e entrou na estrada de Jaffa quando foi parado pelo prefeito de Jerusalém, Musa Kazim al-Husayni, que se dirigiu a eles de uma varanda em favor de Faisal. Os políticos mais jovens começaram a discursar com eles nas varandas adjacentes. A polícia, querendo recuperar o tempo perdido, mudou o percurso da marcha. Geralmente a procissão girava em torno do

---

100 Jabotinsky, *História da Legião Judaica,* p.80.
101 Schechtman, *Rebelde e Estadista,* p.321.
102 Weizmann, *Tentativa e Erro,* p.254.

paredes até o portão de Damasco e depois pelo bairro muçulmano até a mesquita. Desta vez foram desviados pelo Portão de Jaffa e os hebronitas passaram pelo bairro judeu. Pedras começaram a voar e logo lojas foram saqueadas e transeuntes judeus foram atacados. Os preparativos britânicos fracassaram imediatamente. Não havia policiais britânicos de serviço na cidade velha e o general responsável já havia partido para Jericó. Supunha-se que Storrs teria sido informado da chegada dos manifestantes, mas ninguém se lembrou de lhe avisar; no final, a força britânica no local consistia num destacamento policial árabe a cargo de um jovem tenente britânico.

Não havia homens da Haganah no bairro judeu: a maioria dos seus habitantes opunha-se veementemente ao sionismo, não queriam patrulhas ali, pois não queriam que os árabes os identificassem com os odiados sionistas. Quando o motim estourou, Jabotinsky expulsou suas forças da nova cidade, mas a essa altura as tropas britânicas já haviam bloqueado os portões, não permitindo que ninguém entrasse ou saísse. Por fim, a polícia e as tropas conseguiram empurrar os hebronitas para dentro da mesquita, mas o número final foi de seis judeus mortos, 211 feridos e duas mulheres violadas. A retaliação da Haganah deixou quatro árabes mortos e 21 feridos.
Nebi Musa foi um desastre profundo para a causa palestina. O assassinato de chassids inofensivos deu ao mundo uma impressão de ódio cego e fanatismo. O presidente da Câmara foi forçado a demitir-se e o governo britânico acelerou os preparativos para substituir a OETA por um governador civil firmemente empenhado nas suas políticas pró-sionistas. Mas, no momento imediato, a resposta da OETA foi um exemplo clássico de procedimento burocrático imperial: tentaram prender o parente do presidente da Câmara, al-Hajj Amin al-Husayni, de 25 anos, que escapou; e Jabotinsky, a quem foi permitido, como ex-oficial e cavalheiro, entregar-se a um status de prisioneiro político mais ou menos honroso.
Dezenove de seus homens também foram presos sob acusação de porte de arma.

O julgamento e a sentença de Jabotinsky Jabotinsky foi levado perante um oficial e seu secretário árabe, que perguntou, em árabe, seu nome. Quando ele permaneceu em silêncio, o secretário perguntou novamente, em francês, antes de finalmente passar para o inglês. Jabotinsky respondeu recusando-se até mesmo a responder em inglês: "Não responderei a um secretário do tribunal que pertence à tribo dos assassinos cujos ataques a pessoas inocentes, juntamente com pilhagens e estupros, ainda continuam." 103Ele foi mantido na solitária para que não pudesse se comunicar com seus homens antes de ser chamado como testemunha no julgamento. Eles foram considerados culpados e condenados a três anos. Seu julgamento, também um tribunal militar especial, foi realizado apenas seis dias após sua prisão; ele não recebeu advogado e o processo foi secreto. A acusação vasculhou os livros jurídicos otomanos, que ainda se aplicavam, para encontrar uma lei adequada para cobrir o caso e só conseguiu apresentar a acusação de se armar com a intenção maligna de praticar rapina e pilhagem. Jabotinsky não teve dificuldade em fazer com que Storrs e outras testemunhas admitissem que ninguém pensava que o homem que os procurara para implorar que os seus homens fossem nomeados tivesse qualquer intenção criminosa. No entanto, foi sumariamente condenado a 15 anos de prisão, o mesmo que dois árabes condenados por violação. Jabotinsky sabia que o caso acabaria sendo arquivado e, para começar, chegaram ordens de Londres para tratá-lo como prisioneiro político especial. Storrs foi à casa de Jabotinsky e trouxe-lhe suas roupas, e deixou Jabotinsky e sua esposa jantarem e beberem vinho em sua cela especialmente mobiliada.
Os prisioneiros sionistas e os dois violadores foram enviados para o Egipto para cumprirem a sua pena, mas os administradores decidiram que não queriam as complicações de aceitar os presos políticos da Palestina e foram enviados de volta para cumprirem as suas penas na fortaleza do Acre. O local era uma pilha de cruzados, com fosso e paredes pitorescas caindo até o mar, e seus apoiadores, judeus e gentios, o visualizavam como um sofredor romântico. Os 20 judeus nunca foram considerados criminosos; eles usavam suas próprias roupas e podiam receber comida kosher, e Jabotinsky recebia um fluxo constante de visitantes.
Tudo era muito honroso, os guardas largavam os rifles para se juntarem aos seus pupilos nas refeições. Jabotinsky começou a traduzir Sherlock Holmes para o hebraico, depois recorreu a Omar Khayyam. Ele finalmente decidiu fazer *La Divina Commedia* sob contrato com uma editora judaica na América, mas ficou atolado quase imediatamente. Dante não é Conan Doyle, o hebraico vivo parou na Idade Média e os tradutores modernos tiveram que inventar constantemente novas palavras. Jabotinsky logo descobriu que primeiro precisava sentar e construir um dicionário de rimas antes mesmo de começar.

103Schechtman , p.331.

Tudo o que ele conseguiu terminar em seu curto encarceramento foram algumas estrofes. (Ele voltava frequentemente à tarefa, embora nunca a terminasse. Seu Dante é visto como sua maior realização como tradutor.) Como é bastante comum em processos judiciais militares, as sentenças originais de Jabotinsky e dos seus homens foram drasticamente reduzidas após revisão. Allenby tirou 14 anos, mas naturalmente Jabotinsky não ficou satisfeito e o movimento também não. A opinião judaica, tanto na Palestina como no estrangeiro, ficou chocada com a sua prisão e com a sentença original. A resposta inicial do Yishuv foi uma greve geral judaica em 19 de abril e outra uma semana depois. A opinião pública britânica ficou igualmente perplexa com a sentença e foram levantadas questões parlamentares contundentes desde o início. Jabotinsky esperava que o movimento mantivesse a pressão, mas Weizmann nunca foi do tipo que enfrentava à força o governo britânico e a campanha reduziu-se a pouco mais do que resoluções de órgãos sionistas. Mas quando Sir Herbert Samuel, um liberal judeu que ajudou Weizmann a obter a Declaração, foi enviado como o primeiro Alto Comissário civil, concedeu uma amnistia a todos os que estavam ligados aos motins, incluindo o fugitivo al-Husayni e os dois violadores, e os prisioneiros foram libertados em 8 de julho. A reação de Jabotinsky foi de indignação por ter sido colocado no mesmo nível dos dois criminosos comuns, ele mandou um telegrama para Samuel: "Não cometa esse erro! Melhor me deixar aqui no Acre, mas não me coloque no mesmo nível de um negão." 104] (Mais tarde, ele afirmou que queria dizer que os dois árabes eram moralmente negros, mas Merriam Webster dá apenas uma definição de negro: uma "pessoa pertencente a uma raça de pigmentação escura". Certamente Samuel não poderia ter interpretado o termo de nenhuma outra maneira. Quando Jabotinsky contado sobre o telegrama no Congresso Sionista Mundial de 1921, houve um clamor pela palavra.) Ele não se contentou em simplesmente ser incluído na anistia. Sendo uma figura altamente verbal, já habituada às sutilezas da burocracia britânica de classe alta, ele teve de provar o seu ponto de vista. Ele insistiu que a WZO pagasse seus honorários advocatícios enquanto lutava para que todo o caso fosse eliminado. A princípio, recusaram educadamente, pois, com bastante sensatez, não viam sentido em desperdiçar um bom dinheiro numa folha de papel almaço legal, mas considerações políticas internas finalmente os obrigaram a ceder e um ano depois o Ministério da Guerra rejeitou a acusaç

A Proposta da Legião Judaica Revivida

Embora ninguém soubesse disso na época, Jabotinsky estava então no que seria o ponto alto de sua carreira oficial sionista. O "Tenente Jabotinsky", como era chamado de acordo com o uso pós-guerra de citar a patente de guerra de um cavalheiro, teve que ser devidamente recompensado e em março de 1921 foi-lhe dado um lugar no Executivo Sionista Mundial. Desde o início ele foi o mais duro dos radicais do Executivo. Os britânicos estavam a considerar uma milícia mista árabe-judaica para guarnecer o país juntamente com as tropas britânicas, e Jabotinsky conseguiu que o Executivo fizesse lobby contra ela com sucesso. Poucos judeus se juntariam a tal força, já que os britânicos nunca pagaram aos "coloniais" tanto quanto aos britânicos; de facto, rapidamente se tornaria um exército árabe. Em vez disso, conseguiu que o Executivo propusesse uma Legião Judaica, com a WZO prometendo compensar a diferença salarial. O Executivo estava genuinamente preocupado com a organização britânica das tropas árabes, mas nunca levou realmente a sério a sua própria proposta da Legião; se os britânicos estivessem interessados nisso, teriam mantido a Legião original. A verdadeira questão que o movimento enfrentava era reconhecer o facto de que a Legião nunca existiria e que, se quisessem contar consigo próprios para a defesa, teriam de construir a Haganah como uma organização clandestina.

A questão tornou-se premente com o pogrom de maio de 1921 em Jaffa. Uma luta entre comunistas judeus e sionistas trabalhistas num comício do Primeiro de Maio em Tel Aviv foi interrompida pelos britânicos; os tiros foram mal interpretados pelos árabes na vizinha Jaffa como o início de um ataque sionista contra eles e começaram a matar judeus. Antes do fim dos tumultos, 40 judeus foram mortos e multidões ameaçadoras também se reuniram em muitas outras cidades árabes. Desta vez, a ferocidade do surto funcionou em benefício dos árabes. Os britânicos começaram a perceber que apoiar os sionistas só poderia servir para provocar as massas árabes e proibiram temporariamente a imigração judaica como um gesto de preocupação com as susceptibilidades árabes. Eventualmente, a imigração foi renovada, mas os sionistas compreenderam que os árabes deviam temer retaliações no caso de outro ataque. Se os pogroms continuassem, seria apenas uma questão de tempo até que o governo britânico concluísse que o sionismo era um fardo demasiado pesado e seriam abandonados.

---

[104] Ibid., pág. 362.

Jabotinsky originalmente recusou-se a ter qualquer coisa a ver com uma Haganah de orientação ilegal, insistindo na necessidade de pressionar para que a Legião fosse um componente permanente da guarnição. Não estavam os sionistas na Palestina por direito, não era um país nacional judaico oficial da política britânica? Ele fez a pergunta: a Grã-Bretanha estava falando sério em patrocinar o sionismo? Nesse caso, uma Legião o seguiu automaticamente. Os árabes interpretariam sempre a sua ausência como significando que os britânicos ainda não tinham certeza dos seus objectivos e nunca deixariam de pressionar o governo britânico até conseguirem o que queriam. Ele era, como Schechtman admitiu, mais do que um pouco fanático na defesa de uma unidade legal, lento em perceber que era terrivelmente necessário construir uma Haganah aqui e agora, ao mesmo tempo que politicamente ainda apelava à Legião. A controvérsia desacreditou-o entre a liderança sionista local, que chegou a concordar com Weizmann de que ele era totalmente irrealista quanto ao que poderia ser obtido dos britânicos, dado o paralelogramo de forças.

Retração do apoio britânico a um Estado judeu Em Novembro de 1921, o Executivo enviou-o aos Estados Unidos para o que acabou por ser uma viagem de sete meses para o fundo nacional judaico. Na sua ausência, os britânicos decidiram que os motins de Jaffa eram um aviso de que estavam a cortejar o desastre se tentassem transformar a Palestina num eventual estado judeu. Em 3 de Junho de 1922, Churchill, então Secretário Colonial, enviou ao Executivo Sionista um projecto de Livro Branco que anunciava claramente que nunca tinha sido intenção do governo estabelecer um Estado Judeu. Churchill chamou a atenção para a redação literal da Declaração que, segundo ele, "não contemplava que a Palestina como um todo deveria ser convertida em um Lar Nacional Judaico, mas que tal Lar deveria ser fundado na Palestina". 105 Pior ainda, a Transjordânia foi sumariamente removida do "lar nacional". O Livro Branco foi um imenso revés porque, embora a Declaração não tivesse mencionado uma maioria judaica ou um Estado, não havia dúvida de que Balfour tinha dado aos sionistas a oportunidade de se tornarem a maioria dentro do país e que, então, como Lloyd George escreveu mais tarde em suas memórias, a Palestina se tornaria assim "uma comunidade judaica". 106 Jabotinsky voltou a Londres em 17 de junho. Churchill exigiu a resposta do Executivo para a manhã seguinte – se não cumprissem, o pior estava por vir. Jabotinsky sabia que Weizmann não havia feito lobby vigoroso contra o Secretário Colonial. Ele tentou fazer com que eles dessem um consentimento qualificado. Quando concordaram passivamente com os termos de Churchill, ele recusou-se a assinar o documento final. Mas ele deliberadamente não renunciou em protesto; abandoná-los na hora da derrota era um sinal de deslealdade demais para ele.

Jabotinsky e a WZO Após o Livro Branco, ficou claro que Jabotinsky tinha amadurecido e se tornado um oponente total dos líderes da WZO. Ele era todo agressivo; eles eram modestos, aquiescentes, burgueses e burocráticos. Quase sozinho no Executivo nas suas ideias, ele nada podia fazer contra pessoas como estas e estar no Executivo naquelas circunstâncias era inútil, em última análise só poderia demitir-se e organizar uma facção de oposição. O inevitável finalmente aconteceu no ano seguinte, na reunião do Comitê de Ações de janeiro de 1923, em Berlim. Apresentou ao Comité três resoluções: O governo deveria ser sumariamente informado de que o apoio morno não era suficiente, que a incerteza sobre a extensão do apoio britânico estava a fazer com que os investidores e doadores se retraíssem, levando assim o Yishuv à falência definitiva.

Todos os anti-semitas e anti-sionistas deveriam ser removidos da administração obrigatória.
A OMA declarou publicamente que mantinha os seus objectivos históricos.
Os outros membros do Executivo colocaram-lhe a questão de forma muito simples: porque é que ele simplesmente não se demitiu em vez de perder o seu tempo e o deles a tentar convencê-los? O Executivo era o gabinete do sionismo, não o seu parlamento. O argumento deles foi bem entendido, mas não de acordo com o modo de pensar de Jabotinsky. Ele se via como o principal defensor do sionismo, indispensável para a causa. Ele não fez nada para quebrar a disciplina, não puderam forçá-lo a sair e, a partir de 17 de janeiro, ele se recusou a desistir. Depois, sem aviso prévio, quando o Comité de Acções se reuniu novamente na manhã do dia 18, um mensageiro entregou ao seu presidente a sua carta de demissão. Ele escreveu mais tarde que sua decisão foi tomada após discussão com amigos, mas

---

105 Laqueur, *O Leitor Árabe-Israelense,* p.46.
106 Weizmann, p.212.

Schechtman, que certamente não é um inimigo, está convencido de que deu o passo estritamente sozinho. Ele conversou, ou melhor, ouviu amigos lhe dizerem para não desistir. A questão é importante porque naquele dia, dia 18, ele deveria enfrentar um inquérito especial sobre as suas relações com o pogromista ucraniano Simon Petliura (ver Capítulo 6). Jabotinsky nunca mais ocuparia uma posição oficial na hierarquia de Sião.

A situação em retrospectiva Em 1923, o nome de Jabotinsky era praticamente desconhecido – mesmo a maioria dos judeus dificilmente o teria reconhecido. Mas no mundo sionista ele era provavelmente mais conhecido do que qualquer pessoa, exceto Weizmann. Seu papel no pogrom de 1920 e seu subsequente encarceramento fizeram dele um herói até mesmo para muitos fora do movimento. Em retrospecto, vemos que aquele seria seu melhor momento. Mas mesmo aqui, realisticamente, o que pode ser dito tanto sobre o pogrom como sobre Jabotinsky, excepto que foi um pogrom racista combatido por um racista e um militarista? Seus melhores e seus piores lados surgiram. Ele sempre foi corajoso. Certamente ele foi levado para a prisão; qualquer pessoa que utilize tais circunstâncias para traduzir Dante dificilmente será um peso intelectual. Mas recusar-se a falar com o secretário do tribunal porque ele era árabe era racismo, e chamar alguém de “negro”, mesmo estuprador ou instigador de pogrom, é o mesmo que chamá-lo de negro.
Jabotinsky era um crente declarado na separação racial e na inferioridade cultural geral dos árabes. Na melhor das hipóteses, ele só pode ser visto como um bravo ultradireitista, nada mais. O facto de a resistência árabe ao sionismo ter assumido a forma de um pogrom não deve cegar as pessoas de hoje, com a sua consciência da hiperintensidade do nacionalismo, gerada tanto pelo nazismo como depois pela época pós-guerra das guerras de independência nacional, para a inevitabilidade de uma luta contra a Grã-Bretanha e os sionistas.
Séculos de domínio turco produziram uma província assolada pela pobreza, com uma camada corrupta de effendi e ignorância e fanatismo abaixo dela. Esta foi a base da capacidade do sionismo de criar raízes na terra.
Os tumultos eram sempre seguidos por longos períodos de exaustão em massa. O baixo nível da cultura palestiniana foi, no entanto, apenas uma pré-condição para o sucesso. A presença dos britânicos foi indispensável. Os sionistas salientam que os britânicos não os protegeram em 1920-1. É verdade, excepto que, em última análise, o exército britânico dispersou as turbas. Sem o exército britânico, uma Haganah baseada no minúsculo Yishuv sionista teria sido empurrada para o mar mesmo por pessoas como a então elite palestina.
A Grã-Bretanha, é claro, não tinha mais direito de estar em Jerusalém e Tel Aviv do que tinha de estar em Dublin e Belfast ou em Deli e Carachi. É apenas no Ocidente, com a sua história colonialista, que os sionistas ainda se atrevem a apresentar, como a Declaração Balfour, o acordo Faisal-Weizmann e outros legalismos da era do império e dos potentados como títulos de propriedade de um país de outro povo. . Para a grande massa da humanidade que sofreu sob o jugo imperialista, especialmente o do Império Britânico, tais citações servem apenas para demonstrar a natureza reaccionária do sionismo.

6. Pacto com o Diabo – Simon Petliura

Renúncia da WZO Se foi
Jabotinsky quem perseguiu Weizmann e a maioria do Executivo no Comité de Acções de Janeiro de 1923, não lhe faltaram críticos das suas próprias políticas, particularmente das suas relações com o pogromista ucraniano, Simon Petliura. Os sionistas políticos recusaram-se sequer a discutir as suas resoluções até obterem uma explicação para os seus acordos com os ucranianos, e a reunião só foi autorizada a prosseguir quando Jabotinsky concordou em comparecer perante uma comissão especial na manhã seguinte. Quando a comissão se reuniu em 18 de janeiro de 1923, foi saudada com uma carta declarando que ele havia renunciado, não apenas ao Executivo, mas também à WZO. Sendo assim, ele não via nenhum propósito em se apresentar diante Os sionistas trabalhistas ficaram naturalmente indignados e anunciaram que ele se esquivou da provação de comparecer perante a "Comissão". 107 Caso ele regressasse, prometeram que iriam novamente exigir uma explicação para as suas ações. Ele regressou à WZO, como membro ordinário, embora os esquerdistas nunca mais tenham levantado a questão para julgamento organizacional formal, mas o caso Petliura iria persegui-lo durante o resto da sua vida. Ele sempre insistiu que a sua demissão não tinha nada a ver com a audiência marcada e que estava orgulhoso das suas relações com os ucranianos, mas é difícil acreditar que o conhecimento de que corria o risco de ser declarado colaborador de um anti-hospitalar -Semite, pelo menos pelos Sionistas Trabalhistas na comissão, não teve nada a ver com o momento da sua demissão ou com o facto de ele ter abandonado não apenas o Executivo, mas o movimento ao qual dedicou quase 20 anos das suas energias.

Encontro com Slavinsky
Em 30 de agosto de 1921, Maxim Antonovitch Slavinsky, chefe da Missão Diplomática Extraordinária da República Democrática Ucraniana na Checoslováquia, veio visitar Jabotinsky em Praga, onde tinha vindo para o 12º Congresso Sionista Mundial. O governo que Slavinsky afirmava representar já não existia, tendo sido expulso de Kiev pelos bolcheviques, mas o seu líder, Simon Petliura, refugiou-se no leste da Galiza, um território etnicamente ucraniano ocupado pela Polónia, onde ainda tinha 15.000 homens armados. e o patrocínio financeiro dos franceses.
A Ucrânia tornou-se um dos cockpits centrais da vasta luta pelo poder no antigo império czarista. Uma vez derrotados os alemães, os principais contendores reduziram-se aos bolcheviques, a força mais forte entre a classe trabalhadora; os Anarquistas cujo reduto era o campesinato no leste da Ucrânia; os Guardas Brancos ou Czaristas, apoiados pelas frotas britânica e francesa no Mar Negro; os polacos sob o comando do marechal Pilsudski, com as suas visões da restauração do império polaco medieval que vai do Báltico ao Mar Negro; e os nacionalistas ucranianos da Rada ou conselho. Estima-se que 60.000 judeus foram assassinados na Ucrânia entre os anos de 1917 e 1920. Cerca de metade foram massacrados pelos exércitos de Petliura em pelo menos 897 pogroms separados. Foi a ferocidade dos pogroms, os de Petliura e dos czaristas, que mataram aproximadamente 28.000 judeus, e os polacos de direita, que massacraram a maior parte do resto, que levou a esmagadora maioria dos judeus ucranianos para os braços dos bolcheviques. . Em 1921, a maior parte dos judeus mundiais não era comunista, mas o consenso era que, para a Ucrânia e a Rússia, as alternativas para os judeus eram o massacre ou o bolchevismo. Não há a menor dúvida de que mesmo o

[107] Schechtman, O Acordo Jabotinsky-Slavinsky, *Estudos Sociais Judaicos,* outubro de 1955, p.301.

o mais rico dos judeus no exterior teria visto Slavinsky como um inimigo diabólico de todo o povo judeu. Mas não Jabotinsky, que o acolheu como um velho amigo e como um liberal e um amigo sincero dos judeus, com quem colaborou nas eleições para a Duma de 1907. 108 Agora, como "bons e velhos amigos", como Slavinsky descreveu a sua conversa num relatório a Petliura, eles começaram a melhorar a opinião judaica relativamente ao nacionalismo ucraniano. 109
Slavinsky disse ao sionista que a Rada planeava uma invasão da Ucrânia soviética para a Primavera de 1922. Qualquer sucesso aumentaria a possibilidade de novos pogroms; o que poderia ser feito para evitá-los? Eles emitiram proclamações condenando os massacres, deveriam emitir outras? Não há mais proclamações. "Eu ou ninguém mais acreditaremos neles. Deve haver algumas ações, não palavras." 110 O que Jabotinsky propôs foi que o exército ucraniano fosse acompanhado por uma força policial judaica armada. Estes gendarmes não lutariam contra o Exército Vermelho, mas serviriam para proteger os judeus de qualquer área capturada pelo próprio exército que os traria para o país. Slavinsky foi ao seu quartel-general para ver se Petliura concordaria e Jabotinsky consultou 11 sionistas ucranianos e russos em Praga para o Congresso. Oito aprovaram o conceito, mas deve-se notar que Jabotinsky não revelou as negociações a um único líder da OSM, apesar de uma carta de Slavinsky condenando os pogroms ter sido lida na sessão de abertura do Congresso. . Em 4 de setembro, Jabotinsky, agindo estritamente a título individual, sem o conhecimento da OSM, assinou o Acordo Slavinsky-Jabotinsky. Cada um prometeu, dentro da esfera de "sua influência pessoal", implementar a planejada força policial judaica. 111 Em Outubro, um ataque nacionalista à fronteira falhou tão desastrosamente que a
planeada invasão da Primavera teve de ser cancelada, mas a existência do pacto foi divulgada ao público pelos Ucranianos. Os seus problemas eram principalmente políticos e, em grande parte, ligados ao problema judaico. Eles já eram vistos como uma força derrotada e o seu reinado anterior em Kiev deu-lhes uma merecida reputação de selvagens. Enquanto essa imagem se mantivesse, seria impossível convencer os franceses ou os polacos de que eram um candidato credível ao poder. Ora, aqui estava uma das figuras mais famosas do sionismo preparada para ajudá-los; como alguém poderia dizer que ainda eram pogromistas?

A resposta é, claro, que todos ainda acreditavam que eram pogromistas. As notícias do pacto não ajudaram em nada os ucranianos, os franceses rapidamente cortaram os subsídios ao seu exército e a Rada desapareceu da história, mas a revelação do tratado quase destruiu Jabotinsky. Ele havia partido para a América em turnê pelo Fundo Nacional Judaico quando a tempestade estourou. Emes (Verdade), o órgão da Yevsektsiia, a secção de língua iídiche do Partido Comunista Soviético, deu ao relatório do Acordo enormes manchetes: "Os Sionistas Estão Enfiando Uma Faca Nas Costas da Revolução.
Jabotinsky alinhou-se com Petliura para travar a guerra contra o Exército Vermelho. da esquerda judaica, condenou o tratado. Muitos judeus consideravam Jabotinsky apenas um tolo: qual era o sentido de se preocupar com uma força obviamente esgotada como a Rada? Outros - e não apenas de esquerda - viam-no como de facto motivado por animosidade anti-soviética. Em 14 de novembro de 1921, o Executivo telegrafou-lhe em Nova York exigindo uma explicação completa. Em dezembro, o Comitê de Ações recusou formalmente qualquer responsabilidade em nome da Organização Sionista e resolveu que ele fosse solicitado a justificar seu pacto em seu nome. regresso da América.Apelos à sua demissão foram ouvidos por toda a Europa.

A explicação de Jabotinsky

Jabotinsky reagiu friamente à fúria que despertou. Ele elaborou seu pensamento sobre as questões gerais envolvidas em uma série de artigos:

> Onde quer que haja perigo de pogroms judaicos, devido a um conflito entre dois ou mais campos armados não-judeus, recomendo um acordo para formar uma gendarmaria judaica com o Exército Branco, uma gendarmaria judaica com

108 Ibid., p.290.
109 Ibidem. 110 Robert Gessner, *Brown Shirts in Zion,* New Masses, 19 de fevereiro de 1935, p.13.
111 Schechtman, op.cit., p.292.

> o Exército Vermelho, uma gendarmaria judaica com o exército lilás e verde-ervilha, se houver; deixe-os resolver as suas disputas, policiaremos as cidades e garantiremos que a população judaica não seja molestada. 112

Havia uma qualidade irreal e desonesta em sua postura. Que os Judeus pudessem adoptar uma postura de donzela na torre face às forças em conflito numa guerra civil, quando um lado massacrava Judeus enquanto o exército do outro lado era liderado por um Judeu, é impensável. Ao longo da história, os judeus, às vezes como indivíduos, muitas vezes como uma comunidade, mergulharam nos conflitos civis das sociedades em que viviam. A sua posição é desonesta, pois não há a menor evidência de que ele alguma vez tenha proposto, ou pensado em propor, "uma gendarmaria judaica com o Exército Vermelho", isso foi apenas retórica. Veremos abaixo que ele nunca propôs qualquer tipo de aliança militar defensiva com qualquer força de esquerda, judaica ou não, contra as tropas de assalto nazis ou qualquer outro elemento anti-semita. Pelo contrário, procurou e recebeu repetidamente o patrocínio de regimes anti-semitas, tanto antes como depois do incidente de Slavinsky.

A posição inicial de Jabotinsky era que o seu pacto não era da conta do Executivo da OMM. A WZO como tal não tomou posições na Landspolitik, a sua acção só poderia ser examinada pelos sionistas da Rússia e da Ucrânia e estes já estavam proibidos em teoria e quase na prática. Isto deixou apenas a Conferência dos Sionistas Russo-Ucranianos, um grupo exilado, qualificado, na sua opinião, para julgar a sua acção. De 7 a 11 de Setembro, esse órgão votou que a sua proposta era neutra e de modo algum uma interferência na política ucraniana, mas mesmo os exilados não ousaram apoiar o esquema de Jabotinsky como tal. Schechtman, que foi um dos autores da resolução da conferência, insiste que não manifestaram aprovação: "a Conferência não abordou a questão dos méritos do Acordo". 113 A atitude deles era enfaticamente diferente da maioria dos judeus, mas era bastante previsível. A juventude judaica soviética, compreendendo que o Exército Vermelho era tudo o que os separava dos pogromistas, afluiu para o exército. Estes incluíam muitos ideologicamente distantes do Partido Comunista. Os Conferências, por outro lado, representavam aqueles hostis ao novo regime. Suas razões, sem dúvida, variaram; alguns perderam as suas propriedades como resultado da Revolução; outros ficaram indignados com a proibição do sionismo mas, qualquer que fosse o seu raciocínio, eram atípicos dos judeus soviéticos. Para um judeu soviético comum, qualquer um que propusesse que os judeus se voluntariassem para acompanhar um exército pogrom que, no mínimo, tentaria matar judeus na sua qualidade de soldados do Exército Vermelho, era, prima facie, um traidor e um louco. Inúmeros outros judeus fora da URSS, incluindo muitos sionistas, partilharam dessa reacção instintiva.

Não há dúvida de que os líderes da WZO nunca teriam aprovado um pacto com Petliura se Jabotinsky lhes tivesse pedido antecipadamente. Nem deram o seu consentimento retrospectivo. Mas eles certamente não queriam condená-lo nessa questão. Ele agiu em seu próprio nome, não no nome deles; eles tinham uma política clara de permanecer fora da política interna de qualquer nação; O sionismo foi proibido na União Soviética; e eram clientes dos britânicos, que tinham sido aliados do czar e depois financiadores dos exércitos de pogrom da Guarda Branca do pós-guerra. Weizmann e os outros sabiam de tudo isto e nada fizeram para protestar contra o comportamento criminoso do governo britânico. O Executivo recomendou que o Comité de Acções aceitasse a conclusão da Conferência Russo-Ucraniana, mas os Po ale Sionistas ameaçaram abster-se de votar nas outras questões políticas, a menos que obtivessem uma explicação de Jabotinsky sobre todo o evento. Jabotinsky, determinado a perseguir Weizmann e os seus amigos sobre a questão da sua abordagem pusilânime em relação aos britânicos na Palestina, anunciou-se disposto a enfrentar uma comissão especial sobre o assunto. A sua demissão sumária e a recusa em comparecer perante a comissão enfureceram automaticamente os esquerdistas e, de facto, deram a todos a sensação de que ele estava a fugir à audiência. A liderança, vendo-o como pouco melhor do que um maximalista inútil no que diz respeito à Palestina, e envergonhada por todo o caso Petliura, passou a vê-lo como um espinho na sua carne e, com toda a devida consideração pelos seus inegáveis talentos e serviços passados, ficaram felizes em vê-lo fora do movimento.

Jabotinsky logo retornou à WZO, mas nunca mais como parte da liderança. Ele sempre afirmou que sua renúncia nada tinha a ver com a comissão. E, de facto, a maior parte do painel não estava ligada ao Poale Zion e era pouco provável que tivesse entrado numa briga com ele por causa do assunto.

---

[112] Ibid., p.297.
[113] Ibid., p.299.

Ele já havia tomado muito do tempo deles com suas constantes disputas sobre a Palestina. Como já tinham insistido que não eram o parlamento do sionismo, mas sim um gabinete de tipo empresarial, dificilmente poderiam querer encurralá-lo nesta questão. Quando ele apareceu novamente como delegado ao Congresso Sionista Mundial de 1925, ninguém reacendeu a questão. Mas à medida que ele começou a levantar-se como oponente tanto do grupo burguês em torno de Weizmann como dos sionistas trabalhistas, o caso Petliura tornou-se um elemento fixo na sua caracterização como um arqui-reacionário.

Pensamentos posteriores

Jabotinsky sempre defendeu o pacto; em janeiro de 1935, Robert Gessner, um jornalista comunista judeu da Polônia, encontrou-o em um transatlântico cruzando o Atlântico para a América e Jabotinsky deu-lhe uma entrevista célebre, dizendo-lhe que ele:

> ficaria tão orgulhoso hoje quanto fiquei então de assinar tal acordo ... Não acredito que o próprio Petliura fosse antissemita. Ele veio de uma família camponesa saudável. Foram seus soldados que ficaram fora de controle. 114

No mundo real esta era, como o próprio Jabotinsky admitiu, uma distinção sem diferença. Em 26 de maio de 1926, um judeu, Shalom Schwartzbard, assassinou Petliura em Paris. No ano seguinte, durante o julgamento (o júri recusou-se a condenar), Jabotinsky escreveu que, quaisquer que fossem os sentimentos de Petliura, ele foi o responsável pelos pogroms, na medida em que não conseguiu punir os pogromistas e não renunciou. Mas ele insistiu que continuava amigo do movimento nacional ucraniano, apesar "do grave pecado que este movimento cometeu contra o povo judeu". 115 No final da sua vida, ele convenceu-se a acreditar que o tratado era o ponto alto da sua carreira, alegando que estava ainda "mais orgulhoso" do Acordo do que do seu papel na criação da Legião ou da Legião. primeira Haganá:

> quando eu morrer você pode escrever isto como meu epitáfio – "Este foi o homem que fez o pacto com Petliura." 116

No final, pouco importa se Jabotinsky se demitiu do Executivo devido às suas diferenças com os weizmannistas sobre a Palestina ou por preocupação com a audiência perante a comissão. Tanto na Palestina como na Ucrânia, ele tornou-se claramente irrealista, assumindo posições que não poderiam ser implementadas no mundo real. Apesar de todos os seus protestos, a WZO foi impotente para obrigar a Grã-Bretanha a mudar o seu rumo, e a sua gendarmaria judaica para a Ucrânia não passou de uma fantasia.

Jabotinsky era frequentemente um alucinado político, operando em seu próprio mundo, onde os pensamentos eram onipotentes. Por vezes, como quando os britânicos e os czaristas decidiram usar a obsessão sionista para os seus próprios fins, como aconteceu com a Legião, ele teve algum sucesso, mas este triunfo mascarou a sua loucura essencial. O conluio com o Ministério das Relações Exteriores do czar foi tão criminoso quanto a assinatura do pacto com Slavinsky, mas um deles fez dele um herói para seu movimento, pois ajudou a obter uma Legião; a outra escapada, não diferente em princípio – ambos os esforços eram traiçoeiros para os judeus – revelou a base fundamentalmente falida da sua Urpolitik. A noção de jovens judeus invadindo a Ucrânia atrás de um exército pogrom será para sempre vista como uma das suas noções mais ultrajantes.

---

114 Gessner.

115 Schechtman , p.305.

116 Ibid., p.306.

7. Princípios Fundadores do Revisionismo Sionista

Após a Renúncia: Revisionismo O primeiro impulso de Jabotinsky, ao renunciar à WZO, foi retirar-se da política activa e limitar-se a comentários jornalísticos sobre o triste estado do movimento sionista. Ele era uma figura isolada; mesmo os seus apoiantes mais próximos, colegas exilados russos, discordaram completamente do seu abandono da WZO. Mas, apesar desta diferença não sem importância, em Julho de 1923 os russos anunciaram que Jabotinsky tinha sido nomeado para o conselho editorial do seu órgão, a revista *Rasswyet* (Dawn). Um jornal de língua russa na Europa Ocidental, lidando apenas com questões judaicas e sionistas, e estas de um ponto de vista extremo, nunca poderia pagar por si mesmo, e no outono de 1923 ele teve que recorrer ao novo Randstaaten (como ele os chamava) , Lituânia , Letónia e Estónia, à procura de fundos. Foram os Hasmonaea (Macabeus), os estudantes sionistas de Riga, que o empurraram de volta à vida partidária: "E agora?" eles perguntaram. "Você não tem o direito de pregar tais pontos de vista e de incitar os jovens se não pretende convocá-los à ação. Ou você fica quieto ou organiza uma festa." Naquela noite, ele prometeu fazer exatamente isso.

Em Dezembro de 1923, o primeiro escritório do novo movimento foi criado em Berlim, e na Primavera de 1924 o seu programa foi enviado sob o papel timbrado da Liga para a Revisão das Políticas Sionistas, Organização Provisória. Em dezembro, o nome pegou e, em 25 de abril de 1925, eles puderam realizar a "Conferência de Fundação" pública da Liga dos Revisionistas Sionistas em Paris. Com exceção do núcleo inicial de emigrados, a nova tendência teve pouco sucesso no recrutamento de sionistas veteranos. O seu primeiro crescimento ocorreu nas fileiras dos estudantes judeus nas universidades da Europa Central. Apesar de alguma conversa selvagem sobre as massas sionistas correndo para os seus braços, a organização avançou muito lentamente. Eles tiveram apenas quatro delegados ao 14º Congresso Sionista Mundial em 1925 (de aproximadamente 400) e dez em 1927. Os anos vinte foram principalmente o período em que o Revisionismo, ou seja, Jabotinsky, estabeleceu os seus pressupostos teóricos quanto à natureza do Sionismo, e a sua atitude em relação aos árabes e aos britânicos.

Embora Herzl se considerasse conscientemente o judeu Cecil Rhodes, a maioria dos primeiros membros da WZO não eram motivados pela ideologia imperialista. Eles viam o sionismo como uma extensão da religião judaica ou, alternativamente, como um substituto moderno da antiquada sinagoga. Poucos dos primeiros sionistas se imaginaram na Palestina. No Ocidente, o sionismo raramente se elevou acima do nível de uma instituição de caridade. Era, como diziam os brincalhões, "um judeu pedindo dinheiro a um segundo judeu para enviar um terceiro judeu à Palestina". O sionista médio nunca pensou duas vezes sobre a presença de árabes na Palestina. Para os membros da WZO, o sionismo era para os judeus, mas não era anti-árabe. A ligação com o imperialismo britânico basicamente não fez nada para mudar a auto-imagem da WZO. Afinal de contas, a Grã-Bretanha, como suserana da Palestina, era, na sua opinião, uma melhoria considerável em relação à Turquia. A Grã-Bretanha significava lei e ordem e, melhor ainda, educação moderna. Enquanto a Grã-Bretanha carregava o fardo do homem branco, os sionistas viam-se como fazendo a sua parte pelos seus "primos semitas" em "fazer o deserto florescer".
Certamente, raciocinaram, os árabes perceberiam que o sionismo seria uma bênção para a Palestina.

A Muralha de

Ferro Jabotinsky nunca abrigou tais ilusões e, uma vez fora do Executivo, sentiu-se livre para desenvolver as suas concepções sobre as realidades do sionismo. Em 4 de novembro de 1923, *Rasswyet* publicou um artigo, "A Parede de Ferro (Nós e os Árabes)", considerado, tanto por amigos quanto por inimigos, seu clássico político.
Talvez por ser tão contundente nos seus pressupostos colonialistas, os seus seguidores não pensaram em torná-lo

prontamente disponível ao público de língua inglesa, embora naturalmente seja bem conhecido em Israel. É necessário citá-lo extensamente, mas isso é mais do que justificado pela sua importância intrínseca.
Ele começou insistindo que não era anti-árabe:

> O autor destas linhas é considerado um inimigo dos árabes, um defensor da sua expulsão, etc. Isto não é verdade. A minha relação emocional com os árabes é a mesma que é com todos os outros povos – indiferença educada.
> A minha relação política caracteriza-se por dois princípios. Primeiro: a expulsão dos árabes da Palestina é absolutamente impossível de qualquer forma. Sempre haverá dois povos na Palestina. Segundo: tenho orgulho de ter sido membro do grupo que formulou o Programa Helsingfors. Nós a formulamos, não só para os judeus, mas para todos os povos, e a sua base é a igualdade de todas as nações. Estou preparado para jurar, por nós e pelos nossos descendentes, que nunca destruiremos esta igualdade e nunca tentaremos expulsar ou oprimir os árabes.
> Nosso credo, como o leitor pode ver, é completamente pacífico. Mas é outra questão se será possível alcançar os nossos objectivos pacíficos através de meios pacíficos. Isto depende, não da nossa relação com os árabes, mas exclusivamente da relação dos árabes com o sionismo.

Ele continuou a ridicularizar aqueles que pensavam que tudo o que tinha de ser feito era convencer os palestinianos das vantagens materiais que surgiriam como resultado do sionismo:

> Qualquer povo nativo – tanto faz se for civilizado ou selvagem – vê o seu país como a sua casa nacional, da qual será sempre o senhor completo. Eles não permitirão voluntariamente, não apenas um novo mestre, mas até mesmo um novo parceiro. E assim é para os árabes. Os conciliadores entre nós tentam convencer-nos de que os Árabes são uma espécie de tolos que podem ser enganados por uma formulação suavizada dos nossos objectivos, ou uma tribo de gananciosos que abandonarão o seu direito de nascença à Palestina em troca de ganhos culturais e económicos. Rejeito categoricamente esta avaliação dos árabes palestinianos. Culturalmente estão 500 anos atrás de nós, espiritualmente não têm a nossa resistência nem a nossa força de vontade, mas isso esgota todas as diferenças internas... Eles olham para a Palestina com o mesmo amor instintivo e verdadeiro fervor que qualquer asteca olhava para o seu. O México ou qualquer Sioux olhou para sua pradaria... Essa fantasia infantil de nossos "arabófilos" vem de algum tipo de desprezo pelo povo árabe, de algum tipo de visão infundada desta raça como uma ralé pronta para ser subornada para vender sua terra natal para uma rede ferroviária.

Não importava quais palavras eles usassem:

> A própria colonização tem a sua própria explicação, integral e inevitável, e compreendida por cada judeu e árabe com a sua inteligência. A colonização só pode ter um objetivo. Para os árabes palestinianos este objectivo é inadmissível. Isso está na natureza das coisas. Mudar essa natureza é impossível.

Alguns sionistas recorreram ingenuamente a Faisal, que os britânicos instalaram como seu fantoche em Bagdad, para fazer outro acordo com eles. Ele então, calcularam eles, usaria baionetas árabes para impor o sionismo à população local:

> Se fosse possível (e duvido disso) discutir a Palestina com os árabes de Bagdad e Meca como se fosse apenas uma espécie de pequena e imaterial região fronteiriça, então a Palestina continuaria a ser para os palestinianos não uma região fronteiriça, mas o seu local de nascimento, o centro e base da sua própria existência nacional. Portanto, seria necessário prosseguir a colonização contra a vontade dos árabes palestinianos, que é a mesma condição que existe agora.

E então? Aqueles que sustentavam que um acordo com os nativos era uma condição essencial para o sionismo “podem agora dizer não e afastar-se do sionismo”. Ele extraiu todas as implicações de sua posição:

> A colonização sionista, mesmo a mais restrita, deve ser terminada ou levada a cabo desafiando a vontade da população nativa. Esta colonização só pode, portanto, continuar e desenvolver-se sob a protecção de uma força independente da população local – um muro de ferro que a população nativa não consegue romper. Esta é, na totalidade, a nossa política em relação aos árabes. Formulá-lo de outra forma seria apenas hipocrisia.

Ele enfatizou que todos os sionistas acreditavam em um muro de ferro:

> Neste sentido, não existem diferenças significativas entre os nossos “militaristas” e os nossos “vegetarianos”. Um prefere um muro de ferro de baionetas judaicas, o outro propõe um muro de ferro de baionetas britânicas, o terceiro propõe um acordo com Bagdá e parece estar

> satisfeitos com as baionetas de Bagdade – um sabor estranho e algo arriscado – mas todos nós aplaudimos, dia e noite, o muro de ferro.

Se o muro de baionetas – as baionetas judaicas eram naturalmente a sua preferência – se tornasse suficientemente forte, eventualmente os palestinianos chegariam a um acordo:

> Tudo isto não significa que qualquer tipo de acordo seja impossível, apenas um acordo voluntário é impossível. Enquanto houver uma centelha de esperança de que possam livrar-se de nós, eles não venderão essas esperanças, nem por qualquer tipo de palavras doces ou petiscos saborosos, porque não são uma ralé, mas uma nação, talvez um pouco esfarrapada, mas ainda vivo. Um povo vivo só faz concessões tão enormes em questões tão fatídicas quando já não há mais esperança. Só quando não é visível uma única brecha na parede de ferro é que os grupos extremistas perdem o seu domínio e transferem influência para grupos moderados. Só então estes grupos moderados viriam ter connosco com propostas de concessões mútuas... sobre questões práticas como a garantia contra a expulsão, ou a igualdade e a autonomia nacional... Mas o único caminho para tal acordo é o muro de ferro, ou seja, digamos, o fortalecimento na Palestina de um governo sem qualquer tipo de influência árabe, ou seja, um governo contra o qual os árabes lutarão. Por outras palavras, para nós o único caminho para um acordo no futuro é uma recusa absoluta de qualquer tentativa de acordo agora.
> [117]

Jabotinsky reconheceu que o pequeno assentamento sionista nunca poderia resistir aos árabes numericamente superiores sem a presença dos britânicos. E ele sabia, por experiência própria, que, com raras excepções, os políticos em Londres não estavam preocupados com os interesses genuínos dos judeus do mundo, tudo o que lhes importava eram os seus próprios interesses. Os seus escritos dirigidos ao público britânico foram, portanto, sempre formulados nos mais flagrantes termos pró-imperialistas. Já em 1917, no seu livro A Turquia e a Guerra, ele já tinha demonstrado a sua vontade de impor a lei a quaisquer árabes amotinados, que tinham de compreender que o

> A determinação inabalável de manter todo o Mediterrâneo nas mãos europeias constitui a base sólida sobre a qual qualquer reivindicação árabe deve ser discutida, para que a discussão não seja inútil e infrutífera...
>
> "Piemonte" é um termo político que dificilmente precisa de explicação. Temos apenas de acrescentar que a simpatia que geralmente se presta ao papel do Piemonte no Risorgimento italiano não implica necessariamente que o mundo deva saudar a ideia de um Piemonte árabe com o mesmo entusiasmo. O renascimento italiano continha belas promessas que até agora perdemos no caso da PanArábia. só conseguiria – e certamente – formar um ninho permanente de agitação, intriga e problemas... Estas considerações obrigam-nos a pensar que as reivindicações árabes só poderão ter alguma hipótese de sucesso neste momento se forem formuladas com a máxima moderação. . A independência da Síria, por exemplo, está clara e irremediavelmente fora de questão... seria... entendida tanto pela França, como pela Itália e pela Grã-Bretanha como uma tentativa fatídica contra a segurança dos seus impérios coloniais.

Enquanto estava no Executivo, Jabotinsky silenciou ligeiramente os seus sentimentos anti-árabes, os seus colegas ainda procuravam o monarca árabe que os conduziria ao assento do poder. Mas uma vez sozinho, ele poderia dar vazão ao seu total antagonismo às aspirações árabes:

> Em Inglaterra, e também entre as nações civilizadas da bacia do Mediterrâneo, cresce a consciência de que a Europa não cumpriu a sua tarefa nas costas meridionais e orientais do Mediterrâneo, de que os povos europeus devem pôr fim de forma decisiva a todos os esforços para os desalojar da a costa. Um povo que se declara nosso inimigo e que procura a nossa ruína encontra-se numa inimizade aberta e oculta para com a Europa, isto é, para com um inimigo até agora invencível... Nunca poderemos apoiar o movimento árabe que actualmente se opõe a nós, e estamos sinceramente satisfeito com cada acidente deste movimento, não apenas nas vizinhas Transjordânia e Síria, mas também em Marrocos.
> [119]

117 Vladimir Jabotinsky, O Zheleznoi Stene, *Rasswyet,* 4 de novembro de 1923, pp.2-4.
118 Jabotinsky, *Turquia e a Guerra,* pp.225-7.
119 Herbert Solow, As Realidades do Sionismo, *Menorah Journal,* novembro de 1930, p.100.

Desde o início, a nova facção nunca deixou de enfatizar que Sião poderia ser um poderoso bastião do império. A sua ambição foi descrita pelo Coronel Henry Patterson, o antigo comandante da Legião, e desde então um porta-voz gentio do Revisionismo, numa introdução a uma segunda edição da História da Legião Judaica de Jabotinsky, (originalmente publicada em 1928) . Para o protestante irlandês, tão devotado ao rei George quanto à Bíblia King James, seu antigo tenente era outro Judá Macabeu, o reavivador das glórias marciais dos judeus de antigamente. Não só a Grã-Bretanha estaria cumprindo a palavra revelada do Senhor ao restaurar os judeus à sua antiga sede, mas o nacionalismo judaico também teria compensações claramente terrenas:

> "Uma Palestina judaica teria fornecido à Inglaterra outro Gibraltar - fiel a ela até a morte - no extremo leste do Mediterrâneo." 120

Em 1928, outro coronel, Josiah Wedgewood, deputado trabalhista, publicou um livro, *O Sétimo Domínio,* apelando para que a Palestina se tornasse um Domínio Judaico. A proposta dos sionistas gentios foi avidamente aproveitada pelos revisionistas e Jabotinsky tornou-se o presidente da secção de Jerusalém da Liga para o Sétimo Domínio. Que estes imperialistas tenham pensamentos tão benignos em relação aos seus pupilos na Terra Santa é algo divertido; sempre houve um elemento na Grã-Bretanha que pensava que a expansão do Império era divinamente ordenada e, com a Declaração Balfour, esta espécie peculiar tornou-se realidade. Os Pattersons e Wedgewoods estavam brincando de serem os Cyruses dos últimos dias.
Mas para os judeus, tal como para Jabotinsky e os seus amigos, recém-saídos da Rússia czarista, transformarem-se em soldados do Império Britânico era simplesmente ridículo. Abba Achimeir, em 1930, a figura destacada do Revisionismo Palestino, escreveu que:

> Em todos os conflitos Leste-Oeste, estaremos sempre do lado do Ocidente, pois o Ocidente representou uma cultura mais superior do que o Oriente nos últimos mil anos, após a destruição do Califado de Bagdá pelos Mongóis... e hoje somos os mais proeminentes e leais portadores da cultura... o nosso interesse reside na expansão do Império Britânico ainda mais do que o pretendido pelos próprios britânicos. 121

Previsivelmente, a propensão de Jabotinsky para levar as coisas a extremos expressou-se até mesmo no seu desejo de se converter num instrumento do Império Britânico. Poder-se-ia pensar que ele estava a dirigir-se à União Anti-Socialista e Anti-Comunista num clube de Londres, em vez de falar em iídiche em Varsóvia, em 28 de Dezembro de 1931, quando começou a lamentar o declínio do Império:

> A Inglaterra já não se inspira no seu antigo desejo de construir e liderar. E o que pedimos aos ingleses é, de facto, esta luxúria e resolução, a capacidade para uma acção mais corajosa e mais criativa... A Inglaterra está a tornar-se continental! Não faz muito tempo, o prestígio do governante inglês das colônias "de cor" era muito elevado. Hindus, árabes, malaios estavam conscientes da sua superioridade e obedeceram, não sem protestar, mas completamente. Todo o esquema de treinamento dos futuros governantes foi construído sobre o princípio “porte-se de forma que o inferior sinta sua superioridade inalcançável em cada movimento”. Mas um declínio do instinto imperialista é sentido nos ingleses...
> Esta diminuição do gosto pelo âmbito imperialista revela-se de várias formas – na indiferença com que a emancipação do Egipto foi recebida, na falta de preocupação perante a perspectiva da perda da Índia e da Irlanda. Isso não significa que tudo esteja perdido. Em cinco ou dez anos tudo isto poderá mudar. A Inglaterra ainda poderá reeducar os seus procônsules. O apetite imperial pode inflamar-se novamente, porque este é um povo muito poderoso e talentoso. 122

Mas por que deveria a Grã-Bretanha, cujo Império circundava o globo, exigir os serviços da pequena colónia sionista na Palestina? Claramente, todos podiam ver que eram os sionistas que precisavam de protecção, e não o contrário. Mas Jabotinsky tinha uma resposta pronta: hoje era hoje; amanhã traria novos problemas à Grã-Bretanha:

> Não preciso insistir no conhecido truísmo da importância da Palestina do ponto de vista dos interesses imperiais britânicos; Devo apenas acrescentar que a sua validade depende absolutamente de uma condição primordial: nomeadamente que a Palestina deixe de ser um país árabe... Se a Palestina permanecer árabe, a Palestina seguirá a órbita dos destinos árabes – secessão, Federação dos países árabes e eliminação de todos os vestígios de influência europeia.

---

120 Jabotinsky, *História da Legião Judaica,* p.19.
121 Shavit, p.102.
122 Bowyer Bell, *Terror Out Of Zion,* p.25 e Syrkin, p.70.

> Mas uma Palestina predominantemente judaica, cercada por todos os lados por países árabes, tenderá sempre, no interesse da sua própria preservação, a apoiar-se num Império poderoso, não-árabe e não-maometano. Esta é uma base quase providencial para uma aliança permanente entre a Inglaterra e um judeu (mas apenas um judeu).
> Palestina. 123

Dada a sua compreensão do facto de que um Estado sionista nunca poderia ser alcançado pacificamente e que, enquanto fosse militarmente fraco, o sionismo seria sempre visto pelos britânicos como um fardo, era lógico que Jabotinsky fizesse uma declaração em Janeiro de 1927. Audiência de Berlim que "a letra L (de legião) é o caractere mais importante do alfabeto sionista; o anti-legionismo é uma abnegação do sionismo". 124 Ele voltou repetidamente ao seu tema fundamental, proclamando a

> lei de ferro de todo movimento colonizador, uma lei que não conhece exceções, uma lei que existiu em todos os tempos e em todas as circunstâncias. Se você deseja colonizar uma terra onde já vivem pessoas, você deve fornecer uma guarnição em seu nome. Ou então – ou então, desista da sua colonização, pois sem uma força armada que torne fisicamente impossível qualquer tentativa de destruir ou impedir esta colonização, a colonização é impossível, não “difícil”, não “perigosa”, mas IMPOSSÍVEL! ... O sionismo é uma aventura colonizadora e, portanto, permanece ou cai na questão da força armada. É importante construir, é importante falar hebraico, mas, infelizmente, é ainda mais importante saber disparar – caso contrário, estou farto de brincar à colonialização. 125

O Aspecto Militar do Revisionismo

Desde 1923 até muito depois da criação do Estado de Israel, o foco central do Revisionismo foi o seu aspecto militar. Nos primeiros anos, o sector-chave da organização eram os camisas castanhas do seu movimento juvenil, o Betar, abreviatura de Brit Yosef Trumpeldor, que tinha sido assassinado em 1920 enquanto defendia a pequena comunidade galileia de Tel Hai contra bandidos tribais apolíticos. Sempre foi militarizado tanto em estrutura quanto em ideologia. Na sua primeira conferência mundial, em Varsóvia, em Janeiro de 1929, debateu se deveria eleger democraticamente os seus funcionários ou estabelecer-se numa base militar estritamente hierárquica, e decidiu por uma estrutura militar. 126 Embora a Haganah tivesse o apoio de todo o movimento sionista na Palestina, em nenhum lugar da Diáspora existiam equivalentes sionistas de linha principal do paramilitar Betar ou Brit HaChayal, a liga revisionista de ex-militares. Dado que a WZO não concedia certificados de imigrante a jovens que não tivessem frequentado cursos de formação profissional, estes tiveram de criar acampamentos agrícolas na Diáspora. Mas isso foi em grande parte pró-forma. Os “esportes de defesa” e, sempre que possível, a instrução militar, sempre foram a principal atração que o Revisionismo exibiu diante da juventude judaica. A bagagem ideológica formal do Betar, assim como do movimento adulto, era de minimis. Todo o seu programa foi resumido por Jabotinsky no que ele chamou de "Heptálogo":

> Malchut Yisrael: o reino de Israel (sem monarquia), uma maioria judaica em ambos os lados do Jordão.
> Legionismo.
> Disciplina rígida.
> Hadar: dignidade.
> Guiyus: mobilização. Todos os Betarim que chegassem à Palestina tiveram que se colocar à disposição do movimento durante dois anos, em qualquer lugar e em qualquer função que ele comandasse.
> A língua hebraica.
> Monismo: Jabotinsky se opôs ao que chamou de shaatnez ideológico (a religião judaica proíbe os judeus crentes de usarem roupas de mistura de lã e algodão).

Ele fez campanha contra a mistura do sionismo com o socialismo, a religião ou qualquer outro ideal. Ver-se-á, abaixo, que isto foi finalmente honrado na violação, tanto pelas fileiras como pelo próprio Jabotinsky, mas a sua liminar teve o efeito de estultificar intelectualmente o movimento, com a discussão de questões sociais gerais sendo reduzida ao mínimo, além de alguns formulações de direita e alguns

---

123 Jabotinsky, State Sionism, *Boletim Hadassah,* outubro de 1934, p.9.
124 Yehuda Benari e Joseph Schechtman, *A História do Movimento Revisionista,* vol.I, p.41. 125
Jabotinsky, A Lei do Ferro, *Escritos Selecionados* (África do Sul), p.26. 126
Benari e Schechtman, op.cit., p.338.

formulações sociais distintamente excêntricas de Jabotinsky. Qualquer pessoa que desejasse igualdade social simplesmente procurava outro lugar.

Produção Literária de Jabotinsky A
década de 1920 foi literariamente prolífica para Jabotinsky: além de traduzir alguns de Dante, Poe, Rostand, d'Annunzio e partes de Omar Khayyám de FitzGerald, ele editou um almanaque estudantil, escrevendo, entre outras coisas, o capítulo sobre modos à mesa e coeditou o primeiro atlas hebraico. Mas, de longe, seu trabalho mais importante foi seu romance de 1926, *Samson,* originalmente publicado em série na *Rasswyet:* "Toda a nossa geração foi criada com base nesse livro", diz seu discípulo mais famoso. 127 Em 1950, Cecil B.
DeMille apareceu em *Samson and Delilah,* estrelado por Victor Mature e Hedy Lamarr, mas o original era muito mais do que a versão de Hollywood.
O herói de Jabotinsky tinha pouca relação com a figura bíblica. Sansão é um personagem político, não religioso. Dois "povos reais", Israel do deserto e os filisteus do mar, conquistaram Canaã e estão oprimindo os nativos. Mas os filisteus são realmente os príncipes, pois os israelitas estão enfraquecidos pela sua divisão em 12 tribos em disputa. O tema central do livro é a aquisição, por Sansão, dos segredos do sucesso dos filisteus, mas essas noções levam tempo para serem desenvolvidas. O que primeiro transparece é o colonialismo e o racismo arraigados do autor.

Repetidas vezes temos uma imagem totalmente antipática dos cananeus:

> A turba dos trabalhadores da cidade, artesãos e mendigos - era composta exclusivamente por fragmentos de tribos indígenas, terrenos de reconhecimento passado entre os dois povos conquistadores... Os cães vadios de todo o bairro... todos pareciam iguais, sem as características de qualquer raça conhecida, e nisso se assemelhavam aos habitantes humanos do distrito. 128

> - entre as mulheres danitas havia vários rostos cananeus pertencentes a segundas e terceiras esposas, concubinas, sogras e cunhadas - precursoras do processo que agora começa, pelo qual a desatenta linhagem nativa foi absorvida na afiada sangue forte dos taciturnos colonizadores. 129 – Ambos se revelaram homens fortes e poderosos, e não havia em
> seus olhos nada daquele olhar monótono comum aos nativos. Possivelmente eles tinham um toque de sangue filisteu. 130 – Sansão lhe disse:... "se os homens se conhecem, não há inimizade entre eles".
> "Conheço pouco sobre os homens", respondeu Nehushtan, após um breve silêncio. "Sou pastor e conheço animais. Com os animais é diferente." "De que maneira diferente? "Um cachorro preto e um cachorro marrom nunca brigam enquanto cada um está com seu rebanho, mas junte-os e o cabelo começa a voar." 131

Mais tarde, quando os seus seguidores discutiram com os seus anfitriões filisteus,

> "Sansão caminhou sozinho por algum tempo, pensando na sabedoria do pastor de Nehushtan. Um cachorro preto e um cachorro marrom... Talvez." 132

Logo, Sansão, o mundano completo, passou a aceitar a filosofia do sábio caipira, dizendo aos seus anfitriões:

> A segunda coisa que aprendi nos últimos dias é a sabedoria de ter limites... Os vizinhos podem concordar desde que permaneçam em casa, mas os problemas surgem assim que começam a visitar-se uns aos outros. Os deuses tornaram os homens diferentes e ordenaram-lhes que respeitassem o fosso nos campos. É pecado os homens misturar o que os Deuses separaram.
> [133]

---

[127] Stephen Rosenfeld, Direto ao coração de Menachem Begin, *presente,* verão de 1980, p.7. 128 Jabotinsky, *Samson* (edição americana intitulada *Prelude to Delilah),* p.13. 129 Ibid., p.52.
[130] Ibid., p.148.

[131] Ibid., p.118.
[132] Ibid., p.125.
[133] Ibid., p.131.

Sansão, como expoente da separação racial, não foi muito bem aceito pelos filisteus, que naturalmente estavam bem cientes de sua predileção amorosa por shiksas, mas o homem poderoso teve uma resposta às suas zombarias:

> "Perto do templo de Baal-Zebub, em Ecrom, há um campo cheio de abelhas", respondeu ele. "Nenhum dos sacerdotes se atreve a ir lá para rezar, exceto aqueles que nasceram com sangue amargo, pois tais homens são imunes às picadas de abelhas, vespas e vespas. campo de abelhas significa morte." 134

Jabotinsky não queria mais mistura de raças, mas não pretendia excluir do povo judeu os convertidos ou parte judeus ou aqueles já casados com gentios. Assim, quando um profeta tenta fazer com que um israelita se lembre da ordem contra o casamento com cananeus, Sansão, agindo como juiz, o repreende. Mas mesmo aqui é a força racial dos judeus, o seu "sangue forte e afiado", que é decisivo:

> "Nós não somos a água", respondeu Sansão; "nós somos o sal. Os outros são a água... jogue um punhado de sal num barril de água e ele não se perderá, pois toda a água do barril ficará salgada." 135

Embora Jabotinsky se opusesse à mistura racial, ele enfatizava constantemente que seus seguidores tinham que aprender com os gentios. Sansão é mais do que um mero oponente dos filisteus; ele é o melhor aluno deles e, através dele, Jabotinsky tentou transmitir algumas lições gentílicas aos seus jovens seguidores. Numa das cenas mais dramáticas do livro, Jabotinsky deu-lhes a explicação do poder das Cinco Cidades dos Caphtorim – e do poder no mundo moderno:

> Um dia, ele esteve presente num festival no templo de Gaza. Do lado de fora, na praça, uma multidão de rapazes e moças se reunia para as danças festivas... Um padre sem barba conduzia as danças. Ele estava no degrau mais alto do templo, segurando um bastão de marfim na mão. Quando a música começou, o vasto salão ficou imóvel... O padre imberbe empalideceu e pareceu mergulhar os olhos nos dos dançarinos, que estavam fixos nos dele. Ele ficou cada vez mais pálido; todo o fervor reprimido da multidão parecia concentrar-se em seu peito até ameaçar sufocá-lo. Sansão sentiu o sangue fluir para seu coração; ele próprio teria engasgado se o suspense durasse mais alguns momentos. De repente, com um movimento rápido, quase imperceptível, o padre ergueu o bastão, e todas as figuras brancas da praça apoiaram-se no joelho esquerdo e lançaram o braço direito para o céu – um movimento único, uma harmonia única, abrupta, murmurante. As dezenas de milhares de espectadores deram um suspiro gemido. Sansão cambaleou; havia sangue em seus lábios, com tanta força que ele os apertou... Sansão deixou o local profundamente pensativo. Ele não poderia ter expressado o seu pensamento em palavras, mas tinha a sensação de que aqui, neste espetáculo de milhares de pessoas obedecendo a uma única vontade, ele havia vislumbrado o grande segredo dos povos de mentalidade política. 136

Tal como nas Escrituras, o israelita cego acaba por derrubar o seu templo sobre as cabeças dos seus algozes incircuncisos, mas não antes de proferir uma homilia política, tão aplicável aos loucos anos vinte como ao segundo milénio antes da era comum:

> "Devo dar ao nosso povo uma mensagem sua?"
> Sansão pensou um pouco e depois disse lentamente:
> "Diga-lhes duas coisas em meu nome - duas palavras. A primeira palavra é ferro. Eles devem obter ferro. Eles devem dar tudo o que têm pelo ferro - sua prata e trigo, óleo e vinho e rebanhos, até mesmo suas esposas e filhas. Tudo pelo ferro! Não há nada no mundo mais valioso que o ferro. Você vai dizer isso a eles?"
> "Eu irei. Eles vão entender isso."
> "A segunda palavra eles ainda não entenderão, mas devem aprender a entendê-la, e isso logo. A segunda palavra é esta: um rei! Diga-a a Dã, Benjamim, Judá, Efraim: um rei! Um homem que dará um sinal e de repente milhares levantarão as mãos. O mesmo acontece com os filisteus e, portanto, os filisteus são senhores de Canaã. 137

O Revisionismo Clássico estabeleceu as regras pelas quais o Revisionismo moderno ainda opera. Os seguidores de Sansão-Jabotinsky ainda acreditam que apenas um muro de ferro pode suprimir os cananeus dos últimos dias, os

---

134 Ibid., p.132.
135 Ibid., p.147.
136 Ibid., p.200-1.
137 Ibid., p.330-1.

Palestinos. Samson admirava os filisteus, Jabotinsky os britânicos, os revisionistas modernos orientam-se para os americanos, embora, tal como Jabotinsky passou a sentir que a Grã-Bretanha estava a perder a sua luxúria imperialista, os revisionistas modernos sempre vêem fraqueza na postura da América em relação aos árabes. Dado que a sua força na década de 1920 não era suficiente para o sionismo sozinho derrotar os palestinianos, precisava de uma aliança britânica. Hoje o Revisionismo sabe que deve enfrentar a hostilidade permanente das amplas massas do mundo Árabe, e não apenas dos Palestinianos, portanto deve ter o patrocínio contínuo de um império externo que procura enfraquecer a nação Árabe. Mas, embora o muro de ferro suba cada vez mais, o Estado israelita não está politicamente seguro. Samson-Jabotinsky não conseguiu compreender a máxima de von Clausewitz do século anterior: a guerra é apenas uma continuação da política por outros meios. Samson-Jabotinsky pensava que o ferro e o rei eram política, mas é apenas uma extensão da política. Nenhuma força pode esmagar os sentimentos nacionais da nação árabe e, à medida que esta se torna politicamente mais madura, as "tribos árabes" também se unirão, entrarão na luta por trás de um "rei", isto é, tornar-se-ão um sério força disciplinada. Nessa altura, será a vasta nação árabe contra um poderoso mas sitiado Ulster-Gibraltar-Israel que perdeu a simpatia mundial pela sua política repressiva do muro de ferro. Na década de 1920, as poderosas muralhas e os reis de Sansão-Jabotinsky pareciam a sabedoria Realpolitiker. Nunca foi, e no mundo de hoje é a garantia de uma derrota inevitável, seja ela política ou militar.

8. Os anos do fascismo e do terror

A Palestina na década de

1920 O sionismo estava longe de ser um empreendimento próspero na década de 1920. Tinha os seus adeptos em todo o lado onde havia judeus, mas, não competindo pelo poder em lado nenhum – excepto na longínqua Palestina – emitia uma qualidade utópica marginal, semelhante ao Esperanto ou ao pacifismo. Os intelectuais conceberam-no como pouco mais do que uma tentativa ligeiramente ridícula de criar um museu nacional. Muitos judeus se opuseram por sua ênfase na separação dos judeus. As instituições de caridade judaicas burguesas estavam mais interessadas em ajudar as verdadeiras comunidades judaicas na Polónia e na União Soviética, e o investimento de capital ficou para trás. A sua principal força residia na Polónia. Com o encerramento da emigração para os EUA, a Palestina tornou-se atractiva para uma parte substancial dos pequeno-burgueses conservadores e religiosos, que não viam futuro para si próprios sob as severas discriminações do Primeiro-Ministro Wladislaw Grabski, que usou impiedosamente todos os meios, excepto a violência, para expulsar os Judeus das suas posições económicas. O afluxo de pequenos empresários e artesãos causou um breve boom, seguido por um grave pânico financeiro. A depressão que se seguiu praticamente interrompeu a imigração e, em 1927, apenas cerca de 2.700 imigrantes chegaram, enquanto mais de 5.000 deixaram a colónia. A WZO foi obrigada a criar cozinhas comunitárias para os desempregados e a encorajá-los activamente a deixar a Palestina. 138 A fim de alargar a sua escassa base financeira, a WZO foi levada a criar a Agência Judaica como uma espécie de conselho conjunto com as instituições de caridade judaicas, que, pelo menos nominalmente, deveria representar o sionista Yishuv nas suas relações com os britânicos. . A desaceleração do ritmo da imigração, mantendo a percentagem judaica da população baixa para uns ainda insignificantes 16,3 em 1927, permitiu uma calmaria superficial no conflito com os árabes, mas esta apenas foi transformada noutras formas. Economicamente, a concorrência continuou inabalável, especialmente em contratos governamentais e projectos de desenvolvimento cruciais. Ao nível das massas, o antagonismo assumiu uma forma aparentemente sectária que finalmente explodiu num pogrom selvagem em 1929. Até a Declaração Balfour, os sionistas olhavam com desprezo para os piedosos chassids que oravam no Muro das Lamentações. Partilhavam a opinião, defendida por todos os turistas estrangeiros, de que o Muro era o símbolo da decadência da tradição religiosa judaica, da sua degeneração num fanatismo sobrenatural, acompanhado por expressões mórbidas de fixação oral e miséria. Mas agora o Muro assumiu um novo significado "nacional", tanto para os sionistas como para os árabes. Como um gesto de imparcialidade imperial para com árabes e judeus, Sir Herbert Samuel compensou os árabes pelo perdão de Jabotinsky nomeando al-Hajj Amin al-Husayni como Mufti de Jerusalém. Ele ficou convencido de que os sionistas planejavam destruir a Mesquita de Omar e substituí-la por um novo templo judaico. Ele rebateu a alegada conspiração com um programa de aumento das devoções islâmicas na mesquita, que incluía reviver cerimónias barulhentas e há muito esquecidas no topo do Muro, com vista para o beco estreito onde os judeus rezavam abaixo.

Por sua vez, no Yom Kippur de 1925, foram feitas tentativas de instalar bancos diante do Muro, que a polícia britânica, por insistência dos árabes, removeu, mesmo durante os serviços religiosos. Em 1928, também no Yom Kippur, foram feitas tentativas de fixar uma tela na calçada para segregar as mulheres, como é obrigatório em uma sinagoga ortodoxa. Novamente a polícia foi chamada para remover a tela. O Mufti respondeu a esta última provocação ordenando a abertura de um portão há muito fechado num dos extremos do beco, convertendo-o numa via tanto para peões como para animais. *Doar Hayom,* o diário revisionista, começou a agitar os judeus para uma luta contra o Mufti sobre a questão: "o

[138] Nathan Weinstock, *Sionismo: Falso Messias,* p.134.

o muro é nosso". 139 Em 15 de agosto de 1929, várias centenas de jovens burgueses, a maioria Betarim, mulheres carregando armas e explosivos escondidos, marcharam até o Muro, e um destacamento de Betarim, muitos carregando facas e paus, hasteou a bandeira Azul-Branca. e cantou o hino sionista. 140 Os árabes responderam com uma contra-manifestação no Muro, com o bedel judeu sendo espancado e alguns livros de orações destruídos. Dois dias depois, um jovem judeu perseguiu uma bola de futebol até um jardim árabe e foi esfaqueado. morreu alguns dias depois e o funeral transformou-se numa manifestação.Em 23 de agosto, graves tumultos muçulmanos eclodiram em Jerusalém e rapidamente se espalharam por todo o país, com muitas mortes de judeus.

O Pogrom de Hebron Um pogrom eclodiu em Hebron em 24 de agosto com o massacre brutal de 64 chassidim, e no dia 29 mais chassidim foram massacrados em Safed. Quando o espasmo cessou, 133 judeus tinham sido assassinados, a maioria deles chassidim anti-sionistas, que viveram em paz com os seus vizinhos árabes durante séculos, e 116 árabes foram mortos, a maioria pela polícia. Nem todos os árabes participaram nos pogroms, eram exclusivamente muçulmanos e, em muitos casos, especialmente em Hebron, os judeus foram escondidos da multidão fanática por alguns dos seus vizinhos muçulmanos. 141 Mas os pogroms foram um revés devastador para a propaganda da causa palestina, especialmente porque as principais vítimas foram os chassidim anti-sionistas.

Tanto a opinião britânica como a sionista culparam os revisionistas por provocarem a indignação através dos artigos inflamados *de Doar HaYom* e da subsequente manifestação. Jabotinsky esteve fora do país durante os pogroms, mas ao regressar correu em defesa do seu movimento: “a manifestação foi útil e boa”. Ele insistiu que "o principal em toda estratégia é forçar o inimigo a atacar antes que ele esteja pronto. Um ano depois teria sido infinitamente pior". 142 Ele viajou novamente para o exterior em 25 de dezembro e os britânicos aproveitaram sua ausência para impedi-lo de entrar no país; ele nunca mais colocaria os pés na Palestina.

Década de 1930: Os Revisionistas na WZO: uma Tendência Fascista?

Apesar do incidente no Muro, o Revisionismo continuou o seu rápido crescimento. No Congresso Sionista Mundial de 1931, tornaram-se a terceira maior tendência na WZO, com 25% dos delegados. A sua principal exigência passou a ser a insistência para que a WZO declarasse publicamente que apelava formalmente à criação de um Estado judeu, com uma maioria judaica, em ambos os lados do Jordão. Se seria um estado independente ou um "sétimo domínio" dentro do Império Britânico era irrelevante para eles, as palavras-chave na sua posição eram maioria judaica. Naquela altura, os judeus representavam apenas 18% da população da Palestina – menos se a Transjordânia fosse tida em conta – e a maior parte da liderança sionista opôs-se à proposta, alegando que não poderia servir a nenhum propósito prático e apenas antagonizaria a Árabes. A exigência, tal como aconteceu com a anterior truculência sobre o Muro, foram sintomas da crescente alienação do Revisionismo em relação à liderança da linha principal com a sua política paciente de adicionar "mais um dunam, mais um judeu, mais uma cabra" - como disse uma pessoa sagaz - às suas participações. Jabotinsky rasgou o seu cartão de membro da WZO, desgostoso com a recusa do Congresso em admitir que um estado judeu era o Endziel do sionismo, e começou a apelar aos seus seguidores para abandonarem a WZO. A maioria de seus tenentes se opôs à proposta, argumentando que não poderiam ganhar nada renunciando à WZO e a Jabotinsky, após uma série de. compromissos, determinado a livrar-se da sua oposição interna. Em 23 de Março de 1933, ele anunciou subitamente, sem o menor aviso ou consulta a ninguém, que estava a substituir o Executivo devidamente eleito do seu movimento mundial e a assumir a responsabilidade pessoal pela gestão da tendência enquanto se aguardava um plebiscito de adesão. Para tornar as coisas ainda mais estranhas, ele anunciou que havia invertido sua posição anterior. Eles definitivamente compareceriam ao Congresso Sionista de 1933. Toda a luta entre facções girava em torno de permanecer ou sair da WZO, e agora que ele subitamente aceitou a posição dos seus oponentes, a verdadeira questão a ser decidida pelo plebiscito

---

[139] Walter Laqueur, *Uma História do Sionismo,*
p.255. 140 Yehuda Benari e Joseph Schechtman, *História do Movimento Revisionista,* vol.I, p.338.
[141] J. Bowyer Bell, *Terror Fora de Sião,* p.5.
[142] Joseph Schechtman, *Lutador e Profeta,* p.120.

Qual seria exatamente o tipo de movimento que o Revisionismo deveria ser: meramente uma facção extrema dentro dos amplos parâmetros do sionismo geral burguês, ou um partido proto-fascista?

As fileiras deram a sua opinião sobre o golpe de Jabotinsky em 16 de abril; a votação foi esmagadora: 31.724 (93,8%) o apoiaram e apenas 2.066 (6,2%) apoiaram o Executivo. Depois disso, embora a dissidência ainda fosse tolerada, quase sempre vinha de diversos maximalistas, que se queixavam de que Jabotinsky não era suficientemente anti-árabe, anti-britânico ou pró-fascista.

Foi o Betar que forneceu a maior parte do apoio de Jabotinsky, embora a maioria dos seus líderes já se tivesse oposto a ele na questão da saída da WZO. Mordechai Katz, uma das principais figuras do Betar, escreveu mais tarde que os seus colegas concluíram que Jabotinsky estava a liderar uma "revolução salutar" no pensamento sionista e que tinham de o seguir, certo ou errado. 143 O caráter da "revolução" foi capturado pela própria descrição de Katz da atitude das fileiras Betar em relação a Jabotinsky:

> ele o adorava francamente... quando um Hitler, um Stalin, um Mussolini profanaram o significado da palavra "líder", talvez fosse inevitável que, para algumas mentes confusas e superficiais, o fenômeno Jabotinsky-Betar aparecesse como um reflexo de um tendência política, pela qual Rosh Betar não tinha nada além de desprezo ... Liderança, e até mesmo culto à personalidade, que vem de uma escolha de homens livres, motivados pela fé e admiração pelos semelhantes dotados pela Providência de grandes mentes e corações valentes, essa liderança sempre será uma bênção. 144]

Jabotinsky foi claramente antipático ao fascismo nos seus primeiros anos. Ele amava a Itália liberal-aristocrática dos seus tempos de estudante e identificava-se com as tradições liberal-nacionalistas que Mussolini desprezava. Em 1926, ele zombou publicamente do fascismo:

> Existe hoje um país onde os "programas" foram substituídos pela palavra de um homem... Itália; o sistema chama-se Fascismo: para dar um título ao seu profeta, tiveram de cunhar um novo termo – "Duce" – que é uma tradução da mais absurda de todas as palavras inglesas – "líder". Os búfalos seguem um líder. Os homens civilizados não têm líderes. 145

No entanto, este ainda foi o autor que escreveu aquelas linhas sobre Sansão descobrindo o "grande segredo dos povos de mentalidade política" no "espetáculo de milhares obedecendo a uma única vontade", e era inevitável que seu próprio fanático "Legionismo" e hiper- o nacionalismo atrairia aqueles que procuravam uma versão judaica do fascismo dentro do campo de Sião. Quaisquer que sejam as suas reservas pessoais sobre o princípio do líder, a combinação das pressões vindas de baixo e a lógica interna do seu próprio extremismo crescente levaram-no inexoravelmente, e ao Revisionismo, à órbita do fascismo italiano.

Um movimento de classe média

Em todos os tempos e em todos os países, o sionismo foi um movimento de classe média. A alta burguesia judaica nunca teve o menor interesse em abandonar a sua riqueza na Diáspora pela remota e pobre Palestina, e em todo o lado a classe trabalhadora judaica via o seu destino como ligado aos seus colegas trabalhadores. Foi a posição insustentável da pequena burguesia judaica, a "nação comercial" por excelência, como os "deuses de Epicuro na Intermudia", nos "poros da sociedade polaca", que forneceu a base social para todas as diversas tendências do Sionismo. 146 Eles viam-se entre os seus rivais de classe, a classe capitalista "nativa", que procurava expulsar os judeus do "seu" mercado interno, e os camponeses, que por todo o lado organizavam cooperativas de marketing que substituíam o tradicional "intermediário" judeu. e os trabalhadores, que pretendiam acabar com todo o sistema capitalista. Uma parte da pequena burguesia judaica, mais particularmente uma parte dos seus filhos, abandonou totalmente a sua classe pelo marxismo. Um elemento substancial, convencido de que não conseguiria atingir as suas ambições de classe na Europa, procurou continuar, como classe, num novo cenário colonial na Palestina. 147 Os Sionistas Religiosos Mizrachi, a mais antiga facção separada dentro da WZO, eram, com excepção do pequeno HaPoal

---

143 Mordechai Katz, *O Pai de Betar,* p.13.

144 Ibid., p.15.

145 Vladimir Jabotinsky, Jewish Fascism, *The Sionist* (Londres), 25 de junho de 1926, p.26.

146 Karl Marx, *Capital* (brochuras do Novo Mundo), p.79. 147

Enzo Sereni, *Rumo a uma Nova Orientação, Judeus e Árabes na Palestina (1936),* pp.282-3.

Agrupamento HaMizrachi, sempre uma corrente declaradamente pró-capitalista. Mas Mizrachi nunca conseguiu realmente atrair a maior parte dos judeus com qualquer educação moderna devido ao seu total compromisso com a religião ortodoxa, que a maioria dos judeus modernos abandonou. Além disso, o Mizrachi, talvez como resultado direto da sua preocupação com os preceitos da religião antiga, é singular porque nunca produziu um único pensador político da mais pequena estatura. Os Sionistas Gerais também eram declaradamente pró-capitalistas, mas estavam divididos em duas facções independentes, nenhuma das quais poderia esperar satisfazer elementos substanciais da pequena burguesia. Um grupo, a facção "A", centrou-se nos prósperos laranjais da Palestina, com a sua riqueza baseada na exploração de mão-de-obra árabe barata. Eles não tinham interesse económico em ver uma imigração judaica significativa para a Palestina, pois não tinham vontade de pagar os salários mais elevados que sabiam que os judeus articulados iriam exigir, a sua ganância por lucros imediatos estava sempre em contradição com o seu sionismo e, portanto, podiam nunca serão considerados líderes potenciais da OMA. A Facção "B", identificada com Weizmann, compreendeu perfeitamente que uma imigração pequeno-burguesa prematura só poderia criar problemas para a causa pela sua própria ganância anárquica, e Weizmann trabalhou em estreita colaboração com os Sionistas Trabalhistas no desenvolvimento dos Kibutzim, alegando que a criação destes colectivos idealistas era o método mais barato de desenvolver a infra-estrutura rudimentar necessária para a expansão adicional da economia sionista. Ele escreveu ao Barão Edmond de Rothschild em dezembro de 1931, contando-lhe sobre as grandes diferenças entre os "velhos colonos", muitas de cujas colônias foram subsidiadas pelo Barão, e o resto do movimento sionista, por causa do uso de mão de obra árabe. . Ele passou a denunciar aqueles que proclamavam a necessidade de mais "colonização da classe média", queixando-se de que

> cavalheiros deste tipo são totalmente inadequados para a Palestina e representam um perigo real lá. As suas extravagâncias económicas só podem ser realizadas com segurança num país com um sistema económico altamente desenvolvido: as suas actividades são mais ou menos parasitárias... Vimos tudo ilustrado durante a imigração em massa – a chamada imigração de "classe média". – de 1925-26. Esta imigração teve dois resultados naturais: primeiro, um boom comercial artificial, envolvendo a transferência de uma soma de dinheiro anormal e desnecessariamente grande de mãos judaicas para mãos árabes, e em segundo lugar, o colapso inevitável que se seguiu ao boom. 148

Em contrapartida, Jabotinsky via precisamente estes elementos como a clientela natural da sua tendência. Ele nunca teve o menor interesse em recrutar trabalhadores judeus para o sionismo, na medida em que não tinham dinheiro nem as competências específicas necessárias para o desenvolvimento da Palestina. 149 Além disso, eles já adoravam antes de "outro ídolo", o socialismo. 150 Ele compreendeu perfeitamente que o socialismo, se levado às suas conclusões lógicas, era absolutamente incompatível com o sionismo. Em 1932, um estudante escreveu-lhe perguntando por que ele achava que o comunismo não poderia ser combinado com o sionismo. Sua resposta foi enfática:

> É inútil aqui procurar uma fuga medindo palavras... Para a construção sionista são necessárias duas coisas – além das pessoas. Primeiro, uma terra... e, em segundo lugar, capital... mais de 90 por cento do dinheiro para a reconstrução vem do bolso da nossa classe média. O dinheiro para a construção de Tel Aviv foi trazido pela classe média, as colónias mais antigas foram fundadas com dinheiro parcialmente doado pelo público e parcialmente com dinheiro contribuído pelos grandes capitalistas. E a pura essência do Comunismo declara-se pela luta de classes contra a classe média. Onde quer que conquiste, deve destruir a burguesia, confiscando as suas grandes fortunas. Isso significa cortar a única raiz a partir da qual o capital para a construção em Eretz Israel pode ser garantido.

No que diz respeito à terra, o marxismo era igualmente anátema:

> a essência do comunismo consiste em agitar e deve incitar as nações orientais contra o domínio europeu. Este domínio aos seus olhos é "imperialista" e explorador. Acredito o contrário e penso que o domínio europeu os torna civilizados, mas essa é uma questão incidental e não pertence ao assunto.
> Uma coisa é clara: o comunismo incita e deve incitar as nações orientais e isto só pode fazer em nome da liberdade nacional. Diz-lhes e deve dizer-lhes: a tua terra pertence-te a ti e não a nenhum estranho. É assim que deve falar aos árabes e aos árabes da Palestina... Para os nossos pulmões sionistas, o comunismo é um gás sufocante e é assim que devemos lidar com ele. 151

---

[148] Barnett Litvinoff (ed.), *Cartas e Artigos de Chaim Weizmann,* vol.XV, p.238.
149 Joseph Nedava, Jabotinsky e o Bund, *Assuntos Judaicos Soviéticos,* vol.III, 1 (1973), p.44. 150 Schechtman, *Lutador e Profeta,* p.233.
[151] Jabotinsky, Sionismo e Comunismo, *Hadar,* fevereiro de 1941, p.33.

Jabotinsky extraiu o que considerou ser o corolário necessário destes fundamentos. As greves podem ser legítimas num país avançado, mas nunca poderiam ser toleradas numa sociedade em desenvolvimento como a Palestina Sionista. Foi neste ponto que ele mais se aproximou do fascismo clássico. Apesar de toda a sua oposição ao princípio da liderança, ele insistiu que “o fascismo tem algumas boas ideias”, entre elas a proibição das greves 152:

> E por "arbitragem obrigatória" queremos dizer o seguinte: após a eleição de tal conselho permanente, o recurso a ele deveria ser proclamado como a única forma legítima de resolver conflitos industriais, os seus veredictos deveriam ser definitivos, e tanto a greve como o lockout (bem como a boicote ao trabalho judaico) deveria ser declarado traiçoeiro aos interesses do sionismo e reprimido por todos os meios legais e morais à disposição da nação. 153

Jabotinsky não chegou ao ponto de propor a abolição da Assembleia Representativa Sionista;
Afinal de contas, a Grã-Bretanha era uma democracia burguesa e nunca toleraria um regime fascista local numa das suas colónias, e ele tinha reservas genuínas quanto ao programa completo do fascismo, mas já em 1928 expressou-se como sendo a favor da democracia corporativa. declarar, propondo complementar a Assembleia com um órgão "superior":

> Se se deseja dotar o Sistema de Arbitragem de um prestígio verdadeiro e significativo, isso tem de ser concretizado em todos os aspectos da estrutura interna do Yishuv... Isto leva alguns de nós a pensar na ideia de um Parlamento Comercial. Em primeiro lugar, é preciso criar no Yishuv corporações profissionais... este Parlamento Comercial estabelecerá o Sistema de Arbitragem de cima para baixo. 154

Medidas Anti-Trabalhistas na Palestina

Os Revisionistas não estavam dispostos a esperar até terem o poder do Estado para começar a implementar o seu programa anti-laboral. Com a proibição do regresso de Jabotinsky, a liderança ideológica da sua unidade palestina foi para Abba Achimeir, Un Zvi Greenberg e Wolfgang von Weisl, todos os três devotos de Mussolini. Achimeir, que tinha uma coluna, Yomen Shel Fascisti (Diário de um Fascista) em seu jornal, *Chazit Haam,* criou uma sociedade secreta, Brit HaBiryonim (União de Terroristas), e começou a mobilizar seus capangas contra a Histadrut, escrevendo em seu diário particular que "Devemos criar grupos de ação para exterminar fisicamente os Histadrut: eles são piores que os árabes: bombas em suas reuniões." 155 Ele fez um discurso aos seus seguidores em Haifa:

> Vocês não são estudantes: são apenas melaço. Não há ninguém entre vocês capaz de cometer assassinato à maneira daqueles estudantes alemães que assassinaram Rathenau. Falta-lhe aquele espírito nacionalista que dominou os alemães. 156

Achimeir e seus amigos começaram a formar um "sindicato" fura-greves e, em dezembro de 1932, eram fortes o suficiente para acabar com uma greve na fábrica de biscoitos Froumine, em Jerusalém, fornecendo trabalho fura-greves. Em 27 de fevereiro de 1933, eles tentaram repetir o sucesso interrompendo uma greve na construção em Petah Tikva. Dezenas de grevistas foram presos por lutar contra os fura-greves. Durante a Páscoa, os Betar organizaram um desfile por Tel Aviv, e desta vez foram derrotados em uma batalha furiosa. 157 Deve entender-se que a própria Histadrut estava a travar uma guerra racial contra os colheitadores árabes nos laranjais judaicos, expulsando-os fisicamente dos seus meios de subsistência tradicionais, mas não foi por isso que os Revisionistas a atacaram. Os Biryonim foram motivados pela malícia fascista contra as suas actividades mais legítimas como sindicato de trabalhadores.

Assassinato de Chaim Arlosoroff

---

152 Yaakov Shavit, Fogo e Água: Zeev Jabotinsky e o Movimento Revisionista, *Estudos sobre Sionismo,* Outono de 1981, p.224. 153 Jabotinsky, *Sionismo de Estado,* p.10.
154 Shlomo Avineri, O Pensamento Político de Vladimir Jabotinsky, *Jerusalem Quarterly,* Verão de 1980, p.18. 155 Revisionismo: Um Auto-Retrato, *Fronteira Judaica,* janeiro de 1935, p.16.
156 Ibidem. 157 Anita Shapira, O Debate em Mapai sobre o Uso da Violência, 1932-1935, *Sionismo,* primavera de 1981, p.105.

Em 16 de junho, Chaim Arlosoroff, um trabalhista e secretário político da Agência Judaica, foi assassinado enquanto caminhava numa praia de Tel Aviv com a sua esposa. Dois Revisionistas foram acusados de cometer o crime e Achimeir foi acusado de conspiração.
Quando Hitler chegou ao poder, *Chazit Haam* anunciou que o nazismo era um movimento de libertação nacional e que Hitler salvara a Alemanha do comunismo. Jabotinsky estava mais do que disposto a tolerar os apoiantes de Mussolini no seu movimento, mas os pró-nazis eram um pouco demais, mesmo para ele. Ele insistiu que parassem de publicar essas peças:

> Exijo o fim incondicional deste ultraje... Se *Chazit Haam* publicar pelo menos uma única linha que possa ser interpretada como uma nova tentativa de se curvar... Exigirei que seus editores sejam expulsos do partido. [158]

A reprimenda do homem que consideravam seu Führer foi suficiente para converter Achimeir e companhia em antinazistas. Numa reviravolta, começaram a atacar a liderança da WZO, e particularmente Arlosoroff e a Agência Judaica, o braço executivo da WZO na Palestina, por tentarem colaborar com Hitler.

A WZO nada fez para mobilizar o povo judeu – ou qualquer outra pessoa – na Alemanha ou noutro local, para tentar impedir que Hitler chegasse ao poder; com a sua ascensão ao poder, eles viram a oportunidade de utilizar o ódio nazista aos judeus para construir sua Sião na Palestina. Hitler queria que os judeus saíssem da Alemanha e a WZO queria que alguns deles, aqueles com dinheiro ou competências que pudessem ser usados para construir o lar nacional, fossem transferidos para a Palestina. Arlosoroff concebeu um esquema elaborado para um "banco de liquidação" a ser operado em conjunto com a Alemanha, Itália e Grã-Bretanha, que transferiria gradualmente a riqueza dos judeus alemães para a Palestina. Foi a Berlim para negociar com os hitleristas, regressando em 14 de junho; em 15 de junho, *Chazit Haam* lançou um ataque a Arlosoroff, "A Aliança de Stalin-Ben-Gurion-Hitler". O título grotesco interligava dois temas principais da linha do jornal: os sionistas trabalhistas estavam a planear estabelecer um regime árabe pró-comunista e, ao mesmo tempo, vender os judeus aos nazis:

> Lemos... uma entrevista com o Sr. Arlosoroff... Entre outras palavras sem sentido e estupidez nas quais este saltitante vermelho se destaca, descobrimos que o problema judaico na Alemanha só pode ser resolvido através de um compromisso com Hitler e o seu regime. Estes homens... decidiram agora vender por dinheiro a honra do povo judeu..., a Hitler e aos nazis... Os judeus acolherão a tripla aliança de "Stalin-Ben-Gurion-Hitler" com repulsa e ódio. O Povo Judeu sempre soube como lidar com aqueles que venderam a honra da sua nação e da sua Torá, e saberá hoje como reagir a este ato vergonhoso. 159

Arlosoroff foi assassinado na noite seguinte enquanto ele e sua esposa caminhavam na praia de Tel Aviv. A polícia utilizou rastreadores beduínos especializados, e dois revisionistas, Avraham Stavsky e Zvi Rosenblatt, foram trazidos e identificados pela viúva. A polícia fez uma batida em Achimeir e encontrou um diário sobre uma festa realizada em sua casa logo após o assassinato para comemorar uma "grande vitória", e o prendeu como instigador do crime. 160 Ao saber da sua prisão, Jabotinsky emitiu imediatamente uma declaração anunciando a sua convicção de que eles eram totalmente inocentes e seriam inocentados.

O Congresso Sionista Mundial de 1933

A divisão autocriada no seu movimento apenas garantiu que Jabotinsky enfraqueceria a posição revisionista dentro do campo sionista e, de facto, o seu voto caiu para apenas 14% da votação para os delegados ao Congresso de Agosto de 1933. Não só o seu voto foi recusado, como também ficaram totalmente isolados devido ao assassinato de Arlosoroff. Jabotinsky também não estava a fazer nada para melhorar a sua imagem ao entrar numa convenção judaica, apenas alguns meses depois de Hitler ter chegado ao poder, rodeado por um guarda-costas de camisas castanhas. O Presidium prontamente proibiu os uniformes por medo de que provocassem os trabalhistas.

Os líderes da WZO disseram o mínimo que puderam sobre a Alemanha, na medida em que sabiam que estavam em curso negociações para chegar a um acordo comercial com Hitler. Jabotinsky apresentou uma moção para

---

158 Schechtman, *Lutador e Profeta,* p.216. 159
Eliazer Liebenstein, *A Verdade sobre o Revisionismo,* (1935), pp.51-3. 160
Os Revisionistas na Palestina procuram explicar o Testemunho Incriminador, *Boletim Diário Judaico,* 29 de Agosto de 1933, p.4.

apoiar o boicote antinazi embrionário, mas não teve qualquer hipótese de sucesso. Os delegados ficaram totalmente desconcertados com o carácter fascista do Revisionismo. Durante o Congresso, despachos da Agência Telegráfica Judaica contaram que a polícia descobriu a carta de Jabotinsky a Achimeir denunciando-o por seus artigos pró-nazistas. 161 A grande maioria dos delegados acreditava que os Biryonim tinham assassinado o Secretário Político do seu movimento e a carta só poderia servir para reforçar a sua opinião. Eles só podiam pensar que o seu próprio Hitler estava a denunciar os líderes da WZO por serem pró-nazis. A resolução que apelava à acção contra os hitleristas foi derrotada, 240 a 43. 162 (Na verdade, os nazis anunciaram, durante o Congresso, que tinha sido alcançado um acordo comercial com o Banco Anglo-Palestino da WZ.)

As relações entre os Revisionistas e a WZO não poderiam ter sido piores do que foram no período imediatamente após o Congresso de 1933. A realidade existencial do sionismo palestiniano, que teve de crescer constantemente apenas para ter esperança de acompanhar a taxa de natalidade árabe, juntamente com o facto de as suas finanças estarem esgotadas no meio da Depressão, tornou inevitável que os "práticos" da liderança da WZO procuraria colaborar lucrativamente com Hitler. Jabotinsky não sabia disso, mas, no momento em que o Congresso se reunia, o especialista judeu das SS, Barão Leopold von Mildenstein, era o convidado da WZO na Palestina. Nem sabia que, em Dezembro desse ano, Weizmann iria pedir permissão aos nazis para vir a Berlim para negociar o desenvolvimento do pacto comercial *Haavara* (Transferência) no banco de liquidação em grande escala imaginado por Arlosoroff. 163 Mas o próprio Jabotinsky estava a negociar, através da Unione Revisionisti, uma escola Betar em Itália. Dadas as suas próprias relações em desenvolvimento com Mussolini, o cínico poderia pensar que Jabotinsky teria colaborado com Hitler se tivesse a responsabilidade de dirigir o Yishuv. Isto seria apenas especulação e, de facto, ele tinha os seus princípios, mesmo no que diz respeito a quando era apropriado colaborar com os anti-semitas. Eles tiveram que seguir as regras e permitir que os judeus se protegessem dos pogromistas. Hitler, que nunca permitiria isso, era claramente um inimigo implacável dos judeus. É claro que os Revisionistas não foram os únicos a denunciar a Transferência, a imprensa Comunista Judaica sempre cobriu os Congressos Sionistas e relatou os aspectos superficiais das relações Sionistas com os Fascistas e os Nazistas. A Internacional Socialista denunciou-o e houve imensa oposição dentro da WZO, particularmente na Polónia, onde as massas judaicas sabiam instintivamente que qualquer compromisso com Hitler só poderia enfraquecê-las face aos seus próprios anti-semitas; e os EUA, onde a maior parte das fileiras sionistas e alguns dos líderes foram infectados pelo espírito reformador gerado pelo triunfo de Roosevelt.

Jabotinsky tentou estabelecer os Revisionistas como uma organização de boicote, mas as suas concepções estratégicas eram ridículas. Ele não queria um boicote "negativo", não havia necessidade de dizer às pessoas para não comprarem produtos alemães, a sua própria repulsa pelas acções de Hitler resolveria isso. Era melhor abrir um escritório para informar às pessoas a marca e o modelo exatos dos produtos dos concorrentes que elas poderiam comprar. O Executivo Revisionista não queria envolver-se, sabendo que um esforço sério de boicote exigiria dinheiro, que eles não tinham. Jabotinsky, uma secretária em meio expediente e uma datilógrafa não remunerada eram a equipe do boicote internacional. Sem a unidade judaica, um boicote nunca poderia ter sido eficaz e o último movimento para unir os judeus foi uma organização conhecida pelos seus ataques terroristas aos sindicatos judaicos na Palestina. A campanha de boicote foi reduzida a nada. Hitler simplesmente não era a prioridade de Jabotinsky: ele sabia que Hitler era venenoso, mas não achava que o novo regime pudesse durar; ou ele seria restringido pelos capitalistas alemães ou a Alemanha iria à falência devido à relutância mundial em comprar produtos alemães. A Polónia, com a sua enorme população judaica, foi sempre o principal foco europeu dos Revisionistas, e a Palestina permaneceu o centro exacto do seu universo; foi aí que o Revisionismo foi visto no seu próprio carácter distintivo Sionista-Fascista.

O Julgamento de

Arlosoroff A Palestina Sionista estava numa fase de quase guerra civil, com escaramuças de rua na ordem do dia. Mas o centro das atenções foi o próximo julgamento do mais famoso co-pensador de Jabotinsky – ele na verdade

---

161 *Boletim Diário Judaico,* 24 de agosto de 1933, p.1.

162 Sionistas Rejeitam Boicote ao Reich, *New York Times,* 25 de agosto de 1933, p.6.

163 Werner Braatz, Interesses Comerciais Alemães na Palestina: Sionismo e o Boicote aos Produtos Alemães, *European Studies Review,* outubro de 1979, p.504.

chamou Achimeir de "meu professor e mentor" - embora, na realidade, sempre o tenha considerado muito dado ao "maximalismo" e basicamente apolítico.

Como aconteceu antes e depois nestas questões, o advogado do arguido tentou escapar à esmagadora evidência de culpa inventando uma contra-explicação absurda para o crime de que o seu cliente tinha sido acusado. Em Janeiro de 1934, um árabe, Abdul Majid Buchari, já preso por outro homicídio, confessou o assassinato, alegando que ele e um amigo queriam violar a Sra. Arlosoroff.

Ele se retratou uma semana depois, fez outra confissão e se retratou novamente, dizendo que havia sido subornado por Stavsky e Rosenblatt. Seja como for, teria de ser uma coincidência surpreendente que o Secretário Político da WZO fosse chamado de traidor e ameaçado por uma camarilha fascista modelando-se nos assassinos da antiga Judeia e depois morto num encontro casual com um assassino árabe; mas Jabotinsky insistiu que "esta confissão se parece muito com a verdade". 164 O caso foi a julgamento em 23 de Abril de 1934. Um tribunal civil britânico é um tribunal britânico, mesmo numa colónia, e Achimeir foi absolvido sem sequer ter de apresentar uma defesa. O diário não foi suficiente para provar conspiração anterior (embora ele tenha sido detido sob nova acusação de pertencer a uma organização terrorista). Depois de ouvir a defesa de Rosenblatt, o tribunal também o inocentou, por falta de provas suficientes. Mas, por dois para um, Stavsky foi considerado culpado e, em 8 de junho, condenado à forca. Contudo, em 19 de Julho, o Tribunal de Apelações da Palestina anulou a decisão devido a uma combinação de aspectos técnicos. Houve erros de procedimento cometidos pelos rastreadores. Uma vez descartadas essas provas, não havia mais qualquer corroboração material para apoiar a acusação da viúva. Ao contrário das regras de prova britânicas da época, a lei palestina exigia tal verificação em crimes capitais. O Chefe de Justiça ficou claramente descontente: "na Inglaterra a condenação teria que ser mantida", e denunciou a falsa confissão: Toda a interposição de Abdul Majid neste caso deixa em minha mente uma grave suspeita de uma conspiração para derrotar o fim da justiça pela suborno de Abdul Majid para cometer perjúrio no interesse da defesa. A libertação de Stavsky

devido a um detalhe técnico enfureceu os trabalhistas, que se revoltaram contra ele quando ele apareceu na grande sinagoga de Tel Aviv, e a acusação de terem assassinado um colega sionista perseguiu os revisionistas ao longo da década de 1930. Não há a menor razão para pensar que Jabotinsky estivesse envolvido no assassinato, ou o quisesse ou o acolhesse bem, mas pensar que não houve Revisionistas envolvidos requer a crença numa série de coincidências, espalhadas ao longo de décadas. Primeiro, teria de ter sido um mero acaso que o artigo incriminador aparecesse naquele momento, ameaçando Arlosoroff. Então a viúva deveria, de forma imprecisa, identificar alguns Revisionistas. A polícia teria então de encontrar um diário que, apenas por coincidência, falasse de uma celebração após o assassinato. Um árabe que nem sequer fosse considerado suspeito teria então que, por sua própria vontade, confessar subitamente o assassinato de um sionista proeminente. A viúva teria de continuar a negar que o referido árabe a tenha tentado violar e continuar a proclamar que os assassinos eram judeus, presumivelmente por pura maldade faccional. Dois tribunais britânicos teriam de acreditar na sua invenção, um deles mesmo quando libertava a vítima da sua calúnia; esse mesmo tribunal teria que caluniar seu advogado de defesa como subordinado ao perjúrio. Como se não fosse uma série incrível de acontecimentos, em 1973, 40 anos depois, um especialista em balística reformado teria de declarar falsamente que, em 1944, descobriu-se que a arma que matou Arlosoroff tinha sido usada, em Novembro de 1944, por um assassino confesso, membro de um grupo dissidente revisionista, a "Gangue Stern", para matar Lord Moyne, o Alto Comissário Britânico para o Médio Oriente. O perito forense explicou que a mesma arma tinha sido usada em nada menos que oito assassinatos políticos ligados aos revisionistas. A única razão pela qual FW Byrd

> não forneceu evidências da conexão de Arlosoroff no momento do julgamento dos dois assassinos de Lord Moyne, pois a cadeia de evidências das exposições de Arlosoroff foi quebrada durante o intervalo de onze anos.[166]

Em 1955, Yehuda Arazi-Tennenbaum, um ex-trabalhista e antigo agente da polícia obrigatória, anunciou subitamente que Stavsky era inocente e que o árabe tinha sido pressionado a retratar a sua confissão. Um policial que admite ter mantido silêncio sobre o atropelamento de um homem inocente – por

---

164 Jabotinsky, Chacais e Amêijoas, *Nossa Voz,* abril de 1934, p.8.

165 Apelo de Stavsky permitido, *Palestine Post,* 22 de julho de 1934, p.8.

166 Trace 1933 Murder Weapon to Stern Group Death Squad, *Jewish Journal,* 10 de agosto de 1973.

22 anos – é automaticamente suspeito. A razão pela qual ele duvidou que Stavsky fizesse isso é curiosa. A princípio, ele acreditou na acusação, afirmou, porque pensava que Stavsky era um Stavsky diferente, um comunista. Quando descobriu que este Stavsky "era um Betari, ficou convencido de que a polícia tinha cometido um erro". 167 A observação sobre um Stavsky comunista é curiosa, pois não havia a menor evidência que ligasse qualquer comunista ao assassinato. É preciso lembrar que, em 1955, Arazi não sabia que Byrd havia rastreado a arma. Para aceitar a sua história, temos de acrescentar outra à nossa série de coincidências notáveis, desta vez a de que um dos polícias envolvidos deveria acreditar que Stavsky era inocente, manter-se em silêncio e depois, 22 anos depois, decidir revelar a verdade. Aceitar a história de Arazi lançaria sérias dúvidas sobre a revelação de 1973 de Byrd. Mas Arazi, o polícia, admitiu ter escondido os factos do público durante 22 anos; Byrd, o especialista em balística, notificou as autoridades de suas provas, imediatamente, em 1944. É óbvio quem é a testemunha mais confiável, especialmente porque as provas de Byrd estão em harmonia com as provas indiscutíveis apresentadas no julgamento - o artigo e o diário entrada, bem como as demais provas então apresentadas.

Negar que tivessem algo a ver com o assassinato tornou impossível aos Revisionistas defendê-lo por motivos políticos, nomeadamente que tinham, de facto, matado apenas um colaborador dos Nazis e, portanto, o público viu a questão apenas como uma questão de saber se os revisionistas assassinaram ou não um sionista rival. Com exceção de alguns outros sionistas de direita, que viam os Revisionistas como parte do seu muro contra os trabalhistas, e não conseguiram ver o que não queriam ver, todo o mundo político interpretou a teimosa insistência de Jabotinsky na sua descrença na identificação das viúvas. de seus seguidores, e suas afirmações de acreditar nas incríveis histórias de Abdul Majid, como prova da responsabilidade do movimento pelo crime.

A Divisão Final com a WZO Os Biryonim nunca conseguiram vencer a sua luta contra a Histadrut, o seu Sindicato Nacional do Trabalho nunca teve mais de um décimo dos membros da Histadruts. As fileiras trabalhistas sionistas tinham visto o triunfo de Hitler na Alemanha e de Dollfuss na Áustria e queriam definitivamente destruir a sua própria ameaça fascista antes que ela também os devorasse. Em 17 de Outubro de 1934, 100 Revisionistas ficaram presos dentro do seu novo quartel-general em Haifa por 1.500 trabalhadores, e 20 Revisionistas tiveram de ser levados para o hospital em macas. Mas a liderança Trabalhista Sionista, que negociou avidamente com os Hitleristas, dificilmente foi a única a levar a cabo uma campanha contra os seus próprios Fascistas, principalmente devido à preocupação de que tal clima de guerra civil pudesse assustar os seguidores da classe média do Sionismo da Diáspora. 168 Em Agosto de 1934, os Revisionistas, sentindo que nunca conseguiriam vencer o conflito desigual que tinham provocado, ofereceram-se para negociar um pacto com a Histadrut, para eliminar a violência nos conflitos entre as facções.

As fileiras da Histadrut opuseram-se a um acordo, mas em Outubro, Pinhas Rutenberg, um empresário sionista, organizou um encontro secreto entre Ben Gurion e Jabotinsky na sua casa em Londres. Em 26 de Outubro, os dois assinaram um acordo para proibir a violência nos seus litígios. Pactos posteriores procuraram regular as relações entre os sindicatos rivais e apelaram ao fim do boicote dos revisionistas às campanhas de angariação de fundos da WZO e, em troca, à restauração do direito dos Betarim de obter certificados de imigração, que lhes tinham sido negados devido à sua quebra-greve. Os acordos foram impopulares entre as fileiras de ambos os lados, com Achimeir na Palestina e Menachem Begin na Polónia a oporem-se fortemente a eles. No entanto, o congresso mundial revisionista em Janeiro de 1935 finalmente concordou com os acordos, mas o referendo Histadrut, no final de Março, esmagadoramente, 15.227 a 10.187, repudiou os pactos. Jabotinsky convocou então uma mesa redonda com a liderança para “salvar” a unidade do movimento. A liderança naturalmente não estava disposta a tratar uma minoria do seu movimento como igual e, em refutação, modificou o "shekel" de adesão para exigir que todos os sionistas aderissem à disciplina da WZO, e Jabotinsky finalmente decidiu consumar a inevitável divisão. Em 3 de junho de 1935, as fileiras votaram esmagadoramente a favor da proposta dos seus líderes de criar uma organização sionista independente.

Cada vez mais perto da Itália fascista

---

167 Stavsky foi enquadrado, *Jewish Herald* (África do Sul), 24 de fevereiro de 1955, p.3.

168 Shapira , p.104.

Em meados da década de 1930, apesar das suas críticas remanescentes sobre o fascismo como sistema, Jabotinsky orientou-se cada vez mais para a Itália. Em novembro de 1934, Mussolini montou um esquadrão Betar em sua scuola marittima em Civitavecchia. Lá, 134 cadetes foram treinados pelos notórios Camisas Negras e, em 1936, o próprio Il Duce revisou seus pupilos sionistas. 169 A criação da escola em Itália só poderia confirmar a imagem mundial do Revisionismo como Fascista, mas o imperioso Jabotinsky pouco se importou. Escreveu a um dos seus seguidores italianos, que estava a liderar as negociações com o regime, que poderiam ter criado a escola noutro local, mas "nós... preferimos que seja estabelecida em Itália". 170 Em Abril de 1935, Jabotinsky tornou-se pouco mais que um advogado de defesa de Mussolini e, enquanto estava em digressão pela América, escreveu um artigo, "Judeus e Fascismo – algumas observações – e um aviso" para um jornal sionista de língua inglesa, o *Boletim Diário Judaico:*

> Independentemente do que alguns pensem dos outros pontos do fascismo, não há dúvida de que o tipo italiano de ideologia fascista é, pelo menos, uma ideologia de igualdade racial. Não sejamos tão humildes a ponto de fingir que isto não importa – que a igualdade racial é uma ideia demasiado insignificante para contrabalançar a ausência de liberdade cívica. Pois não é verdade. Sou um jornalista que sufocaria sem liberdade de imprensa, mas afirmo que é simplesmente uma blasfêmia dizer que na escala dos direitos cívicos, até a liberdade de imprensa vem antes da igualdade de todos os homens. A igualdade vem em primeiro lugar, sempre em primeiro lugar, super primeiro; e os judeus deveriam lembrar-se disso e sustentar que um regime que mantém esse princípio num mundo que se tornou canibal expia, em parte, mas consideravelmente, as suas outras deficiências; pode ser criticado, não deve ser chutado. Existem outros termos suficientes para xingar – nazismo, hitlerismo, Polizeistaat, etc. – mas a palavra "fascismo" é propriedade da Itália e deve, portanto, ser reservada apenas para o tipo correcto de discussão, não para exercícios em Billingsgate. Especialmente porque ainda pode ser muito prejudicial. Esse governo dos direitos de autor é um factor muito poderoso, cuja simpatia ainda pode evitar muitos golpes, por exemplo nos conselhos da Liga das Nações. Aliás, a Comissão do Mandato Permanente que supervisiona os assuntos palestinianos tem um presidente italiano. Em suma – embora não espere que os meninos de rua (independentemente da idade) sigam conselhos de cautela – os líderes responsáveis devem tomar nota. 171

O apologista do "fascismo" ficou naturalmente bastante impressionado com a traquinagem italiana sobre a Etiópia – a Inglaterra não é agora, de longe, a potência mais forte do Mediterrâneo – e, em 1936, convenceu-se de que era altura de procurar uma nova obrigatoriedade – de preferência alguém com a devida disposição para usar as medidas mais severas contra os árabes. "Logicamente", escreveu ele a um amigo,

> o Ersatz poderia ser a Itália, ou algum condomínio de Estados menos antissemitas interessados na imigração judaica, ou um Mandato direto de Genebra, ou uma quarta alternativa que abordarei mais tarde. Antes de 30 de junho a 15 de julho, soei a alternativa nº 1. Resultado: ainda não maduro, nem de longe. 172

Jacob de Haas, um colega de trabalho de Herzl, passou para o Revisionismo em meados da década de 1930 e o velho cavalo de guerra sionista presidiu o congresso fundador da Nova Organização Sionista, em Viena, em Setembro de 1935. Ao regressar à América, ele descreveu a reunião em sua coluna semanal para o *Jewish Chronicle de Chicago:*

> "Os delegados não eram fascistas, mas tendo perdido toda a fé na democracia, não eram antifascistas. No entanto, eram muito anticomunistas." 173

O velho escrevia na América, não se considerava um fascista, o que teria sido ridículo na América, por isso convenceu-se de que os seus camaradas eram apenas antidemocráticos. Mas Wolfgang von Weisl, o director financeiro da NZO, e o seu representante diplomático na Europa Oriental, foi certamente muito mais preciso quando disse a um jornal diplomático de Bucareste que "embora as opiniões entre os Revisionistas variassem, em geral eles simpatizavam com o Fascismo". Ele garantiu ao seu interlocutor que

---

169 *Mussolini, My Husband* (filme documentário italiano). 170
Jabotinsky, carta a Leone Carpi, 7 de outubro de 1931, *Escritos em Memória de Leone Carpi,* (D. Carpi, A. Milano, A. Rofe, eds), p.42.
171 Jabotinsky, Judeus e Fascismo – algumas observações – e um Aviso, *Boletim Diário Judaico,* 11 de abril de 1935, p.3.
172Schechtman ,
p.304. 173 Jacob de Haas, Novas lutas em um velho mundo, *Chicago Jewish Chronicle,* 18 de outubro de 1935, p.9.

> "Ele pessoalmente apoiava o fascismo e regozijou-se com a vitória da Itália fascista na Abissínia como um triunfo das raças brancas contra os negros." 174

Tais opiniões geraram muita popularidade em Roma e foi o próprio Mussolini quem disse a David Prato, que mais tarde se tornaria Rabino Chefe de Roma, que:

> Para que o sionismo tenha sucesso é necessário ter um estado judeu, com uma bandeira judaica e uma língua judaica. Quem realmente entende isso é o seu fascista, Jabotinsky. 175

Tal foi o movimento que foi agora confrontado com a revolta árabe de 1936.

A Grande Revolta Palestina A história do levante foi bem contada em outros lugares e não será detalhada aqui. É suficiente dizer que entre 1933 e 1936, 164.267 imigrantes judeus entraram na Palestina e a minoria judaica aumentou para 29,9% em Dezembro de 1935. Os árabes podiam agora ver os sionistas tornarem-se a maioria dentro do país num futuro próximo. Uma tremenda agitação se seguiu à descoberta, em 18 de novembro de 1935, de um esconderijo de armas que a Haganah havia tentado contrabandear para o país em uma carga de cimento, e naquele mesmo mês o Shaykh Izz al-Din al-Qassam, um popular pregador muçulmano, entrou no colinas com um bando de guerrilha. As tropas britânicas logo o mataram, mas a crise explodiu novamente em 15 de abril de 1936, quando um remanescente dos seguidores de Qassam deteve viajantes na estrada de Tulkarm e matou dois judeus. Dois árabes foram mortos em retaliação, e o funeral dos dois judeus transformou-se numa manifestação, com os enlutados começando a marchar sobre Jaffa, apenas para serem rechaçados quando quatro deles foram baleados pela polícia. Uma contra-marcha logo começou em Tel Aviv e a revolta começou. Uma greve geral espontânea eclodiu e a pressão vinda de baixo forçou as camarilhas rivais dos effendi a formar um Alto Comité Árabe sob a liderança dos Muftis. Temendo que a continuação do que era basicamente uma jacquerie tirasse permanentemente o campesinato do seu controlo, o establishment palestiniano convenceu os ingénuos comités de greve locais a cancelarem a greve em 12 de Outubro, enquanto se aguarda o resultado de uma prometida investigação da Comissão Real.

O impulso da política britânica para a Palestina tem sido frequentemente debatido por historiadores. Os administradores locais, como os burocratas de todo o mundo, queriam o mínimo de problemas possível e viram que era o sionismo, com as suas pretensões, que provocava os nativos. Inevitavelmente, eles tendiam a tornar-se anti-sionistas e até anti-semitas, embora mesmo aqueles que fingiam ser pró-árabes geralmente os viam como apenas mais uma raça de wogs que precisavam de protecção contra os astutos judeus. O sionismo teve o seu maior sucesso com os políticos em Londres que estavam afastados das pressões árabes locais e que tendiam a pensar em termos imperiais mais estratégicos. Mas foi o mais filosófico dos administradores locais, Sir Ronald Storrs, quem resumiu a visão geral do governo britânico. O primeiro governador militar britânico de Jerusalém confidenciou, em suas memórias, que o empreendimento sionista foi "aquele que abençoa tanto aquele que deu quanto aquele que recebeu, ao formar para a Inglaterra "um pequeno e leal Ulster judeu em um mar de arabismo potencialmente hostil". 176 No geral, deve dizer-se que, apesar de todas as suas vacilações, sem o patrocínio dos britânicos, e particularmente a presença do exército, o sionismo teria sido empurrado para o mar pela esmagadora população árabe.

Todo o Yishuv sionista estava mais do que ansioso para desempenhar o papel dos Orangemen locais e da Haganah da WZO, dominada pelos trabalhistas, anteriormente ilegais e na prática mal tolerada, foi alistada no serviço da Coroa como "Ghaffirs" ou "nativos" regulares. a polícia e a Polícia de Colonização Judaica, para ajudar a administração da polícia colonial britânica (que, para tornar a analogia com a Irlanda ainda mais literal, eram em sua maioria veteranos dos infames Black and Tans). No final da revolta, em 1939, nada menos que 5% de toda a população judaica estava alistada nestas forças. Apenas os Revisionistas permaneceram fora da Haganah. Eles tinham-se separado dela, juntamente com a maioria dos outros sionistas de direita, em 1931. Houve queixas sobre a sua falta de preparação durante os motins de 1929, mas a principal razão para a divisão foi a oposição ao seu domínio pela Histadrut. A nova "Haganá-B"

---

[174] Dr von Weisl Believes in Fascism, *World Jewry* (Londres), 12 de junho de 1936, p.12. 175 Michael Bar-Zohar, Ben-Gurion – O Profeta Armado, p.46.

[176] Ronald Storrs, *Orientações,* p.405.

o comandante, Avraham Tehomi, era um revisionista e, em dezembro de 1936, concordou formalmente que a milícia operaria sob a direção de Jabotinsky. No entanto, só depois de Abril de 1937, quando Tehomi e cerca de um quarto dos seus 3.000 homens, apoiantes do Mizrachi, dos General Sionistas e do Partido do Estado Judeu, com muito poucos Revisionistas, se separaram para regressar ao grupo muito maior da Haganah. , que o grupo se tornou uma força genuinamente revisionista.
No início, Jabotinsky concordou com a estratégia defensiva havlaga de contenção da Haganah. Ele sempre preferiu uma legião totalmente legal, formalmente afiliada às forças armadas, e temia que a contrainsurgência ilegal sufocasse esse potencial. No entanto, não havia realmente lugar para uma segunda sombra da Haganah, e o movimento clandestino agora totalmente revisionista, doravante conhecido como Irgun (literalmente, a Organização, de Irgun Zvei Leumi ou Organização Militar Nacional), só fazia sentido como um grupo terrorista. . As ações de pequena escala começaram em 1936 e, apesar da genuína aversão de Jabotinsky por tais atividades - em julho de 1937 ele disse em uma reunião de seu alto comando, em Alexandria, que "não consigo ver muito heroísmo e bem público em atirar pela retaguarda e Camponês árabe montado num burro, transportando vegetais para venda em Tel Aviv" – em Novembro de 1937 o Irgun estava irrevogavelmente comprometido com o terrorismo. 177 O carácter fascista do revisionismo manifestou-se mais uma vez, com as fileiras ávidas pelo extremismo e Jabotinsky, o seu líder, cedendo aos seus maximalistas.

No início de Setembro de 1937, 13 árabes foram mortos, supostamente em retaliação pela morte de três judeus. Em 14 de novembro, o Irgun partiu para a ofensiva. Vários Irgunistas estavam determinados a agir por conta própria e o comando do Irgun os impediu organizando uma onda de operações que resultou na morte de dez árabes e em vários feridos. 178 Posteriormente, ocorreram inúmeros ataques contra alvos árabes puramente civis, tendo o ponto alto da campanha ocorrido no Verão de 1938. No dia 6 de Julho, uma bomba de lata de leite explodiu no mercado árabe de Haifa, deixando 21 mortos e 52 feridos. Em 15 de julho, uma mina elétrica na rua David, na cidade velha de Jerusalém, matou dez pessoas e feriu 30. No dia 25, outra bomba no mercado de Haifa matou 35 civis e feriu 70. Em 26 de agosto, uma bomba no mercado de Jaffa matou 24 pessoas e feriu 35. 179 As operações do Irgun foram documentadas noutros locais, tanto por amigos como por inimigos, e seria tedioso detalhar melhor as suas acções aqui. No entanto, os historiadores estão em geral de acordo que, independentemente do que revelam sobre o Revisionismo, o seu efeito líquido no resultado da revolta foi absolutamente nulo. 180 Embora a Haganah tenha desempenhado um papel muito mais importante na defesa do Yishuv sionista, é indiscutível que o seu papel foi estritamente auxiliar ao esforço principal do exército britânico que, recorrendo à repressão colonial clássica, ao bombardeamento aéreo, à punição colectiva, ao internamento sem julgamentos, execuções, esmagaram retumbantemente a revolta.

Revisionismo da Diáspora

Se, por quaisquer padrões objectivos, os esforços do Irguns foram inconsequentes no terreno na Palestina, os relatos de violência judaica tiveram, no entanto, um apelo aos elementos judeus da classe média na Europa Oriental, cambaleando com a erupção do renovado anti-semitismo na após a tomada do poder nazista na Alemanha. A direita polaca, embora apreensiva com os desígnios de Hitler no Corredor, viu o seu próprio anti-semitismo justificado pelo estabelecimento do novo regime no seu vizinho "altamente culto" e o anti-semitismo fascista começou a crescer, particularmente nas universidades. Enquanto viveu o marechal Jozef Pilsudski, o velho e rude semiditador, os judeus estiveram relativamente protegidos da violência. Ele sempre viu o anti-semitismo como um legado do atraso czarista e não toleraria pogroms ou, aliás, qualquer tipo de perturbação nas ruas. Mas com a sua morte em 1935, os seus sucessores, os "Coronéis", começaram a ceder ao ressurgente ódio aos judeus, e os 3.300.000 judeus polacos foram confrontados com gangues de pogrom e com a crescente discriminação oficial. Nos Estados Bálticos, na Áustria, na Hungria e na Roménia, os judeus enfrentaram campanhas semelhantes, tanto violentas como legalistas, para os expulsar das suas posições na economia.

Qualquer classe está naturalmente atenta a um partido político que apele aos seus interesses, mas havia razões adicionais pelas quais a classe média judaica, ou grande parte dela, não procuraria alternativas mais radicais. Eles tinham visto a classe trabalhadora alemã deixar Hitler passar por eles até chegar ao poder,

---

177 Schechtman , p.449.
178 Bell, pág.39.
179 Israel Shahak (ed), *Begin and Co. Como Eles Realmente São,* p.12.
180 Daniel Levine, *David Raziel, O Homem e Seus Tempos,* p.229.

e esmagá-los, sem disparar um único tiro. Se olhassem para leste, só poderiam ser repelidos pela União Soviética, então no meio dos grandes expurgos. Com a situação judaica na sua própria região a tornar-se desesperada e a sua posição de classe ainda mais desesperada, muitos judeus de classe média viraram irrevogavelmente as costas à assimilação e olharam para a Palestina. Mas, com os britânicos a reduzir drasticamente a quota de imigrantes judeus num esforço para apaziguar os árabes, o sionismo oficial também começou a perder o seu apelo para os judeus polacos. Enquanto muitos dos seus seguidores se dirigiam para o Bund, que, ao contrário de qualquer um dos sionistas, organizava esquadrões de defesa e travavam batalhas campais com os pogromistas, um elemento substancial começou a ir para o Betar. Se a Palestina algum dia se tornasse deles, era claro que só poderia ser pela força e os únicos que enfatizavam tanto a Palestina como o militarismo dentro da comunidade judaica eram os Revisionistas.

Jabotinsky, até então o "monista", que se opunha à mistura de ideologias, começou a agradar a enorme classe média ortodoxa. Ele sempre foi um secularista, nunca ia à sinagoga (exceto para fazer a oração por seu pai) e não observava nenhum dos principais princípios da religião judaica.
Anteriormente ele havia denunciado a Ortodoxia pelo seu obscurantismo e chauvinismo masculino; agora, em 1935, ele subitamente injetou uma “prancha religiosa” na plataforma do seu NZO, tudo sobre “implantar na vida judaica os tesouros sagrados da tradição judaica”. 181 Ele afirmou professar genuinamente que "Minha... geração... começou eliminando o clericalismo e acabou eliminando a Divindade... Vemos agora o que a natureza humana pode degenerar se for privada da Divindade." 182 Embora ainda não tivesse nada a ver com o ritualismo judaico, ele começou a falar sobre como estava "agora convencido de que é mais sensato tratar... os fundamentos éticos como ligados a um mistério sobre-humano". 183 Todo o episódio é um ponto baixo de sua carreira, até mesmo membros de sua família sentiram que tudo isso era uma demagogia palpável. 184 Mas se a classe média judaica estava toda arrumada com algum lugar para ir, a questão ainda permanecia sobre como iriam chegar lá. Com a Grã-Bretanha a bloquear o caminho para qualquer coisa como uma imigração em massa para a Palestina, Jabotinsky voltou-se mais uma vez para os anti-semitas em busca de patrocínio. O movimento sionista nunca acreditou que fosse possível resolver a questão judaica em solo polaco e a linha principal do sionismo sempre procurou o apoio do governo. Weizmann teve uma reunião com o ministro das Relações Exteriores, Jozef Beck, que lhe garantiu que se os britânicos implementassem a divisão proposta pela sua Comissão Real de 1937, Varsóvia, no interesse de ver o maior estágio possível para a emigração judaica, trabalharia ao máximo para garantir aos sionistas as melhores fronteiras possíveis para o seu pequeno Estado. Nesse mesmo ano, Yehuda Arazi, atuando como emissário da Haganah, comprou secretamente metralhadoras e rifles do exército polonês para serem contrabandeados para a Palestina em rolos compressores. Alguns instrutores da Haganah foram autorizados a entrar no país para utilizar as armas para treinar secretamente alguns de seus seguidores, que então partiriam para se estabelecer na Palestina. " 185 Mas com a WZO ligada aos britânicos, que rapidamente abandonaram a divisão e cortaram as quotas de imigração, ambos como concessões à opinião árabe, foram os revisionistas que se tornaram os principais protegidos do regime.

Em 9 de junho de 1936, Jabotinsky teve uma reunião com Beck e em 11 de setembro com o primeiro-ministro Felicjan Slawoy-Skladkowski. Em outubro de 1937, ele retornou a Varsóvia para conhecer o marechal Edward Smygly-Rydz, o novo homem forte. Os Revisionistas e os anti-semitas elaboraram o que os Revisionistas tiveram o prazer de chamar de “aliança”.

Propostas para um Êxodo

Jabotinsky, por sua vez, usando a imprensa polaca como veículo, apelavam à “evacuação” de um milhão e meio de judeus da Europa Oriental, o maior contingente de judeus polacos. Num artigo escrito para judeus, ele descreveu seu pensamento:

> Pensei primeiro no “Êxodo”, numa segunda “saída do Egito”. Mas isso não vai acontecer. Estamos engajados na política, devemos ser capazes de nos aproximar de outras nações e exigir o apoio de outros estados. E sendo assim, não podemos submeter-lhes um termo que seja ofensivo, que lembre Faraó e as suas dez pragas. Além disso, a palavra

---

181 Schechtman, p.287.
182 Ibid., p.286.
183 Ibid., p.289.
184

Ibidem. 185 Yehuda Slutsky, Haganá, *Enciclopédia Judaica,* vol.7, col.1069.

> "Êxodo" evoca uma imagem terrível de horrores, a imagem de toda uma nação-massa, como uma multidão desorganizada, que foge em pânico. 186

Era, claro, um Êxodo que Jabotinsky estava propondo, independentemente de como ele escolhesse chamá-lo; e embora a proposta tenha sido um sucesso instantâneo junto do governo, foi completamente contestada por todos os judeus polacos para além do campo revisionista. Dois diários sionistas que anteriormente publicavam suas colunas cortaram imediatamente todas as conexões com ele, mas os revisionistas foram ainda mais longe, em 1939, enviando Robert Briscoe, então membro do Fianna Fáil do Dáil irlandês (mais tarde famoso como o Lorde Prefeito Judeu de Dublin) , para fazer mais uma proposta a Beck:

> Em nome do Novo Movimento Sionista... Sugiro que peça à Grã-Bretanha que lhe entregue o Mandato da Palestina e que a torne efectivamente numa colónia polaca. Você poderia então transferir todos os seus judeus poloneses indesejados para a Palestina. Isto traria grande alívio ao seu país, e você teria uma colônia rica e crescente para ajudar sua economia. [187]

O Plano de Invasão à Palestina Os polacos não se preocuparam em pedir o mandato aos britânicos. Mas fizeram melhor: na Primavera de 1939, criaram uma escola de formação de guerrilha para os seus clientes revisionistas em Zakopane, nas Montanhas Tatra. Vinte e cinco Irgunistas palestinos aprenderam os detalhes da sabotagem e da insurreição pelo exército polonês. Foram fornecidas armas para 10.000 homens para uma proposta de invasão da Palestina, em Abril de 1940.188 A Polónia está muito longe da Palestina; como é que os Revisionistas pensaram que iriam chegar lá? Avraham Stern disse aos cadetes em Zakopane que eles estavam negociando a passagem com a Turquia e a Itália, mas não há evidências de que os turcos ou os italianos estivessem minimamente envolvidos. Em 1936, o regime fascista mudou-se irrevogavelmente para o campo de Hitler, a escola de Civitavecchia foi abandonada no ano seguinte e Jabotinsky cortou todos os laços com Mussolini. Mas muitos dentro do movimento tornaram-se tão fanatizados no seu pró-fascismo que culparam os judeus pela viragem de Mussolini para Hitler. Não tinham avisado os judeus para não atacarem o fascismo? Se ao menos os sionistas tivessem apoiado a Itália na guerra da Etiópia, então, raciocinaram, Mussolini teria mantido o seu patrocínio ao sionismo. Stern representava este elemento e, embora a documentação sobre este ponto aparentemente nunca tenha existido, é legítimo especular que Stern pensava que se os Revisionistas pudessem mostrar a Mussolini que levavam realmente a sério o ataque à Grã-Bretanha na Palestina, ele voltaria então ao seu patrocínio anterior de o movimento.

Os poloneses realmente acreditaram no plano fantástico? É difícil dizer, mas devemos lembrar que o mundo estava prestes a ver a maior cavalaria do mundo atacar o Panzer Korp de Hitler.
Os coronéis eram todos graduados da Legião Polaca de Pilsudski, que na sua época tinha desenvolvido esquemas semelhantes e estúpidos (Pilsudski apoiou a Alemanha contra a Rússia durante a Primeira Guerra Mundial, sempre planeando então virar-se contra os alemães e passar para o lado dos franceses). Eles viam Jabotinsky como o Pilsudski judeu, e se Pilsudski conseguia inventar tais manobras e chegar ao poder, porque não Jabotinsky? Mas mesmo que a invasão nunca tenha ocorrido, ou não tenha conseguido realizar nada, os coronéis tinham a ganhar, pois os revisionistas tinham de permanecer nos bons livros do regime a nível interno, se os seus patronos alguma vez conseguissem armas e treino. Os milhares de Betarim mantiveram-se fora da batalha contra os pogromistas. A menos que fossem atacados, os Revisionistas, apesar de todo o seu militarismo, nunca lutaram contra os seus homólogos Fascistas Polacos. Shmuel Merlin, que passou os últimos anos pré-guerra em Varsóvia como editor de um dos jornais revisionistas, explicou que: É absolutamente correcto dizer que apenas o Bund travou
uma luta organizada contra os anti-semitas.
Não considerámos que teríamos que lutar na Polónia. Acreditávamos que a forma de aliviar a situação seria tirar os judeus da Polónia. Não tínhamos espírito de animosidade. 189

A Conferência Betar de 1938

---

186 Jabotinsky, Evacuação – Sionismo Humanitário, *Escritos Selecionados* (África do Sul), 1962, p.75.
187 Robert Briscoe, *Pela minha vida,* p.268. 188 Nathan Yalin-Mor, Memórias de Yair e Etzel, *Espectador Judeu,* Verão de 1980, p.33. 189 Shmuel Merlin (entrevista com o autor), 16 de setembro de 1980.

Menachem Wolfovitch Begin foi o menino-orador do Revisionismo da década de 1930 e foi ele quem melhor expressou o espírito cada vez mais febril das fileiras Betar face à crescente ameaça nazi.
O seu desespero assumiu a forma de um clamor pela conquista imediata da Palestina. Na conferência mundial de Betar, em Varsóvia, em 11 de setembro de 1938, o jovem engolidor de fogo levantou-se para alterar seu juramento.
Após o assassinato de Arlosoroff, Jabotinsky inseriu uma cláusula: "Levantarei meu braço apenas para defesa", mas agora Begin insistiu em alterá-la para: "Levantarei meu braço para a defesa de meu povo e a conquista de minha pátria" . Jabotinsky sabia que não tinham a menor chance de derrotar os britânicos; toda a noção da invasão da Palestina em 1940 ainda era obviamente apenas meio séria na sua mente (presumivelmente era a oportunidade de conseguir as armas e o treino aqui e agora que o interessava) e ele atacou Begin. Havia todo tipo de ruído no mundo, disse ele, mas a fala de Begin não lhe lembrava nada além do "guincho inútil de uma porta" na dobradiça.

Para ele, o "sionismo militar" era tão unilateral quanto o sionismo prático de Weizmann. Ele reescreveu a primeira linha da Bíblia, "No princípio Deus criou – a política": ... "Se o senhor, Sr. Begin, não acredita que ainda existe uma consciência no mundo, não tem escolha a não ser ir para as profundezas do rio Vístula." 190 Ou junte-se aos comunistas.

Novos planos de invasão

Apesar da polêmica de Jabotinsky contra Begin, a emenda foi aprovada. O revisionismo foi engolido por uma onda de maximalismo, o Irgun agiu cada vez mais independentemente de Jabotinsky e, mais uma vez, capitulou perante os seus extremistas. Em agosto de 1939, ele informou ao Irgun que queria adiantar a proposta de invasão da Palestina para outubro daquele ano. Ele lideraria um barco carregado de Betarim que desembarcaria na praia de Tel Aviv. Ao mesmo tempo, o Irgun tomaria a Casa do Governo em Jerusalém e a manteria por 24 horas; um Governo Provisório seria declarado. Após a sua prisão ou morte, o movimento Revisionista na Europa e na América proclamaria ainda um Governo no Exílio. A aventura foi claramente modelada após o levante da Segunda-feira de Páscoa de 1916 na Irlanda, onde os líderes foram devidamente executados após a sua rendição, mas o seu gesto desencadeou uma revolução popular que acabou por levar à evacuação britânica do sul da Irlanda. Mas, neste caso, não há a menor razão para duvidar que tal façanha só poderia ter levado à destruição do Irgun como movimento. É inconcebível que tal empreendimento tivesse inspirado os sionistas trabalhistas, que eram a força mais poderosa entre o sionismo palestiniano, a seguir os seus odiados rivais na revolta contra a Grã-Bretanha.

Para colocar o plano de invasão actualizado de Jabotinsky em plena perspectiva, deve compreender-se que o Irgun mudou as suas atenções dos árabes para os britânicos na sequência do Livro Branco de Maio de 1939, que finalmente pôs fim ao patrocínio britânico ao sionismo. O Documento previa reduzir as compras de terras sionistas, limitar a imigração a 75.000 durante os próximos cinco anos e um estado dominado pelos árabes dentro de dez anos. A resposta do Irguns foi iniciar uma campanha de bombardeio contra instalações britânicas. Os britânicos agiram com muito mais força em resposta aos ataques contra eles do que alguma vez reagiram à campanha do Irgun contra os árabes, e David Raziel, o comandante do Irgun, foi preso no final de Maio. Se isso não bastasse, na noite de 31 de Agosto, a polícia prendeu o resto do Alto Comando do Irgun enquanto discutiam os méritos – e deméritos – do esquema de Jabotinsky. 191 Se a decapitação do Irgun não fosse suficiente, mais tarde naquela mesma noite, 31 de Agosto/1 de Setembro, os nazis invadiram a Polónia, iniciando
uma guerra que Jabotinsky tinha – repetidamente – insistido que estava fora de questão. Em 31 de março, ele escreveu à irmã dizendo que "Não haverá guerra; a insolência alemã logo diminuirá... em cinco anos teremos um Estado judeu". Na última semana de agosto, a última semana antes da guerra, ele escreveu que "Não há a menor chance de guerra.

192 Ele tinha ficado obcecado
com a noção de que o mundo veria que a única solução para a questão judaica da Europa de Leste era a evacuação, e que o mundo, que para ele, depois da viragem de Mussolini para Hitler, significava novamente a Grã-Bretanha, iria implementá-la como um maneira de tirar a questão judaica de Hitler, portanto

---

190 Levine, p.80.
191 Yalin-Mor, pág.
192Schechtman , p.366.

ajudando a neutralizar a ameaça de guerra. Sendo esta a sua premissa fundamental, permitiu-se acreditar que os capitalistas não se deixariam arrastar para outra guerra que, segundo ele, significaria a queda de pelo menos alguns dos regimes, como aconteceu na Primeira Guerra Mundial. Após a guerra, ele tentou se consolar com a "guerra falsa", o período de inatividade militar imediatamente após a campanha polonesa, para dizer a um amigo que "ainda não acredito em uma guerra genuína.[193]

Jabotinsky: O Último Ano Quando
a realidade da guerra finalmente se apoderou, Jabotinsky ficou bastante arrependido, mas nunca lhe ocorreu que um erro de tal magnitude desqualificasse alguém para a liderança política. Sua principal preocupação era que:

> os meus oponentes, que sempre tentaram rejeitar as minhas previsões políticas, irão agora usar este meu erro como prova de que "Jabotinsky estava novamente errado porque nunca foi capaz de ter em conta a realidade". 194

Ele imediatamente notificou os britânicos de que estava arquivando o conflito com a administração palestina em prol do esforço de guerra. No final de outubro, eles libertaram Raziel da detenção, mas a maioria, tanto da liderança quanto das fileiras do Irgun, recusou-se a aceitar a posição de Jabotinsky e Raziel e, sob a liderança de Avraham Stern, continuou uma mini-guerra cada vez mais isolada contra a Grã-Bretanha.

Em essência, Jabotinsky passou a ver a Segunda Guerra Mundial como uma repetição da Primeira. Mais uma vez, os Judeus da Europa eram secundários em relação ao potencial Estado Judeu, o seu foco central tornou-se outra Legião Judaica, embora desta vez ele entendesse que teria de lutar em qualquer frente e não apenas defender a Palestina. Ele sabia que o único lugar onde poderia recrutar para tal força seria nos Estados Unidos e imediatamente tentou chegar lá; nesse caso, ele não poderia deixar a Grã-Bretanha até março de 1940. Até então, ele pressionou os políticos de Londres por um exército, mas sem sucesso. Eles sabiam que os Judeus os apoiariam automaticamente contra Hitler e que tal força só poderia antagonizar o Médio Oriente Árabe.

Nessa época, Jabotinsky estava empenhado em escrever sua última obra importante, *A Frente de Guerra Judaica.* O livro, apesar do título, não é tanto sobre a guerra, mas sobre a solução pós-guerra para a questão judaica na Europa Oriental. A tese central de Jabotinsky é que "a verdadeira igualdade para os judeus naquela zona de perigo - a menos que um grande êxodo alivie a situação - está fadada a permanecer uma miragem". 195 O livro deve ter surpreendido os seus leitores, certamente eles não estavam habituados a que autores judeus arranjassem desculpas para o anti-semitismo: Uma

injustiça grosseira! Claro; mas a mera desaprovação é inútil. A raiz do problema não é o ódio aos judeus – que poderia ser combatido, se não erradicado – mas algo muito mais elementar e primordial: a simpatia pelo “próprio povo”, um instinto que não pode ser criticado, porque, afinal, é tão natural quanto preferir os próprios filhos aos filhos do vizinho. 196 O livro tem uma qualidade bizarra, especialmente para um leitor moderno, mesmo com o mais leve
esclarecimento.
Há argumentos que afirmam demonstrar a impossibilidade de uma emancipação judaica genuína, sendo os judeus mais espertos do que a maioria dos não-judeus: "o urbanismo 'fez' o judeu, em média, se não nos cumes onde habita o génio, mais bem equipado para a maioria das competições da vida moderna". Se entrarem na vida de um país, brilharão, atraindo a inveja dos gentios mais lentos: Esta é a fatídica contradição interna da igualdade cívica
para os judeus: esta só pode ser duradoura se não for aproveitada ao máximo; no entanto, é impossível provocar uma renúncia voluntária a tal privilégio. 197 Assim, centenas de milhares de judeus da Europa Oriental devem partir para a Palestina, para o seu próprio bem, bem como para o bem daqueles que ficam, bem como para o bem das nações da região. Encontrarão uma boa vida no Estado judeu, ao lado dos seus vizinhos árabes, que gozarão de plena igualdade com os judeus. No entanto,

---

193 Ibid., p.367.
194

Ibidem. 195 Jabotinsky, *A Frente de Guerra Judaica,* p.12.
196 Ibid., p.62. 197 Ibid., p.109.

> se os árabes considerariam tudo isto um incentivo suficiente para permanecer num país judeu é outra questão. Mesmo que não o fizessem, o autor recusar-se-ia a ver uma tragédia ou um desastre na sua vontade de emigrar. A Comissão Real Palestina não recuou diante da sugestão. A coragem é contagiosa. Dado que temos esta grande autoridade moral para imaginar com calma o êxodo de 350.000 árabes... não precisamos de encarar com consternação a possível partida de 900.000..., seria até indesejável de muitos pontos de vista; mas... a perspectiva pode ser discutida sem qualquer pretensão de preocupação... Herr Hitler, por mais detestado que seja, tem recentemente aumentado sua popularidade (de transferência populacional)... seus críticos... desaprovam... a remoção dos alemães do Trentino e do Báltico e plantá-los em campos e casas roubadas aos polacos: mas é o roubo dos polacos, e não a mudança dos alemães, que realmente provoca a censura. Não se pode deixar de sentir que se apenas os alemã Italianos e Bálticos... estavam preocupados, a operação poderia no final não ser assim tão má... a ideia de redistribuir as minorias em massa está a tornar-se popular entre "as melhores pessoas". 198

Jabotinsky chegou aos Estados Unidos em 13 de março de 1940. O sionismo estava em declínio na América. A Palestina estava longe da frente, a maioria dos judeus estava entorpecida pelo horror que começava a atingir os seus parentes na Polónia, e trabalhar para um exército judeu pouco provável não poderia ter qualquer apelo popular quando todos sabiam que se um jovem quisesse lutar contra Hitler pelo Império Britânico, tudo o que ele precisava fazer era cruzar para o Canadá. A WZO também pressionou por um exército judeu, claro que sem mais sucesso do que Jabotinsky.

Jabotinsky seguiu em frente, até estudou espanhol para uma proposta de viagem à Argentina, mas ficou extremamente deprimido com a guerra na Europa; a condição dos judeus era terrível e, de um ponto de vista sionista mais restrito, a Europa Oriental tinha sido o seu reduto, ele nunca poderia esperar ganhar seguidores populares na comunidade judaica americana com a sua então forte mentalidade de esquerda e liberal.
Ele estava desgastado, física e mentalmente. No dia 1º de agosto, ele disse a um amigo que suspeitava de angina de peito. No dia seguinte, ele foi examinado por um médico, que também suspeitou de problemas cardíacos, e que lhe disse para voltar para mais exames após o fim de semana intermediário. Ele passou o fim de semana em um acampamento Betar em Hunter, no condado de Greene, nas montanhas Catskill, a cerca de 210 quilômetros da cidade de Nova York. Ele foi levado para lá no sábado, 3 de agosto, chegando lá à noite. Ele estava totalmente exausto e, depois de revisar brevemente uma guarda de honra, foi levado às pressas para a cama e um médico foi chamado.
Enquanto estava sendo despido, ele suspirou: "Estou tão cansado, estou tão cansado". Estas foram suas últimas palavras; ele não respondeu às injeções ou ao oxigênio e morreu às 22h45. Alguns dias depois, foi enterrado em um cemitério judeu em Long Island. Ele deixou um testamento que afirmava categoricamente que "meus restos mortais (caso eu fosse enterrado fora da Palestina) não podem ser transferidos para a Palestina, a menos que por ordem do eventual governo judeu daquele país". 199 É um sinal da amarga hostilidade do sionismo trabalhista à memória do homem que David Ben-Gurion rotineiramente chamava de "Vladimir Hitler" que o governo israelense não tenha emitido tal ordem até julho de 1964, 16 anos após o estabelecimento do estado israelense.

Uma avaliação final

Sob quaisquer padrões, Jabotinsky foi extraordinário. Seus discípulos apontam para seus muitos talentos e o veem como o homem renascentista do sionismo, e outros o comparam a Trotsky, como o grande herege-escritor-orador-soldado de seu movimento. Certamente ele tinha as suas virtudes distintivas e, apesar de todos os seus extremos como ideólogo, sempre foi essencialmente um homem amável (embora, naturalmente, não haja registo de que tenha tido qualquer contacto com árabes). Inegavelmente ele era um linguista talentoso, fluente em iídiche, alemão, hebraico, italiano, francês e inglês, bem como em seu russo nativo, capaz de impressionar um público de Antuérpia, totalmente desacostumado com estrangeiros usando sua língua nativa, dirigindo-se a eles em flamengo, ou presentear um escandinavo com citações de sagas nórdicas medievais, ou recitar *Die Lorelei* em esperanto.
Mas mesmo como linguista, seu fanatismo sionista predominou e em árabe ele nunca aprendeu mais do que alguns palavrões.
Como estilista, é como se existissem dois Jabotinskys. Quando escrevia politicamente para um público gentio, ele não valia nada, escrevia para o seu público, e um livro como *The Jewish War Front* está repleto do vocabulário afetado da classe alta britânica de 1940. No entanto, o seu *Samson* é bem pesquisado e o

---

198 Ibid., pp.
199Schechtman , p.400.

os personagens, incluindo o herói necessariamente parecido com um super-homem, são todos verossímeis, mas a história conforme ele a conta emite uma qualidade amarelada, como as próprias páginas do livro que se encontra nas bibliotecas. É o seu racismo flagrante e o seu imperialismo antiquado, já não encontrados na literatura moderna séria, que o transformam numa curiosidade de museu.

Foi como polemista na imprensa sionista que ele estava no seu melhor e podia emitir uma qualidade extremamente clara e autoritária, que ele atribuiu à sua compreensão da gramática como linguista, bem como à sua propensão para desenhos lógicos, mesmo que necessariamente extremos, conclusões de premissas sionistas comuns. Assim, quando discute a absoluta necessidade da força para o sucesso do sionismo, ou a sua total dependência do capitalismo, ele é definitivo, até mesmo oracular. Mas ele nunca poderia limitar-se a tais verdades; as suas décadas de associação com a reacção russa e depois britânica deram-lhe não só uma mentalidade imperial, mas também uma mentalidade política imperiosa que o levou para a ultra-direita mundial. A sua vivaz bonomia não conseguia mascarar o facto de que ele era, na melhor das hipóteses, um reacionário extremo, um colaborador declarado dos anti-semitas, um apologista de Benito Mussolini e, muitas vezes, pouco mais do que um absurdo político maluco.

No final, o seu interesse para o historiador terá de residir no facto de ser o mentor e ídolo do seu discípulo mundialmente famoso, cujo primeiro acto como primeiro-ministro de Israel foi colocar o retrato de Jabotinsky na parede do seu novo escritório.

9. Menachem Begin: os primeiros anos

Em contraste com Jabotinsky, há muito pouco material disponível sobre a infância de Begins. Como veremos ele não escreve nem fala muito sobre sua carreira pré-palestina fato que pode ser atribuído ao inevitável constrangimento que lhe causaria se tivesse que detalhar seu papel no Betar durante seu período de intimidade com Mussolini e os Coronéis. Além disso, muitos daqueles que o conheceram naquela época, amigos e inimigos, foram assassinados pelos nazistas, e os jornais, arquivos de movimento e registros públicos da época foram destruídos. No entanto, ele tem seus biógrafos. Estes não só tiveram de trabalhar nestas circunstâncias difíceis, mas, em vários graus, trouxeram ao seu tema uma simpatia preconcebida ou, na melhor das hipóteses, uma atitude de neutralidade cautelosa. Os seus capítulos sobre a sua infância são, portanto, preenchidos com material estranho sobre os Judeus, a Europa de Leste, o Sionismo e o Revisionismo, na sua maioria superficial, grande parte dele propaganda, tudo para preencher as lacunas criadas pela relutância dos seus súbditos em enfrentar o Fascismo. lado de seu passado. Os leitores podem verificar esta descrição das severas limitações de referência impostas ao presente autor examinando *White Nights, de Begins,* que trata de seu período "soviético", 1939-42, e *The Revolt,* seu livro de memórias do movimento clandestino de Irgun, 1942-9. , bem como as três biografias citadas abaixo.

Infância

Menachem Wolfovitch Begin nasceu em Brest-Litovsk, Brisk em iídiche, uma pequena cidade de aproximadamente 40.000 habitantes, mais de 55% judeus, às margens do rio Bug, onde hoje é a República Soviética da Bielorrússia, em 16 de agosto de 1913. Seu pai, Wolf Dov Begin, filho de um comerciante de madeira, trabalhava frequentemente para o próprio pai, mas sua principal carreira foi como secretário da comunidade religiosa judaica. A mãe dele. o ex-Hasia Korsovsky era descendente de uma venerável família rabínica, também envolvida no comércio de madeira. Seu pai era um sionista religioso Mizrachi comprometido que já havia nomeado seu primeiro filho como Herzl (seu primogênito era uma filha, Rachel). Seu terceiro filho foi chamado Menachem, que significa "consolador", porque nasceu no "Sábado da Consolação", o primeiro no antigo calendário judaico após o 9º dia do mês de Av, o dia em que os ortodoxos choram pelo templo destruído de Jerusalém.

A Primeira Guerra Mundial estourou no ano seguinte e o pai de Menachem, como aconteceu com muitos dos súditos judeus do czar, era pró-alemão, aparentemente abertamente. As autoridades militares expulsaram-no da cidade e ele partiu para Moscovo e mais tarde para São Petersburgo e Varsóvia. A mãe de Menachem e seus três filhos foram forçados a fugir da cidade antes do exército alemão que se aproximava, terminando em Kobrin, mais a leste, na direção das Marchas de Pripet. Quatro anos depois, após a guerra, Wolf Dov voltou para Brisk e um ano depois sua família voltou a se juntar a ele. A cidade foi alternativamente tomada pelos novos exércitos polaco e soviético e, em última análise, foi controlada pela Polónia. Begin, que tinha sete anos quando o Exército Vermelho ocupou brevemente a cidade, tem duas lembranças de sua visita: um soldado batendo à sua porta para pedir uma fatia de pão e uma comissária judia que estava alojada com eles. O jovem Menachem imediatamente antipatizou com ela por seus modos masculinizados. Ele também afirma que sentiu repulsa pela insistência dela de que ela não hesitaria em atirar em nenhum de seus inimigos. 200 O exército polaco fervilhava de anti-semitas assassinos; poder-se-ia pensar que Wolf Dov teria simpatizado com o Exército Vermelho, liderado por um judeu, Trotsky, e que lutou contra os anti-sem

[200] Eitan Haber, *Menahem Begin,* p.18.

certamente não é o caso. Como uma espécie de capitalista, um dignitário religioso e um sionista, ele abominava-os, e Menachem parece ter incorporado fortemente estes valores paternos directamente no seu próprio superego.

Outro incidente, quando ele tinha 10 ou 11 anos, também envolvendo seu pai, moldou poderosamente seu caráter: ele caminhava com seu pai e um rabino quando dois soldados poloneses tentaram cortar a barba do rabino. Wolf Dov atingiu um deles com sua bengala e ele foi levado para a fortaleza local e chicoteado por suas dores.

> O meu pai regressou a casa bastante espancado, mas estava de bom humor, pois estava convencido de que tinha feito o que era certo... Estávamos todos muito orgulhosos do seu comportamento – um exemplo para todos os habitantes da comunidade judaica. 201

Begin insiste que o exemplo de seu pai sempre esteve claramente diante dele:

> Em toda a minha vida, nunca conheci um homem mais corajoso do que ele. Foi-me dado trabalhar quase toda a minha vida com pessoas de coragem, mas nunca esquecerei a forma como o meu pai lutou pela defesa da dignidade judaica. 202

Embora o iídiche fosse a língua de sua terra natal, seu pai queria que seu filho fosse educado em uma escola totalmente hebraica e, aos sete anos de idade, Menachem estava matriculado em uma escola primária Mizrachi. Assim, na Polónia, onde dois terços da população falava polaco, e a grande maioria dos 10,5% da população que era judia não conseguia realizar sequer uma simples discussão em hebraico, Menachem foi empurrado para um ambiente sionista rarefeito e isolado. , agravado pelo facto de os Mizrachi, com a sua ortodoxia estrita, serem uma minoria mesmo dentro do sionismo. O valor intelectual da sua educação primária será melhor apreciado se for entendido que o Mizrachi ainda não produziu um único líder ideológico de primeira linha, mesmo em termos sionistas, e menos ainda no mundo mais vasto do discurso político. O sionismo de Wolf Dov era da variedade mais filisteu da classe média, pouco mais que a secularização mais primitiva de seu intenso sectarismo, estritamente do tipo que fica em casa, muito mais relacionado à sua identidade judaica do que a um lugar real com pessoas reais. chamada Palestina.

Aos dez anos de idade, o futuro primeiro-ministro fez o seu primeiro discurso político, vestindo calças até aos joelhos e uma Yarmulka, empoleirado no tampo de uma mesa. A ocasião foi o pequeno festival da primavera de Lag Bomer. Tradicionalmente um evento alegre, com fogueiras e rapazes a brincar com arcos e flechas, é identificado com Bar-Kochba, o herói da última revolta judaica em 135 d.C., e os sionistas não resistiram em transformá-lo num dia de oratória nacionalista.

Dois anos depois, em 1925, juntou-se ao seu primeiro grupo sionista formal, o Hashomer Hatzair (Jovem Guarda). Hoje, o Hashomer é a secção jovem do Partido Mapam (Trabalhadores Unidos), uma facção israelita menor que segue atrás do Partido Trabalhista, muito maior; naquela época era um movimento escoteiro.
No ano seguinte, porém, o grupo deu uma guinada em direção a um socialismo utópico do tipo mais vago.
Isto foi demais para o tacanho Wolf Dov, que convenceu o seu filho, de 13 anos, a deixar a organização, e Menachem virou-se irrevogavelmente da esquerda, mesmo dentro do contexto circunscrito do sionismo, dizendo aos seus ex-camaradas que, como judeus, eles deveriam "primeiro lutar pela sua própria liberdade, depois se preocupar com a liberdade dos outros". 203 Aos 14 anos, Menachem foi
transferido para uma escola pública polaca, onde era um dos três únicos judeus. Aparentemente, a mudança se deveu à falta de dinheiro para pagar as mensalidades da escola judaica particular. É provável que ele tivesse desaparecido posteriormente na obscuridade se não tivesse sido transferido para fora dos limites do ambiente educacional de Mizrachi. Na sua nova escola, ele foi introduzido no mundo mais amplo da cultura europeia, adquirindo o seu amor pela literatura mundial, começando com Virgílio e outros latinos no original. Como a classe média polaca estava impregnada de anti-semitismo, era inevitável que o rapaz tivesse a sua quota-parte de lutas, mas isso parece ter apenas fortalecido ainda mais o seu carácter.

---

201 Frank Gervasi, *A vida e os tempos de Menahem Begin,*
p.81. 202 Lester Eckman e Gertrude Hirschler, *Menahem Begin,* p.19.
203Haber , p.24.

Embora os seus biógrafos mencionem alguns outros incidentes na sua fase pré-revisionista, estes são apenas meras anedotas. Se, como se vê claramente, o intenso comunalismo judaico e o sionismo do seu pai moldaram a sua vida, com a sua conversão ao revisionismo a sua realidade individual fundiu-se completamente na história desse movimento. Ouviu Jabotinsky pela primeira vez em 1929, aos 16 anos, em Brest-Litovsk. É fácil ver a atracção que o Revisionismo exerceria sobre ele. A família Begin era intensamente judaica, sionista, pró-capitalista e reacionária, e Jabotinsky era tudo isso ao extremo. Wolf Dov e toda a sua ninhada encontraram seu messias. Foi o mais natural possível para o jovem Menachem, não exigindo de forma alguma a menor ruptura ideológica com o seu meio.

Betar

Begin juntou-se e cresceu rapidamente dentro do Betar de rápido crescimento; no ano seguinte ele já era o comandante na cidade. Em 1931, com apenas 17 anos, partiu para a Faculdade de Direito da Universidade de Varsóvia "para poder defender os pobres e os oprimidos", escreveu então. 204 Logo foi cooptado para a comissão nacional do movimento e atribuído à "carteira" administrativa.
Hoje o Sionismo está no poder e, notoriamente, é uma das ideologias mais burocraticamente bem pagas do mundo político, mas, naqueles dias da Depressão, o Sionismo, e particularmente a minoria Revisionista, era um movimento "puro", isto é, pobre. , e o jovem fanático vivia com uma refeição por dia e se hospedava no albergue de estudantes judeus, ganhando um pouco de dinheiro dando aulas de latim aos alunos do ginásio local. Formou-se em 1935 e, embora nunca tenha exercido a profissão, a escola deixou nele uma marca indelével. A especialidade departamental era oratória em tribunal e havia um curso regular de dicção e retórica ministrado por um ator principal do Teatro Nacional. Até hoje, Begin é conhecido principalmente no mundo sionista como um de seus maiores oradores e, embora tenha dois livros de memórias em seu currículo e por muitos anos tenha escrito uma coluna semanal para seu jornal de movimentos em Israel, ele seria o primeiro a admito que ele não é historiador nem escritor no sentido sério dessas palavras. 205 O Betar era um movimento crescente, tanto a nível mundial como na Polónia quando Begin se juntou a ele, e continuou a crescer até ao assassinato de Arlosoroff, quando a opinião pública judaica se voltou fortemente contra ele. Begin acompanhou Jabotinsky numa viagem pelo país em defesa de Stavsky e esteve subjetivamente envolvido no caso através da família, que estava entre seus vizinhos em Brest-Litovsk.

Em 14 de março de 1982, Begin, como primeiro-ministro de Israel, anunciou a criação de uma comissão oficial para investigar o assassinato, após a publicação de um livro sugerindo que Stavsky e Rosenblatt eram culpados. 206 A comissão seria criada apesar da forte divergência de dois membros do seu gabinete, que não viam sentido em reavivar o caso e abrir velhas feridas. O fato de Begin ter persistido em fazê-lo é, sem dúvida, um testemunho do fato de que ele não acreditava, naquele momento, que eles tivessem feito isso, embora seus sentimentos subjetivos sobre o assunto dificilmente possam ser determinantes para nós, que temos que seguir em frente. Evidência objetiva. (Merlin, por exemplo, embora tenha rompido com o revisionismo, ainda acredita que a Sra. Arlosoroff estava por trás do assassinato, que ela pensava que o seu marido era culpado de infidelidade.) 207 Em 1935, Begin, de 22 anos, era uma das principais figuras . dentro do mundo Betar, sentado no palco
do seu Congresso Mundial daquele ano em Cracóvia, junto com Jabotinsky. Em setembro de 1935 assumiu o departamento de propaganda do Betar polonês. Deve ser entendido que embora os Revisionistas Polacos fossem antinazis, e organizassem as suas próprias manifestações de boicote, pelo menos nos primeiros anos do regime de Hitler, a Palestina, e não a Alemanha, era o centro das suas atenções. Foi em conexão com uma manifestação de abril de 1937 contra a Grã-Bretanha que o nome de Begin apareceu pela primeira vez na língua inglesa, na obscuridade do *Jewish Telegraph Agency News,* o boletim diário da agência de notícias sionista que, em 5 de abril, falava de:

---

204 Gervasi, p.87.
205 David Rosenthal, Menahem Begin: De Oposicionista a Primeiro Ministro, *Fronteira Judaica,* agosto de 1977. p.9. 206
David Landau, Gabinete para estabelecer uma comissão de inquérito sobre o caso Arlosoroff, *JTA Daily News Bulletin,* 15 de março de 1982, p.2.
207 Shmuel Merlin, (entrevista com o autor), 16 de setembro de 1980.

400 membros da organização sionista de direita Brit Trumpeldor que se manifestaram em frente à Embaixada Britânica contra a Administração Britânica na Palestina... Quatro dos dez jovens presos durante a manifestação estavam na prisão. Um deles é Moshe Biegun, líder do Brit Trumpeldor. 208

A polícia de segurança proibiu qualquer tipo de manifestação e Begin foi detido por algumas semanas; mas os revisionistas não eram esquerdistas, e depois de um pouco de lobby junto dos seus contactos dentro do regime, ele foi libertado. Nesse mesmo ano, passou cinco meses na Checoslováquia como comandante interino do Betar nacional.

O Congresso Betar de 1938 Foi

em setembro de 1938 que Begin recebeu sua única grande repreensão pública de seu mentor. Begin nunca se referiu publicamente ao incidente – é demasiado doloroso, pessoal e politicamente – mas foi no Terceiro Congresso Mundial do Betar em Varsóvia, enquanto o jovem entusiasta colocava a sua marca mais decisiva no Revisionismo pré-guerra. Foi uma época de terrível pressão sobre os judeus. Hitler havia tomado a Áustria e a Tchecoslováquia, os legalistas estavam perdendo na Espanha. Israel Sheib (Eldad), então amigo próximo de Begins, descreveu mais tarde o humor do Betar:

milhares e milhares acenando com as mãos sem nada para fazer. O grupo Betar ultrapassou o ponto de saturação. Por quanto tempo você consegue impedir que a tensão revolucionária irrompa em duelos e na redação de petições? ...
Se não fossem os julgamentos trotskistas na Rússia, não há dúvida de que milhares e milhares de jovens judeus sedentos de acção e redenção teriam aderido ao movimento comunista que lutou e foi perseguido. 209

Begin levantou-se para propor que uma cláusula do seu juramento de lealdade fosse alterada de "Levantarei o meu braço apenas para defesa", que Jabotinsky inseriu após o caso Arlosoroff, para "Levantarei o meu braço para a defesa do meu povo e a conquista da minha pátria."

Até agora, a resposta dos movimentos sionistas consistiu em actividade política, colonização, imigração em massa, pressão moral, fazer causa comum com os britânicos e manter a fé na Liga das Nações e na consciência do mundo. Agora tudo mudou: a consciência do mundo deixou de reagir e a Liga das Nações perdeu o seu valor. O nosso parceiro britânico leva-nos à forca e aprisiona os melhores da nossa nação.
Os nossos bons amigos, os britânicos, oferecem-nos cinco por cento de Eretz Yisrael e dão atenção primária aos árabes no apaziguamento das suas ambições nacionalistas. Queremos lutar – conquistar ou perecer. Depois do sionismo prático e do sionismo político, devemos agora entrar na era do sionismo militar. Devemos acumular forças que não dependam da misericórdia de outros. Se tal força for criada, o mundo também virá em nosso auxílio. 210

Jabotinsky disse que entendia a angústia dos jovens, mas tinha que se posicionar contra Begin tanto por motivos práticos quanto morais:

Há todo tipo de ruído... A maioria de nós, imagino, está acostumada com o barulho das máquinas. No entanto, é difícil sofrer o barulho de uma porta (guinchar) porque é inútil. As palavras que ouvimos do senhor Begin representam precisamente esse tipo de ruído, e ruídos como esse devem ser impiedosamente suprimidos. 211

Ele havia escrito muitos artigos em sua época para que lhe dissessem que a opinião pública não tinha significado, e atacou com força total o cinismo de seus discípulos:
Se o senhor, senhor, parou de acreditar na consciência do mundo, é melhor ir para o Vístula e se afogar nele. A sua alternativa seria aderir ao comunismo. 212 Begin apelou à "rebelião ao estilo irlandês".
213 Jabotinsky orgulhava-se de levar a sério o militarismo e desprezou a analogia: "Que tipo de rebelião ao 'estilo irlandês' seríamos nós?

---

208 *JTA News,* 5 de abril de 1937.
209 Daniel Levine, *David Raziel, The Man and His Times,* pp.239-40. 210 Gervasi, p.94.
211 Haber, pág.50.
212 Gervási, p.95.
213 Ibid., pág. 94.

capaz de travar em Eretz Yisrael? Os irlandeses vivem no seu próprio solo. Mas nós?" 214 Begin tinha seus apoiadores, entre eles Uri Zvi Greenberg e Avraham Stern e outros Irgunistas que vieram da Palestina para o Congresso, e Israel Scheib (Eldad) defendeu seu amigo: uma porta rangendo poderia ser útil se acordasse alguém para que ele pudesse salvar sua casa de um ladrão. 215 Mas Jabotinsky interrompeu vários partidários de Begins para sugerir que se juntassem a ele no suicídio. Durante um intervalo nas sessões, eles se reuniram para montar um "Clube do Suicídio", completa com constituição, lema e insígnia de 18 pontos, e submeteram seu trabalho a Jabotinsky para "ratificação". Jabotinsky viu o humor disso e aprovou de brincadeira: "Assim seja. Vladimir, o Primeiro." A emenda Begins foi aprovada e ele apressou-se em sanar a brecha, declarando formalmente que "Betar, em todos os seus ramos, seus campos e estandartes, está pronto para o seu comando." 216 As
consequências do Congresso e a capitulação de Jabotinsky a o humor histérico condicionado pela situação desesperadora na Europa já foi descrito anteriormente; basta aqui observar que o caso ilustra a qualidade fanática não destilada do pensamento de Begins na época. O cinismo sempre desfila como a última palavra em realismo, mas é apenas uma caricatura de Quando alguém pretendeu desafiá-lo, perguntando como poderiam levar a força invasora para a Palestina e muito menos - simultaneamente - derrotar os britânicos, os sionistas trabalhistas e os árabes, ele descartou arrogantemente esta preocupação obviamente válida com: "Estou sugerindo uma ideia. Os especialistas dirão como isso deve ser feito." 217

As vésperas da Segunda

Guerra Mundial O Revisionismo Polaco no período entre o Congresso e a eclosão da guerra foi totalmente dominado pelos elementos mais fascistas e militaristas do movimento. Abba Achimeir foi deportado para a Polónia pelos britânicos depois de cumprir um período de internamento por dirigir uma organização terrorista. O campo de treinamento em Zakopane também trouxe Avraham Stern ao país. Ele começou a organizar células secretas no Betar e no movimento adulto com maior lealdade ao Irgun.
Os militaristas até criaram os seus próprios jornais. Eles desprezavam cada vez mais publicamente Jabotinsky, e ele, por sua vez, ficou mais preocupado com a influência deles. Na primavera de 1939, o então comandante do Betar polonês renunciou ao cargo em preparação para emigrar para a Palestina. O segundo em comando decidiu que não estava preparado para o cargo de liderança e, em abril, Jabotinsky nomeou Begin para o cargo. Ele foi a escolha perfeita. Ele havia demonstrado sua lealdade a Jabotinsky no Congresso, apesar da disputa política, ao mesmo tempo em que mantinha relações pessoais estreitas com Stern e com Nathan Yalin-Mor, editor do jornal Irgun Die Tat (The Deed) .
Ideologicamente, ele se aliou ao fascista declarado Achimeir. Yehuda Benari, diretor do Instituto Jabotinsky de Israel e autor do artigo Begin na *Enciclopédia do Sionismo e Israel,* relata que, ao retornar da Tchecoslováquia à Polônia, "ele se juntou à ala radical do movimento revisionista, que estava ideologicamente ligado com o britânico HaBiryonim". 218 Begin estabeleceu-se em sua nova posição. Ele se mudou para
um quarto alugado no centro de Varsóvia e ingressou em um escritório de advocacia como escriturário para escrever seus artigos. Em 29 de maio, ele e Aliza Arnold, também Betari, ambos em uniformes de camisa marrom, se casaram com um rabino. Embora a Palestina continuasse a ser o centro do seu universo e ele se envolvesse profundamente na imigração ilegal para a Palestina, a possibilidade de guerra tinha de ser considerada muito real em Varsóvia, na Primavera de 1939, independentemente do que Jabotinsky, na longínqua Pont d'Avon, pudesse imaginar. pensar. Assim, ele participou nas delicadas negociações com o capitão Runge, o chefe da polícia de segurança local, relativamente a um esquema revisionista favorito: queriam que os polacos criassem unidades judaicas segregadas no exército, com os polacos no comando, claro; então, presumivelmente depois de os polacos e os judeus terem lidado com o exército alemão, os judeus, sem oficiais polacos, iriam conquistar a Palestina. 219 A conspiração fracassou porque o Bund, que tinha obtido 70% dos votos judaicos nas eleições municipais de Janeiro de 1939, sempre resistiu vigorosamente a todos os esforços para segregar o exército, e os polacos sabiam que resistiriam a quaisquer tentativas desse tipo. Além disso, o g

---

214

Ibidem. 215 Eckman e Hirschler,
p.45. 216Haber , p.51.
217 Ibid., p.50.
218 Yehuda Benari, Begin, *Enciclopédia do Sionismo e Israel,* vol.I, p.116. 219
Menachem Begin, Menachem Begin Writes, *Jewish Press,* 13 de maio de 1977, p.4.

que houve um declínio acentuado do anti-semitismo entre a classe média polaca face à ameaça vinda da Alemanha, pois mesmo os mais obtusos podiam ver que o anti-semitismo só poderia dividir o país face ao inimigo comum. [220]

Quando Jabotinsky chegou a Varsóvia em Junho de 1939, ficou desapontado ao descobrir que mesmo os seus amigos no governo consideravam agora a questão judaica como "secundária". Ele lamentou não poder fazer mais nada, pois tinha a certeza de que o anti-semitismo iria reviver, quando a ameaça de guerra passasse, como ele tinha a certeza que aconteceria. Mas então seria tarde demais e os Judeus descobririam que "a iniciativa de reviver o Grande Sionismo terá de partir do campo anti-semita". 221

Assim, na véspera do Holocausto, a Polónia foi brindada com o espectáculo dos Revisionistas, com Menachem Begin, o futuro Primeiro-Ministro de Israel entre os seus líderes, a defender uma política mais anti-semita do que o governo ousou ou se importou em adotar. implemento.

220 Joseph Schechtman, Lutador e Profeta, p.360.
221 Ibid., p.361.

10. Comece durante o Holocausto

Êxodo da Polónia A invasão alemã da Polónia destruiu a fantasia revisionista de uma invasão da Palestina com base na Polónia. Durante os primeiros dias da guerra, o governo continuou com algumas das suas funções regulares, o que significava continuar a encorajar a emigração judaica, mesmo apesar da guerra e das suas necessidades de mão-de-obra. Dois dos biógrafos de Begins escrevem que ele e sua esposa, bem como seus amigos, Nathan Yalin-Mor e sua esposa, receberam vistos de saída. 222 No entanto, o governo rapidamente decidiu abandonar a capital para uma nova linha de defesa no Bug, e apelou a todos os homens fisicamente aptos a deixarem Varsóvia. Os líderes de todas as tendências ideológicas judaicas, sem exceção, seguiram a ordem governamental. Se Begin e Yalin Mor e as suas esposas pretendiam recuar para o Bug, a proposta tornou-se bastante académica com a entrada do exército soviético nos territórios orientais e a rota total do exército polaco. Begin não finge que pretendia ficar na Polónia e disse a um entrevistador em 1977 que:

> Com um grupo de amigos, chegamos a Lvov (Lemberg) num esforço desesperado e vão para tentar atravessar a fronteira e tentar chegar a Eretz Yisrael – mas falhamos. Neste momento, ouvimos dizer que Vilna seria tornada capital de uma República independente da Lituânia pelos russos. 223

Os líderes do Bunds deixaram Varsóvia com a maior relutância, convencidos de que não poderiam ter conseguido que as massas judaicas fizessem uma última defesa suicida das suas casas e famílias, e que qualquer tentativa nesse sentido teria provocado a ira dos polacos. , que teria culpado os judeus pela maior destruição de sua capital. No entanto, subestimaram os seus camaradas da Polska Partja Socjalistyczna, que decidiram que era psicologicamente crucial para o desenvolvimento da resistência futura que a capital não caísse sem batalha. Convenceram o General Tshuma, comandante da guarnição, a revogar a ordem de evacuação. Quando o comité central do Bund chegou ao Bug e ouviu falar da decisão, instruiu duas das suas principais figuras, Bernard Goldstein e Viktor Alter, a regressar à cidade. Não há provas de que qualquer um dos partidos sionistas tenha feito qualquer tentativa semelhante para enviar representantes de volta a Varsóvia e aos seus judeus.

Begin e Yalin-Mor não foram os únicos a fugir para Vilna. Entre os refugiados mais proeminentes estavam Moshe Sneh, o presidente da Federação Sionista Polaca, Zerah Warhaftig do Mizrachi, e os comités centrais tanto do Hechalutz como do Hashomer Hatzair. Nos meses seguintes, apenas os jovens do Hechalutz e do Hashomer fizeram qualquer esforço para devolver qualquer um dos seus quadros dirigentes à Polónia ocupada pelos alemães. O resto da liderança sionista em Vilna procurou, e em muitos casos conseguiu obter, certificados de imigração para a Palestina e virou as costas aos seus familiares, aos seus movimentos e ao seu povo. De acordo com dois dos biógrafos revisionistas de Begin, ele foi condenado pelos seus camaradas palestinianos pela sua fuga da Polónia:

> ele recebeu uma carta da Palestina criticando-o por ter fugido da capital polonesa quando outros judeus estavam presos lá. Como capitão do Betar, afirmava a carta, ele deveria ter sido o último a abandonar o navio que estava afundando. Begin foi dilacerado por sentimentos de culpa; levou

222 *Menahem Begin,* p.53; Gervasi, *A vida e os tempos de Menachem Begin,* p. 105.
223 Hyman Frank, O Mundo de Menachem Begin, *Jewish Press,* 2 de dezembro de 1977.

> esforços extenuantes por parte de seus camaradas para mantê-lo longe desse ato impulsivo, que provavelmente lhe teria custado a vida. 224

No seu livro do pós-guerra, Noites Brancas, que trata do período lituano e soviético, Begin não se refere a nenhuma carta desse tipo. Em vez disso, ele tenta justificar a sua fuga de Varsóvia: "Não há dúvida de que eu teria sido um dos primeiros a ser executado se os alemães me tivessem apanhado em Varsóvia." 225 Não há razão para acreditar que este teria sido o seu destino. Embora todos os judeus estivessem sujeitos a uma opressão selvagem, nunca houve qualquer perseguição especial contra os sionistas em si ou contra os revisionistas em particular, em qualquer momento durante a ocupação alemã. Pelo contrário, mesmo após a invasão da União Soviética, Josef Glazman, homólogo de Begin como chefe do Betar lituano, foi nomeado inspetor da polícia judaica no gueto de Vilna. Não pode haver dúvida de que Begin simplesmente abandonou os seus camaradas polacos. O historiador revisionista Chaim Lazar-Litai é brutalmente franco ao descrever o isolamento do movimento polaco:

> na altura em que o pânico e o caos reinavam em Varsóvia, as bases do Betar ficaram sem liderança, sem ajuda ou orientação... o movimento Revisionista era o único corpo judeu no Gueto que não estava em contacto com as suas instituições centrais no estrangeiro. 226

Em nenhum momento Begin pretendeu regressar à Polónia. Nas *Noites Brancas* ele escreveu que informou aos seus interrogadores stalinistas, em 1940, na prisão Lukishki de Vilnas, que

> Eu havia recebido um livre-trânsito de Kovno para minha esposa e para mim, e também vistos para a Palestina. Estávamos prestes a partir e foi apenas a minha prisão que me impediu de fazê-lo.[227]

Algumas páginas depois, ele acrescentou, pensando melhor: "Estávamos prestes a partir... mas tivemos que ceder nossos lugares a um amigo". 228

Begins Motivos para Fugir Begin
não foi motivado pela covardia ao abandonar o seu movimento na Polónia, mas sim pela sua perspectiva política. Com excepção das poucas manifestações de boicote antinazi que os Revisionistas organizaram nos primeiros anos do regime de Hitler, a luta contra o nazismo nunca foi uma prioridade para o seu movimento, e certamente nada fizeram para mobilizar as massas judaicas contra a Polónia. anti-semitismo durante o período pré-guerra. Não pode haver dúvida de que ele também partilhava plenamente a convicção do seu mentor de que, mesmo depois da guerra, não poderia haver futuro para os judeus polacos.
Que sentido havia em regressar a uma situação que não era apenas horrível no imediato, aqui e agora, mas que era historicamente um anacronismo, desprovida de qualquer solução ao nível do terreno? Begin tornou-se famoso dentro do seu movimento pela sua receita única para o dilema judaico: a conquista imediata da Palestina. Um fanático entre os fanáticos dentro do Revisionismo; vendo os líderes rivais das principais correntes sionistas também lutando freneticamente por certificados de imigração, foi-lhe impossível inverter subitamente o rumo, colocar a organização de uma luta clandestina acima da sua viagem à Palestina. Ele não estava fugindo do maior desastre da história judaica, estava correndo em direção à única oportunidade para um futuro judaico.

Hoje, na era pós-Holocausto, todos compreendemos que o crime de Hitler foi tão humanamente avassalador que nem mesmo um fanático profundo como Begin consegue escapar aos sentimentos de culpa pela sua decisão de abandonar os judeus polacos. De vez em quando, Begin, que nunca hesita em tentar usar o Holocausto para chantagear os seus críticos gentios, mostra a sua ambivalência psicológica em relação ao Holocausto. A edição de outubro de 1977 da *Martyrdom and Resistance,* órgão da Federação Americana de Combatentes Judeus, Presos de Campos e Vítimas Nazistas, relatou a oposição furiosa de todo o movimento de sobreviventes a uma proposta do novo primeiro-ministro israelense de abandonar o antigo dia israelense de décadas. de especial

---

224 Eckman e Hirschler, *Menachem Begin,* p.50.
225 Menachem Begin, *Noites Brancas,* p.79.
226 Chaim Lazar-Litai, *Muranowska Sete,* p.44.
227 Begin, *Noites Brancas,* pp.84-5.
228 Ibid., p.87.

comemoração do Holocausto, no dia 27 do mês judaico de Nissan, e fundi-lo com a comemoração Tish de Av da destruição dos antigos templos judaicos de Jerusalém. 229 (A proposta afundou sem deixar vestígios.) Igualmente bizarra foi a sua observação, feita ao Knesset, em 2 de março de 1982. Begin levantou-se para perguntar ao órgão: "Quantas pessoas no Parlamento há que tiveram de usar a Estrela de David?" ? Eu sou um." 230 Begin fugiu antes dos nazistas e não havia estrelas amarelas na Lituânia enquanto ele estava lá.

Prisão de Begin

De acordo com uma emenda de 28 de setembro de 1939 ao pacto nazista-soviético, a Lituânia, com exceção de uma região sudoeste, foi colocada na esfera de influência soviética. Em 10 de Outubro, Vilna foi entregue pelos soviéticos aos lituanos e ao Exército Vermelho foram "concedidas" várias bases no país. Em 15 de junho de 1940, o Exército Vermelho investiu totalmente o país, com a anexação formal ocorrendo em 3 de agosto. No dia 1º de setembro, um mensageiro apareceu na casa que Begins dividia com Israel Scheib (Eldad), com um "convite" para que Begin fosse à prefeitura para tratar de um "pedido" que ele teria feito. Begin entendeu que, como não havia feito tal pedido, o convite era da polícia secreta. Ele não fez nenhum esforço para escapar: “minha decisão não foi simples, mas não vou entrar nisso”. 231 Não pode haver dúvida de que os acontecimentos da guerra, a destruição da Polónia, a conquista de França, a ocupação soviética e a notícia da morte de Jabotinsky o desmoralizaram. Ele sabia que poderia esconder-se, pelo menos por um breve período, mas, com o seu mundo a ser destruído pelas duas grandes ditaduras da época, o seu pessimismo recém-descoberto é facilmente compreensível. Num memorial para Jabotinsky, ele disse recentemente aos presentes que "Ainda teremos o privilégio de lutar por Sião. Mas se formos impedidos de fazê-lo, também será bom sofrer por Sião". 232 O NKVD vigiou abertamente a casa durante vários dias antes de finalmente recolher a sua presa:

> Para onde quer que você olhasse, havia sofrimento. Um mar de sofrimento, profundo e vasto como o oceano... em dias de catástrofe em massa... é então que o homem se pergunta: Por que eles sofrem? ... se você não conseguir salvar; então nada resta senão o espectro da desigualdade no sofrimento; um fantasma temível que quase tira o prazer de viver. Portanto, não estou dizendo nada além da verdade quando digo que quando chegou o dia fatídico... minha principal emoção foi de intenso alívio. 233

Prisão e interrogatório A história da prisão de Begins pelas mãos do regime de Stalin chega até nós principalmente através de seu livro, que é extremamente legível e totalmente atraente no nível humano. Ele não tinha a menor compreensão do stalinismo, chegou a dizer a um de seus interrogadores que "simplesmente [não se lembrava] de Jabotinsky ter falado comigo sobre a União Soviética", mas ficou curiosamente fascinado pela oportunidade criada por sua mudança de poder. fortuna:

> Tive uma certa satisfação em ter a oportunidade... de observar, de perto, de dentro, os métodos, o funcionamento secreto e os governantes dos reinos do NKVD. Estou dizendo a verdade quando digo que, sentado em frente ao meu interrogador, senti que era, por reconhecimento interno, um estudante observador, e um detido apenas por algum decreto externo. O poder da curiosidade! 234

Ele apressou-se em garantir-nos que, se tivesse sido forçado a cumprir a pena completa, a sua curiosidade certamente teria desaparecido, se ele próprio não morresse simplesmente, mas, enquanto durasse, o humor provocado pelas suas estranhas circunstâncias e a intensa discussões ideológicas com o NKVD produziram algumas manifestações absurdas, mas muito humanas. Certa manhã, depois de um desses debates,

---

[229] Sobreviventes lideram protesto contra a mudança na observância de Yom Hashoa Hagvurah, *Martírio e Resistência,* outubro de 1977, pp.1, 3.

[230] David Shipler, Israel Hardening Its Stand on Visits, *New York Times,* 3 de março de 1982, p.7.

[231] Comece, *WhiteNights,* p.13.

[232] lance., p.28.

[233] lance., p.16.

[234] lance., p.21.

Senti como se estivesse voltando de uma conferência onde havia participado de uma discussão acalorada sobre o futuro do meu povo, e agora estava voltando para o meu quarto de hotel... a ilusão era tão realista...
Virei-me para o atendente e perguntei, como se ele fosse o gerente do hotel: "Veio alguma coisa para mim?"
O oficial me lançou um olhar peculiar e praguejou. 235

Esses interrogatórios foram extraordinários, embora grotescos. Begin estava a ser acusado de actividade anti-soviética mas, no final, estava a ser condenado por ter sido o chefe do Betar na Polónia. Ele era um advogado formado e salientou aos seus algozes que Betar era completamente legal na Polónia, as suas actividades não tinham nada a ver com a União Soviética, nem tinha fugido para a União Soviética, mas sim para a Lituânia, e a única razão pela qual ele estava nas mãos do NKVD porque a União Soviética havia tomado aquele país. Ele não apenas não se envolveu em atividades anti-soviéticas lá, mas também estava ansioso para partir: "Então, como posso ser punido pelo que fiz no passado, dentro da lei?" Disseram-lhe devidamente que as leis contra a contra-revolução se aplicavam em todo o lado: "Estás a ouvir? No mundo inteiro." 236 Os interrogatórios-discussões foram extensos, prolongando-se por muitas noites, e Begin foi confrontado com todas as acusações concebíveis que poderiam ser levantadas contra o sionismo. Ele nunca é muito aberto sobre a sua carreira pré-palestiniana, o que é compreensível, dados os laços agora desacreditados do Revisionismo com os anti-semitas da época, mas ao lidar com estes "debates" ele foi compelido a mais ou menos tentar defender o pré-palestiniano. Políticas do Holocausto do Sionismo e do Revisionismo. Begin pediu um tradutor iídiche, que acabou por ser uma "Enciclopédia anti-sionista", com o resultado de que, por vezes, a sinistra inquisição assumiu uma dimensão séria:

> O meu camarada lembrou-me da carta enviada por aquele seu Herzl a Plehve, o carrasco czarista Plehve, pedindo ao governo czarista apoio para o plano sionista, e prometendo que o sionismo impediria os jovens judeus de se juntarem às fileiras da revolução.

Begin tinha uma resposta pronta para seu interrogador:

> Peço-lhe que compreenda que Herzl sentiu que uma catástrofe estava prestes a acontecer ao seu povo, e vemos como ele estava certo. Ele era um estadista, mas não tinha poder por trás dele. Ele queria acelerar o resgate de seu povo e procurou ajuda. O que o intérprete disse não é nada novo. Herzl trabalhou em um determinado período. Ele também foi ao Sultão, ao Kaiser alemão, e até ao Papa. Ele sentiu que o povo judeu não podia esperar. Jabotinsky também teve esse sentimento. Todos nós tivemos isso. Posso dar-lhe um exemplo, Juiz-Cidadão? Um incêndio começa em uma casa e você passa por ali. O que você faz? Naturalmente, você se apressa em telefonar para os bombeiros, mas se ouvir a voz de uma mulher ou de uma criança gritando nas chamas, você esperará a chegada dos bombeiros? Claro que você não vai...
> Essa era exatamente a nossa situação... Podemos esperar? Suponhamos que a Revolução fosse uma espécie de corpo de bombeiros para os judeus que estavam a ser perseguidos pelo anti-semitismo na Polónia ou na Alemanha... mas não podíamos esperar que ela chegasse. [237]

Independentemente dos méritos ou das loucuras da réplica de Begins, um diálogo com um carcereiro estalinista só poderia ter um resultado. Begin assinou devidamente a sua confissão, mas, ao fazê-lo, forneceu uma inestimável explicação em primeira mão sobre a razão pela qual tantas figuras corajosas, de muitas convicções, tinham confessado de forma semelhante, antes dele, crimes que nunca tinham cometido:

> Os governantes em Moscou... aprenderam que um dos fatores decisivos... é a "testemunha de sangue" dos perseguidos... Por causa disso... o judaísmo foi capaz de enfrentar seus perseguidores... o cristianismo... tornou-se uma religião mundial... Portanto, eles não permitirão nenhum heroísmo, nenhum martirológio na plataforma pública do julgamento... A escolha diante do acusado é: Ou um julgamento com aniquilação ideológica, ou destruição física sem julgamento, observadores inexperientes... saiam com o ... ideia de que se usa drogas... Mas até um leigo pode perguntar: ...Existem drogas mentirosas?. ...
> Não fui torturado e não fui espancado... Nas celas da prisão e nas cabanas dos Campos Correcionais tive contato pessoal com centenas de outros presos daquele período. Nenhum deles foi espancado ou torturado... Eles assinaram... por falta de sono, por uma vontade avassaladora de terminar, de pôr fim à tortura mental...
> Aprendi de perto... quais são os fatores decisivos... O primeiro em importância é – o isolamento

---

235 lance., p.73-74.
236 lance., p.81.
237 lance., p.71-72.

··· se o lutador sabe que seu serviço é inútil, que ninguém ouvirá o que ele diz... então o fio entre ele e o ideal provavelmente será cortado... e sua alma torturada pergunta: Quem saberá? ... Qual é o sentido do meu sofrimento ... Eles vão ... responder: Não adianta. Quando isso acontece, o prisioneiro está condenado... a servir o ideal do seu carrasco. 238

O Exército Polonês no Exílio Em 1º de abril de 1941, Begin foi condenado. sem julgamento, passou oito anos de trabalhos forçados e em junho iniciou a longa viagem para Pechora-Lag, um campo de construção ferroviária na linha para o agora famoso campo de Vorkuta, perto do Mar de Barents. Durante a viagem, correu o trem a notícia de que os nazistas haviam invadido a União Soviética. Em 30 de julho, os soviéticos assinaram um pacto com o governo polaco no exílio, restabelecendo as relações e apelando ao estabelecimento de um exército exilado em solo soviético. Estima-se que entre um milhão e um milhão e meio de cidadãos polacos fugiram para os territórios orientais ocupados pelos soviéticos da antiga república polaca na vanguarda dos exércitos de Hitler. Aproximadamente metade deles acabou por ser preso e, dentro de algumas semanas, encontrou-se novamente livre.

Propostas da Legião Judaica

Em setembro e outubro de 1941, dois ex-prisioneiros revisionistas, Miron Sheskin, ex-comandante da Brit HaChayal (União de Soldados), sua organização de veteranos, e Mark Kahan, editor do Der Moment, um jornal iídiche de *Varsóvia ,* chegou à área de preparação do novo exército exilado, na região do Volga, e começou a propagandear os militares polacos em nome da sua proposta pré-guerra de segregar os judeus numa legião judaica. Embora a ideia tivesse um apelo natural para os anti-semitas que dirigiam o campo local, o comandante do exército, General Wladyslaw Anders, embora fosse um antigo oficial czarista e um anti-semita intenso, sempre compreendeu que a proposta seria inaceitável para os soviéticos e para os soviéticos. britânicos e americanos. No entanto, alguns dos militares polacos tinham ligações pré-guerra com os revisionistas separatistas e, quaisquer que fossem as preocupações que os seus superiores pudessem ter, decidiram tentar criar tal grupo, que esperavam que fosse um substituto prático para um exército judeu. -exército livre.

O coronel Jan Galadyk, comandante da academia de oficiais do pré-guerra, ofereceu-se para chefiar um batalhão inicial. Após a guerra, Kahan pretendeu descrever o batalhão como um protótipo para sua Legião proposta. No entanto, um quadro muito mais preciso e severo foi retratado pelo rabino da unidade, um Agudista, Leon Rozen-Szeczakacz, no seu próprio livro do pós-guerra, *Cry in the Wilderness.*

Em 7 de outubro, em Totzkoye, no Oblast de Samara, um oficial convocou os soldados "Da fé de Moisés" a darem um passo à frente. A maioria dos que o fizeram de repente se tornaram civis novamente e aqueles que não foram dispensados foram segregados do resto do exército e mandados para um novo local em Koltubanka. O tratamento monstruoso começou imediatamente. A maior parte do batalhão recebeu botas pequenas demais para eles, o que significa que tiveram que tentar se proteger com trapos do inverno de -40°. Eles seriam deixados ao ar livre por dias e o exército se esqueceria de alimentá-los.

Quando Rozen-Szeczakacz, o capelão, chegou, a sua primeira tarefa foi começar a enterrar os mortos, a centenas de quilómetros da frente mais próxima. 239 Por fim, chegou à embaixada polaca a notícia da sua situação e o embaixador, preocupado com a reacção adversa dos Aliados, providenciou para que as condições melhorassem. No entanto, o esquema mais amplo revisionista e anti-semita para uma Legião Judaica completa morreu em meio à preocupação mais predominante do exército exilado de deixar a União Soviética.

Partida do Exército no Exílio Não havia possibilidade de o exército no exílio cooperar com o Exército Vermelho. O governo no exílio nunca se reconciliou com a anexação soviética dos territórios orientais, apesar do facto de os polacos étnicos serem ali uma minoria distinta. Nem podiam os soviéticos tolerar abertamente o flagrante anti-semitismo do comandante do exército polaco. Firmemente convencido de que Hitler conquistaria a União Soviética, Anders decidiu retirar os seus soldados do país através do Irão, onde se uniriam ao exército britânico. Stalin estava disposto a vê-los partir: militarmente eles estavam longe de ser cruciais, e

---

[238] lance., p.98-104.

[239] Yisrael Gutman, Judeus no Exército General Anders, na União Soviética, *Yad Vashem Studies,* vol.XII, p.226.

a sua retirada deu-lhe uma desculpa legítima para criar a sua própria força polaca, sob o comando comunista ao controle.

Os anti-semitas tentaram deixar para trás o maior número possível de judeus, e os jovens saudáveis foram sumariamente rejeitado para serviço. Aproximadamente 114.000 pessoas foram evacuadas em 1942, com os judeus constituindo apenas 5% dos soldados e 7% dos civis; isto apesar do facto de os judeus representarem cerca de um terço dos cidadãos polacos então no país e, antes do início da política de recrutamento anti-semita, cerca de 40% dos primeiros alistados do exército eram judeus. Naturalmente, Kahan e Sheskin não tiveram problemas sair com o exército, apesar da discriminação.

Noites Brancas quase não aborda a trama da Legião: "Sheskin... me disse... que havia iniciado negociações para a criação de uma unidade militar judaica dentro do exército polonês, mas ele não teve sucesso." 240 When Begin tentou ingressar no exército, mas foi rejeitado, sendo o motivo alegado seu problema cardíaco e miopia, ambos dos quais eram bastante reais, o que quer que pudesse ser dito sobre a motivação anti-semita por trás sua rejeição. Ele então escreveu ao Chefe do Estado-Maior, insinuando que, se não fosse preso, seria preso novamente. Sheskin "garantiu que a carta chegasse ao Chefe do Estado-Maior". 241 Ele foi chamado para um entrevista com o General e uma carta foi enviada ao conselho de recrutamento dizendo-lhe para aceitar este judeu. Agora o médico achou seu "coração e pulmões, excelentes! ... você é realmente míope, mas no exército você aprenderá a atirar corretamente". 242Assim, o posterior primeiro-ministro de Israel, através de seus movimentos intimidade com os anti-semitas, deixou a União Soviética, garantindo assim que nunca veria combate contra os assassinos nazistas de sua mãe e seu pai.

É uma das supremas ironias da Segunda Guerra Mundial que os britânicos tenham derrotado o exército polaco no exílio, totalmente dominado pelos anti-semitas, para a Palestina para formação adicional. Seu colaborador sionista fala de sua chegada à sua “pátria”, no início de maio de 1942:

> aqui estava a Transjordânia. Nossa herança... O comboio militar parou... Saí do automóvel, caminhei um pouco na grama e bebi o odor dos campos da minha terra natal. 243

---

240 Begin, *Noites Brancas,* p.217.
241 Ibid., p.218.
242 Ibidem.
243 Begin, *A Revolta,* pp.24-5.

11. A revolta

A Divisão no Irgun

Quando Begin chegou à Palestina em maio de 1942, encontrou seu movimento em total desordem. A divisão no Irgun não foi sanada. Avraham Stern e seus seguidores, incluindo amigos íntimos de Begin, Nathan Yalin-Mor e Israel Scheib (Eldad), que conseguiram escapar para a Palestina antes que o corredor do Báltico fosse completamente fechado, continuaram a lutar contra os britânicos.

Em 12 de fevereiro de 1942, a polícia britânica finalmente capturou – e assassinou – Stern e, quando Begin chegou ao país, parecia que a organização Stern estava acabada, embora, na verdade, tenha sido posteriormente reorganizada sob um triunverato de liderança de Yalin-Mor. , Scheib (Eldad) e Yitzhak Shamir, que, anos mais tarde, se tornaria ministro das Relações Exteriores de Begin e, em seguida, seu sucessor como primeiro-ministro. Pode-se especular se Begin teria seguido seus dois camaradas até o acampamento de Stern, se tivesse chegado antes. No entanto, dada a sua lealdade simultânea a Jabotinsky e a sua imensa admiração por Stern, a questão é impossível de responder. De qualquer forma, em 1942, ele não via razão para se juntar aos aparentemente extintos Sternistas e, em Setembro, foi convidado a assumir o cargo de Comissário do Betar. Em contraste com os seus rivais Sternistas, os Revisionistas eram activamente pró-britânicos e tinham visto a sua força diminuir devido ao alistamento militar. O Irgun foi efectivamente desmobilizado depois do seu comandante, David Raziel, ter sido morto no Iraque em Maio de 1941, numa missão para os britânicos contra o governo nacionalista revolucionário de Rashid Ali el-Kilani, que tinha chamado os alemães num esforço inútil para livrar o seu país dos seus senhores britânicos.

Begin e o Irgun Begins

A carreira política palestina teve um início muito lento, pois se revelou impossível para ele combinar suas atividades Betar com suas funções como tradutor de língua inglesa para o exército polonês, primeiro em Haifa, depois em Jerusalém para sua cidade. comandante. Mesmo na Palestina, os líderes do exército exilado ainda eram os mesmos antigos anti-semitas, e muitos dos seus soldados judeus, especialmente entre os sionistas, desertaram enojados. Begin, entretanto, viu-se obrigado por sua honra como Betari a não trair seu juramento militar e não desertaria.

Em Novembro de 1942, tanto a liderança da WZO como os Aliados reconheceram finalmente que os nazis estavam a exterminar sistematicamente os judeus europeus, e um grupo de activistas do Irgun nos EUA, ao ouvir a confirmação da catástrofe, começou a mobilizar a opinião pública americana para um resgate dos Aliados. esforço. 244 Inspirados pela sua recém-descoberta capacidade de mobilizar um elemento significativo entre os judeus americanos, enviaram um deles de volta à Palestina para reavivar o Irgun e iniciar uma revolta, aproveitando a crescente impopularidade da Grã-Bretanha, tanto na Palestina como na Diáspora, devido à sua relutância em fazer qualquer coisa pelos judeus na Europa ocupada. Tal campanha exigia um novo líder do Irgun, com talentos principalmente políticos, que o então comandante, Yaakov Meridor, certamente não possuía. O menino orador do Betar polonês, que não tinha experiência conspiratória anterior, nem treinamento militar, foi o sucessor preferido. Arye Ben-Eliazer, o emissário da América, veio aos polacos com uma proposta. Ele pediu que Begin e quatro outros judeus fossem enviados para os EUA para angariar apoio para a sua campanha de resgate e para uma Polónia "independente", isto é, anti-comunista, do pós-guerra. O comandante concordou e dispensou Begin. A proposta tinha sido um estratagema, mas agora, em dezembro de 1943, Begin estava tecnicamente isento de seu juramento e livre para assumir o comando do Irgun.

---

[244] Lenni Brenner, *Sionismo na Era dos Ditadores,* pp.228-51.

A Revolta de Irgun

Na manhã de 1º de fevereiro de 1944, o público acordou e encontrou uma proclamação, *À Nação Hebraica em Sião,* afixada em muros por toda a Palestina Judaica. O manifesto catalogou os múltiplos pecados dos Aliados, dos britânicos e dos árabes contra os judeus da Europa do Holocausto:

> Os britânicos ... declararam que não há possibilidade de operações de resgate, pois "dificultarão a conquista da vitória" ... O Livro Branco permanece válido ... apesar da traição dos árabes e da lealdade dos judeus. ... e apesar do facto de, após a erradicação do hitlerismo, não haver futuro para os judeus entre as nações da Europa, consumidos como estão pelo seu ódio a Israel... Deus de Israel, Deus dos exércitos, seja a nossa ajuda. Não há recuo. Liberdade ou morte! 245]

Houve uma qualidade surreal na revolta dos Irguns. Toda a força consistia em não mais do que algumas dezenas (às vezes menos de duas dúzias) de combatentes em tempo integral e não mais do que algumas centenas de apoiadores em tempo parcial. Além disso, Begin compreendeu que havia uma guerra real em curso e que nem a opinião judaica nem a opinião mundial teriam qualquer simpatia pelos seus esforços se interferissem no esmagamento final do nazismo. Assim, o Irgun nunca atacou instalações militares britânicas durante a guerra, confinando os seus esforços militares a esquadras de polícia e escritórios governamentais. Para minimizar as baixas britânicas, foram dados avisos prévios sempre que possível para que os civis pudessem ser evacuados.

A revolta foi imensamente impopular dentro do Yishuv. Desde o início, a estrutura política do Partido Revisionista se opôs ao empreendimento, e Begin teve que cortar os laços do Irgun com eles. Em 6 de novembro de 1944, a Gangue Stern assassinou Lord Moyne, o Alto Comissário Britânico para o Oriente Médio, no Cairo. A liderança da WZO, a quem Churchill tinha dito que iria propor um Estado sionista do pós-guerra, viu agora as suas esperanças de tal generosidade desaparecerem na sequência do assassinato do amigo pessoal de Churchill, e Ben-Gurion decidiu lançar uma campanha de co -operação com os britânicos contra os movimentos separatistas. Os trabalhistas concentraram a maior parte de sua atenção no Irgun, raciocinando que os Sternistas eram incapazes de cometer mais do que um ultraje ocasional, ao passo que se podia contar com os Irgunistas, muito mais fortes, para atacar repetidamente as instalações britânicas, despertando cada vez a hostilidade britânica e mundial ao Sionista. causa. A Haganah declarou uma "Saison" aberta aos Beginitas.

Begin financiou a revolta, entre outras formas, extorquindo dinheiro a empresários sionistas e organizando roubos falsos a apoiantes do Irgun na indústria dos diamantes, com os negociantes a receberem o seu dinheiro de volta das companhias de seguros. 246 Isso logo parou quando a Haganah começou a sequestrar sistematicamente Irgunistas conhecidos. Pela primeira vez, a tortura – agora uma característica padrão do kit sionista – foi introduzida na política palestina. Begin faz a acusação em sua *Revolta:*

> O tratamento dispensado aos sequestrados pela Haganah foi severo... houve casos de maus-tratos por parte de seus companheiros judeus captores... É verdade que ainda não sabíamos do uso do "terceiro grau", mas mesmo do "terceiro grau". primeiro grau" foi suficiente para nos enfurecer. [247]

A acusação foi fundamentada pelo conhecido historiador israelita, Yehuda Bauer, no seu *livro From Diplomacia à Resistência:*

> Muitos... membros... foram interrogados e, em certos casos, até punidos... A Haganah procurou quebrar o seu poder de resistência com esta afronta a eles. De acordo com as declarações dos agentes da Saison, a força dos prisioneiros contra os interrogadores judeus – em contraste com a sua resistência aos ingleses – não era grande.
> A grande maioria dos interrogados forneceu à Haganah os factos necessários. 248

Sob as ordens de Begin, os Irgunistas não retaliaram a Haganah. Begin estava pensando no futuro; ele calculou corretamente que, depois da guerra, o próprio Haganah se levantaria contra os britânicos, e ele não queria colocar sangue entre os dois movimentos que, ele sabia, teriam de cooperar.

---

245 Haber, *Menahem Begin* (prova não corrigida), pp.105-6.
246 Bauer, *Da Diplomacia à Resistência,* p.325.
247 Begin, *A Revolta,* pp.147-8.
248 Bauer, p.325.

operar no futuro se algum dia houvesse um estado sionista. No entanto, o peso combinado dos britânicos e do Haganah foi esmagador e a campanha do Irgun tornou-se progressivamente mais fraca até o fim da guerra na Europa, em maio de 1945, quando o Irgun avisou o público que voltaria a atacar edifícios governamentais.

A revolta em retrospecto

Dadas as restrições auto-impostas, houve alguma racionalidade por trás da rebelião dos Irguns durante a guerra? A resposta só pode ser um claro não. A recusa britânica em resgatar os judeus europeus foi a desculpa imediata dada na sua proclamação inicial, mas, pode-se afirmar, com certeza, que a guerra privada do Irguns com a Grã-Bretanha não resgatou nenhum judeu. Na verdade, desviou a atenção dos judeus da Europa e permitiu que o aparelho da WZO, tanto na Palestina como nos EUA, bem como nos britânicos, apontasse o dedo ao Irgun como terroristas malucos, distraindo assim o público da realidade de que os Aliados e a WZO foram, cada um por razões diferentes, indiferentes ao resgate. 249 Com esta retirada tardia, só podemos especular, mas se o Irgun tivesse mobilizado os judeus da Palestina para manifestações em massa apelando ao resgate, em conjunto com o trabalho realizado a este respeito pelos seus colegas baseados nos Estados Unidos, é possível que eles pudessem ter desempenhado um papel um papel importante para obrigar os Aliados a agir. No caso, a revolta de Begin não fez absolutamente nada para ajudar os judeus na Europa na sua hora de necessidade desesperada. Na realidade, o Holocausto tinha sido apenas uma justificativa útil para uma revolta e Begin, que tinha gritado mais alto no período pré-guerra pelo fantástico esquema para invadir a Palestina com a ajuda dos anti-semitas polacos, admite indiretamente isso em livro dele:

> Vladimir Jabotinsky... disse que [todos] leram a Bíblia e sabiam que assim que nós, judeus, começarmos a voltar para Eretz Yisrael, nosso objetivo deve ser claro: que Eretz Yisrael deveria ser nosso novamente... Não há dúvida de que até mesmo havia não houvesse extermínio... uma revolta judaica, de uma forma ou de outra, teria sido lançada. 250

Certamente foram as considerações do pós-guerra que motivaram a política de não retaliação durante a Saison. Begin escreve que eles

> foram movidos pela fé, uma fé profunda que acreditava que não estava muito distante o dia em que todos os campos armados em Israel se levantariam e lutariam ombro a ombro. 251

Ele sabia então, e sabia quando escreveu estas palavras, anos mais tarde, depois da guerra, que a Haganah e o Irgun só poderiam ser considerados aliados militares após o fim do Holocausto.

---

249 Brenner, op. cit.
250 Início, p.39.
251 Ibid., p.152.

12. A Revolta: Parte 2

O fim da guerra na Europa mudou a topografia da política sionista e mundial, e o Irgun conseguiu escapar do seu isolamento total. Embora a WZO não se tenha revoltado durante a guerra, os seus líderes compreenderam que agora tinham de tomar medidas para obter o seu Estado. Os sionistas trabalhistas exultaram quando os seus colegas socialistas do Partido Trabalhista Britânico chegaram ao poder nas primeiras eleições do pós-guerra naquele país. Em 1944, o Partido Trabalhista Britânico não só apelou à criação de um Estado judeu, mas propôs que "os árabes fossem encorajados a sair à medida que os judeus entrassem". 252 No entanto, os sionistas trabalhistas foram rapidamente lembrados da realidade do Partido Trabalhista Britânico: apoiava-se na classe trabalhadora, eram minimalistas e passivos, preocupados em obter reformas para si próprios; eles pouco se importavam com o que seus líderes faziam nas colônias. Clement Attlee, Ernest Bevin e companhia estavam totalmente empenhados em manter tanto do Império quanto a Grã-Bretanha, nas suas circunstâncias muito enfraquecidas do pós-guerra, pudesse dar-se ao luxo de manter. Eles não tiveram nenhum conflito com a decisão pré-guerra da burocracia colonial de que um maior patrocínio do sionismo só poderia causar problemas para a Grã-Bretanha em todo o Médio Oriente, e as resoluções que conseguiram votos tornaram-se letra morta.

O Movimento de Resistência

Ben-Gurion e a Haganah convenceram-se de que teriam de expulsar os britânicos se quisessem obter o seu Estado. Isso exigia unidade dentro das fileiras do sionismo e eles propuseram uma campanha militar conjunta ao Irgun e ao Gangue Stern que, até ao Outono de 1945, tinham solenemente proclamado terroristas, fascistas e loucos. E Begin, que, durante a Temporada, colocou cartazes nas paredes comparando-os a "Quisling e Laval", aceitou prontamente. 253 Embora a Haganah quisesse que os Irgunistas entrassem diretamente em suas fileiras, Begin não quis ouvir falar disso.
Ele estava tão fanaticamente empenhado como sempre num Israel em ambos os lados do Jordão, e sabia que era inevitável que, em algum momento, a liderança sionista de linha principal "traísse" o sionismo e aceitasse muito menos do que a sua visão revisionista maximalista. Mas, dada a grande desproporção no tamanho dos três componentes da aliança – a Haganah tinha 40.000 membros, o Irgun 1.500, a Gangue Stern apenas 300 – ele aceitou uma posição dominante para a Haganah no novo Tnuat HaMeri ou Resistência. Movimento. Tanto o Irgun quanto os Sternistas concordaram em permitir que a Haganah determinasse quais alvos os dissidentes seriam autorizados a atacar. A entente militar foi finalizada em novembro de 1945 e logo o Irgun afundou três barcos de patrulha usados para impedir a imigração ilegal, a Haganah cortou as ferrovias em nada menos que 186 lugares e a Gangue Stern atacou a refinaria de Haifa. A lista de alvos aumentou de forma impressionante: delegacias de polícia, transmissores de rádio, aeroportos militares, instalações ferroviárias foram atingidos e os britânicos foram forçados a trazer tropas adicionais. Estes eventualmente totalizaram incríveis 105.000 para controlar uma população sionista de aproximadamente 600.000. Os reforços não mudaram nada; cada vez mais, a administração ficou na defensiva, retirando-se para um isolamento total da sociedade que a rodeava, escondendo-se em guetos de arame farpado e sacos de areia conhecidos como "Bevingrads". A menos que medidas drásticas fossem tomadas imediatamente, tudo estaria perdido.

O Incidente no Hotel King David e o Fim da Entente No sábado, 29 de junho de 1946, todos os centros populacionais judaicos foram colocados sob toque de recolher e o exército britânico atacou em todos os lugares. Milhares de suspeitos foram internados e muitos dos líderes do movimento judaico

252 Nathan Weinstock, *Sionismo: Falso Messias,* p.225
253 Haber, *Menahem Begin* (prova não corrigida), p.146.

Agência, incluindo Moshe Shertok (Sharett), o seu Secretário Político, foram presos. No entanto, Weizmann não foi detido e o comandante da Haganah, Moshe Sneh, escapou da rede, indo para Paris, onde se juntou a Ben-Gurion, que estava lá em negócios diplomáticos. O Irgun já tinha proposto que o Hotel King David, sede britânica, fosse atingido, e agora a Haganah deu a sua aprovação, vendo-a como uma retaliação adequada pelo saque da sede da Agência Judaica. A história do ataque é bem conhecida: o Irgun colocou uma mina no porão, devidamente avisada de que explodiria em meia hora, por algum motivo o aviso foi ignorado, e a enorme bomba matou mais de cem pessoas. pessoas, incluindo muitos funcionários civis, árabes, britânicos e judeus. A Agência Judaica apressou-se a denunciar o ataque, alegando que o Irgun tinha violado as suas especificações sobre quando a bomba deveria ser colocada, e a frente militar unida chegou ao fim.

As Pessoas Deslocadas e o Apoio dos EUA ao Sionismo

O incidente do Rei David só pode ser considerado uma causa precipitante da divisão, que teria ocorrido de qualquer forma. O "sábado negro" abalou a confiança dos líderes da WZO na sua capacidade de enfrentar a Grã-Bretanha de frente, e eles agora não viam a necessidade de o fazer. Eles sempre foram pró-imperialistas, sempre tentando demonstrar que uma política de confiança no "leal Ulster judeu" era do interesse da Grã-Bretanha. Agora estavam definitivamente a tentar saltar para a órbita americana, mas os EUA não tinham interesse em apoiar revoltas, e certamente não no Império Britânico, que Washington via como um aliado essencial na Guerra Fria. Ben-Gurion passou a ver as "Pessoas Deslocadas" na Alemanha como o factor decisivo para ganhar o apoio americano para um estado sionista, e cancelou a campanha das Haganahs para derrubar directamente o regime na Palestina e concentrou todos os seus esforços na construção de uma campanha massiva de imigração ilegal.

Em Outubro de 1945, Ben-Gurion viajou para a Alemanha, visitou vários campos de DP e conheceu Eisenhower, pedindo que os judeus da Europa Oriental fossem admitidos na zona americana. Ele explicou a sua estratégia aos seus colegas na Palestina, num memorando de 21 de Novembro:

> Se conseguirmos concentrar um quarto de milhão de judeus na Zona Americana, isso aumentará a pressão americana. Não por causa dos aspectos financeiros do problema – isso não lhes importa – mas porque não vêem futuro para estas pessoas fora de Eretz-Yisrael. 254

Não foram os sobreviventes judeus-alemães do Holocausto que foram decisivos. Poucos deles sobreviveram à sua deportação para o Oriente, a grande maioria daqueles que se exilaram no Ocidente não tinham vontade de regressar – nem de ir para a Palestina – e aqueles que regressaram estavam completamente seguros numa Alemanha militarmente dominada pela os aliados. Foi a situação polaca que se desenvolveu na salvação do sionismo. Aproximadamente 80.000 judeus sobreviveram no próprio país e outros 175.000 regressaram da União Soviética em 1946. Mas o novo regime comunista estava politicamente isolado das massas e era demasiado fraco para defender adequadamente os judeus dos seus oponentes reaccionários, que os identificaram com o Comunistas. Assim, 351 judeus foram assassinados entre Novembro de 1944 e Outubro de 1945, e os pogroms continuaram em 1946, culminando num massacre selvagem em Kielce, em 4 de Julho de 1946, com o massacre de 42 judeus. Kielce aterrorizou os judeus restantes e 100.000 deles fugiram da Polónia e de vários outros países da Europa Oriental, nos três meses seguintes. O académico sionista Yehuda Bauer admite que, se tivessem oportunidades iguais de escolher entre os EUA ou a Palestina, 50% teriam optado pelos EUA. No entanto, a liderança sionista sabia que os políticos dos EUA não tinham qualquer desejo de abrir as suas portas aos refugiados judeus. Na verdade, de acordo com o académico pró-sionista Samuel Halperin, uma das considerações mais importantes que empurrou a burguesia judaica americana, até então oposta ao sionismo, para o campo pró-sionista foi o seu medo de que, se os PD viessem para os EUA em números significativos, significaria "importar mais anti-semitismo". Nos bastidores, o Comité Conjunto de Distribuição, o seu braço filantrópico ultramarino, discutiu cinicamente as vantagens de um impulso determinado para a emigração para a Palestina que, foi explicado, contribuiria para "boas relações judaico-cristãs na América". 255

---

254 Bauer, *O Holocausto e a Luta do Yishuv como Fatores no Estabelecimento do Estado de Israel, Holocausto e Renascimento,* p.120.

255 Samuel Halperin, *O mundo político do sionismo americano,* pp.216-17.380.

Certamente a liderança sionista não desejava ver a América permitir a entrada de potenciais emigrantes no seu futuro Estado e Bauer diz-nos abertamente que:

> a liderança sionista temia que as massas concentradas nos campos de deslocados na Alemanha e na Áustria procurassem uma forma de chegar aos países ultramarinos, em vez de esperar até que as portas da Palestina lhes fossem abertas. 256

Begin denunciou a dissolução da revolta, qualificando-a de "rendição política e espiritual" que trouxe "desonra" à Haganá. 257 Ele estava longe de ignorar a importância dos PD em termos de pressão sobre a opinião americana, mas viu que havia muitas outras situações explosivas competindo pela atenção mundial. Embora os ataques directos aos britânicos tenham chegado às primeiras páginas em todo o mundo, será que uma campanha de imigração ilegal, por si só, faria o mesmo, quando mesmo as batalhas ferozes da guerra civil grega mal foram cobertas?

Impacto da Revolta de Irgun

De 23 de Agosto de 1946 até à divisão da ONU em Novembro de 1947, os dissidentes estiveram sozinhos na sua luta directa contra o regime. Nas suas memórias, The Revolt, Begin, naturalmente, apresenta um argumento poderoso para provar que foi a continuação da revolta que levou à retirada britânica, mesmo que não à conquista de todo o país (o que, na sua opinião, também inclui a Jordânia), e mesmo que não seja a sua chegada ao poder. E, na verdade, não pode haver dúvida de que as suas campanhas desempenharam um papel crucial na expulsão dos britânicos. Alguns anos mais tarde, o último comandante da Polícia Palestina disse que três incidentes obrigaram o seu governo a repensar a sua determinação de permanecer, e todos faziam parte da campanha contínua do Irgun: a flagelação de soldados britânicos; seguido pelo enforcamento de mais soldados, tanto em retaliação aos açoites e enforcamentos britânicos, quanto ao ataque à fortaleza do Acre.

No final de 1946, dois irgunistas de 17 anos foram condenados a 15 anos de prisão, uma sentença que dificilmente intimidaria alguém, uma vez que poucos conseguiam imaginar a Grã-Bretanha ainda na Palestina durante 15 anos. Mas eles também deveriam receber 18 chicotadas cada. A resposta dos Irguns foi imediata: anunciaram que, se a sentença fosse executada, retaliariam chicoteando os soldados britânicos. Efectivamente, em 27 de Dezembro de 1946, os imperialistas Trabalhistas açoitaram devidamente um dos rebeldes coloniais e, em 29 de Dezembro, um major e três suboficiais receberam prontamente as mesmas 18 chicotadas. Para garantir que os britânicos entendessem a questão, o Irgun anunciou que, se o segundo jovem fosse espancado, eles matariam em retaliação. Os tempos mudaram, os judeus não eram wogs comuns e a Grã-Bretanha foi forçada a fazer uma retirada humilhante e a cancelar a segunda flagelação.

Sendo o chicote uma arma de tirania universalmente desprezada, Begin de repente se tornou um herói mundial. Mas a vitória da propaganda foi apenas mais um ato na tragédia que se desenrolava. Quatro jovens do Irgun, em busca de soldados para servirem como vítimas de retaliação, foram capturados com chicotes. Um foi tão espancado que morreu, e os outros três foram condenados à morte, juntando-se a outro Irgunista já condenado. No Acre, antes do amanhecer de 16 de abril de 1947, os quatro foram para a morte, cantando corajosamente o hino sionista. Antes que a vingança pudesse ser desencadeada, outros prisioneiros foram libertados em 4 de maio de 1947, num ataque impressionante à fortaleza do Acre. Rompendo muros que resistiram a Napoleão, numa cidade totalmente árabe, a fuga é considerada, apesar das baixas imprevisíveis e do seu desfecho trágico, uma conquista incrivelmente heróica. Mas dois Irgunistas foram capturados, espancados violentamente e condenados à morte. Como diz Begin, o Irgun não tinha chicotes nem forcas no seu arsenal, como as que existiam no arsenal do imperialismo trabalhista; seu uso pelo Irgun deve ser atribuído à loucura britânica, mas dois sargentos foram enforcados, em 30 de julho, um dia depois de os Irgunistas terem ido para a morte. A retaliação dramática, contra um inimigo tão majestoso como o Império Britânico, não poderia deixar de ter um impacto profundo, tanto na opinião britânica como na mundial. O Coronel Archer-Cust, assistente do Secretário-Chefe do Mandatório, declarou abertamente em 1949 que "o enforcamento dos dois sargentos britânicos fez mais do que qualquer coisa para nos tirar de lá". 258

---

256 Bauer, *Holocausto e Renascimento,* p.120.
257 Begin, *A Revolta,* p.149. 258
Ibid., pág. 290.

Partição

Se a crueldade imperialista compulsiva da Grã-Bretanha e as façanhas do Irgun projectaram Begin para o centro da cena mundial, no entanto, as actividades do Irgun ainda devem ser vistas dentro de um contexto mais amplo. A Haganah dirigiu vários navios de imigrantes, o Exodus Europe 1947, sendo apenas o mais famoso, para a Palestina e novamente fotos de judeus atrás de arame farpado, desta vez em Chipre, encheram os jornais. Grande parte do mundo tornou-se simpatizante do sionismo, um Estado judeu começou a ser visto como o "revestimento positivo", uma compensação certamente inadequada pelo massacre de seis milhões de judeus, mas apenas justiça. A pressão dos judeus americanos sobre o presidente Truman tornou-se massiva. Enquanto o Departamento de Estado tentava desesperadamente impressioná-lo com a necessidade de solidariedade na Guerra Fria e alertava para as potenciais consequências para os interesses americanos no mundo árabe, os políticos nacionais deixaram igualmente claro que ele não tinha qualquer hipótese de obter contribuições dos judeus ricos para o próxima campanha eleitoral se se opusesse à criação de um Estado israelita. Esta foi uma consideração crucial para os Democratas, que sempre dependeram, para muitas das suas maiores doações, dos capitalistas judeus, que tradicionalmente se identificavam com os Democratas como o partido dos imigrantes. A opinião pública dos EUA não toleraria, na Palestina, contra os Judeus, os métodos brutais que o Império Britânico nunca hesitou em usar contra as raças inferiores. A posição diplomática da Grã-Bretanha tornou-se impossível.

Uma conferência tripartida, de representantes do Alto Comité Árabe, da Agência Judaica e dos britânicos, reuniu-se em Londres em 10 de Janeiro de 1947, e fracassou inevitavelmente, com Bevin anunciando numa conferência de imprensa em 14 de Fevereiro que a Grã-Bretanha traria a questão da Palestina para ONU, em setembro.
Begin compreendeu que os britânicos estavam a propor uma data para Setembro como parte de um impasse e, a 1 de Março, o Irgun realizou com sucesso dez ataques simultâneos a instalações militares britânicas, e os britânicos impuseram a lei marcial. Quando a Câmara dos Comuns se reuniu em 3 de Março, Churchill e outros pressionaram por uma acção mais imediata da ONU, e a ONU concordou em realizar uma sessão especial em 28 de Abril.

As Posições Soviética e dos EUA

Foi durante a sessão especial que Andre Gromyko fez o seu notório discurso revertendo a oposição tradicional da União Soviética a um Estado sionista. Stalin concluiu que os estados árabes eram demasiado reacionários para travar uma luta séria contra os imperialistas, e decidiu que a única maneira de iniciar o processo de expulsar os britânicos da região era fazer com que os sionistas começassem por expulsá-los da Palestina. .

A mudança soviética, somando-se aos factores anteriores, colocou os Democratas numa situação difícil. O PC americano decidiu apoiar Henry Wallace contra Truman nas eleições de 1948. Não defender um Estado sionista iria deixá-los agora expostos ao seu flanco "esquerdo", enquanto os republicanos certamente também os atacariam demagogicamente. A administração decidiu uma manobra astuta: fingiriam ser a favor de uma divisão da ONU, esperando que os sionistas não conseguissem obter os dois terços de votos necessários, e então Washington e os britânicos seriam capazes de chegar a um compromisso adequado. Loy Henderson, Diretor de Assuntos do Oriente Próximo do Departamento de Estado, explicou o pensamento do Departamento em um memorando secreto, datado de 22 de outubro de 1947:

> Se carregarmos a bandeira, seremos inevitavelmente confrontados com a maior, se não a única, responsabilidade pela administração e execução que, concluímos, nem o Congresso nem o povo americano estão dispostos a assumir... Partindo do pressuposto de que vamos seguir o nosso actual política de apoio à partição sem agitar a bandeira, concordamos que a partição irá provavelmente falhar numa votação de dois terços... se a partição falhar, não vemos que os EUA ou qualquer outro país que a tenha apoiado seria inibido de recuar para algum plano de compromisso. 259

A Votação na

ONU Com os EUA e a URSS agora ambos alinhados, cada um pelas suas próprias razões sem princípios, atrás dos Sionistas, uma comissão especial da ONU decidiu inevitavelmente pela divisão e, em 29 de Novembro, os Sionistas foram, através de um lobby intenso, capazes de obter os votos necessários. Embora o Departamento de Estado tenha mais tarde tentado cancelar a divisão alegando que, em vez de acabar com a violência,

---

[259] Elmer Berger, *Documentos do Pentágono - 1947,* p.20.

o provocou, a pressão dos políticos nacionais preocupados com o voto judaico revelou-se decisiva e, no final, Truman deu sinal verde para a criação do Estado sionista.

Para o resto do mundo, a divisão parecia uma vitória sionista; para começar foi apenas um passo em direção à vitória. Galvanizou o sionismo, mas um Israel sem Jerusalém não é um Estado sionista. A liderança da WZO tinha doado a maior parte do património bíblico, cabia ao Irgun garantir que não recuariam ainda mais e conquistar mais da pátria.

Reacção Árabe

Os palestinianos tinham estado notavelmente calmos ao longo da década de 1940, na sequência da sua derrota na revolta de 1936. O Mufti esteve profundamente envolvido na revolta iraquiana e fugiu para a embaixada alemã em Teerão. Depois de os agentes nazis o terem retirado no rescaldo da ocupação anglo-soviética do Irão, ele embarcou numa carreira de intensa colaboração, recrutando árabes e, mais tarde, muçulmanos jugoslavos e soviéticos, para os alemães. No final da guerra, ele tentou pedir asilo na Suíça, mas foi deportado para a França. Tito o listou como criminoso de guerra, mas nunca exigiu a extradição; os franceses, anti-britânicos devido ao apoio britânico aos sírios, e conscientes da sua popularidade no mundo árabe, mantiveram-no em prisão domiciliária. Quando um jornalista americano concentrou a atenção na sua história em Junho de 1946, não teve dificuldade em fugir para o Cairo, onde o Alto Comité Árabe, em conjunto com a Liga Árabe, lhe deu a liderança do movimento palestiniano, como se nada tivesse acontecido no anos intermediários. Todos os judeus na Palestina sabiam que ele tinha cooperado com Hitler e o seu regresso ao Médio Oriente apenas serviu para solidificar a maioria deles atrás dos sionistas. O desesperado reacionário nada fez para mobilizar as massas palestinianas, que permaneceram passivas e temerosas face à enorme energia demonstrada pelos sionistas. Todo o potencial de mobilização em massa desapareceu quando Estaline abraçou o sionismo; isto dividiu os comunistas locais em termos étnicos e desmoralizou totalmente a facção árabe. Só em meados de Setembro é que a Liga Árabe começou a falar de guerra, e só depois da votação na ONU é que o Alto Comité Árabe convocou uma greve geral palestiniana de três dias.

Militarmente, os árabes nunca foram páreo para os sionistas, que tinham beneficiado enormemente da sua experiência de guerra no exército britânico, enquanto muito menos palestinianos se tinham alistado e menos ainda os instruídos. Com exceção da Legião Jordaniana, que permaneceu leal à Grã-Bretanha por profissionalismo, todas as outras unidades árabes na esfera britânica se rebelaram e foram humilhadas pelos britânicos, e não avançaram além do nível de "guarda palaciana" pré-guerra. . Mas Abdullah da Jordânia era um traidor secreto, negociando quase até ao fim com a WZO para dividir o país e congelar o Mufti. Liderados por um fanático desacreditado, em conjunto com vários regimes divididos, militarmente impotentes e politicamente reacionários; confrontados com um movimento sionista ascendente apoiado, embora com relutância, tanto por Moscovo como por Washington, o destino dos palestinianos foi selado.

"Smite Them Hip and Thigh": Dir Yassin Se, ao confrontar os britânicos, Begin foi como o cavaleiro Sansão, seu mentor, ao confrontar os palestinos ele foi um verdadeiro Josué, ansioso para colocar esses cananeus dos últimos dias na espada, alertando-os em dezembro: “a mão dos assassinos cortaremos sem piedade”. 260 Ele disse a um convidado estrangeiro que "na guerra moderna não foram os números que decidiram a questão, mas o cérebro e o moral. Quanto ao cérebro, nem foi necessário que eu entrasse em detalhes". Se eles atacassem, "nós os golpearíamos no quadril e na coxa". 261 Com o profeta Menachem, as palavras são seguidas de acções e, como antigamente, bombas foram colocadas em cafés árabes, no mercado de Haifa e diante da Porta de Damasco, na Cidade Santa. 262 A certeza da guerra uniu a Haganah e o Irgun e, em 8 de Março de 1948, chegaram a um acordo sobre as operações. Mais uma vez a Haganah aprovaria os planos do Irguns, que seriam executados pelos dissidentes. O Irgun e os Sternistas receberam permissão para tomar a aldeia de Dir Yassin, na periferia oeste de Jerusalém; isso eles fizeram em 9 de abril de 1948. Begin não estava lá; não tendo sido devidamente treinado militarmente, ele nunca foi autorizado a desempenhar um papel de combate. Mas, como comandante do Irguns, ele sempre assumiu total responsabilidade pelo comportamento deles naquela noite:

---

[260] Eckman e Hirschler, *Menahem Begin,* p.142.
[261] *Revolta,*
p.296. 262 Ibid., pp.143-4, e Haber, p.209.

> Naquela aldeia, cujo nome foi divulgado em todo o mundo, ambos os lados sofreram pesadas baixas. Tivemos quatro mortos e quase quarenta feridos. O número de vítimas foi quase quarenta por cento do número total de agressores. As tropas árabes sofreram baixas três vezes mais pesadas. 263

O comunicado do Irguns após a batalha deu quatro mortos e 32 feridos, três gravemente; 254 aldeões foram massacrados naquela noite. Os apologistas do Irgun afirmam que trouxeram um camião com um altifalante para dizer aos civis que fugissem, mas que, infelizmente, o camião caiu numa vala de defesa árabe. Begin, em sua Revolta, relata tristemente que:

> alguns não abandonaram as suas casas de pedra – talvez por causa da confusão... Os nossos homens foram obrigados a lutar por todas as casas; para vencer o inimigo, usaram um grande número de granadas de mão. E os civis que ignoraram os nossos avisos sofreram baixas inevitáveis. 264

Apesar da bem conhecida história das anteriores bombas de mercado do Irgun, Begin insiste que:

> A educação que demos aos nossos soldados ao longo dos anos de revolta baseou-se na observância das leis tradicionais da guerra. Nós nunca os quebramos, a menos que o inimigo o fizesse primeiro e assim nos obrigasse, de acordo com o costume de guerra aceito, a aplicar represálias. 265

As realidades de Dir Yassin são bem compreendidas. Houve uma testemunha da Haganah, o coronel Meir Pael que, ao se aposentar do exército israelense em 1972, finalmente decidiu apresentar um relato público do evento:

> Na troca que se seguiu, quatro homens foram mortos e uma dúzia ficaram feridos... ao meio-dia a batalha terminou e os tiroteios cessaram. Embora houvesse calma, a aldeia ainda não havia se rendido. Os homens de Irgun e Leí saíram do esconderijo e começaram a "limpar" as casas. Atiravam em quem viam, inclusive mulheres e crianças, os comandantes não tentavam impedir o massacre... Implorei ao comandante que ordenasse aos seus homens que cessassem o fogo, mas sem sucesso. Entretanto, 25 árabes foram carregados num camião e conduzidos através de Mahne-Yehuda e Zichron Yosef (como prisioneiros numa "Marcha do Triunfo" romana). No final da viagem, eles foram levados para a pedreira entre Deir-Yassin e Givat-Shaul, e assassinados a sangue frio... Os comandantes também recusaram quando solicitados a levar seus homens e enterrar os 254 corpos árabes. Esta tarefa desagradável foi executada por duas unidades Gadna trazidas de Jerusalém para a aldeia. 266

Longe de se desculparem por Dir Yassin, os veteranos do Irgun regressam agora ao local do seu crime infame para comemorar as suas actividades ali. Contudo, em 1982, o professor Zvi Ankori, que comandou a força Haganah que mais tarde ocupou a aldeia, pediu para dizer algumas palavras na reunião:

> "Entrei em 6 a 7 casas", disse Ankori. "Vi órgãos genitais cortados e barrigas esmagadas de mulheres. De acordo com os sinais de tiro nos corpos, foi assassinato direto." ... "O que", perguntou um deles, "você teve tempo de levantar os vestidos e procurar a genitália?" "Não vou discutir", disse Ankori, "só pensei que a geração jovem de hoje deveria ouvir o que eu tinha a dizer." 267

Não pode haver dúvida de que Dir Yassin foi uma atrocidade monstruosa. Jacques de Reynier, representante da Cruz Vermelha na Palestina, visitou a aldeia imediatamente após o incidente e encontrou-se com o comandante do Irgun, que lhe disse: "Se eu encontrasse algum corpo, poderia levá-lo, mas certamente não houve feridos. meu sangue gela." 268 Os dois Rabinos Chefes Sionistas da Palestina, IH
Herzog e RZ Uziel emitiram uma declaração conjunta condenando os assassinatos, apelando aos perpetradores para que percebessem a profundidade da "vergonha que infligiram ao Yishuv a quem

---

263 *Revolta,*
p.163. 264 Ibid.,
p.164.
265 Ibidem. 266 Coronel Meir Pael, que serviu como oficial de comunicações da Haganah em Deir Yassin em uma entrevista com *Yediot-Ahronot* (4/4/1972), *Begin And Co. As They Really Are,* (Israel Shahak,
ed), p. 41. 267 Nahum Barnes, Dir Yassin: Voltamos para você, *Davar,* 9 de abril de
1982. 268 Instituto de Estudos da Palestina, Por Jacques de Reynier, *Quem é Menachem Begin?,* p.17.

os seus actos são abominação total". 269 A Agência Judaica expressou o seu "horror e repulsa pela forma bárbara" como foi levada a cabo a tomada da aldeia.[270]

Begin, claro, teve a sua resposta à condenação universal de Dir Yassin. O mundo – como sempre – estava mentindo sobre o Irgun:

> O quartel-general árabe em Ramallah transmitiu uma história grosseira de atrocidades, alegando um massacre de mulheres e crianças na aldeia pelas tropas do Irgun. Certos funcionários judeus, temendo os homens do Irgun como rivais políticos, aproveitaram esta propaganda árabe greuel para difamar o Irgun. Um eminente rabino foi induzido a repreender o Irgun antes que tivesse tempo de examinar a verdade. Do mal, porém, veio o bem. Esta propaganda árabe espalhou uma lenda de teor entre os árabes e as tropas árabes, que foram tomadas de pânico à menção dos soldados do Irgun. A lenda valia meia dúzia de batalhões para as forças de Israel. 271

Na verdade, do mal surgiu o “bem”: na versão hebraica da Revolta somos informados ainda que:

Árabes em todo o país, induzidos a acreditar em histórias selvagens de "carnificina de Irgun", foram tomados por um pânico ilimitado e começaram a fugir para salvar suas vidas. Essa fuga em massa logo se transformou em uma debandada enlouquecida e incontrolável. Dos cerca de 800 mil árabes que viviam no actual território do Estado de Israel, apenas cerca de 165 mil ainda estão lá. O significado político e económico deste desenvolvimento dificilmente pode ser sobrestimado. 272

O ataque do Irgun a Jaffa Apesar de todas as denúncias, a Haganah dificilmente poderia pensar em punir o Irgun, de quem ainda precisava na guerra contra os árabes. Recém-chegado de Dir Yassin, o Irgun procurou novas presas, e Begin voltou-se para Jaffa, que, de acordo com a divisão utópica da ONU, se tornaria parte do Estado árabe, mas como um enclave inteiramente dentro das fronteiras de Israel. Pressionada por muitos lados pelas forças militares árabes, a Haganah estabeleceu uma baixa prioridade para tomar a cidade irremediavelmente cercada de 70.000 habitantes, mas Begin decidiu por uma "estratégia de conquista" e na noite de 25 de abril de 1948 o Irgun atacou - com dois três morteiros de polegadas despejando centenas de projéteis sobre a cidade sitiada. Seria a maior operação deles como força independente e Begin, bem ciente de que a Haganah nunca permitiria isso, simplesmente se esqueceu de lhes contar o plano. Segundo todos os relatos pró-Irgun, os árabes defenderam-se com grande determinação, mas não tinham nada que se comparasse aos morteiros e, lentamente, começaram a rachar. O Irgun não conseguiu tomar a cidade inteira – os blindados britânicos não os deixaram passar – mas, com Dir Yassin bem vivo na mente de todos, os palestinianos abandonaram as suas casas e fugiram às dezenas de milhares. Disse Começar:

> Parece ter havido duas causas para esta fuga epidêmica. Um deles foi o nome dos seus agressores e a reputação que a propaganda lhes conferiu... O segundo factor foi o peso do nosso bombardeamento... Yigal Yadin, Oficial de Operações da Haganah, disse-me depois que não tínhamos sido suficientemente económicos. com nossas preciosas conchas. 273

Begin omitiu-se de contar aos seus leitores as vergonhosas consequências do ataque. Em seus *Sete Pilares Caídos,* Jon Kimche, um conhecido historiador pró-sionista, foi bastante direto:

> Pela primeira vez... uma força judaica começou a saquear no atacado... Tudo o que era móvel foi levado de Jaffa... O que não pôde ser levado foi destruído... o saque de casas e lojas árabes foi logo explicado. e mais tarde justificado como ministrando às necessidades dos judeus evacuados que perderam suas casas e tudo o que tinham como resultado dos quatro meses de ataques de Jaffa.

Kimche não pode ser acusado de malícia faccional; ele fez a mesma acusação contra a Haganah:

---

269 Rabinos denunciam ação dissidente, *Palestine Post,* 13 de abril de 1948.
270 Agência Berates Massacre, *Palestine Post,* 12 de abril de 1948.
271 *Revolta,* p.164.
272 *Quem é Menachem Begin?,* p.14.
273 *Revolta,* p.363.

Em pouco tempo, o resto dos soldados judeus da Haganah e do Palmach deverão juntar-se à orgia de saques e destruição desenfreada que paira como uma mortalha negra sobre quase todos os militares judeus.
274 sucessos.

Proclamação do Estado de Israel

Em 15 de maio de 1948, o Estado de Israel foi devidamente proclamado e Begin saiu da clandestinidade para fazer o seu primeiro discurso no rádio:

> A revolta hebraica de 1944-48 foi abençoada com sucesso... o alicerce foi lançado - mas apenas o alicerce... para o regresso de todo o Povo de Israel à sua terra natal, para a restauração de toda a Terra de Israel aos seus proprietários da aliança de Deus... Nosso país dado por Deus é uma unidade. A tentativa de dissecá-lo não é apenas um crime, mas também uma blasfêmia e um aborto. Quem não reconhece o nosso direito natural a toda a nossa pátria, não reconhece o nosso direito a qualquer parte dela... Ó Deus de Israel, guarda os Teus soldados e abençoa a sua espada que dá um novo nascimento à aliança com a qual Tu selaste Teu povo amado e Tua terra escolhida. Avance para o campo de batalha! Avance para a vitória! 275

O Caso Altalena A criação
do Estado israelense não encerrou totalmente a história militar do Irgun. Naquela mesma noite, Begin teve uma reunião com o novo Vice-Ministro da Defesa para lhe dizer que o Irgun no estrangeiro tinha trazido para França um antigo transporte de tanques de 4.000 toneladas, o Altalena. Ele não lhes disse que era para recolher armas fornecidas secretamente pelo governo francês, indignado com o papel da Grã-Bretanha em expulsar a França do Levante. Ele propôs que as FDI contribuíssem com US$ 250.000 para compras de armas. Dois dias depois, o governo recusou a proposta, vinda do desprezado Irgun. Em 31 de maio, as Forças de Defesa de Israel foram estabelecidas e no dia seguinte o Irgun assinou um acordo para se fundir nas FDI durante um período de semanas. Eles poderiam entrar como unidades. Como Israel não reivindicou Jerusalém como parte do seu território, tanto a Haganah como o Irgun continuaram ali como organizações separadas. Em 2 de Junho, Israel e os árabes assinaram uma trégua, prevista para entrar em vigor em 11 de Junho, proibindo a introdução de tropas ou armas adicionais no país. Naquele dia, o Altalena deixou a França com 900 recrutas do Irgun e milhares de armas.

Begin afirma que não sabia que o navio havia partido, mas, não querendo assumir a responsabilidade pela quebra da trégua, tentou imediatamente trazê-lo de volta ao porto. Ele insiste que as IDF concordaram em permitir que o navio continuasse. O Irgun propôs que 80% das armas fossem para as antigas unidades do Irgun que vão para as FDI e 20% para a unidade ainda independente em Jerusalém. Fontes revisionistas afirmam que mais tarde concederam os 80% às FDI para fazerem o que bem entendessem, mas que os 20% ainda deveriam ir "para Jerusalém".

O navio foi instruído a ir diretamente para Tel Aviv. No entanto, com a trégua agora em vigor, as FDI fizeram com que o Irgun transmitisse novas ordens por rádio para prosseguir para Kfar Vitkin, um reduto trabalhista sionista mais acima na costa e longe dos olhos de quaisquer observadores da ONU. Lá, as armas seriam descarregadas e colocadas sob custódia do governo. No entanto, Ben-Gurion não quis ouvir falar de qualquer proposta para armar um exército ideológico rival, e Begin foi notificado de que o governo não assumiria qualquer responsabilidade pelo descarregamento das armas.

O Altalena chegou no dia 20 de junho; 850 homens foram desembarcados e os 50 homens restantes, com um contingente de Irgunistas aguardando, incluindo Begin, começaram a descarregar a carga. No dia seguinte, as FDI apresentaram um ultimato de dez minutos a Begin: ele deveria entregar imediatamente as armas ou o governo usaria a força. Dez minutos acabaram sendo várias horas, durante as quais os estrategistas do Irgun decidiram deixar um pequeno grupo para guardar a carga já descarregada na costa, enquanto o Altalena descia para Tel Aviv, onde o Irgun tinha seus apoiadores e, eles raciocinaram, Ben -Gurion teria menos probabilidade de iniciar o que equivaleria a uma guerra civil.

Quando o exército finalmente abriu fogo, Begin ainda estava em terra e sua primeira reação foi que ele, que nunca havia estado sob fogo durante a luta contra os britânicos ou os árabes, não poderia deixar seus homens sob fogo. Seus oficiais não quiseram ouvir falar disso e o arrastaram para dentro do barco. 276 Seis Irgunistas e dois IDF

---

274 Jon Kimche, *Sete Pilares Caídos,* p.234.
275 *Revolta,* pp.373, 376; Hirschler, p.155.
276 Hirschler, p.176.

soldados foram mortos na batalha que se seguiu na praia enquanto o navio navegava em direção a Tel Aviv. Chegou lá durante a noite, encalhou a 700 metros da costa e foi imediatamente recebido por tiros de armas leves. Na manhã seguinte, o capitão içou uma bandeira branca, mas Begin logo começou a gritar através de um megafone para que as pessoas os ajudassem a trazer as armas para a praia. Isso foi demais para as FDI e elas começaram a bombardear o barco para valer. Várias pessoas a bordo foram mortas, entre elas Avraham Stavsky, o fanático britânico HaBiryonim que enganou o carrasco em 1934 por sua participação no assassinato de Chaim Arlosoroff, e que era agora o proprietário nominal do Altalena.

Eventualmente, um projétil atingiu o porão do navio e a munição abaixo do convés começou a explodir. O capitão deu ordem de abandonar o navio, mas Begin recusou-se a render-se. O capitão, naturalmente, não estava com disposição para heroísmo e Begin estava preso no convés, com o joelho de um tripulante apoiado nas costas. 277 Quando todos os outros abandonaram o navio, o capitão mandou dois tripulantes atirarem o futuro primeiro-ministro de Israel para o mar. 278 Quatorze Irgunistas foram mortos na batalha unilateral.

Enfrentando exércitos árabes posicionados em diversas frentes, o governo, apesar de ter acusado o Irgun de tentar armar-se para um golpe, optou por não pressionar o Irgun contra a parede. Naquela noite, Begin transmitiu uma versão perturbada do episódio, negando a acusação, alegando que eles estavam apenas tentando trazer as armas necessárias e, finalmente, caindo em prantos. Era obviamente imperativo desmantelar a organização com dignidade e ele foi a Jerusalém para entregar formalmente a sua bandeira ao comandante local. Em 17 de Setembro, o Gangue Stern assassinou o Conde Folke Bernadotte, o Mediador Especial da ONU, e Begin apressou-se a declarar que não havia ligação entre o Irgun de Jerusalém e os assassinos. No entanto, três dias depois o governo emitiu um ultimato insistindo na dissolução da unidade de Jerusalém; no dia seguinte, Shmuel Katz, o último comandante do Irgun, convocou uma conferência de imprensa para anunciar o seu fim.

O Partido da Liberdade – Tnuat HaHerut Em

Outubro, Begin anunciou um novo partido, o Tnuat HaHerut (Movimento da Liberdade), para continuar a sua luta contra os árabes e os sionistas trabalhistas. A sua plataforma era o revisionismo puro, e o seu eixo central era a declaração de que a pátria hebraica ficava em ambos os lados do Jordão. A tradição pró-fascista foi mantida através do jornal do partido, Herut, que tinha entre os seus colaboradores regulares Abba Achimeir, Uri Zvi Greenberg e Wolfgang von Weisl, todos eles abertamente pró-Mussolini na década de 1930.

Em novembro, Begin chegou aos Estados Unidos para o que esperava ser uma viagem triunfal de arrecadação de fundos, mas, em muitos aspectos, a viagem acabou desastrosamente. Ele obedientemente "relatou" a Jabotinsky, em seu túmulo em Long Island, que um estado judeu havia sido criado, e foi recebido pelo prefeito de Nova York, William ODwyer. Num banquete em sua homenagem no Waldorf Astoria, Begin deveria falar por 45 minutos e foi instado a falar sobre o futuro. No entanto, ele continuou por cerca de duas horas e meia, até bem depois da meia-noite, falando das glórias da luta dos Irguns e concentrando-se no chicoteamento dos soldados britânicos. Nas palavras de Shmuel Merlin, primeiro secretário-geral do novo partido, "pareciam dois dias e meio". 279 Em 4 de Dezembro, o *New York Times* publicou uma carta assinada por Hannah Arendt, Albert Einstein, Sidney

Hook e Seymour Melmen, entre outros. Com o nome de Einstein associado a ela, a crítica atraiu enorme atenção. Embora tenha sido escrita a partir de uma perspectiva pró-sionista, a sua poderosa declaração tornou-se o resumo clássico da política revisionista até então, e foi reimpressa muitas vezes desde então: Entre os fenómenos políticos mais perturbadores do nosso tempo está a emergência do Estado recém-criado de Israel do "Partido da Liberdade" (Tnuat HaHerut), um partido político intimamente

relacionado pela sua organização, métodos, filosofia política e apelo social aos partidos nazi e fascista. Foi formada a partir dos membros e seguidores do ex-Irgun Zvai Leumi, uma organização terrorista, de direita e chauvinista na Palestina... Hoje eles falam de liberdade, democracia e anti-imperialismo, enquanto até recentemente pregavam abertamente a doutrina do estado fascista. É nas suas ações que o partido terrorista trai o seu verdadeiro caráter...

Um exemplo chocante foi o seu comportamento em

---

277 Haber , p.223.
278 Hirschler, p.180.
279 Samuel Merlin, Menachem Begin: Orador, Comandante, Estadista, *National Jewish Monthly,* julho de 1977, pp.7-8.

a aldeia árabe de Deir Yassin ... O incidente de Deir Yassin exemplifica o caráter e as ações de o Partido da Liberdade... eles pregaram uma mistura de ultranacionalismo, misticismo religioso e superioridade racial... à luz das considerações anteriores, é imperativo que a verdade sobre O Sr. Begin e o seu movimento sejam divulgados neste país. É ainda mais trágico que o topo a liderança do sionismo americano recusou-se a fazer campanha contra os esforços de Begin. 280

280 Partido da Nova Palestina, *New York Times,* 4 de dezembro de 1948, p.12.

13. Os 29 anos no deserto

Herut: Desempenho eleitoral antecipado

Não foi o Irgun que conquistou a independência de Israel? A Jordânia não estava ainda sob o jugo do Hachemita Abdullah? Certamente, o eleitorado israelita, ou pelo menos 30-40% dele, inspirado pela oratória de Begins, votaria no novo partido nas primeiras eleições israelitas. Assim pensava Menachem Begin, que ficou desapontado quando, nas eleições de 25 de Janeiro de 1949, obteve apenas 11,5% dos votos e apenas 14 dos 120 assentos na Assembleia Constituinte. Herut terminou em terceiro, atrás do Ben-Gurions Mapai (Partido Trabalhista Israelense), com 46 cadeiras, e do Mapam (Partido Unido dos Trabalhadores), então um agrupamento sionista pró-soviético, com 19 cadeiras. A Frente Religiosa, uma coligação de grupos ortodoxos, obteve 16 assentos; os General Sionistas, identificados com Weizmann, conquistaram sete cadeiras; os progressistas anticlericais, um partido de classe média, obtiveram cinco cadeiras; o resto foi para elementos dispersos, incluindo um assento para Nathan Yalin-Mor, que foi condenado a oito anos por liderar uma organização terrorista após o assassinato de Bernadotte, e que foi anistiado. O remanescente do antigo Partido Revisionista também concorreu, mas não ganhou assentos e logo se fundiu com Herut. Desde que os Revisionistas reingressaram na WZO em 1946, Herut fazia agora parte de um movimento sionista agora unido.

A campanha de 1949 seria apenas a primeira de oito derrotas eleitorais sucessivas antes de Begin finalmente chegar ao poder em maio de 1977. Em seus primeiros anos, o partido rapidamente acumulou a reputação de ser a margem lunática do sionismo e levou para Begin não alguns anos depois disso, aprender que os princípios sagrados do Revisionismo clássico apenas geraram antagonismo entre uma enorme proporção da população. Foi porque Begin se moveu, muito lentamente e ligeiramente, em direcção ao centro, e a sociedade israelita como um todo se moveu, cada vez mais, em direcção à extrema direita, que ele finalmente conseguiu chegar ao poder.

Desde o início, a política de Herut foi a “libertação” de toda a Palestina. No entanto, foram os palestinos expulsos, longe de se reconciliarem com o seu exílio, que tomaram a iniciativa, tentando constantemente reentrar nas suas aldeias perdidas, quer na esperança de permanecerem, quer para remover o que era, afinal, propriedade sua. Israel não era então de forma alguma uma potência esmagadora e Ben-Gurion não pretendia uma guerra de conquista imediata. A sua resposta às incursões foram ataques retaliatórios cada vez mais sistemáticos na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Herut sempre considerou tais ataques inúteis, insistindo o tempo todo que apenas a "liquidação dos bolsões do território nacional judaico ocupados pelos árabes" poderia resolver o problema.

Dado que o programa activo de todos os partidos sionistas é a conversão de terras árabes num estado sionista, nenhum regime israelita poderia ter alcançado a paz genuína, mas era isso que as massas judaicas queriam, e o apelo constante à guerra começa apenas alienou o público em geral.

O principal inimigo interno era a Histadrut, e Herut lutou contra ela ao longo da linha. O partido manteve a relativamente minúscula Federação Nacional do Trabalho Revisionista, mas a Histadrut tinha aproximadamente 85% dos trabalhadores por trás dela. Herut apelou, portanto, à nacionalização das suas bolsas de trabalho e à arbitragem obrigatória das disputas salariais. Exigiam também a nacionalização da Caixa de Doenças Histadruts, que atendia a maior parte da população, e o desinvestimento do seu complexo de fábricas e estabelecimentos comerciais que a tornavam o maior empregador individual do país, bem como a abolição dos impostos especiais privilégios para os kibutzim. Os imigrantes pré-guerra que construíram a Histadrut eram profundamente devotados a ela como fruto do seu trabalho e tal programa, equivalente à sua dissolução, só poderia encontrar a sua oposição implacável.

Durante os primeiros anos do novo estado, não houve nenhuma questão que Herut pudesse usar para atrair um grande número de seguidores. Begin aproveitou esse período para escrever sua Revolta, que nem ele ousou chamar de história da

o Irgun, mas sim um livro de memórias, pouco mais que uma glorificação do Irgun. Ele visitou grupos de apoio revisionistas nos EUA, Europa e América Latina, e numa visita à Argentina teve até um encontro cordial com Juan Perón, já famoso pelos seus próprios sentimentos pró-nazistas durante a guerra, e pelas suas boas-vindas a milhares de militantes da guerra nazi. criminosos. 281 Na segunda eleição para o Knesset, Herut perdeu seis dos seus 14 assentos, pois poucos conseguiam ver algo de atraente no seu extremismo violento e impotente.

A década

de 1950 A questão das

reparações Centenas de milhares de judeus europeus, e outras centenas de milhares do mundo árabe, inundaram o país. Enormes campos de imigrantes surgiram e a comida e depois as roupas tiveram de ser racionadas. A menos que fosse para afundar numa catástrofe económica, Israel tinha de fazer alguma coisa, e Ben-Gurion decidiu explorar a possibilidade de obter reparações da Alemanha Ocidental. A rapidez era essencial, pois compreendia que o aprofundamento da guerra fria significaria que os americanos ficariam cada vez mais relutantes em pressionar a Alemanha nesta questão. No outono de 1951, Nahum Goldmann realizou uma reunião com Konrad Adenauer, e o alemão concordou com um valor provisório de um bilhão de dólares em reparações. Agora era necessário obter permissão do Knesset para que as negociações continuassem.

Muitos israelitas, e muitos judeus, de todas as ideologias, sentiram que qualquer compensação monetária só poderia ser uma profanação da memória das vítimas do Holocausto. O Partido Mapam opôs-se às negociações, tal como o fizeram os líderes individuais do Mapai, mas o principal oponente das reparações foi o partido Herut e Menachem Begin. O Knesset deveria debater a questão em 7 de janeiro de 1952. Naquela manhã, Begin, falando de uma varanda, discursou para uma multidão furiosa de 15.000 pessoas:

> Quando você atirou em nós com seu canhão, ordenei aos nossos camaradas que parassem de atirar. Mas hoje darei a ordem: “Sim!” Esta será uma guerra de vida ou morte... Não há alemão que não tenha matado nossos pais. Todo alemão é nazista. Todo alemão é um assassino. Adenauer é um assassino... Talvez iremos para a força. Não importa[282]

Begin entrou no Knesset para participar do debate e a multidão marchou sobre o prédio, rompendo o arame farpado e um muro com centenas de policiais. Enquanto os legisladores discutiam lá dentro, os desordeiros começaram a apedrejar o prédio. Pedras e vidros caíram no meio da assembléia. Begin desafiou o regime: "Eu sei que nos vão atirar em campos de concentração... Mas não haverá "reparações por parte da Alemanha" . incluindo 92 policiais e 400 presos. Mas dois dias depois o parlamento votou 61 a 50 para autorizar a continuação das negociações. Begin foi temporariamente suspenso do Knesset. Em 12 de março, dia em que as negociações foram abertas publicamente em Haia, 70.000 pessoas se reuniram em Tel Aviv. Desta vez, Ben-Gurion tomou a precaução de trazer milhares de kibutzniks e membros da Histadrut para as ruas para proteger edifícios públicos e isso foi suficiente para obrigar Begin a advertir a enorme reunião para não ser provocada pela violência. O motim de reparações alemão serviu apenas para desacreditar Begin, à medida que milhares de milhões de marcos em caminhos-de-ferro, telefones, docas, instalações de irrigação e petróleo alemães, comprados através de empresas britânicas, e muito mais, incluindo dinheiro para israelitas individuais, foram despejados no país ao longo dos 12 anos seguintes. Sem as infra-estruturas fornecidas pelas reparações tão duramente contestadas por Herut, é duvidoso que Israel tivesse sido capaz de manter, e muito menos aumentar, o fosso tecnológico tão essencial para as suas vitórias contínuas sobre os seus inimigos.

Isolamento após os motins

Reduzido na representação parlamentar, desacreditado pela sua fanática oposição às reparações, os dois anos após os motins foram o período de isolamento mais profundo de Herut. Begin utilizou seu tempo escrevendo *Noites Brancas* em 1953. Embora não tenha valor político ao lidar com a ideologia sionista e suas previsões de

---

[281] CC Aronsfeld, Incertezas Argentinas, *AJR Information,* outubro de 1982, p.1. 282 Haber, *Menahem Begins,* p.236; Hirschler, *Menahem Begins,* p.202; Gervasi, *Vida e Tempos de Menahem Begin,* p.273. 283 Hirschler, p.203; Gervasi, p.273; Tem, pág.

um confronto após a morte de Stalin entre o NKVD e o exército soviético nunca teve qualquer base na realidade, o livro dá uma imagem das prisões e campos de Stalin e vale a pena ser lido.

Novamente Begin viajou, para o seu movimento, para a Europa, os EUA, a América Latina e, de outubro de 1953 a janeiro de 1954, para a África do Sul, a Rodésia e até o Congo Belga. Ele conheceu o primeiro-ministro sul-africano, Daniel Malan, cujos nacionalistas se opuseram veementemente à permissão de refugiados judeus no país durante a era Hitler. Ao deixar a África do Sul, Begin enviou um telegrama a Malan:

> Guardarei sempre com carinho a conversa memorável que tive consigo, Senhor Primeiro-Ministro... Quando, se Deus quiser, estiver de volta a casa, contarei ao meu povo sobre os sentimentos que prevalecem entre o povo e o Governo da África do Sul em relação a Israel e ao seu bem-estar. Rezo, espero e acredito que a amizade entre os nossos países e os nossos povos seja fortalecida. 284

A crise de Suez e a emissão do bilhete de identidade

Herut teve um desempenho consideravelmente melhor nas eleições de 26 de julho de 1955, saltando de oito para 15 assentos. Os constantes ataques fronteiriços e a incapacidade do governo em resolver o problema recuperaram os votos perdidos em 1951 para os Sionistas Gerais, que passaram de sete assentos em 1949 para 20 em 1951 e que agora caíram para 13 assentos, novamente atrás de Herut. .

Em Setembro de 1955, Nasser recorreu à União Soviética em busca de assistência contra Israel e a Grã-Bretanha, que ainda controlavam o Canal de Suez, fazendo um acordo para armas checas, e a partir de então Begin estava no seu elemento, apelando a uma guerra preventiva. Como é sabido, Mapai não precisou de estímulo de Herut neste aspecto. Quando Nasser, em Julho de 1956, anunciou a nacionalização do Canal, seguiu-se inevitavelmente a invasão conjunta israelo-britânica-francesa de 29 de Outubro. Naturalmente, Begin apoiou-a e, com a mesma naturalidade, em 1957 denunciou Ben-Gurion por se retirar do Sinai e da Faixa de Gaza face à obviamente esmagadora oposição tanto dos EUA como da União Soviética.

Begin visitou a África do Sul pela segunda vez em 14 de agosto de 1957, tentando aproveitar o interesse que a África do Sul tinha nas implicações da invasão israelense da África no ano anterior. Mas, como extremista fora do poder, não havia nada que pudesse oferecer ao regime do apartheid. Internamente, Begin demonstrou ser um oponente sem saída da secularização da vida israelita. Em 22 de junho de 1958, o governo declarou que qualquer pessoa que se autodenominasse judeu deveria receber uma carteira de identidade com essa indicação. A decisão criou alvoroço porque os ortodoxos insistiram que apenas o filho de uma mãe judia ou alguém convertido por um rabino ortodoxo poderia ser considerado judeu. Herut não faz da observância da religião judaica um critério de adesão, mas o próprio Begin é semi-piedoso, guarda as leis kosher e recusa-se a viajar no sábado. Ele se juntou aos partidos religiosos em sua oposição ao edital:

> Outras nações começaram como selvagens, vivendo em selvas e cavernas, com medo de trovões e relâmpagos e adorando estrelas. Nações estrangeiras vieram e forçaram-lhes a sua religião... A nossa nação surgiu de forma diferente. Tudo começou com uma promessa divina... E foi através desta promessa que regressaram a Eretz Yisrael... Será que o governo acredita verdadeiramente que, no que diz respeito aos judeus, se pode diferenciar entre religião e identidade nacional? ... Um membro do povo judeu pode ser calvinista, anglicano, batista, anabatista? 285

As eleições de 3 de Novembro de 1959 registaram um avanço insignificante, Herut ganhou dois assentos, passando para 17, e era agora o segundo partido.

Década de

1960 Nas eleições de 15 de Agosto de 1961, a situação não registou qualquer alteração – o partido claramente não estava a chegar a lado nenhum e Begin foi forçado a fazer esforços para mudar a sua imagem. Durante muitos anos ele estava acostumado a fazer discursos em sacadas e passou a fazer campanha em um Cadillac aberto cercado por uma escolta de motociclistas, todos com as sirenes ligadas. Oratório de varanda era a especialidade de Mussolini, e

---

284 Harry Hurwitz, *Menachem Begin,* pp.178-9.
285 Hirschler, pp.222-3.

os motociclistas apenas reforçaram a concepção pública de Herut como sendo fascista e, eventualmente, Begin abandonou ambos. 286

Herut: o caminho para a respeitabilidade

O partido foi empurrado consideravelmente no caminho para a respeitabilidade na primavera de 1964, quando o primeiro-ministro, Levi Eshkol, atendendo a um pedido de Herut, deu a ordem para que o corpo de Jabotinsky fosse reenterrado – não apenas em Israel, mas no Monte Herzl, no terreno reservado aos líderes do movimento.
O acontecimento não só conferiu a Herut uma nova respeitabilidade mas, mais importante ainda, foi mais um passo na evolução do Partido Trabalhista, afastando-se das suas origens esquerdistas, pois, se Jabotinsky tivesse de facto sido um herói sionista, ele morreu como inimigo implacável do movimento operário sionista. Se a cerimónia no Monte Herzl foi puramente simbólica, em Abril de 1965 o partido deu o seu primeiro passo genuíno rumo ao poder, formando um bloco, o Gush Herut-Liberalim, ou Gahal, com o Partido Liberal, basicamente os antigos Sionistas Gerais. Ambos os partidos mantiveram a sua existência independente, mas sempre se entendeu que Begin era o líder do bloco. Embora os dois partidos tenham conquistado apenas 26 assentos nas eleições de Novembro de 1965, sete a menos que os 34 assentos que detinham no Knesset anterior – devido a uma cisão dos Liberais –, no entanto, foi um enorme passo em frente para Begin. Agora, pela primeira vez, havia uma perspectiva real de que ele eventualmente chegasse ao poder através de uma coligação com elementos adicionais de direita. Igualmente importante, os liberais insistiram que Herut abandonasse a sua oposição implacável à Histadrut e, após alguma discussão, os membros de Herut decidiram juntar-se a ela. Os líderes da Histadrut, sabendo que ainda eram antitrabalhistas, tentaram excluí-los, mas os tribunais decidiram que qualquer partido político tinha o direito de organizar uma facção dentro da organização. Com a entrada na Histadrut, todas as conversas sobre o seu desmantelamento desapareceram e a exigência de arbitragem obrigatória foi reduzida a arbitragem obrigatória em indústrias essenciais. Os Liberais são um partido de empresários, a sua oposição ao Mapai baseava-se em questões económicas internas, não na política militar, e não tinha interesse na noção de que a Jordânia era realmente parte de Israel; Begin generosamente permitiu que eles discordassem de Herut nesta questão.

Foi a guerra de 1967 que finalmente trouxe total respeitabilidade a Begin e Herut. Prestes a lançar um ataque preventivo contra os estados árabes, Eshkol pediu a Begin e a um liberal que se juntassem a "um governo de unidade nacional" como ministros sem pasta. No dia seguinte, Begin relatou ao seu mentor no Monte Herzl: "Senhor, chefe de Betar, viemos informá-lo que um de seus seguidores está servindo agora como ministro no governo de Israel." 287 Begin não causou dificuldades aos trabalhistas dominantes até depois das eleições de Outubro de 1969, nas quais o Gahal manteve a sua posição, mantendo os seus 26 assentos. Begin não estava disposto a permanecer no gabinete da então primeira-ministra, Golda Meir, a menos que concordasse com uma lei que estabelecesse a arbitragem obrigatória em indústrias essenciais, até que o Secretário de Estado americano, William Rogers, anunciou que os EUA procurariam resolver o problema.
Questão do Médio Oriente sobre as cabeças dos israelitas através de negociações com os soviéticos. É evidente que isso significaria a devolução de pelo menos alguns dos territórios ocupados. Begin sentiu que precisava apoiar Meir, que rejeitou a proposta de Rogers, e desistiu da exigência de arbitragem obrigatória. Com isso, foi superado outro obstáculo ideológico à eventual ascensão de Begin ao poder. Israel é um povoado de colonos e tal Estado só pode sobreviver enquanto a sua classe trabalhadora permanecer leal ao regime. Se os empregadores levarem a luta de classes para além do que é "normal" para o capitalismo, correm o risco muito real de que os trabalhadores, ou uma parte deles, fiquem descontentes e até mesmo entrem numa aliança com a nacionalidade oprimida.

Em 1969, o governo israelita pensou que poderia forçar Nasser a pôr fim à "guerra de atrito", o bombardeamento constante da linha israelita Bar Lev no Suez, através de bombardeamentos profundos sobre o Egipto. Rapidamente os soviéticos estavam envolvidos do lado do Egipto e era óbvio que a estratégia israelita tinha falhado, que Nasser não capitularia. A opinião mundial começava a mudar contra Israel e os americanos ficaram alarmados com o aprofundamento do envolvimento soviético. Rogers apresentou uma nova iniciativa, um cessar-fogo de 90 dias e negociações para acabar com a beligerância sob a condição de um retorno de todos ou da maioria dos territórios ocupados.
Meir nunca pensou que as negociações iriam além do fim do conflito imediato no Canal, que não estava atingindo os objetivos de Israel, e, em vez de alienar os EUA, ela aceitou a decisão de Rogers.

---

[286] Hirschler, p.225; Gervasi, p.282; Tem, p.247.
287Haber , p.268.

plano. Para começar, a questão era de princípio, não havia "territórios ocupados", mas sim "Eretz Yisrael libertado", e ele preferia "cortar a minha mão direita" do que permanecer num gabinete que diria mesmo que considerava devolver os territórios. . Em 6 de agosto de 1970, Gahal votou contra o governo e Begin voltou a ocupar o seu lugar entre a oposição. No entanto, mesmo que ele tivesse deixado de lado a questão puramente hipotética do possível retorno de pelo menos uma polegada da Cisjordânia, a partir desse momento as reivindicações à Cisjordânia desapareceram da propaganda de Herut. Três anos na intimidade do gabinete, numa ampla coligação que vai desde os autoproclamados marxistas de Mapam até Herut, demonstraram-lhe que nenhuma outra grande tendência poderia ser induzida a ir à guerra pela Jordânia.

Com o abandono silencioso do primeiro princípio do Revisionismo, o agora respeitável ex-ministro tornou-se genuinamente um sério candidato ao poder. É de facto difícil imaginar que os EUA alguma vez permitiriam que Hussein perdesse as suas terras – a lealdade dos sátrapas do império deve ser recompensada – mas e se surgisse um regime jordano, hostil aos EUA? Erich e Rael Jean Isaac, dois conhecidos propagandistas revisionistas, estão sem dúvida correctos: A lealdade à concepção de Jabotinsky é tal que se numa futura guerra a
Jordânia caísse em mãos israelitas, um governo liderado por Herut consideraria este território mais difícil de abandonar do que o Sinai ou o Golã. 288

A década

de 1970 Em fevereiro de 1971, Begin fez parte de uma delegação governamental a uma conferência sobre os judeus soviéticos realizada em Bruxelas. Ele nunca foi a favor dos judeus que lutam dentro da União Soviética, quer pelos seus direitos como judeus, quer pelos direitos democráticos gerais, mas sempre teve uma solução para a questão judaica na União Soviética. O fiel seguidor de Jabotinsky proclamou que:

> em vez da exigência "Deixem o meu povo ir", devemos reavivar a exigência da evacuação de toda a judiaria soviética – e estar preparados para acolher mais de dois milhões deles num curto período. 289

"Evacuação", claro, significa emigração para Israel; Begin sempre denunciou as organizações judaicas da diáspora que ajudaram os judeus soviéticos a emigrar para os EUA.
A noção de um êxodo em massa dos judeus soviéticos não é apenas uma fantasia – a maioria dos judeus soviéticos são profundamente assimilados e a taxa de casamentos mistos é ainda mais elevada do que no Ocidente – mas mais tarde, em 1973, ele propôs um trabalho de um dia para os judeus americanos. paralisação enquanto Brejnev visitava o país. Se Begin tivesse, relutantemente, aprendido o que é possível no contexto da política israelita, tais propostas – um êxodo geral dos judeus soviéticos, uma greve judaica americana a nível nacional – demonstraram claramente que ele continuava a ser o que sempre foi: um impossibilista congénito.
Meir Kahane, chefe da Liga de Defesa Judaica, teve sua entrada negada na conferência pelos organizadores por causa de sua adesão ao terror. Quando ele persistiu, a polícia o prendeu e ele foi deportado do país. Begin levantou-se para declarar que, embora não conhecesse Kahane e não endossasse as suas ações, "a era em que os judeus denunciam outros judeus à polícia já passou para sempre". 290 (Na última contagem, Kahane foi preso pela polícia israelense nada menos que 66 vezes, muitas delas por insistência de Begin.)

Em janeiro de 1972, Kahane escreveu o prefácio da nova edição em inglês de The Revolt:

Este livro é especialmente importante para os jovens judeus... Muitos deles bebem profundamente das façanhas de outros movimentos de libertação nacional e não têm a menor ideia de que o seu próprio povo possuía um movimento de libertação de extrema pureza e coragem... Nunca se conseguirá conseguiu remover as imagens de Fidel, Che e Ho da mente de um jovem judeu sensível até que ele aprende novos nomes – Gruner, Ben Yosef, Hakim, Ashbel e Barazani. 291

Terceira viagem à África do Sul

---

288 Erich e Rael Jean Isaac, *O Impacto de Jabotinsky nas Políticas do Likud,* p.4.
289 Hirschler, p.263.
290 Ibid., p.259.
291 *Revolta,* prefácio à edição Nash de 1972.

No outono de 1971, Begin fez mais uma visita à África do Sul. Como ex-ministro do gabinete israelense que conquistou o Sinai, e como amigo mais proeminente de Israel do regime de Pretória, ele teve uma reunião com Johannes Vorster, o primeiro-ministro (que havia sido preso em 1942 por seus sentimentos pró-nazistas). . Discutiram o problema de Suez (a guerra de 1967 o encerrou), o papel subversivo da União Soviética e da ONU. Begin insiste que se opõe ao apartheid mas que, neste mundo perverso, Israel tem de encontrar os seus amigos onde puder, sem considerar os seus sistemas internos. Portanto, este autoproclamado oponente do apartheid não hesitou em tornar-se Presidente da Liga de Amizade Israel-África do Sul.

General Sharon e o Likud O período

entre as guerras de 1967 e 1973 foi a idade de ouro dos "heróis", quando os partidos procuravam avidamente os antigos generais do incrivelmente bem sucedido exército israelita. A estrela desta pequena trupe foi Ariel "Arik" Sharon, que começou na Haganah e ganhou destaque na década de 1950 como comandante da "unidade 101", cuja especialidade eram ataques de fronteira. Mais tarde, como general, ele projetou o mesmo espírito de comando de um comandante regular das FDI durante as guerras de 1956 e 1967.
Aposentou-se do exército no verão de 1973, quando se tornou evidente que não seria capaz de realizar a sua ambição de se tornar Chefe do Estado-Maior, juntou-se ao Liberalim. Os antigos Sionistas Gerais nunca tiveram mentalidade militar, em muitos aspectos eram o repositório das tradições pacifistas da pequena burguesia shtetl, o seu negócio era ganhar dinheiro, era trabalho de outra pessoa, os Sionistas Trabalhistas, os Revisionistas, travar as batalhas do Sionismo. , e era perfeitamente óbvio que Sharon só se juntou a eles porque não tinham outros heróis residentes. Quase assim que ingressou, ele renunciou e anunciou, em agosto, que se o Gahal e os outros partidos de direita não formassem imediatamente uma coalizão que pudesse enfrentar o Alinhamento Trabalhista, Mapai e Mapam, ele se aposentaria da política. A sua ideia fazia muito sentido, especialmente para o elemento mais jovem destas seitas políticas de direita bastante isoladas, e a pressão deles forçou os seus líderes, incluindo Begin, que inicialmente temia pela sua liderança pessoal numa coligação ampla, a criar o Likud (Unidade) em setembro. A eleição deveria ocorrer em outubro, mas teve de ser adiada para dezembro por causa da "guerra de expiação" que estava ocorrendo.

O ataque egípcio-sírio, com a sua travessia brilhantemente executada do Suez, surpreendeu inicialmente Meir e o seu ministro da Defesa, Moshe Dayan, que, devido ao seu racismo, subestimou a capacidade árabe de travar a guerra moderna. No entanto, em poucos dias, os israelitas conseguiram restabelecer o seu domínio militar e foi ninguém menos que Sharon, ao fazer uma ousada travessia do Suez e isolar um exército egípcio em Ismailia, que tornou isso possível. Embora a realidade de 2.559 mortos tenha abalado a sociedade israelita, trazendo milhares de soldados para as ruas no seu rescaldo, em algumas manifestações muito desorganizadas, nas eleições seguintes o Alinhamento perdeu apenas quatro assentos, caindo para 51. Mas o Likud tinha agora 39. assentos, sete a mais do que os seus componentes tinham no Knesset anterior, e era agora uma alternativa política séria ao Alinhamento. Finalmente, todos os pré-requisitos programáticos e organizacionais essenciais para a vitória de Begins estavam reunidos.

Embora o abandono de facto da noção jabotinskyista da Jordânia como parte da "pátria" tenha sido crucial para as perspectivas de Begins, ele continuou a ser o oponente intransigente da menor concessão relativamente aos territórios já sob posse israelita. Ele resistiu amargamente aos acordos de "desligamento" impostos a Israel pelos EUA, que obrigaram Israel a retirar-se do Suez e de parte das Colinas de Golã. Em 1975, Herut realizou provocativamente sua convenção em Kiryat Arba, perto de Hebron, na Cisjordânia. Nos anos seguintes, Betarim entrou no Monte do Templo, hoje local da mesquita de al-Aqsa e da Mesquita de Omar, com roupas civis cobrindo seus uniformes Betar, expondo seus uniformes para rezar e cantar canções nacionalistas. Todas as vezes foram expulsos pelas autoridades muçulmanas apoiadas pela polícia israelita, mas em Março de 1976 a sua fuga provocou um grave motim na cidade velha. 292 No entanto, não foi apenas o seu próprio chauvinismo que levou o Likud ao poder, mas o colapso do sionismo trabalhista após 29 anos no poder e após oito triunfos eleitorais sucessivos.

---

[292] *Jerusalem Post,* 23 de março e 2 de abril de 1976.

O Eclipse do Partido Trabalhista

Durante vários meses antes das eleições de Maio de 1977, o público israelita ficou chocado com uma série de acusações e condenações por corrupção por parte de figuras importantes do establishment trabalhista.

O diretor de assuntos árabes nos territórios ocupados da Histadruts foi considerado culpado de extorsão quando era chefe do conselho trabalhista de Dimona; então Asher Yadlin, chefe do Kupat Holim, o fundo de saúde Histadruts, foi nomeado governador do Banco de Israel e descobriu-se que ele vinha aceitando golpes indiretos envolvendo negócios imobiliários, ficando com parte do dinheiro e entregando o resto ao Partido Trabalhista para saldar suas dívidas eleitorais de 1973. Em 3 de Janeiro de 1977, Avraham Ofer, o Ministro da Habitação, cometeu suicídio depois de ser acusado de embolsar dinheiro proveniente da venda de apartamentos subsidiados pelo governo, de dar descontos a jornalistas e figuras públicas favoritas, etc.

Embora a nota de suicídio de Ofer tenha negado indignadamente as acusações, ninguém duvidou de que ele era culpado. Se estes incidentes não bastassem, em 15 de Março um jornal israelita descobriu o facto de a esposa do primeiro-ministro Yitzhak Rabin ter uma conta bancária em dólares num banco de Washington, em violação das leis monetárias de Israel. Ela admitiu, mas insistiu que apenas US$ 2.000 estavam envolvidos. No entanto, em abril, outro jornal descobriu que os Rabins tinham duas contas americanas e que uma delas ainda estava ativa e continha US$ 10.000. Rabin, apanhado a mentir, anunciou que renunciaria imediatamente (embora, por um detalhe técnico, tenha permanecido como primeiro-ministro até às eleições).

Não é difícil perceber porque é que o movimento operário sionista se tornou corrupto. Nas décadas seguintes, o partido perdeu todas as suas amarras ideológicas. Independentemente do que dissesse sobre a representação dos trabalhadores judeus, tinha estado em coligação com vários partidos capitalistas; abandonou quaisquer concepções secularistas que já teve e fez da ortodoxia a religião oficial, principalmente como uma concessão ao Partido Religioso Nacional, o Mizrachi; desenvolveu laços com os capitalistas judeus americanos, procurando avidamente os seus investimentos, sabendo muito bem que muitas dessas pessoas eram sonegadores de impostos; e envolveu-se intimamente com o governo dos EUA e a CIA, que financiou escolas Histadrut para sindicalistas africanos e asiáticos. E tudo isto foi sobreposto à expropriação de terras e propriedades de refugiados palestinianos na sequência da guerra de 1948. Tinha entrado para a história como uma tendência ideológica séria, tentando fundir o nacionalismo e o socialismo, mas estava a tentar o impossível – uma versão colonialista do socialismo – e a mentalidade cínica que desenvolveu na prática ao fazê-lo destruiu-a, e inevitavelmente evoluiu para a Salão Tammany de Sião.

A burocratização do Partido Trabalhista ajudou a derrotá-lo ainda de outra forma: em 1973, o Likud já tinha derrotado o Alinhamento entre os “orientais”, os judeus de África e da Ásia, e os seus filhos nascidos em Israel. Antes do estabelecimento do Estado, o sionismo, excepto no Iémen, nunca tinha sido, nem remotamente, tão forte no mundo árabe como na Europa Oriental. No entanto, o estabelecimento de Israel desencadeou uma onda de motins antijudaicos. Embora qualquer pessoa com uma mente imparcial possa compreender que foi o sionismo que trouxe a tragédia a estes judeus “sefarditas”, o facto é que eles culparam os árabes pela sua situação, e eles, em números crescentes, começaram a responder ao nacionalismo de Begins. Quando chegaram ao estado, o aspecto socialista do sionismo trabalhista havia se esgotado, em 1946 a Histadrut havia eliminado a escala salarial igualitária para sua liderança, e o movimento rapidamente burocratizado não fez nenhum esforço sério para defender os interesses. dos sefarditas. Enquanto uma pequena secção deles, os “Panteras Negras” da década de 1970, se moveram para a órbita do Rakah, o Partido Comunista local, a maior parte dos Orientais tornou-se o chauvinista “lixo branco” do caleidoscópio étnico e político israelita.

A vitória eleitoral do Likud Embora as sondagens não tenham conseguido prever uma vitória do Likud, dadas as dificuldades jurídicas dos Alinhamentos, a sua derrota foi inevitável. Nas eleições de 1977 perdeu 19 posições, passando de 51 para 32 assentos, o Likud passou de 39 para 43. Enquanto o Likud aumentava sua força entre os sefarditas, o Movimento Democrático para a Mudança do arqueólogo Yigal Yadin, um novo partido de bom governo, escolheu conquistaram 15 assentos, a maioria deles trabalhistas, apelando fortemente à classe média "Ashkenazi", garantindo assim a vitória de Begin. O Likud obteve 33% dos votos, contra 30,2%; Mão-de-obra apenas 24,6%, uma queda drástica em relação aos 39,6%; a DMC 11,6%; e os partidos religiosos 14%.

Begin reuniu uma maioria parlamentar começando com o Partido Religioso Nacional Mizrachi, que já havia estado no gabinete de Rabin, mas que se moveu dramaticamente para a direita ao colocar

um dos líderes do extremista chauvinista Gush Emunim (Bloco dos Fiéis) em sua chapa. A Agudat Yisrael (União de Israel), um partido ultraortodoxo não sionista, preocupado principalmente em impor as restrições da religião judaica em todos os aspectos da vida israelense, concordou em votar para Começa uma nova coalizão sem entrar no gabinete. Sharon, que criou o seu próprio minúsculo Partido Shlomzion, que conquistou dois assentos, foi nomeado para o Ministério da Agricultura. Moshe Dayan, que já havia deixado o Alinhamento, tornou-se Ministro das Relações Exteriores de Begins. Meses depois, em 24 de Outubro, o Movimento Democrático pela Mudança também entrou no gabinete.

Em 21 de junho, Begin tornou-se primeiro-ministro de Israel; seu primeiro ato foi pendurar um retrato de Vladimir Jabotinsky na parede de seu escritório. Embora seu discípulo mais famoso tenha abandonado, a contragosto, alguns de seus princípios, não pode haver dúvida de que Begin estava, de fato, tão dedicado como sempre à essência dos ensinamentos de Jabotinsky; que ele era tão racista, tão colonialista e tão leal ao capitalismo quanto o seu mentor. No entanto, a sua ascensão ao poder não foi uma revolução dentro do sionismo, mas sim uma extensão da lógica de desenvolvimento dos anteriores governos do Alinhamento Trabalhista. Foram eles, e não ele, que começaram a estabelecer novos colonos na Cisjordânia. Foram eles que disseram aos judeus americanos para votarem em Nixon, que forjaram as ligações com a CIA. Foi Rabin, e não Begin, quem convidou Vorster para ir a Israel em 1976. E foi o sionismo trabalhista, e não o revisionismo, que primeiro começou a armar a Falange no Líbano.

Jabotinsky estava à frente do seu tempo, essas coisas não podiam ser apressadas. O sionismo teve de passar por várias fases antes de poder atingir a sua forma actual. Begin não era uma espécie de mutante sionista; O sionismo só poderia ter-se desenvolvido atrás de um muro de ferro e, eventualmente, mas inevitavelmente, a sua ideologia oficial alcançou a sua realidade.

14. O caminho para Sabra e Shatila

A administração de Menachem Begins do Estado Israelita foi, em todos os sentidos, apenas uma extensão da história anterior do Sionismo e do movimento Revisionista. Olhando retrospectivamente, é evidente que as suas políticas levaram, inexoravelmente, ao desenlace monstruoso de Sabra e Shatila. O seu fanatismo é claro e custou a Israel apoio mundial irrecuperável, tesouros e, acima de tudo, vidas humanas.
Desde o início, as questões internas nunca foram a sua prioridade, mas mesmo a esse nível ele foi inegavelmente reacionário. Apenas num aspecto ele era, forçosamente, o moderado: as actividades económicas supra-sindicais da Histadrut e dos Kibutzim não foram perturbadas e apenas uma empresa estatal foi vendida. As burocracias envolvidas revelaram-se impossíveis de abalar. Mas o seu ataque aos padrões de vida das massas começou quase imediatamente, em Julho de 1977 e depois em Outubro desse ano. Seguindo o conselho de Milton Friedman, o economista americano, ele cortou drasticamente os subsídios que tinham mantido baixos os preços de produtos essenciais como o pão e a gasolina, aumentou os impostos e permitiu a livre posse de moeda estrangeira. Mesmo os burocratas da Histadrut, há muito habituados a actuar como veículo do governo para impor restrições salariais aos trabalhadores, foram forçados a convocar uma paralisação do trabalho de uma hora. No entanto, antes que o descontentamento em massa pudesse desenvolver-se, foi-lhe dado um golpe diplomático espantoso que, durante algum tempo, tornou impossível a qualquer força sionista desafiá-lo efectivamente: a 9 de Novembro, Anwar el-Sadat anunciou que estava disposto a vir para Israel em nome da paz.

Sadat e o Acordo de Camp David A história da viagem de Sadat a Jerusalém, o subsequente tratado de "Camp David", a retirada israelense do Sinai e, em última análise, o assassinato de Sadat, são bem conhecidas e não precisam ser apresentadas aqui em mais do que o seu esboço básico. . A capitulação dos egípcios estava, em certo sentido, muito atrasada. Sadat rompeu com a União Soviética no início da década de 1970, antes da guerra de 1973. Ele não pensava que o Egipto e a Síria pudessem vencer a guerra, o seu objectivo era convencer os EUA de que os árabes poderiam criar complicações no Médio Oriente e que, portanto, os EUA deveriam obrigar Israel a fazer-lhes concessões. A sua ida para Israel foi apenas uma extensão da sua orientação estratégica em relação à América como factor decisivo na equação do Médio Oriente. Ele sabia que o Departamento de Estado tinha concluído, após a guerra de 1967, que Israel era o único regime de direita na região com o qual se podia contar militarmente na luta contra o "expansionismo soviético", que é como o Departamento de Estado descreve o nacionalismo indígena. e correntes socialmente radicais. O que ele procurou fazer foi convencer os imperialistas de que eles podiam, de facto, confiar também nas novas burocracias estatais árabes, em conjunto com o seu "leal Ulster judeu". Estes elementos, que vivem das suas massas, mobilizaram historicamente o seu povo de vez em quando para arrancar a independência dos imperialistas, mas as suas ligações económicas com o Ocidente continuam e, eventualmente, terão de escolher: ou reintegram-se na economia capitalista mundial e depois procuram resolver os seus imensos problemas de desenvolvimento interno com a ajuda dos imperialistas, ou movem-se para a esquerda. Sadat compreendeu que os americanos não tinham intenção de romper com os israelitas e que uma pré-condição para a colaboração com Washington era a interrupção de facto da luta contra o sionismo. Decidiu adoptar uma estratégia de superar os israelitas pelo patrocínio americano, isolando o belicoso Begin, que a administração Carter veria como um obstáculo ao desenvolvimento da abertura profunda ao mundo árabe e africano subitamente proporcionada por Sadat.

A televisão fez do discurso de Sadat, no dia 19 de Novembro, no Knesset, um acontecimento mundial, mas a audácia da sua acção não conseguiu superar a realidade da situação. Embora todos os procedimentos do tratado sejam conhecidos como "Camp David" devido à conferência realizada lá (5 a 17 de setembro de 1978), a forma final do

acordos foi preordenado pela declaração de Jimmy Carter de 28 de Dezembro, quando descartou a possibilidade de um Estado palestiniano independente. Washington compreendeu bem que a independência teria sido vista como uma vitória para os palestinianos e que teria inspirado os revolucionários noutros lugares a redobrar os seus esforços. No entanto, embora Begin tenha assegurado aos colonos fanáticos do Sinai que se retiraria para Neot Sinai, três quilómetros a leste de El-Arish, ele teve de ceder – a Carter – nesta questão, uma vez que nenhum líder egípcio poderia esperar vender a paz com Israel a Israel. seu povo com os assentamentos ainda em seu solo. Então o defensor das tradições judaicas achou por bem seguir os rabinos, que lhe disseram que o Sinai não fazia parte da Terra Prometida. (Tecnicamente começa ali, precisamente no "riacho do Egito", Wadi El-Arish, mas Begin sabia que reivindicar o rio estava fora de questão. Nem Carter nem Sadat se importavam com tais preocupações bíblicas.)

Defeitos do Tratado Os defeitos do tratado são aparentes em todos os aspectos: os palestinos nada tinham a dizer sobre o pacto; os israelitas concordaram em não reivindicar a soberania sobre a Cisjordânia e Gaza durante cinco anos, mas depois poderiam reivindicar as regiões; Jerusalém foi excluída dos tratados, deixando o status quo, ou seja, o controlo e a soberania israelitas. Os poderes do chamado conselho autónomo não foram definidos, mas seriam definidos pelos egípcios, jordanianos e israelitas. O exército israelita ainda teria permissão para permanecer em locais a serem negociados pelos egípcios, jordanianos e israelitas. Os assentamentos existentes permaneceriam e a questão dos novos assentamentos não ficaria clara. O número de refugiados autorizados a regressar seria determinado pelos israelitas, pelos dois estados e pelas autoridades palestinianas com base na viabilidade económica e não no direito. As tropas dos EUA, disfarçadas de força "multinacional", seriam colocadas entre os exércitos israelita e egípcio, mas apenas em solo egípcio.
Como adoçante, Washington deveria fornecer ao Cairo ajuda económica e militar maciça. Esta violação grosseira do direito elementar dos palestinianos à autodeterminação foi grotescamente culminada, em 27 de Outubro, pelo anúncio de que Begin e Sadat tinham ganho o Prémio Nobel da Paz.
Depois de um acalorado debate no Knesset, no qual muitos dos associados mais próximos de Begin no Likud, incluindo Moshe Arens (que mais tarde se tornaria Ministro da Defesa de Israel), votaram contra o pacto porque significava desistir do Sinai, o acordo tornou-se um facto em 26. Março de 1979, mesmo que o chamado plano de autonomia tenha morrido no parto. Sadat seria posteriormente assassinado, em 6 de outubro de 1981, pelas mãos de fundamentalistas islâmicos. Que foram eles que o mataram e não a esquerda foi um acaso: concordar com o abandono dos direitos dos membros da sua nacionalidade é universalmente entendido como traição.

A Economia Israelense sob Begin

Economicamente, Israel sob Begin tornou-se um desastre; embora o tratado tenha aberto o Egipto aos produtos israelitas, as suas políticas, na Cisjordânia e subsequentemente no Líbano, alienaram tanto o público egípcio que a actividade comercial, após um surto inicial. caiu drasticamente. Incapaz de negociar com os seus vizinhos, devido às políticas engendradas pelo sionismo em geral, e por Begin em particular, a economia israelita tornou-se completamente política, totalmente dominada pelo militarismo nos seus muitos aspectos. Israel, sob o comando de Begin, tornou-se detentor do recorde mundial numa série de indicadores económicos cruciais: a taxa de inflação mais elevada; a maior dívida externa per capita; os impostos mais elevados e, com aproximadamente um terço das suas exportações de produtos manufaturados sendo armas, é a economia de exportação mais intensiva em armas do planeta. 293 O pequeno Israel é hoje o sétimo maior exportador militar do mundo e pode dizer-se que sem estas vendas, e sem a ajuda cada vez maior dos EUA, Israel estaria falido, ou seja, não poderia pagar as suas despesas de curto prazo. dívidas externas ou pagar por mais de duas semanas novas importações. 294 A sua agricultura é a mais avançada tecnicamente do mundo e tem a maior percentagem de cidadãos com formação universitária (o que explica, em parte, o seu notável aumento na tecnologia militar), mas os talentos inegáveis de alguns dos seus cidadãos nunca podem possivelmente superar o peso do seu fardo militar – tem de igualar a aquisição de armas árabes e, devido a essa mesma incapacidade inerente de chegar à paz com os árabes, não tem nenhum interior económico para as suas exportações não militares. Cada vez mais, recorreu à venda de armas como solução para os seus problemas, agindo como representante dos EUA no

293 Thomas Stauffer, *Ajuda dos EUA a Israel – O Elo Vital,* p.11.
294 Ibid., p.3.

regimes que, por razões internas americanas, ligadas à impopularidade desses regimes devido aos seus péssimos registos em matéria de liberdades civis, Washington não pode armar totalmente. As vendas serviram apenas para gerar antagonismo mundial em relação a Israel, sem quase resolver as suas dificuldades económicas fundamentais. Como alternativa, Israel deve pressionar constantemente Washington para aumentar a ajuda para fazer face às suas crescentes dívidas de curto prazo. Mais uma vez, isto causou uma erosão do apoio político nos EUA, uma vez que o povo americano não consegue compreender porque é que os programas internos deveriam ser cortados enquanto o já inchado arsenal de Israel é sempre aumentado.

Os salários reais começaram a cair imediatamente, caindo 3% em 1977, e continuaram a cair, caindo 2,5% em 1982.295 Naturalmente , começando por Israel ser dominado pela ética capitalista, os encargos da economia recaíram sobre os sectores mais pobres. da população, árabe e judaica, enquanto os ricos e grande parte da classe média ganharam terreno temporariamente, pois muitos deles, não pagando imposto sobre ganhos de capital, aumentaram o valor das emissões negociadas na Bolsa de Valores de Tel Aviv de 66 milhões de dólares em 1976 para 20 mil milhões de dólares no final de 1982. 296 A resistência da classe trabalhadora à economia Begins nunca foi eficaz. Após a greve de 1977, tem havido uma luta constante por parte dos sindicatos individuais por aumentos salariais e do custo de vida e, em 19 de Março de 1979, a Histadrut convocou outra greve nacional de meio dia, seguida de uma greve de dois dias. greve nacional de uma hora em 13 de agosto. Mas é evidente que estes esforços tímidos não foram suficientes; sob o governo trabalhista, a Histadrut tornou-se pouco mais do que um sindicato empresarial e uma enorme percentagem de greves então foram directamente contra as próprias empresas da Histadrut ou selvagens contra empresas privadas. Com os trabalhistas fora do poder, a burocracia poderia mostrar um pouco de independência em relação ao governo, mas estas não eram as pessoas que alguma vez poderiam liderar uma luta contra o status quo.

Antagonismos intrajudaicos

Embora 70,5% dos secretários locais do Conselho de Trabalhadores fossem judeus orientais, menos de 25% do Executivo da Histadrut eram orientais. 297 Os burocratas trabalhistas da velha guarda da Europa de Leste continuaram a ser exactamente o que se tinham tornado – uma casta acima das fileiras – e qualquer mobilização séria de massas teria inevitavelmente reforçado a exigência de uma maior representação sefardita a nível nacional.

No entanto, embora Begin tenha ganho apoio entre as comunidades orientais nas eleições de 30 de Junho de 1981, na realidade os sefarditas perderam terreno sob a sua administração. A disparidade de rendimentos entre os Ashkenazim e os Sefarditas na verdade aumentou. 298 Em 1981, o rendimento médio das famílias dos trabalhadores afro-asiáticos tinha diminuído de 82,2% para 81,1% do rendimento dos trabalhadores Ashkenazi. 299 Os agregados familiares abaixo do limiar de pobreza oficial – 40% do rendimento médio – saltaram de 2,8% para 6,6% e, embora as famílias chefiadas por trabalhadores nascidos em África e na Ásia constituíssem apenas 32,4% de todas as famílias judias, representavam 52,1% da população. o decil de renda judaica mais pobre. 300 Em Abril de 1983, a taxa de desemprego em algumas "cidades em desenvolvimento" do norte, habitadas em grande parte por orientais, atingiu os 10%, o dobro da média nacional.[301]

Houve um aumento acentuado no antagonismo intrajudaico desde o momento em que Begin chegou ao poder e, na maior parte, ele foi o beneficiário desse antagonismo. Durante a campanha eleitoral de 1981, os candidatos do Alinhamento foram atacados com lixo em Petah Tikva, dois ex-primeiros-ministros, Yitzhak Rabin e Shimon Peres, foram assediados em Jerusalém e tiveram de ser escoltados até aos seus carros pela polícia, a secção do Partido Trabalhista em Tel Aviv foi bombardeados com bombas incendiárias e carros com adesivos de alinhamento frequentemente tinham seus pneus cortados. Grupos de orientais costumavam fritar para abafar os oradores nos comícios, gritando "Comece, rei de Israel". Em última análise, Begin foi obrigado a negar os bandidos: hoje Israel simplesmente não pode dar-se ao luxo de perder o apoio dos seus apoiantes Judeus da Diáspora, a maioria dos quais não estão preparados para apoiar uma ditadura sobre os Judeus.

---

295 Avi Temkin, Declínio da economia, melhoria dos padrões de vida, *Jerusalem Post,* 2 de Janeiro de 1983, p.3. 296 Nathaniel Nash, The Bulls of Tel Aviv, *New York Times,* 16 de janeiro de 1983, p.8f. 297 Yael Yishai, Proletariado Judaico de Direita de Israel, *Jewish Journal of Sociology,* dezembro de 1982, p.91.

298 Charles Hoffman, Survey diz que o fosso entre ricos e pobres aumentou, *Jerusalem Post,* 16 de Janeiro de 1983, p.6. 299 Yishai, pp.89-90. 300 Ibid., p.88.

301 David Landau, COL Rose em 13,3 por cento em abril, *JTA Daily News Bulletin,* 17 de maio de 1983, p.3.

A maioria das massas sefarditas opõe-se fortemente ao movimento Paz Agora, uma frente de paz pró-Alinhamento, porque o vêem como um grupo Ashkenazi. Em raras ocasiões, a hostilidade intra-judaica irrompeu dos estreitos limites da demagogia do Likud. Quando um judeu oriental foi morto pela polícia no bairro de Kfar Shalem em dezembro de 1982, enquanto defendia um anexo de sua casa construído ilegalmente, suásticas foram pintadas nos bairros ricos "Ashke Nazim" e centenas de sefarditas perseguiram o prefeito do Likud de Tel Aviv. em quem a maioria votou, fora do distrito.

Para compreender plenamente os fenómenos políticos “orientais” é necessário compreender que quase 12% das mulheres israelitas, a maioria delas nascidas em África e na Ásia, são completamente analfabetas; que, em 1978, um inquérito da Universidade Hebraica revelou que 40% das massas judaicas não conseguiam acompanhar as notícias nas suas televisões porque eram incapazes de compreender termos como “inflação” e “crise energética” 302 ; que o exército estima que entre 30.000 e 40.000 jovens judeus em idade militar não são verdadeiramente alfabetizados ao nível do 3º ano (escola primária); e que 100.000 potenciais soldados não receberam, de facto, mais de quatro anos de educação 303; e que apenas 2% dos filhos de pais afro-asiáticos nascidos em Israel se formaram numa universidade (em comparação com 17,5% dos filhos de europeus). 304 Dado o seu nível cultural, a sua perseguição pelas mãos de turbas nos seus países históricos e a sua exploração mais recente pelas mãos da burocracia do Alinhamento, seria necessário um esforço determinado para os mobilizar, por qualquer motivo, para uma ruptura de princípios com o Herut. , a não ser que haja um agravamento considerável do desemprego ou uma queda ainda mais grave do seu nível de vida. Isto o Alinhamento nunca poderá fazer e, embora a OLP seja oficialmente a favor de um Estado secular democrático, e aponte frequentemente a exploração dos Orientais na sua propaganda, não recruta Judeus. Portanto, não tem nenhuma estratégia para separar os orientais do sionismo, deixando essa tarefa para os esquerdistas judeus, principalmente os comunistas locais de Rakah. Embora Rakah tenha tido um sucesso mínimo na formação de uma aliança com alguns remanescentes dos Panteras Negras, dada a realidade óbvia de que o conflito central no país é entre os sionistas e a OLP, os esquerdistas judeus que apoiam os palestinos não podem vencer os orientais. desconfiança intensa nos árabes até perceberem, na prática, que os palestinos não desejam matá-los e acolhê-los na luta como camaradas de pleno direito dentro da mesma organização. Até então, até que a OLP lhes fale em hebraico, que é o que a geração mais jovem fala agora, até que ela elabore estratégias para conquistá-los, até que vejam judeus na OLP, os bairros orientais e as cidades em desenvolvimento continuarão a ser Shankill Roads. do leal judeu Ulster.

Intolerância Religiosa em Início Foi dito que se o patriotismo é o último refúgio de um canalha, a religião é certamente o primeiro. Se o chauvinismo era o principal prazer para o público de Begin, favorecer a ultraortodoxia era um componente integral da sua estratégia parlamentar. O Likud, como tal, nunca foi suficientemente forte para governar sozinho e teve de recorrer aos partidos religiosos, ao Partido Religioso Nacional Mizrachi, ao Agudat Yisrael e, mais tarde, ao Tami, como parceiros de coligação. Embora o Mizrachi tenha se aliado aos Revisionistas no início da década de 1930, nunca pensou em segui-los para fora da WZO. E quando o Estado foi estabelecido, entrou numa coligação com o Partido Trabalhista e fez parte de todos os gabinetes durante os 29 anos seguintes, preocupando-se com os despojos da política e impondo as restrições da Ortodoxia ao Estado.

A Aguda opôs-se ao sionismo até ao Holocausto, aconselhando a passividade aos judeus da diáspora. Tendo-se revelado um desastre, eles entraram em colapso ideológico, aceitando o Estado, embora não o sionismo. No entanto, até a vitória de Begin, eles nunca entraram no processo de construção da coalizão. Ambos os grupos são socialmente extremamente conservadores e o programa doméstico Begins não apresentou dificuldades para eles. A sua vontade de ir além das já formidáveis concessões religiosas concedidas pelo Alinhamento revelou-se atraente, e o NRP entrou imediatamente no primeiro gabinete de Begins, com a Aguda apoiando-o com os seus votos no Knesset.

Não foi fácil para Begin empurrar Israel ainda mais para o caminho da intolerância sectária. Existem muitos sionistas irreligiosos, não apenas apoiadores do Alinhamento, mas no Likud e até mesmo dentro do

---

302 Aconteceu em Israel, *Correntes Judaicas,* março de 1978, p.10.
303 Pessoas do Livro?, *Jerusalem Post,* 10 de janeiro de 1982.
304 Yishai, p.88.

Herut em si. Embora a virada do revisionismo em direção aos Ortodoxos tenha começado na época de Jabotinsky, ele não era Ortodoxo, e é difícil concebê-lo deixando a religião fazer tantas invasões no Estado quanto até mesmo o Partido Trabalhista admitiu, para não falar do que Begin estava preparado para permitir. . Na maior parte, ele teve que permitir que os deputados do Likud votassem de acordo com a sua própria consciência sobre estas questões e, como resultado, levou muitos anos para levar a cabo o que, afinal de contas, não era o programa fundamental do seu partido.

Israel recruta mulheres (apenas mulheres judias) para o seu exército: no entanto, os ortodoxos sempre insistiram que as suas mulheres nunca poderiam servir, pois devem estar sempre sob a tutela primeiro dos seus pais e depois dos seus maridos. Eles receberam isenção dos trabalhistas, mas basicamente cabia à mulher provar que ela era de fato ortodoxa. Begin mudou isso, e agora as autoridades acreditam em sua palavra.

Por causa da longa história de perseguição cristã aos judeus, a maioria dos judeus despreza os judeus convertidos ao cristianismo. Assim, Begin não teve dificuldade em conseguir que o Knesset aprovasse uma lei, em Dezembro de 1977, tornando crime punível com cinco anos de prisão oferecer um incentivo material à conversão. Essas concessões não interferiram significativamente no status quo e foram relativamente fáceis de implementar, mas Begin não conseguiu fazer com que Tel Aviv, dominada pelo Likud, proibisse apresentações teatrais nas noites de sexta-feira até janeiro de 1980. A "reforma" mais controversa foi sua alteração ao a Lei de Interrupção da Gravidez, que permitia abortos por razões sociais.

Quando tentou, em Novembro de 1979, aprovar uma alteração, falhou, embora tenha votado pessoalmente a favor da restrição. Só em Dezembro de 1980, quando impôs a disciplina partidária, é que conseguiu avançar.

Em Março de 1980, foi aprovada uma lei estabelecendo claramente que apenas o rabinato ortodoxo tinha autoridade para dizer quem pode registar os casamentos judaicos, afirmando assim efectivamente a negação total do estatuto legal para as seitas judaicas reformistas e conservadoras que, entre elas, incluem a vasta maioria. do judaísmo mundial que ainda é afiliado religiosamente. Apesar do facto de serem muito mais numerosos que os Ortodoxos na Diáspora, em Israel são ambos bastante insignificantes e não estão ansiosos por se afirmarem. Tanto o Alinhamento como o Likud conseguiram escapar impunes ao negar-lhes a igualdade legal com a Ortodoxia porque os seus co-pensadores no estrangeiro são completamente burgueses e não-demonstrativos. É constrangedor para os Conservadores e Reformados da Diáspora que Israel discrimine as suas crenças, mas essencialmente a sua lealdade a Israel é racista – é um Estado Judeu, portanto é permitido pisotear os seus direitos de uma forma que produziria protestos, mesmo por parte daqueles almas tímidas, se qualquer outro estado duplicasse a abordagem de Israel.

Begin tinha prometido interromper os voos da El-Al aos sábados, mas isso, segundo se entendia, provocaria a Histadrut, preocupada com a perda de empregos, além de custar ao Estado 50 milhões de dólares, grande parte dessa moeda estrangeira. No entanto, a El-Al faliu e teve que ser reorganizada. A Histadrut, preocupada apenas em fazer a empresa voltar a funcionar, e agora disposta a permitir algumas demissões, seguiu com sua reorganização e sua nova política de não voar aos sábados.

Em muitos aspectos, o aspecto mais escandaloso da política religiosa de Begin envolveu o seu Ministro Religioso, Aharon Abuhatzeira, que, em 1981, foi julgado por negligência financeira enquanto ministro.

Abuhatzeira foi considerado inocente no julgamento quando um dos seus co-conspiradores, que se tornou testemunha do Estado, se saiu mal no depoimento. No entanto, dois juízes deixaram bem claro que havia "fortes suspeitas" sobre o ministro relativamente a uma das acusações. O próprio Abuhatzeira teve de admitir que os fundos foram atribuídos a organizações religiosas com base em considerações políticas. O Procurador-Geral logo apresentou novas acusações com base na administração anterior do prefeito de Abuhatzeira em Ramlah. O ministro era marroquino e, com certeza, os seus seguidores viam as acusações contra ele como uma conspiração Ashkenazi para se livrar de um sefardita. Abuhatzeira rompeu com o NRP para criar o seu próprio partido, Tami (Movimento para a Tradição Judaica), que rapidamente ganhou o apoio de Nessim Gaon, o rico chefe da Federação Sefardita Mundial, e de dois outros MKs orientais. Nas eleições de 1981, o novo partido obteve apenas 2,3% dos votos, mas Begin precisava dos seus três votos no Knesset para a sua coligação pós-eleitoral, e Abuhatzeira, com acusações e tudo, foi devidamente nomeado Ministro do Trabalho e Imigração no novo gabinete. Desde então, ele foi considerado culpado de corrupção e cumpriu pena de três meses, realizando tarefas em uma delegacia de polícia.

Quando a WZO foi criada, muitos dos primeiros sionistas viam o seu movimento como uma reforma e secularização da vida judaica. Na realidade, não estava a fazer tal coisa, pelo contrário, era apenas um travão interno judaico à secularização dos judeus. No entanto, nos primeiros dias, a maioria dos pensadores do movimento não eram pessoalmente ortodoxos e muitos eram livres-pensadores francos. No entanto, desde a criação do Estado, a maioria dos imigrantes são ortodoxos, e isto continua até hoje; inevitavelmente, o movimento assumiu uma qualidade religiosa cada vez maior. Muitos dos sionistas mais ou menos seculares do período anterior acabaram por fazer a sua "paz com Deus". Não apenas Jabotinsky agradou os ortodoxos, mas Ben-Gurion, que não observava as leis dietéticas ortodoxas, tornou obrigatório que todas as cozinhas militares do novo exército fossem Kosher. Embora o mundo, muito correctamente, tenha centrado as suas críticas na hostilidade racista do sionismo para com os palestinianos, o seu papel actual como defensor da intolerância religiosa no mundo judaico não deve ser minimizado.

Para começar, o principal perigo para o sionismo dentro dos judeus da diáspora era a maré cada vez maior de assimilação cultural e casamento misto entre os jovens. Para combater isso, sua prescrição era que os pais cuidassem para que os filhos aprendessem a língua hebraica e as escrituras bíblicas. No entanto, embora ao abrigo da Lei do Retorno, qualquer judeu que se converta a qualquer outra religião já não seja considerado judeu, o sionismo moderno, e isto foi especialmente no caso de Begin, vê os seus aliados mais próximos nos EUA como os fundamentalistas evangélicos cristãos (e racistas).) da ultradireita, que estão determinados a destruir a separação entre Igreja e Estado nos EUA. Begin teve contatos estreitos com Jerry Falwell da Maioria Moral, que acredita que a "reunião" dos judeus na "Terra Prometida" é um pré-requisito para a Segunda Vinda.

Relhas de arado em espadas: exportações de armas israelenses Israel é hoje o sétimo maior exportador de armas do mundo e seus clientes formam um Quem é Quem da ala direita mundial. De acordo com o Anuário SIPRI 1980, publicado pelo Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (cujas estatísticas referem-se ao final da década de 1970), o principal cliente de Israel era a África do Sul, seguida pela Argentina e depois por El Salvador. 305 Clientes adicionais incluem agora Haiti, Guatemala, Honduras, Costa Rica, Chile, Zaire, Taiwan e Filipinas. Um caso especial é o do Irão, que é oficialmente intensamente anti-sionista, mas que Israel armou para poder continuar a sua guerra contra o Iraque.

306 Deve ser plenamente compreendido que Israel começou o seu papel como um arsenal para a reacção mundial sob o Alinhamento Trabalhista, e continuará como tal sob qualquer administração subsequente. Na verdade, pode-se dizer com certeza que só a derrota do sionismo porá fim ao seu tráfico de armas. No entanto, sob Begin, toda a preocupação com a opinião mundial desapareceu e, de facto, sob o Likud, os políticos israelitas falam abertamente do papel de Israel como representante americano. O ministro Yaakov Meridor, antecessor de Begin como comandante do Irguns, disse no HaAretz (25 de agosto de 1981):

> Diremos aos americanos; não concorra conosco em Taiwan, não concorra conosco na África do Sul, não concorra conosco no Caribe ou em outros lugares onde você não possa vender armas diretamente. Deixe-nos fazer isso. Você venderá munições e equipamentos por meio de um intermediário. Israel será seu intermediário. 307

Ao que tudo indica, a África do Sul é o segundo aliado mais importante de Israel, depois dos EUA. Algum tempo depois de Begin chegar ao poder, o Ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, Reolof Botha, fez uma visita a Israel, que foi noticiada no *Christian Science Monitor* em 7 de Setembro de 1977. Desde então, tais visitas têm sido bastante públicas. Em Fevereiro de 1978, o Ministro das Finanças Simcha Ehrlich visitou Pretória e *o HaAretz* informou (7 de Fevereiro) que Israel funcionaria como uma estação intermediária para mercadorias sul-africanas que entrariam assim na CEE e nos EUA como Israel fez, vencendo assim o boicote contra o regime do apartheid. . "[16" Em 14 de dezembro de 1981, o *New York Times* informou que o Ministro da Defesa, Ariel Sharon, acabara de passar dez dias com o exército sul-africano na Namíbia:

---

305 *Anuário SIPRI 1980,* tabela 3.4.

306 Leslie Gelb, Iran Said to Get Large-Scale Arms from Israel, Soviet and Europeans, *New York Times,* 8 de março de 1982, pp.1, 10.

307 Binyamin Beit-Hallahmi (entrevista), Let Us Do It, *Israel & Palestine ,* (Paris), março de 1983, p.6.

> Sharon ... disse que a África do Sul é um dos poucos países da África e do sudoeste da África que está tentando resistir à infiltração militar soviética ... Sharon ... relatou que a África do Sul precisava de armas mais modernas se quisesse lutar com sucesso contra a União Soviética - tropas fornecidas. [308]

Em 23 de Junho de 1981, o *Rand Daily Mail* noticiou que Israel estava a treinar guerrilheiros da Unita na Namíbia, contra o regime angolano; em Setembro, o *Economist* informou que havia 200 israelitas a treinar tropas na África do Sul. 309 Pela sua própria natureza, o desenvolvimento de armas nucleares israelo-sul-africanas está envolto em segredo, mas dificilmente se pode duvidar da sua existência. Mais uma vez, tudo começou sob o Alinhamento, mas parece ter ganhado força sob o Likud. Em Março de 1980, o então Ministro da Defesa, Ezer Weizman, realizou o que deveria ser uma viagem secreta à África do Sul, mas o facto chegou à imprensa israelita no meio de notícias de que a expedição estava ligada ao desenvolvimento de submarinos nucleares. Em 11 de dezembro, *o HaAretz* citou relatos sobre a cooperação entre Taiwan, África do Sul e Israel para produzir um míssil de cruzeiro avançado. 310Em 17 de Maio de 1982, *o HaAretz* citou um novo livro, *Two Minutes Over Baghdad,* que afirmava que o mesmo trio desenvolveu uma bomba de neutrões e estava a trabalhar num míssil de cruzeiro com um alcance de 2.400 quilómetros, bem como num canhão nuclear. [311]

Apoio dos EUA a Israel

Embora a administração Carter tenha feito alguns comentários sobre os direitos humanos e, ocasionalmente, criticado a política israelita nos territórios ocupados, de um modo geral, Carter apoiou Begin. Reagan, mais uma vez, ocasionalmente, demonstrou o seu descontentamento com Begin. Depois que Begin bombardeou o reator nuclear Osirac em Bagdá, em 7 de junho de 1981, ele interrompeu a entrega de alguns caças, apenas para enviá-los em agosto. Em Dezembro desse ano, suspendeu o recém-assinado Memorando de Entendimento para a Cooperação Estratégica, depois de Begin ter estendido a lei civil israelita às Colinas de Golã, anexando-a virtualmente. A invasão do Líbano em Junho de 1982 obrigou Washington a adiar a revisão da possível venda de 75 aeronaves Ff6 e a interromper os envios de bombas de artilharia de fragmentação. Eventualmente, Reagan restaura o que negou; em 14 de junho de 1983, Washington anunciou que estava disposto a reviver o Memorando se Israel estivesse disposto. A desculpa normalmente dada para restaurar algum aspecto do patrocínio dos EUA é que Israel deve ser "tranquilizado" de que a América não tem intenção de pôr a sua segurança em causa. Assim tranqüilizado, sempre se argumentou, Begin provaria ser mais “flexível” em relação aos palestinos. Claro que isto é um absurdo, o Herut nunca desistirá de um centímetro de “Eretz Yisrael”. Apesar de todo o seu fanatismo ideológico, Begin era extremamente perspicaz em questões práticas e compreendia a política americana muito melhor do que os políticos americanos compreendem o sionismo. Ele sabia que eles precisavam de Israel tanto quanto Israel precisa dos EUA.

Para a classe dominante americana, o Golfo Pérsico é crucial: eles sabem que se o petróleo da Arábia Saudita saísse da sua órbita seria o fim do seu poder mundial e, portanto, armaram esse país ao máximo, também como o Egipto, a Jordânia, Omã, o Iémen do Norte e o Sudão. No entanto, não confiam em nenhum destes regimes, que têm histórias notórias de golpes de estado e assassinatos. Pior ainda, em todos eles o nacionalismo pan-árabe é a ideologia dominante entre as massas. A simpatia pelos palestinianos é profunda, portanto Israel, e isto foi particularmente verdade num Israel sob Begin, actua como um aguilhão permanente para um intenso descontentamento social. Os regimes pró-EUA não têm naturalmente interesse em incitar as massas contra Israel, pois fazê-lo libertaria forças que, sem dúvida, também se voltariam rapidamente contra eles. Mas a sua postura de não fazer nada durante a invasão do Líbano apenas serviu para torná-los ainda mais odiados. Os EUA sabem que não podem contar com nenhum exército árabe para resistir a uma erupção de fervor nacionalista, que poderia surgir por inúmeras razões, sendo a mais importante delas alguma grosseira provocação israelita. No final, embora Israel gere antagonismo em massa que poderia pôr em perigo a velha ordem, o seu exército é a única força local em que os americanos pensam que podem confiar para os ajudar a esmagar qualquer surto revolucionário. Reagan sabe que os regimes reaccionários nada farão para tentar impedir tal aliança estratégica com Israel. Durante muitos anos, Begin tentou convencer os EUA de que Israel

---

308 Beit-Hallahmi, Israel e África do Sul 1977-1982: Business as Usual - And More, *New Outlook,* (Tel Aviv), Março de 1983, pp.31-5. 309 Drew Middleton, South Africa Needs More Arms, Israel Says, *New York Times,* 14 de Dezembro de 1981, p.9. 310 Beit-Hallahmi.

311 Ibidem.

era parte integrante da defesa do “mundo livre” contra a “agressão soviética” e ele sabia que quaisquer que fossem as preocupações que a América tivesse relativamente à sua propensão para a guerra, ele não precisava de se preocupar. Na verdade, os Democratas são muito mais pró-Israelitas do que os Republicanos e o governo israelita não está, portanto, preocupado com a possibilidade de Reagan ser derrotado na reeleição. Tradicionalmente, os Democratas obtêm as suas grandes doações de campanha de duas fontes: os burocratas sindicais, com as suas ligações à Histadrut, tanto abertas como encobertas; e judeus ricos, que estão com eles desde os dias da imigração judaica para o país. Estes mesmos contribuintes são grandes apoiantes de Israel e é impensável que qualquer elemento significativo dentro do Partido Democrata, excepto possivelmente os Negros, alguma vez rompa com o seu vale-refeição. 312 Os Democratas do Congresso já forçaram um relutante Reagan a aumentar em 400 milhões de dólares os subsídios definitivos a Israel no seu pacote de ajuda de 1984. 313b Jabotinsky sempre insistiu que o destino do sionismo estava integralmente ligado ao capitalismo e ao imperialismo; no conturbado Médio Oriente de hoje, o destino do capitalismo está igualmente ligado ao sionismo. Portanto, embora os políticos americanos desejem piamente que o Likud seja substituído pelo Alinhamento "responsável", que faria algumas concessões aos jordanianos, se não directamente aos palestinianos, desde que o Likud consiga manter a sua maioria no Knesset e entre os o público israelita, e enquanto não houver mais complicações como o massacre de Beirute, terá a garantia do apoio dos EUA, ainda que concedido de má vontade.

O povo escolhido escolhe novamente: as eleições de 1981 O ponto mais baixo da popularidade de Begins foi, sem dúvida, em Janeiro de 1981, quando foi obrigado a convocar eleições antecipadas para 30 de Junho, quatro meses e meio antes do fim do seu mandato estatutário. prazo. Uma disputa eclodiu entre dois ministros, o Ministro da Educação do NRP apoiando uma recomendação da comissão de educação para um aumento salarial de 60% para os professores, e o Ministro das Finanças opondo-se ao aumento como certo que incitaria outros trabalhadores. Quando o gabinete apoiou o aumento, o Ministro das Finanças demitiu-se e retirou o seu Partido Rafi do Likud. A queda dos salários reais, o forte aumento da inflação, que era então a mais alta do mundo, juntamente com as demissões anteriores do Ministro dos Negócios Estrangeiros Moshe Dayan e depois de Ezar Weizman, seu Ministro da Defesa (ambos convencidos de que começa a falta de vontade de negociar algo como o autonomia para a Cisjordânia e Gaza, que até mesmo Jimmy Carter insistiu nos acordos de Camp David, só poderia alienar tanto o público como o governo norte-americanos), fez com que a popularidade de Begin caísse para apenas 14% nas sondagens de opinião. 314

A Alternativa de Alinhamentos O programa de Alinhamentos centrou-se principalmente nos seus termos para resolver a questão palestina no âmbito dos acordos. Para começar, a soberania judaica sobre Eretz Yisrael era um princípio sagrado e até mesmo concordar em não insistir formalmente na soberania durante os cinco anos exigidos pelo tratado era um compromisso imenso, mas retirar-se realmente de um centímetro da Cisjordânia estava sempre fora de questão. a questão. Para o Alinhamento, os territórios eram um dote atraente, mas não para a noiva. De acordo com o programa (preliminar) do Partido Trabalhista:

> Israel sempre foi concebido e destinado a ser um Estado judeu, independente e democrático, mantendo plena igualdade de direitos para todos os seus cidadãos, sem diferença de fé ou nacionalidade. Em fidelidade a este objectivo histórico, a política do Likud, que visa a anexação de toda a Cisjordânia e de Gaza e dos seus habitantes, deve ser rejeitada. Esta política leva a transformar Israel de um estado judeu num estado binacional.[315]

Os trabalhistas sabiam que, a longo prazo, Israel só poderá manter-se se estiver em sintonia com as concepções de Washington. O que eles ofereceram foram essencialmente os acordos de Camp David, tal como interpretados por Carter: eles favoreceram a "solução jordaniana", ou seja, entregar as áreas densamente povoadas a Hussein (mas mantendo os colonatos existentes sob a soberania israelita, mantendo a cidade velha) e "apenas" construir novos “assentamentos de segurança” em áreas desabitadas – o Vale do Jordão, perto do Mar Morto,

312 Stephen Isaacs, *Judeus e Política Americana,* pp.120-4.
313 Reagan agora apoia o aumento da ajuda a Israel, *New York Times,* 29 de Maio de 1983.
314 Abraham Diskin, The 1981 Elections: Public Opinion Polls, *Jerusalem Quarterly,* Winter 1982, p.103.
315 John Richardson e Uri Davis, Eleições Israelitas, *Médio Oriente,* Março de 1981, p.13.

ao longo da costa entre o Egipto e Gaza – ficariam também com a maior parte do Golã – por razões de segurança, claro, o exército teria de permanecer nessas regiões – e os refugiados seriam reinstalados na Cisjordânia ou mesmo na Jordânia.

Os leitores perspicazes não terão dificuldade em compreender que este programa nunca poderia sequer começar a alcançar a paz – nenhum palestiniano que se preze aceitaria um tal bantustão – mas para ter a oportunidade de tentar implementar o seu programa colonialista, primeiro tiveram que vencer Begin, que estava caído, mas não fora. No entanto, os trabalhistas começaram a discutir sobre quem seria o ministro do que no gabinete eles tinham tanta certeza de estabelecer. E ao mesmo tempo a liderança deles na opinião de Potts começou a diminuir, dia após dia. Como foi dito, eles não tinham nenhum programa real para colocar os orientais em igualdade com a sua base Ashkenazi, e o Ministro das Finanças de Begins anunciou astutamente uma nova política económica, que todos os observadores externos corretamente consideraram como "economia eleitoral", que certamente aumentaria a já enorme dívida externa. , e que só poderia ser pago pelos contribuintes dos EUA. Houve reduções de impostos sobre bens de consumo duradouros, nomeadamente televisões a cores e automóveis novos, ambos artigos importados dispendiosos; e congelamento de preços e aumento de subsídios para manter baixo o custo de mercado dos produtos básicos. É claro que tudo isto não tinha princípios para uma coligação que tinha ensinado ao público as virtudes do antiquado capitalismo frugal, mas tais "reformas" fizeram com que a classe média liberal Ashkenazi voltasse à linha. E, embora a linha dos Alinhamentos sobre a questão palestina fosse o chauvinismo mais grosseiro, eles nunca poderiam esperar competir com o talentoso Begin nesse aspecto: ele providenciou para que, três semanas antes das eleições, seus pilotos bombardeassem o reator nuclear de Osirac, em Bagdá. .
Cortes de preços e bombardeios juntos são coisas inebriantes, e as massas orientais desabafaram seu desprezo por seus superiores sociais Ashkenazi por meio de sua violência nos comícios do Alinhamento, tanto que os próprios apoiadores Ashkenazi de Begins começaram a ficar alarmados, e ele foi obrigado a falar contra seus apoiadores excessivamente exuberantes.

A Votação

No final, a eleição foi decidida em termos comunitários. A votação dos Alinhamentos disparou de 24,6% para 36,6%, mas apenas porque o Movimento Democrático para a Mudança entrou em colapso entre as duas eleições e os seus seguidores Ashkenazi de classe média voltaram para o Alinhamento. O Likud também ganhou, passando de 33,4% para 37,1%, aumentando a sua votação entre os nascidos em África e na Ásia de 46% para 66%; subindo de 65% para 72% entre os seus filhos nascidos em Israel, ao mesmo tempo que aumenta ligeiramente entre os nascidos na Europa, subindo de 19% para 24%, e passando de 23% para 32% entre os israelitas nascidos de ascendência europeia. [316]

Embora a votação para os dois principais candidatos tenha sido muito acirrada, os três partidos religiosos, o NRP, o dissidente Tami de Abuhatzeira e a Aguda, estavam pelo menos tão à direita quanto Begin no essencial e, apesar da forte recuperação do Partido Trabalhista em termos de votos, não poderia haver dúvida de que a eleição deu a Begin um mandato para ter liberdade para continuar as suas políticas essenciais e levar o país ainda mais longe no caminho da teocracia.

O Aumento do Racismo

Embora a política da Cisjordânia comece a atrair mais atenção, a sua política em relação à minoria árabe de Israel, 17% da sua população – tecnicamente os seus cidadãos, e que prometeu direitos iguais na sua Declaração de Independência – prova qual é realmente a base fundamental do sionismo: racismo. A este respeito, mais uma vez, Begin apenas se baseou na base discriminatória já estabelecida pelo Alinhamento; no entanto, ele fez algumas inovações.

Porque Israel é um Estado cliente dos EUA, que tem uma massa de leis que garantem a igualdade perante a lei, e os sionistas hesitam em provocar ali o antagonismo liberal através da discriminação legal formal, o racismo israelita assume um aspecto hipócrita. Mas isso começou a desmoronar sob Begin. Assim, o lento cancelamento dos subsídios aos alimentos tornou obrigatório para o governo "compensar" os judeus mais pobres, que, como visto, estavam entre os apoiantes mais partidários de Begin. Meron Benvinisti, escrevendo no *HaAretz,* descreveu como Begin discriminou maliciosamente os árabes pobres: O exército israelense é oficialmente discriminatório: os homens judeus são recrutados, assim como os homens drusos (eles são árabes, mas sua religião é

[316] Diskin, p.104.

extremamente complacente com quaisquer poderes existentes), mas os cristãos não são convocados, embora possam se voluntariar. Os muçulmanos que vivem nas cidades (a maioria da população árabe) não são recrutados nem autorizados a voluntariar-se (os beduínos podem ser voluntários – tradicionalmente têm sido antagónicos aos moradores das cidades e indiferentes ao nacionalismo; a muito pequena minoria circassiana, que é muçulmana mas não árabes, são convocados). 317 Benvinisti continua:

> Os árabes têm sido discriminados desde a existência do Estado de Israel. Os árabes israelitas vivem à sombra da discriminação em quase todas as esferas da vida. O atual governo apenas mudou o estilo, não o contexto. Até agora a discriminação era justificada por argumentos "objetivos" e "práticos", como a segurança... Agora parece que o governo não precisa destas explicações delicadas. 318

Estas leis dos "ex-militares" tornaram-se generalizadas, afectando também o emprego, como quando, em 1978, o Ministro dos Transportes alterou os regulamentos da marinha mercante que regem a nomeação de oficiais, de modo que as promoções ao posto de mecânico-chefe exigiam serviço prévio no militares. 319 A racionalização dos "veteranos" para a discriminação foi igualmente alargada à educação. Em 1982, foram concedidos descontos nas mensalidades a esses veteranos, mas outras formas de preferência também foram estendidas, com considerações especiais para bolsas de estudo e empréstimos concedidos a estudantes de cidades em desenvolvimento (na maioria das vezes orientais), mas apenas uma cidade árabe foi designada como uma cidade[320] em desenvolvimento. ci
Alguns sociólogos notaram que uma das melhores maneiras de julgar uma sociedade é com base na forma como ela trata as suas mulheres. Aqui, o governo do Likud está, na verdade, um pequeno passo à frente do seu antecessor, pois, em 1 de Janeiro de 1982, entrou em vigor uma Lei de Igualdade de Oportunidades no Trabalho que proibiu a publicidade ou contratação discriminatória. No entanto, Nitza Shapira-Libal, então conselheira de Begins para questões femininas, admitiu abertamente que a lei não abrangia despedimentos por gravidez, promoção ou reforma; e é claro que não protegeu as mulheres árabes.[321]

A Cisjordânia A
situação dos palestinianos da Cisjordânia e de Gaza é bem conhecida, uma vez que as condições ali constituíram um tema central da imprensa mundial durante muitos anos, e não é necessário documentar mais aqui as suas circunstâncias, excepto dizer que a situação civil as liberdades como qualquer americano ou europeu ocidental as conhece simplesmente não existem lá: não existem partidos políticos ou sindicatos legais e as greves são ilegais. A imprensa é totalmente censurada, qualquer pessoa pode ser detida e encarcerada a critério das autoridades, sem julgamento ou, na melhor das hipóteses, perante um tribunal militar. Em 1977, o London Sunday Times insistiu categoricamente que os israelitas, neste caso novamente o Alinhamento, eram torturadores sistemáticos nos territórios. Desde então, Begin sustentou que seu governo não tolerava a tortura.
No entanto, em 1º de maio de 1979, o *New York Times* publicou uma fotografia de Ismail Ajweh, editor do jornal *Al Shaab, de Jerusalém Oriental,* fazendo um teste no detector de mentiras sob o olhar de Mordechai Gazit, ex-diretor do laboratório poligráfico da Polícia: Ajweh havia sido detido durante 120 dias sem acusações e alegou que foi torturado durante 18 dias – e depois foi mantido em confinamento solitário durante 60 dias. Disse Gazit:

> Com base nas conclusões do exame do polígrafo, parece-nos que o Sr. Ajweh disse a verdade e, de facto, foi torturado durante a sua investigação. 322

A brutalidade nunca parou. Em 31 de Maio de 1983, o *New York Times* publicou outra história, baseada numa entrevista com o soldado Arthur Kutcher, um reservista israelita nascido nos Estados Unidos, que acabara de cumprir o seu serviço na Cisjordânia. Entre outras coisas, ele relatou que:

---

317 Meron Benvinisti, Discriminação Aberta, *HaAretz* 318 Ibid. , 15 de agosto de 1979.
319 União de Oficiais Navais exige a nomeação de um árabe para o posto de Capitão, *HaAretz* 320 Estudantes Árabes acusam , 20 de abril de 1982. preconceito, *Jerusalem Post,* 8 de maio de 1983, p.9.
321 Aconteceu em Israel, *Correntes Judaicas,* abril de 1982, p.11. 322 Jonathan Randell, Árabe hospitalizado diz que a polícia israelense o espancou na prisão, *New York Times,* 1 de maio de 1979, p.3.

> ele foi designado para guardar celas de detenção para os presos pela Shin Beth [polícia secreta", as celas, segundo lhe disseram, não tinham janelas e nem banheiros, onde os prisioneiros eram mantidos por um ou dois dias. Embora ele não entrasse nelas, ele pude ver que as janelas estavam tapadas com tijolos, disse ele, e havia um fedor terrível. "Tinha o cheiro de um banheiro muito sujo."[323]

Não pode haver ilusões quanto ao propósito do terror estatal sionista na Cisjordânia. Em 1982, Robert Friedman, editor da *Present Tense,* uma revista fortemente pró-sionista, entrevistou Hagai Lev, que Begin enviou a Nova Iorque para chefiar a Herut-EUA. Friedman explica que:

> Nem Lev nem Begin... defendem a expulsão forçada dos palestinos das suas casas em Jerusalém Oriental e na Cisjordânia... Mas, salientando que Israel tem um problema particular nos territórios ocupados - pois a Judéia e a Samaria dificilmente poderiam ser judias com uma população de quase 1 milhão de árabes e apenas cerca de 20.000 judeus – Lev sugeriu que os árabes acabariam por se cansar da vida sob o domínio israelense e partiriam "voluntariamente". Na verdade, de uma forma que já está a acontecer, Lev observou com algum entusiasmo, pois o número de árabes na Cisjordânia tem-se mantido constante desde 1967, apesar de a área ter a taxa de natalidade mais elevada do mundo.[324]

O Holocausto em Beirute

Begin certamente entrará nos livros de história identificados principalmente com os massacres de Dir Yassin e Beirute. Mesmo que se possa afirmar que a invasão do Líbano foi um sucesso militar – afinal a OLP foi expulsa da fronteira e de Beirute, e efectivamente eliminada como força militar independente – o massacre de Beirute foi um desastre político tão grave que será visto como o ponto de viragem decisivo na história do Estado israelita. Isto acontece apesar do facto de o próprio Begin ter conseguido permanecer no poder após o massacre e de os seus patronos americanos terem aumentado o seu apoio material a ele. Pois, no final das contas, a célebre máxima de von Clausewitz é verdadeira: a guerra é a continuação da política por outros meios. Nem Begin nem ninguém poderia superar perpetuamente a alienação interna e o isolamento global através da guerra. No mundo moderno é o sentimento público activo expresso através de manifestações e movimentos que é decisivo, e não o armamento. Se os capitalistas americanos ainda abraçam o Likud, apesar de todas as suas reservas sobre ele, milhões de americanos comuns, a maioria deles pró-Israel quando a invasão começou, rapidamente olharam para Begin da mesma forma que uma vez viram Richard Nixon, a própria encarnação do mal. Ainda mais importante, o massacre levou 400 mil israelitas, pelo menos 300 mil dos quais judeus, às ruas para uma das maiores manifestações anti-guerra da era moderna. Que estes, na sua grande maioria, ainda se considerem sionistas não é pouca coisa, mas quando as grandes massas começam a radicalizar, geralmente trazem consigo a ideologia que lhes foi instilada pelas instituições da sua sociedade; eles querem uma versão idealizada do que aprenderam. Somente tentando alcançar as suas esperanças impossíveis é que eles compreendem que a revolução é a única solução possível para a sua situação. O crescente movimento anti-guerra entre os militares aprenderá, em breve, que os líderes do Alinhamento e do Paz Agora não apoiarão um movimento de objectores de consciência no exército israelita, por mais que se oponham às políticas do Likuds. Eventualmente, esses soldados perceberão que devem ir além deles, e além do sionismo, para se unirem à sua principal vítima, os palestinianos, num movimento secular novo e democrático para uma Palestina secular democrática.

A Invasão em Formação Não pode haver dúvida de que a tentativa de assassinato de Shlomo Argov, o Embaixador de Israel na Grã-Bretanha, em 3 de Junho de 1982, foi apenas o pretexto para o ataque ao Líbano. A OLP não teve nada a ver com o caso Argov e, alguns dias depois, o primeiro-ministro Thatcher declarou que os supostos assassinos eram da facção anti-OLP de Abu Nidal e que o representante da OLP em Londres estava na "lista de alvos" dos terroristas. . 325 O extremamente bem informado correspondente *do New York Times* em Israel, David Shipler, escreveu após o massacre que o plano inicial para uma incursão foi desenvolvido na primavera de 1981, motivado principalmente por um desejo de evitar o que parecia então ser uma derrota iminente.

---

[323] David Shipler, Na Cisjordânia, Humilhação como Arma Israelense, *New York Times,* 31 de maio de 1983, p.10. 324 Robert Friedman, Hagai Lev - Revisionista, *Presente,* Outono de 1982, p.20. 325 A Sra. Thatcher diz que a "lista de alvos" incluía o nome do assessor da OLP, *New York Times,* 7 de junho de 1982, p.13.

para os clientes direitistas libaneses de Israel. O esquema teve de ser arquivado quando os americanos conseguiram que a OLP concordasse com um cessar-fogo em Julho de 1981, mas Sharon estava determinado a ir em frente e discutia-o frequentemente com diplomatas (presumivelmente americanos). Ele estava preocupado que isso acontecesse antes das eleições presidenciais libanesas de setembro de 1982. 326 Durante meses, a imprensa israelita publicou histórias sobre a invasão em curso. 327 Na verdade, o plano foi vazado e a revista parisiense de esquerda sionista, *Israel e Palestina,* publicou uma descrição extremamente precisa do mesmo em Março de 1982:

Este plano estratégico extraordinariamente denso, agora a ser testado como jogos de guerra em várias salas de guerra informatizadas em todo o mundo, também prevê como apenas um acto aquele que é todo o cenário da estratégia "minimalista" em Jerusalém: a desestabilização da OLP, conquista do sul do Líbano até o rio Litani e criação de uma dinastia Bashir Gemayel de falangistas de direita no que restará do Líbano; com algumas áreas indo para a Síria ou permanecendo como enclaves, governados por muçulmanos mansos... a maioria dos palestinos que agora estão no Líbano serão deportados - ou expulsos pela guerra e por uma onda de assassinatos - para a vizinha Jordânia... Os planos também incluem a tomada da capital libanesa, a fim de assassinar ou de outra forma destruir toda a actual liderança da OLP. A tomada de Beirute seria seguida por uma “internacionalização” da ocupação libanesa e terminaria numa retirada israelita (depois de terminada a primeira onda de assassinatos em massa) para ser substituída por uma força internacional sob controlo americano. 328

A Crise da Sociedade Árabe A
guerra, tal como a sua origem, a política, é um acontecimento dialético, uma inter-relação entre extremos. Israel não poderia ter atravessado o Líbano se não fosse pelas falhas do establishment político árabe, incluindo a OLP. Saddam Hussein, no Iraque, invadiu o Irão e foi rechaçado para a fronteira. Desesperado por sair da guerra que tinha iniciado, apelou a Khomeini para lhe conceder um cessar-fogo, alegadamente para que ambos pudessem então ajudar os palestinianos. Os iranianos esperavam desferir um golpe mortal nos iraquianos e na guerra que aí se travava, em detrimento da causa palestiniana. Os estados declaradamente capitalistas, a Jordânia, a Arábia Saudita e os Emirados do Golfo, não tinham interesse em lutar pelos palestinianos e, em vez disso, investiram a sua riqueza no Iraque, por medo de que uma vitória khomeinita nesse conflito desencadeasse explosões populares nas suas próprias sociedades. Hosni Mubarak, herdeiro político de Sadat, continuou a ser o apóstolo da orientação pró-imperialista do último governante, e os estados do Magreb nada fizeram. A Líbia, apesar de toda a sua riqueza e armas, tem apenas dois milhões de pessoas e, com um Egipto hostil e numericamente superior entre ele e Israel, Qadaffi só poderia oferecer à OLP o conselho de que, em vez de se retirar de Beirute, deveria cometer "revoluções suicídio". O exército da Síria é bom, mas a sua força aérea tem sido lamentável contra os israelitas, que prontamente atacaram violentamente a defesa antimísseis soviético-síria.

Os sírios rapidamente perceberam que se continuassem a lutar no terreno, os israelitas simplesmente destruiriam o seu exército e teriam de, na verdade, abandonar a guerra.
As tropas da OLP lutaram bravamente, mas sem uma força aérea ou um corpo de tanques, a sua situação numa guerra posicional era desesperadora. Mais tarde, muitos palestinianos culparam os seus líderes porque, entre outras coisas, as milícias faccionais estavam separadas da grande massa do povo, que não estava armada. Sem dúvida, os israelenses teriam hesitado em atacar se soubessem que teriam de enfrentar um povo armado, ou se atacassem, teriam sofrido baixas muito maiores, mas essa grave omissão foi apenas um aspecto das inadequações da liderança da OLP. no período pré-guerra. Durante anos antes da “trégua” de Julho de 1981, as facções dentro da OLP tinham competido entre si em bravatas impotentes, apresentando ataques fedayeen declaradamente suicidas, concluindo, em Março e Abril de 1981, com ataques patéticos através da fronteira usando asa-delta e balões. 329 Na Palestina, as bombas terroristas tomaram o lugar das mobilizações da maioria árabe na Galileia e nos territórios ocupados. Embora sempre houvesse manifestações espontâneas, e algumas fossem organizadas, estas nunca foram a preocupação central da liderança militarista exilada baseada em Beirute. Após a derrota na Jordânia em 1970, os líderes começaram

---

326 Shipler, Israel Inquiry Into Beirut Massacre to Focus on 2 Key Questions, *New York Times,* 10 de outubro de 1982, p.14. 327 Por que Begin não voltou à guerra - ainda, *Middle East International,* 26 de Fevereiro de 1982, pp.13-14. 328 Into the Funnel, *Israel & Palestine,* março de 1982, pp.2-3. 329 Pranye Gupte, Israelenses derrubam um balão de guerrilha na fronteira, *New York Times,* 16 de abril de 1981.

perder a fé no seu conceito de um Estado secular democrático para toda a Palestina. Depois de 1974, quando adoptaram um programa provisório reformista utópico à procura de um mini-Estado na Cisjordânia, os seus esforços militaristas tornaram-se pouco mais do que violentos "acessos de raiva", concebidos para fazer com que o mundo tomasse conhecimento da sua situação, na esperança de que o Ocidente pressionaria os israelitas para os obrigar a retirarem-se da Cisjordânia.

Paralelamente à sua confiança vazia na diplomacia, a OLP – aqui sobretudo a sua organização dominante, Arafats Fatah – assumiu uma posição de não intervenção nos assuntos internos dos estados árabes, embora fosse bem compreendido que a maioria dos regimes eram ou os inimigos abertos ou secretos da causa palestina. Seguiram a linha de menor resistência, procurando obter deles o que podiam, e acabaram por receber subsídios de dois dos mais despóticos, a Arábia Saudita e Marrocos, sabendo que as subvenções nada mais eram do que dinheiro secreto, concedido para que o regimes poderiam manter a credibilidade aos olhos do seu próprio povo. Arafat via os palestinianos numa posição de fraqueza face aos estados israelitas e árabes e não conseguia compreender que só a organização revolucionária e a audácia poderiam tirá-los do seu impasse. Em vez disso, a OLP contemporizou e evitou o seu dever nacionalista de mobilizar as massas, em todo o mundo, em todo o mundo árabe, pela democracia elementar. A liderança da Fatah tinha uma escolha: obter o que pudesse dos estados árabes ou tentar agir como um fermento democrático dentro da sociedade árabe. Eram conscienciosos, tentavam fazer a coisa certa, mas eram nacionalistas burgueses, fizeram a escolha errada e pagaram um preço sangrento por isso.

O seu aliado local, o Movimento Nacional Libanês, estava em situação ainda pior e estava irremediavelmente dividido em milícias rivais, frequentemente em guerra. Os grupos mais conscientes, tal como o Partido Comunista, viam-se irremediavelmente esmagados pela intervenção dos estados árabes, particularmente dos líbios, sírios e iraquianos, que subsidiavam várias facções armadas. Mas, mesmo com a entrada de dinheiro saudita, o Estado libanês tinha efectivamente deixado de existir muitos anos antes da invasão, sendo o seu exército visto mais frequentemente no ecrã da televisão do que nas ruas. No entanto, o LNM não convocou corajosamente uma convenção constitucional para substituir o Estado confessional, nem fez qualquer esforço sério para administrar as áreas sob o seu controlo militar. O LNM foi declarado falido muito antes da invasão. Embora alguns dos seus componentes, nomeadamente em Beirute, tenham lutado corajosamente, os seus elementos mais conservadores, nomeadamente o Partido Socialista Progressista, baseado nos drusos, não o fizeram, permanecendo imóveis na sua fortaleza montanhosa. Politicamente, o LNM explodiu na crise.

Sucesso militar israelita no Líbano Depois de os israelitas terem eliminado os mísseis sírios no vale de Bekaa, em 9 de Junho, e os sírios terem concordado com uma trégua, em 13 de Junho, a questão já não estava em dúvida. As milícias da OLP lutaram suficientemente bem, mas não foram páreo para o enorme arsenal que enfrentavam, e os israelitas deslocaram-se para Beirute e ligaram-se aos seus clientes falangistas, que tinham estado escondidos em Beirute Oriental. O oeste de Beirute foi submetido a um cerco impiedoso. Nos EUA, em 12 de Junho, 750 mil pessoas manifestaram-se a favor de um congelamento nuclear multilateral. Mas, embora os oradores mais à esquerda tenham denunciado a invasão, a maior parte dos oradores manteve-se afastada da guerra, e tanto Begin como Reagan sabiam agora que não tinham nada a temer do movimento de paz dos EUA. Em 13 de Junho, o rei Khalid da Arábia Saudita morreu e um dos presentes no seu funeral foi Hosni Mubarak do Egipto, marcando a primeira vez que o Egipto conseguiu romper o seu isolamento na política inter-árabe desde os acordos de Camp David. Em vez de ser um sinal do encerramento das fileiras árabes, a presença de Mubarak significava que os outros estados reaccionários também estavam a capitular perante os americanos e certamente não fariam nada pelos palestinianos. Em 18 de Junho, Begin teve a audácia de comparecer na ONU para discutir o desarmamento. Embora 100 delegações, dois terços dos membros, tenham boicotado o seu discurso, a maioria anti-israelense permitiu que os EUA vetassem resoluções do Conselho de Segurança contra a invasão, garantindo assim novamente a Begin que ele poderia continuar impunemente.
Mas em 25 de Junho, a realidade da oposição mundial irrompeu, indirectamente, com a demissão forçada de Alexander Haig como Secretário de Estado dos EUA. O general Haig tornou-se obsessivo em seu militarismo e era óbvio demais em seu apoio à blitzkrieg de Begin. O seu substituto, George Shultz, presidente do Bechtel Group Inc., profundamente envolvido, no valor de milhares de milhões, na construção na Arábia Saudita, era amplamente considerado "pró-árabe" e, de facto, fez alguns comentários sobre os direitos palestinianos em o

Cisjordânia em suas audiências de confirmação. No entanto, a Business Week rapidamente esclareceu o mundo sobre o que realmente poderia ser esperado dele:

> as novas realidades criadas pela invasão do Líbano... exigem mudanças dramáticas no tom e na implementação, embora não necessariamente nos fundamentos, da política externa dos EUA. 330

Em 26 de Junho, a primeira importante manifestação anti-guerra teve lugar em Israel, quando 15.000 pessoas participaram num comício convocado pelo Comité Contra a Guerra no Líbano, uma coligação de sionistas à esquerda do Alinhamento e anti-sionistas. O Comitê surgiu do anterior Comitê de Defesa da Universidade Bir Zeit, organizado para protestar contra a supressão da liberdade acadêmica ali. O Comité Bir Zeit nunca conseguiu reunir mais de 5.000 pessoas, e o grupo Peace Now orientado para o Alinhamento - que originalmente decidiu que o seu lealismo sionista não lhes permitiria manifestar-se contra a guerra - percebeu que corriam o risco de serem deixados de lado se não se mexessem e convocaram uma manifestação para 3 de julho. Entre 70.000 e 100.000 pessoas manifestaram-se contra a invasão, embora os organizadores do encontro tenham proibido qualquer sinal de apoio à OLP. O Likud, no entanto, ainda conseguiu reunir um número igual para uma contra-manifestação em 17 de Julho.

Em 19 de Julho, mesmo o não muito melindroso Reagan foi obrigado a suspender novas entregas de bombas de fragmentação. A cobertura televisiva do cerco brutal começou a atrair um número crescente de manifestantes, particularmente na Europa Ocidental, mas também na América, que anteriormente tinha sido a segunda cidadela do sionismo. Washington compreendeu que uma conquista sangrenta de Beirute provocaria demasiados protestos mundiais, e Reagan organizou uma expedição internacional composta por tropas americanas, francesas e italianas para se colocar entre os israelitas e os soldados da OLP à medida que estes se retiravam da cidade; isso eles fizeram, entre 21 de agosto e 1º de setembro.
Em 23 de Agosto, o parlamento libanês elegeu um novo presidente para o país. Em qualquer circunstância, uma eleição libanesa é uma caricatura da democracia, uma vez que o parlamento é eleito segundo linhas confessionais, com os assentos atribuídos a diversas seitas com base nas suas proporções no desatualizado censo de 1932 (os cristãos eram 55% da população em 1932, e têm 54 dos 99 assentos no actual parlamento, apesar do facto de os muçulmanos e drusos serem agora aproximadamente 60-66% da população). O presidente tem de ser maronita (católicos, mas seguindo os seus próprios ritos e costumes tradicionais, em considerável desacordo com as normas "latinas" da Igreja mundial); os membros deste parlamento em particular tinham sido eleitos dez anos antes e tinham prorrogado arbitrariamente os seus mandatos de seis anos, usando as circunstâncias da guerra civil como desculpa para permanecerem. A eleição ocorreu num quartel militar, guardado pelas tropas invasoras, e houve apenas um candidato, Bashir Gemayel, o líder das Forças Libanesas – a milícia dominada pelo Partido Falangista, pelo menos 96% cristão.

Washington viu a OLP como derrotada, militar e politicamente, e considerou que era altura de chegar a um acordo mutuamente satisfatório para os reaccionários israelitas e árabes. Em 1º de setembro, Reagan apresentou seu "plano", essencialmente aquecendo a "opção jordaniana" de Camp David-cum-the-Alignments - a Cisjordânia, com exceção da cidade velha, se tornaria parte de uma confederação sob o ditatorial Hussein .
A resposta de Begins foi desdenhosa: em 5 de Setembro, ele anunciou que três novos assentamentos seriam criados na Cisjordânia. Em 10 de Setembro, os fuzileiros navais dos EUA retiraram-se, seguidos pelos franceses e italianos nos dias 11 e 13, apesar dos protestos do primeiro-ministro libanês, um muçulmano, que insistiu que um dos principais objectivos da introdução da força multinacional era fornecer protecção para civis palestinos e libaneses, e que os americanos haviam prometido que as tropas permaneceriam por 30 dias. Certamente este foi o ponto alto do sucesso de Begins. Não há dúvida de que houve uma erosão considerável do apoio público ocidental a Israel, mas esse foi um preço suficientemente barato para pagar pela derrota da OLP e pelo estabelecimento de um Estado fantoche no Líbano.

O Massacre e a Comissão de Inquérito Em 14 de
Setembro, uma enorme explosão abalou o quartel-general dos falangistas e Gemayel morreu.
Logo depois, Begin disse ao Embaixador dos EUA que:

[330] Pranye Gupte, Israelenses derrubam um balão de guerrilha na fronteira, *New York Times,* 16 de abril de 1981.

> nossas tropas avançaram na direção de Beirute Ocidental... Fizemos isso para garantir que certos eventos possíveis fossem evitados. Temos medo de que haja derramamento de sangue... O comandante da Falange escapou e mantém o controle das tropas. Ele é um bom homem. Contamos com ele para não provocar incidentes. Mas quanto aos outros, quem sabe ?

Sharon moveu o seu exército para Beirute Ocidental em 15 de Setembro e imediatamente pediu a estes mesmos falangistas que entrassem nos campos de Sabra e Shatila no dia 16. Ninguém sabe realmente quantos foram massacrados lá nos dois dias seguintes, mais tarde Sharon admitiria entre setecentos e oitocentos, e a OLP reivindicaria 2.000, mas com uma manobra hábil, Begin e Sharon conseguiram agilmente arrancar a derrota política das mandíbulas. da vitória militar.

O que tinha acontecido? Se ouvíssemos Begin, o mundo, mais uma vez, estaria implicando com os judeus: “Goyim matam Goyim, e eles vêm para enforcar os judeus”. 332 Assim, em 22 de Setembro, o Likud rechaçou um pedido do Knesset para um inquérito, por 48 a 42. Mas nesse mesmo dia toda a população árabe de Israel e dos Territórios Ocupados entrou em greve geral. Em 25 de Setembro, pelo menos 400.000 pessoas, na sua maioria judeus – aproximadamente 10% de toda a população do país – afluíram a Tel Aviv para um comício organizado pelo Alignment and Peace Now. Exigiram um inquérito e a demissão de Begin e de Sharon, mas não apelaram à retirada do exército do Líbano. A manifestação foi uma das maiores manifestações anti-guerra dos tempos modernos e Washington oficial, incluindo alguns dos piores demagogos pró-Israel do Partido Democrata, com a experiência do movimento anti-guerra do Vietname e de Watergate por trás deles, pressionou Begin conceder. Em 28 de setembro, ele nomeou, a contragosto, uma Comissão de Inquérito.

Os meses seguintes foram um desastre de propaganda para o sionismo, à medida que a imprensa mundial transmitia o testemunho nas audiências. Finalmente, em 8 de fevereiro de 1983, a Comissão, o Chefe de Justiça Kahan, o Juiz Barak e o General (Reservas) Efrat, emitiram as suas conclusões:

> Não temos dúvidas de que nenhuma conspiração ou conspiração foi celebrada entre alguém do escalão político israelita ou do escalão militar das FDI e os falangistas, com o objectivo de perpetrar atrocidades nos campos.

Os Comissários decidiram que Begin não tinha sido informado directamente do plano de enviar os falangistas para os campos, e que só tinha ouvido falar dele depois de eles já terem entrado, numa reunião de gabinete na noite do dia 16. Mas não levantou qualquer objecção à ideia, mesmo depois de ouvir "as observações do vice-primeiro-ministro Levy, que continham um aviso sobre o perigo que se esperava da entrada dos falangistas".

A Comissão recusou-se a aceitar a sua defesa da sua despreocupação: "Não podemos aceitar as observações do Primeiro-Ministro de que ele estava absolutamente inconsciente de tal perigo." A Comissão concluiu que: “A falta de envolvimento do Primeiro-Ministro em todo o assunto confere-lhe um certo grau de responsabilidade”.

Sharon se tornou o bode expiatório:

> No seu depoimento... o Ministro da Defesa também adotou a posição de que ninguém imaginava que os falangistas iriam realizar um massacre... Mas... é impossível justificar o desrespeito do Ministro da Defesa pelo perigo. Não vamos repetir aqui o que... dissemos acima sobre o conhecimento generalizado sobre a ética de combate dos falangistas, os seus sentimentos de ódio para com os palestinos e os planos dos seus líderes para o futuro dos palestinos quando esses líderes assumirem o poder... nada profético os poderes eram obrigados a saber que existia um perigo concreto de actos de matança... Pelo próprio Ministro da Defesa sabemos que esta consideração não o preocupava nem um pouco.

A Comissão declarou que:

---

[331] Trechos de Begins Testimony Before Panel on West Beirut Massacre, *New York Times,* 9 de novembro de 1982, p.12. 332 O veredicto é culpado, *Time,* 21 de fevereiro de 1983, p.28.

> o Ministro da Defesa tem responsabilidade pessoal... é apropriado que o Ministro... tire as conclusões pessoais apropriadas... e se necessário... o Primeiro-Ministro considere se deve exercer a sua autoridade... segundo a qual " o primeiro-ministro pode ... destituir um ministro do cargo".[333]

Vários outros foram censurados: o então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Yitzhak Shamir, não transmitiu a informação que lhe foi dada de que estava a ocorrer um massacre, mas a Comissão não apelou à sua demissão. A Comissão foi muito dura com o Chefe do Estado-Maior, Tenente-General Rafael Eytan, mas não pediu a sua demissão porque ele estava prestes a reformar-se. Apelaram à demissão imediata de Yehoshua Saguy, Diretor da Inteligência Militar; criticaram Amir Drori, chefe do Comando do Norte, por seu "papel absolutamente passivo"; O general Amos Yaron, comandante de Beirute, foi condenado por não ter agido imediatamente quando ouviu pela primeira vez os relatos de atrocidades na primeira noite da carnificina e eles insistiram em que ele fosse dispensado do serviço de campo por três anos. O chefe da inteligência civil, a Mossad, foi criticado por não enfatizar a sua consciência da falta de fiabilidade dos falangistas, mas nenhuma acção foi recomendada. 334 Begin, é claro, sempre rejeitou pessoalmente o Relatório na sua totalidade e, dentro dos limites do gabinete, ameaçou demitir-se se os seus ministros insistissem em livrar-
se de Sharon. 335 Mas outros ministros, e Washington, sabiam que era necessário tomar alguma acção e Sharon tornou-se Ministro sem Pasta. Begin ainda não se arrependeu: em 16 de maio de 1983, ele rejeitou seu novo ministro da Defesa, Moshe Arens, que, após aconselhamento jurídico, recusou a proposta de nomeação de Yaron para ser o novo chefe de pessoal, com a promoção a major-general. A nomeação de Yaron foi restaurada, mas após a ação de Aren nem mesmo ele se atreveu a aprovar a promoção. 336 A Comissão não poderia ir mais longe do que foi. Dizer que as duas principais figuras do governo de Israel queriam e esperavam um massacre - mesmo que não da magnitude total daquele que de facto ocorreu - teria sido equivalente a declararem que o sionismo tinha degenerado numa monstruosidade, e os
membros desses estabelecimentos nunca admitem isso de bom grado. Mas a evidência está aí: embora eles insistissem que Begin não tinha conhecimento prévio da entrada dos assassinos nos campos, Begin simultaneamente negou conhecimento prévio e parecia bastante disposto a admitir que sabia que eles estavam entrando:

> Barak: "(Sharon) disse alguma coisa sobre o papel dos falangistas?"
> – Begin: "O papel deles era claro: combater terroristas..."
> – Barak: "De acordo com o que você está dizendo agora, você sabia na manhã de quarta-feira que os falangistas iriam lutar?"
>
> – Comece: "Se o Ministro da Defesa me disse – então eu definitivamente sabia."
> – Barak: "Não, ele não disse que te contou."
> – Comece: "Bem, se ele não me contou, então eu não sabia." 337

Ele deixou escapar outra referência ao seu conhecimento prévio culpado:

> Kahan: "Quando foi discutido pela primeira vez com você, a questão de qual seria o papel falangista..."
> – Begin: "Soubemos disso na reunião de gabinete..."
> Barak: "Você manteve uma série de discussões com o Chefe do Estado-Maior e também com o Ministro da Defesa. Você não perguntou... qual era o papel dos falangistas?"
> – Começar: "O que, que dia?"
> – Barak: "Terça, quarta e quinta."
> – Begin: "Não, a questão não foi levantada diante de nós. Portanto, eu não perguntei."
> – Barak: "O assassinato de Bashir Gemayel não o levou a pensar que talvez nesta fase os falangistas não devessem ser chamados à acção?"

---

[333] Trechos do relatório sobre a responsabilidade dos funcionários nos assassinatos em Beirute, *New York Times,* 9 de fevereiro de 1983,

pp.18-19. 334 Ibidem. 335 Coalizão de Israel em desordem, com partidos divididos em Sharon, *New York Times,* 9 de

fevereiro de 1983, p.21. 336 Coalizão de Israel em desordem, com partidos divididos em Sharon, *New York Times,* 9 de

fevereiro de 1983, p.21. 337 David Landau, Begin diz ao painel de investigação que "nenhum de nós jamais imaginou" que os falangistas massacrariam pessoas, *JTA Daily News Bulletin,* 9 de novembro de 1982, p.2.

– Begin: "Nem me ocorreu, Honorável Juiz, pensar que os falangistas, se entrassem no campos para combater os terroristas, cometeriam tais atrocidades ou massacres." 338

Ele disse aos Comissários que não sabia que os falangistas tinham sido enviados até ao reunião de gabinete, uma hora e meia depois de terem entrado. Mas é evidente que, nesta troca, ele estava se referindo aos seus pensamentos na terça, quarta e quinta-feira, antes de sua entrada, e antes do gabinete reunião. Dois jornalistas altamente competentes, David Landau, da Agência Telegráfica Judaica Sionista *Daily News Bulletin,* e David Shipler, correspondente do *New York Times ,* observaram Begins declarações, mas a Comissão, ideologicamente predeterminada a absolver todo e qualquer israelita de querer os falangistas para matar palestinos, optou por ignorar as implicações do seu testemunho sobre este pontuação. [339]

Begin e Sharon conheciam bem a história da Falange: deviam esperar uma atrocidade. Sobre 15 de Setembro, um dia antes do massacre, o *New York Times* publicou um dossiê sobre o falecido Bashir e seu movimento:

Uma viagem às Olimpíadas de Berlim de 1936 impressionou seu pai (Pierre) com a disciplina da Alemanha de Hitler. Os movimentos nacionalistas e fascistas de Francisco Franco e Benito Mussolini inspiraram o novo ideologia do partido ... Durante a guerra (civil), ele (Bashir) comandou o cerco ao refugiado palestino acampamento de Tel Zaatar No final do cerco, os sobreviventes do campo foram mortos pelas tropas falangistas ... Em 1979, depois de Suleiman Franjieh, antigo presidente maronita do Líbano, ter rompido com o Aliança cristã, os soldados do Sr. Gemayel atacaram o filho e herdeiro político do Sr. Franjieh, Tony. O ataque deixou Tony e 32 apoiadores mortos... Em 1980, as suas forças falangistas atacaram a estância balnear de um Rival cristão, Dany Chamoun. Os banhistas da casa do resort Mr Chamouns foram metralhados em um piscina. Mais tarde, os médicos disseram que muitos corpos foram mutilados. 340

Não pode haver a menor dúvida de que Sharon sabia com quem estava lidando. No dia 22 de Setembro, quatro dias após o massacre, Sharon levantou-se para se defender no Knesset:

> Quero perguntar-lhe, Shimon Peres... houve outro caso em Tel Zaatar [outro campo, tomado pelo Falangistas em agosto de 1976". Quando você era Ministro da Defesa. Não entrarei em detalhes aqui. Como é que o seu consciência não te incomoda? Milhares de pessoas foram massacradas. E o deputado Peres, onde eram os oficiais das FDI naquele dia, e esse foi um caso que ocorreu com conhecimento prévio. [341]

Begin e Sharon sempre quiseram um banho de sangue em Beirute: Begin contou à Comissão por que razão Sharon não tenho que lhe dizer que os falangistas estavam indo para os campos:

> Gostaria apenas de dizer que, numa reunião de gabinete no dia 15 de Junho, houve uma discussão especial sobre a participação do Exército Libanês e das Forças Libanesas... que eles ocupariam sudoeste de Beirute. Dissemos a eles que as FDI estavam lutando, sacrificando muitas vidas, temos interesse em liquidar os terroristas. [342]

Em 19 de setembro, um dia após a saída dos falangistas dos campos, Shipler revelou a motivação por trás a decisão:

> O cálculo era que os falangistas, com velhas contas a acertar e informações detalhadas sobre a Palestina combatentes, seriam mais implacáveis que os israelitas e provavelmente mais eficazes. [343]

---

338 Trechos do Testemunho Begins, p.2.
339 Landau e Shipler, Begin diz ao painel que ele não estava ciente da Phalange Drive, *New York Times,* 9 de novembro de 1982, p.13.
340 Edward Gargan, Bashir Gemayel Lived by the Sword, *New York Times,* 15 de setembro de 1982, p.8.
341 Trechos do discurso de Sharon ao Parlamento em defesa do papel do exército, *New York Times,* 23 de setembro de 1982, p.18.
342 Trechos do Testemunho Begins, p.12.
343 Shipler, Israel afirma que suas tropas intervieram para minimizar o massacre de Beirute, *New York Times,* 19 de setembro de 1982, pp.1, 14.

Em 4 de outubro, *a revista Time* relatou que "Em diversas ocasiões, [Bashir" Gemayel disse às autoridades israelenses que gostaria de arrasar os campos e transformá-los em quadras de tênis."
344 Os leitores se lembrarão , mesmo que a Comissão interna do Sionismo não o fizesse, que Begin já havia negado que uma atrocidade semelhante tivesse sido cometida por seu próprio Irgun em Dir Yassin em 1948. Ele insistiu que a acusação era propaganda mentirosa, mas se consolou com o fato de que o efeito líquido da "propaganda" foi expulsar centenas de milhares de palestinos do que se tornou Israel. O objetivo da invasão, conforme descoberto por Israel e pela Palestina, era destruir o estado armado da OLP dentro do estado e, como em Dir Yassin, expulsar os palestinos Tal como relataram tanto o Time como o New York Times, Begin e Sharon sabiam, em Junho, quando já tinham decidido que a Falange seria usada para acabar com os palestinianos, exactamente o que os seus líderes tinham em mente fazer a toda a população. dos acampamentos. Begin queria expulsar os palestinianos, exactamente como o seu Irgun havia expulsado estes cananeus modernos antes deles em 1948.

Os Comissários, tanto no seu exame de Begin e Sharon como no seu relatório final, continuaram a enfatizar que deveriam saber que o assassinato de Bashir inspiraria a Falange a procurar vingança. Embora Begin e Sharon antecipassem um massacre já em Junho, não pode haver a menor dúvida de que o assassinato reafirmou as suas esperanças a este respeito. Kahan perguntou a Sharon se,

> "Em contatos... com a liderança dos falangistas, você ouviu deles algum plano sobre o que aconteceria com a população palestina..."
> – Sharon: "Em geral, a minha avaliação foi que o seu objectivo era criar condições para que, no final, os palestinianos deixassem o Líbano... O próprio Amin [Gemayel", pelo que me lembro, no funeral de 15 de setembro. usou a palavra vingança. A palavra vingança também apareceu, eu diria, nas discussões que tivemos. A palavra vingança apareceu aí." 345
>
> Kahan: "Foi levantada a apreensão de atos de vingança ou massacre da população civil pelos falangistas?"
>
> – Sharon: "Não, não. Mas eu gostaria de dizer... Quem pensa que em combates em áreas urbanas... civis não são mortos, então está enganado..."
> – Kahan: "O que se quer dizer, é claro, é... antes, seu assassinato intencional."
> – Sharon: "Sim... 346 Não creio que alguém pensasse que as Forças Libanesas agiriam como nós. Eu não acham que as Forças Libanesas agiriam como nós."

A Comissão recolheu muitos testemunhos secretos e, quando publicou o seu relatório, anexou-lhe um apêndice secreto apenas para os olhos do gabinete. Em 21 de fevereiro, *a Time* informou que:

> soube que [Apêndice B] também contém mais detalhes sobre a visita de Sharon à família Gemayel no dia seguinte ao assassinato de Bashir Gemayel. Sharon teria dito aos Gemayels que o exército de Israel se deslocaria para Beirute Ocidental e que esperava que as forças cristãs fossem para os campos de refugiados palestinos.
> Sharon também discutiu com os Gemayel a necessidade dos falangistas se vingarem do assassinato de Bashir, mas os detalhes da conversa não são conhecidos. 347

Posteriormente, Sharon processou *a Time* por difamação, negando que o relatório dissesse tal coisa. Naturalmente, o presente escritor não tem conhecimento do apêndice secreto, mas é bastante evidente, a partir das provas públicas, que, quer tenha ou não dito a Amin Gemayel para matar civis palestinianos, é evidente pelo seu testemunho sobre o apelo de Amin à vingança contra o ataque de Bashir. funeral que ele percebeu que o massacre de homens palestinos provavelmente ocorreria:

> Gostaria de dizer uma palavra, com a permissão dos membros da comissão, sobre o tema da vingança, tal como a conheço entre os árabes. A vingança considerada aceitável entre os árabes não inclui crianças, mulheres e o

---

344 William Smith, Robert Slater, William Stewart, Crise de Consciência, *Tempo,* 4 de outubro de 1982, p.16. 345 Trechos do testemunho no inquérito sobre o massacre, *New York Times,* 26 de outubro de 1982, p.14. 346 Ibidem.
347 O veredicto é culpado, *Time,* 21 de fevereiro de 1983, p.29.

idoso. Certamente há arabistas que são mais experientes do que eu, sim, digo isso mesmo à luz da minha experiência. A vingança existe, sem dúvida. Sem dúvida, a vingança existe. 348

Outros membros dos escalões superiores do exército israelita também estavam cientes de que os falangistas cometeriam uma atrocidade. O Chefe do Estado-Maior, General Rafael Eytan, disse ao gabinete na noite de 16 de setembro que:

"Eu vejo nos olhos deles... o que eles estão esperando... Amin [Gemayel" já falou em vingança e todos eles estão afiando suas lâminas." 349

Begin tratou a Comissão com o mesmo tipo de conversa fiada que Sharon. Eles queriam saber por que, dadas as suas próprias observações ao Embaixador Draper, ele não pensava que os falangistas cometeriam assassinato:

Begin: "Honrado Juiz, só posso repetir a minha afirmação anterior, que naqueles dias, não ocorreu a nenhum de nós que os falangistas que foram trazidos para estes dois campos não iriam lutar contra os terroristas. Eles entraram para lutar contra os terroristas. terroristas e apenas os terroristas."
– Efrat: "O problema não foi discutido, não foram levantadas dúvidas, relativamente às suas intenções de resolver o problema palestino na área de Beirute, de uma certa forma, dos seus pesados sentimentos em relação a este grupo, e a tentativa de se livrar de eles?"
– Begin: "Não, senhor. Isso nem nos ocorreu." 350

Kahan pressionou-o quanto à discussão de potenciais atrocidades na reunião de gabinete do dia 16, ou seja, enquanto o massacre já estava em curso. O vice-primeiro-ministro, David Levy, alertou que era provável que ocorressem atrocidades e que os israelitas seriam responsabilizados por não tomarem precauções:

Begin: "Ele expressou sérias dúvidas, mas mesmo o Ministro Levy não solicitou uma discussão ou decisão de não permitir a entrada dos falangistas ou de retirá-los..."
– Barak: "Mas as palavras do Ministro Levy não deveriam ter levado você a pensar: Num momento, os falangistas estão lá dentro, vingança, assassinato, derramamento de sangue, vamos detê-los?"
– Begin: "Honrado Juiz, o fato é que não ocorreu a ninguém, que cometeriam atrocidades. Assim como já afirmei. Simplesmente nenhum de nós presumiu isso, nenhum Ministro, nenhum outro participante. Ministro Levy, como eu apontou, mencionou hipoteticamente o que poderia acontecer, mas também não solicitou, digamos, para tratar desta questão em uma discussão ou para decidir ou votar, ele não exigiu isso.
– Efrat: "O Chefe de Gabinete, nesta reunião, também se referiu a este tema. Claro que não o citei exactamente, mas ele referiu-se ao assunto, e disse... Já hoje os Drusos foram mortos lá, é será um desabafo como nunca se viu, já vejo nos olhos deles o que esperam, etc..."
– Begin: "Só posso determinar o facto de nenhum dos ministros [disse isto", da forma como foi dito aqui, em nenhuma das reuniões não se acendeu nenhum sinal vermelho com base nestas coisas." 351

Antes de publicar o seu relatório, os Comissários decidiram que dariam a todos aqueles que pudessem ser "prejudicados" por um veredicto adverso a oportunidade de testemunhar novamente ou interrogar testemunhas. Begin recusou-se a comparecer, mas enviou uma defesa detalhada de si mesmo e da decisão de enviar os assassinos:

De acordo com a informação oficial que tínhamos... os terroristas... deixaram para trás cerca de 2.000 terroristas armados, equipados e organizados, que se concentraram principalmente nos "campos" de Sabra, Shatila e Fakhani. A tarefa das Forças Libanesas era combater estes terroristas. 352

No entanto, foi imediatamente apontado por David Shipler no *New York Times de 10 de dezembro,* que Sharon testemunhou que a força falangista não contava com mais de 100 a 200 homens. 353
Claramente, mesmo 200 teriam sido muito poucos se realmente se esperasse que lutassem contra 2.000 pessoas desesperadas e bem-sucedidas.

---

348 Trechos do Testemunho no Inquérito, p.14.
349 Landau , p.1.
350 Trechos do Testemunho Begins, p.12.
351 Ibidem.
352 Texto da Carta do Primeiro-Ministro Israelita à Comissão, *New York Times,* 10 de Dezembro de 1982, p.12.
353 Shipler, Begin Declines to Reappear at Massacre Panel, *New York Times,* 10 de dezembro de 1982, p.12.

terroristas armados. Além disso, se os israelitas antecipassem genuinamente que os falangistas iriam encontrar forças inimigas substanciais, teriam enviado uma equipa de ligação das FDI, para comunicar em hebraico com o exército israelita em caso de qualquer dificuldade. Os Comissários disseram que a decisão de enviar os falangistas poderia ter sido justificada se as FDI tivessem tomado todas as medidas possíveis para evitar danos à população civil. Repetidamente comentaram que não conseguiam compreender por que nenhum dos generais envolvidos havia previsto uma atrocidade. Na realidade, Sharon teve o cuidado de garantir que nenhum israelita entrasse nos campos, precisamente porque sabiam que civis iriam ser mortos e estavam a preparar o seu álibi: não viram nada e pensaram que os falangistas estavam apenas a combater terroristas.

"Aquele que os deuses destruiriam, eles primeiro enlouqueceram." A Comissão não conseguiu compreender que a lógica dos criminosos de guerra não é a lógica dos seres racionais. Os seres racionais não dizem ao Embaixador dos EUA que vão introjetar o seu exército entre os enfurecidos falangistas e os seus inimigos, e depois deixá-los soltos, sem serem observados, sobre esses mesmos inimigos, sabendo que eles anseiam por vingança. Mas igualmente fanaticamente comprometidos com o terror, Begin e Sharon tornaram-se adeptos da invenção de desculpas e álibis mentirosos. Queriam expulsar os "animais bípedes" de Beirute Ocidental, mas a opinião mundial obrigou-os a permanecer fora do sector. O assassinato de Bashir e a necessidade de "proteger" os muçulmanos e os palestinos forneceram-lhes subitamente o pretexto para entrar. Mas eles sempre compreenderam que não se podia contar com que o seu próprio exército fosse suficientemente implacável para fazer o trabalho necessário - havia muitos elementos do Peace Now nas forças armadas. Mas, claramente, qualquer um poderia compreender que "2.000 terroristas" justificavam a entrada da Falange. Os combates em "áreas urbanizadas" serviriam como desculpa para a matança de civis. Aqui eles cometeram o seu flagrante erro de cálculo: queriam um massacre, mas não tantos como foram de facto massacrados. Apenas o suficiente – "o castigo para poucos, o medo para muitos" – para expulsar o resto. Levy os advertiu que, se ocorresse um massacre, seriam eles os culpados por não o terem antecipado. Mas ambos estes democratas profundos tinham uma resposta pronta para isso: ele não tinha pedido uma votação sobre a questão, então como é que eles poderiam ter sido culpados? Presumivelmente, a modéstia impediu-os de se nomearem mutuamente para o Prémio Nobel da Paz.

O facto de a Comissão não ter considerado os dois culpados de homicídio premeditado diz-nos mais sobre o nível geral da moralidade sionista do que sobre Begin e Sharon ou Sabra e Shatila. Para que o mundo siga a Comissão, devemos todos acreditar que Israel foi guiado não por um, mas por dois incompetentes que não tinham a inteligência dada aos jornalistas israelitas e outros que, como disse a Comissão, alertaram – assim que souberam dos falangistas entrada nos campos, e em ocasiões anteriores, quando o papel dos falangistas na guerra foi discutido – que o perigo de um massacre era grande.[354]

[354] Trechos do Relatório, p.19.

15. Yitzhak Shamir assume o controle

Begin renuncia

Em 30 de agosto de 1983, Begin disse a seus colegas que não poderia continuar como primeiro-ministro. Ele não deu nenhuma explicação para sua decisão, mas o verdadeiro motivo logo surgiu: em novembro anterior, ele havia feito uma visita aos EUA, apesar da hospitalização de sua esposa com enfisema, e levou consigo seu médico pessoal. Enquanto ele estava na América, sua esposa morreu e Begin se culpou por tirar o médico dela. 355 Em junho de 1983, seu olhar magro e vazio atraiu comentários de David Shipler no *Times.* 356 Mais tarde, após o anúncio de Begin, Phepard Kanter, professor de psiquiatria clínica na Universidade de Columbia, diagnosticou a sua doença à distância, numa carta ao Jerusalem Post:

> ··· uma condição extremamente comum que no passado foi chamada de Melancolia Involucional e atualmente é chamada de Depressão Endógena. Muitas vezes surge tarde na vida e é especialmente provável que seja devastador após a morte de um cônjuge querido... este tipo de depressão pode ser curada dentro de três semanas com medicamentos antidepressivos, sendo a taxa de sucesso de aproximadamente 80 por cento, ou dentro de duas semanas com terapia de eletrochoque, sendo a taxa de sucesso de aproximadamente 95 por cento.[357]

Meses depois, porém, Begin obviamente ainda estava sob o controle de sua doença, e o discurso de sua equipe sobre uma doença de pele que o impedia de aparecer em público não passava de mentiras inofensivas, destinadas a proteger sua reputação.
Parece que as únicas pessoas que não conseguiram compreender que estavam a lidar com um homem doente foram os líderes da sua coligação, que o viam como alguém que mantinha unido o seu governo em disputa através do seu carisma, e que o instaram desesperadamente a permanecer. No final, o Partido Herut escolheu como seu sucessor o ministro dos Negócios Estrangeiros Yitzhak Shamir, em preferência a David Levy, numa disputa em que nem a etnicidade (Levy é marroquino) nem a ideologia desempenharam um papel decisivo. A maioria do centro do partido que escolheu Shamir (436-302) era oriental, mas o seu "sefardismo" não tem conteúdo democrático; o verdadeiro poder para a classe trabalhadora judaica oriental aguarda a queda do sionismo. A sua atual raiva plebéia contra os seus antigos senhores, os burocratas sindicais Ashkenazi, não tinha ido além do apoio a Begin, outro Ashkenazi, e agora cerca de metade dos delegados orientais presentes na reunião seguiram o conselho do mais popular de todos os políticos entre a banca oriental. -detentores no mercado público – o Ashkenazi Sharon – e eles gritaram até ficarem roucos torcendo por mais um graduado do Betar polonês.

O público e os especialistas concordaram que o novo regime era fraco, com uma sondagem imediata a mostrar que uma lista do Alinhamento liderada pelo antigo Presidente Yitzhak Navon teria derrotado uma chapa do Likud liderada por Shamir. 358 Dois dos principais porta-vozes de Begin, Ben Porat e Ehud Olmert, previram uma curta permanência no cargo para o seu sucessor, com Porat prevendo "seis semanas, talvez", e Olmert adivinhando "trinta dias". 359 O facto de Shamir ter durado mais tempo pode ser atribuído à relutância do Alinhamento em substituí-lo, pois sabiam que, tal como ele, não tinham solução para os incríveis problemas económicos que herdou.

---

355 David Shipler, Begin anuncia que planeja renunciar ao cargo de primeiro-ministro israelense, *New York Times,* 29 de agosto de 1983, p.1. 356 Shipler, Begin também parece estar entre os cansados da guerra, *Times,* 26 de junho de 1983. 357 Phepard Kanter, Begin's Health, *Jerusalem Post,* p.8.
358 Pesquisa: A lista liderada por Navon poderia vencer Shamir, *Post,* 28 de setembro de 1983, p.2. 359 Robert Rosenberg, Vista do círculo interno do Likud, *Post,* 31 de agosto de 1983, p.3.

Antecedentes de

Shamir O novo primeiro-ministro nasceu Yitzhak Yzernitzky, em Rozeny, onde hoje é a Bielo-Rússia, em 1915. Seu pai fundou uma escola hebraica no pequeno shtetl e desde os primeiros anos ele era fluente em hebraico. Ele freqüentou o Bialystock Hebrew Gymnasium e depois foi para a faculdade de direito da Universidade de Varsóvia. Já Betari, chegou à Palestina em 1935, onde se matriculou na Universidade Hebraica. No entanto, ele logo abandonou a lei pelo Irgun, sustentando-se com trabalhos ocasionais de construção. Com a revolta árabe de 1936, tornou-se instrutor nas "células nacionais", um movimento juvenil revisionista, e esteve militarmente envolvido na região de Tel Aviv. Pouco se sabe sobre sua carreira no Irgun, mas um incidente se destaca. Em 1938, Yzernitzky e um recruta de 15 anos, Eliyahu Bet Zouri, tentaram explodir uma cabine de coleta de fundos de defesa da WZO, que cobrou um pedágio aos viajantes judeus que saíam de Tel Aviv. Eles plantaram uma bomba de pólvora que explodiu prematuramente, queimando gravemente as pernas de Bet Zouri e chamuscando o rosto do futuro primeiro-ministro de Israel. 360 Mas este incidente bizarro não foi nada comparado à sua carreira como figura de destaque na "Gangue

O mais louco dos loucos

Quando Jabotinsky abandonou sua campanha terrorista, os britânicos libertaram o comandante do Irgun, David Raziel, mas mantiveram Avraham Stern e a maior parte do Alto Comando do Irgun na prisão até junho de 1940. Stern acreditava que seria uma "trégua" unilateral. foi uma rendição e ele defendeu um pacto formal com os britânicos, algo que Londres nunca considerou. A maioria dos líderes do Irgun e suas fileiras apoiaram sua posição e ele foi capaz de pressionar Raziel a renunciar. 361 Seis dias antes de morrer, em 3 de agosto, no entanto, Jabotinsky renomeou Raziel, e em setembro Stern, agora conhecido como Yair – o Iluminador – em homenagem a Eleazer ben Yair, o comandante dos Zelotas em Masada durante a revolta judaica contra Roma em AD70, deixou "a Organização Militar Nacional na Terra de Israel" para formar sua própria "Organização Militar Nacional em Israel".

Stern, nascido em Suwalki, Polónia, em 1907, emigrou para a Palestina em 1925 e no final da década de 1920 foi para Florença com uma bolsa de estudos, regressando à Palestina no início da década de 1930 como fascista. No final da década de 1930, ele concluiu que o Irgun clandestino não deveria estar vinculado a um movimento político superficial que procurasse trabalhar dentro dos limites da legalidade do Mandato. Ele também percebeu a incongruência de um movimento fascista com um “liberal de Gladston” à frente. Devido à sua compreensão de que o sionismo dependia financeiramente da caridade da burguesia judaica, Jabotinsky não se rebaixaria à demagogia social plebeia característica dos fascismos clássicos, mas Stern não tinha esse escrúpulo. De acordo com seu discípulo Nathan Yalin-Mor, Stern "não era um socialista, mas se opôs vigorosamente à retórica anti-socialista dos Revisionistas". 362 O fato de o Duce ter se voltado para Hitler não perturbou Stern. Durante os dias difíceis do patrocínio italiano, os fascistas revisionistas radicais tornaram-se tão comprometidos com Mussolini que inventaram uma explicação concatenada para a traição do seu herói. Um órgão revisionista americano anunciou que a culpa era realmente dos Afinal,

> Durante anos advertimos os judeus para não insultarem o regime fascista na Itália. Sejamos francos antes de acusarmos outros das recentes leis antijudaicas em Itália; porque não acusar primeiro os nossos próprios grupos radicais que são responsáveis pelo que aconteceu? 363]

Uma vez fora do campo revisionista, a mente de Stern-Yair descontrolou-se. Seu manifesto, *Ikarei ha Tehiyyah* (Os Princípios do Reavivamento), definiu seus objetivos: o povo judeu, como povo escolhido, tinha pleno direito a todo o patrimônio bíblico, conforme estabelecido em Gênesis 15:18 - tudo, desde o riacho do Egito até o Eufrates. . Haveria “uma troca de população”, isto é, a expulsão forçada dos palestinos e a construção do Terceiro Templo. 364 Firmemente convencido de que o Eixo iria

---

[360] Gerold Frank, *A Escritura,* p.61.
[361] Yehuda Bauer, *Da Diplomacia à Resistência,* p.131. 362
Nathan Yalin-Mor, Memórias de Yair e Etzel, *Espectador Judeu,* Verão de 1980, p.32. 363 Paul
Novick, *Soluções para a Palestina,* (1939), p.18. 364
Geula Cohen, *Mulher da Violência,* p.232, e Uri Davis, *Utopia Incorporated,* p.150.

para vencer a guerra, Stern contatou o agente local da Itália, um Irgunista. 365 Este homem, contudo, trabalhava simultaneamente para o CID britânico e Stern suspeitou que ele fosse um agente duplo. 366] Para ter certeza de que estavam de fato lidando com o Eixo, os Sternistas enviaram Naphtali Lubinczik para Beirute controlada por Vichy, onde, em janeiro de 1941, ele conheceu dois alemães, Alfred Roser, um agente da Inteligência Militar, e Werner Otto von Hentig, do o Ministério das Relações Exteriores. Em 11 de janeiro de 1941, enviaram o memorando dos Sternistas propondo colaboração à sua embaixada em Ancara, onde foi encontrado depois da guerra. [367]

Como o documento, intitulado *Características Fundamentais da Proposta da Organização Militar Nacional na Palestina (Irgun Zvai Leumi) sobre a Solução da Questão Judaica na Europa e a Participação da NMO na Guerra ao Lado da Alemanha, coloca Shamir* no perspectiva histórica mais austera, é obrigatório citá-la na íntegra:

É frequentemente afirmado nos discursos e declarações dos principais estadistas da Alemanha Nacional Socialista que um pré-requisito da Nova Ordem na Europa requer a solução radical da questão judaica através da evacuação ("Europa sem Judeus").

A evacuação das massas judaicas da Europa é uma pré-condição para resolver a questão judaica; mas isto só pode ser possível e completo através do estabelecimento destas massas no lar do povo Judeu, a Palestina, e através do estabelecimento de um Estado Judeu nas suas fronteiras históricas.

Resolver desta forma o problema judaico, trazendo consigo de uma vez por todas a libertação do povo judeu, é o objectivo da actividade política e da luta de anos do movimento pela liberdade israelita, a Organização Militar Nacional (Irgun Zvai Leumi) na Palestina.

A NMO, que está bem familiarizada com a boa vontade do governo do Reich alemão e das suas autoridades relativamente à actividade sionista dentro da Alemanha e aos planos de emigração sionista, é da opinião que: Poderiam existir interesses comuns entre

o estabelecimento de uma nova ordem na Europa em conformidade com o conceito alemão e as verdadeiras aspirações nacionais do povo judeu, tal como são incorporadas pela NMO.

A cooperação entre a nova Alemanha e um Hebraium nacional-folclórico renovado seria possível e, O estabelecimento do

estado judeu histórico numa base nacional e totalitária, vinculado por um tratado com o Reich alemão, seria do interesse de uma nação mantida e fortalecida. futura posição de poder alemã no Próximo Oriente.

Partindo destas considerações, a NMO na Palestina, sob a condição de que as acima mencionadas aspirações nacionais do movimento de libertação israelita sejam reconhecidas do lado do Reich Alemão, oferece-se para participar activamente na guerra do lado da Alemanha.

Esta oferta da NMO, abrangendo atividades nos campos militar, político e de informação, na Palestina e, de acordo com os nossos determinados preparativos, fora da Palestina, estaria ligada ao treino militar e à organização da mão-de-obra judaica na Europa, sob a liderança e comando do NMO. Estas unidades militares participariam na luta para conquistar a Palestina, caso tal frente fosse decidida.

A participação indirecta do movimento de libertação israelita na Nova Ordem na Europa, já na fase preparatória, estaria ligada a uma solução radical positiva do problema judaico europeu, em conformidade com as aspirações nacionais do povo judeu acima mencionadas. Isto fortaleceria extraordinariamente a base moral da Nova Ordem aos olhos de toda a humanidade.

A cooperação do movimento de libertação israelita também seguiria as linhas de um dos últimos discursos do Chanceler do Reich alemão, no qual Herr Hitler enfatizou que utilizaria todas as combinações e coligações para isolar e derrotar a Inglaterra.

Uma breve visão geral da formação, essência e atuação da NMO na Palestina:

---

365 Daniel Levine, *David Raziel, o Homem e Seus Tempos,* p.295.

366 Bauer, p.132, e entrevista com Baruch Nadel, 17 de fevereiro de 1981.

367 Bauer, p.132.

A NMO desenvolveu-se em parte a partir da autodefesa judaica na Palestina e do movimento Revisionista (Nova Organização Sionista), com o qual a NMO esteve vagamente ligada através da pessoa do Sr. V Jabotinsky até à sua morte.
A atitude pró-Inglesa da Organização Revisionista na Palestina, que impediu a renovação da união pessoal, levou, no Outono deste ano, a uma ruptura completa entre ela e a NMO, bem como a uma subsequente divisão no movimento Revisionista.
O objetivo da NMO é o estabelecimento do Estado Judeu dentro das suas fronteiras históricas.
A NMO, em contraste com todas as tendências sionistas, rejeita a infiltração colonizadora como o único meio de tornar acessível e gradualmente tomar posse da pátria e pratica o seu slogan, a luta e o sacrifício, como o único meio verdadeiro para a conquista e libertação da Palestina .
Devido ao seu carácter militante e à sua disposição anti-inglesa, a NMO é forçada, sob constantes perseguições por parte da administração inglesa, a exercer em segredo a sua actividade política e o treino militar dos seus membros na Palestina.
A NMO, cujas actividades terroristas começaram já no Outono de 1936, tornou-se, após a publicação dos Livros Brancos Britânicos, especialmente proeminente no Verão de 1939 através da intensificação bem sucedida da sua actividade terrorista e da sabotagem de propriedades inglesas. Naquela época, essas atividades, bem como as transmissões diárias secretas de rádio, eram notadas e discutidas por praticamente toda a imprensa mundial.

A NMO manteve escritórios políticos independentes em Varsóvia, Paris, Londres e Nova Iorque até ao início da guerra.
O escritório em Varsóvia preocupava-se principalmente com a organização militar e a formação da juventude nacional sionista e estava intimamente ligado às massas judaicas que, especialmente na Polónia, sustentavam e apoiavam entusiasticamente, de todas as maneiras, a luta da NMO na Palestina. Dois jornais foram publicados em Varsóvia (The Deed e Liberated Jerusalem): estes eram órgãos da NMO.

O escritório em Varsóvia manteve relações estreitas com o antigo governo polaco e com os círculos militares, que trouxeram maior simpatia e compreensão para com os objectivos da NMO.
Assim, no ano de 1939, grupos seleccionados de membros da NMO foram enviados da Palestina para a Polónia, onde o seu treino militar foi concluído em quartéis por oficiais polacos.
As negociações, com o objectivo de activar e concretizar a sua ajuda, tiveram lugar entre o NMO e o governo polaco em Varsóvia – cujas provas podem ser facilmente encontradas nos arquivos do antigo governo polaco – foram encerradas devido ao início do guerra.
A NMO está intimamente relacionada com os movimentos totalitários da Europa na sua ideologia e estrutura.
A capacidade de combate da NMO nunca poderia ser paralisada ou seriamente enfraquecida, nem através de fortes medidas defensivas da administração inglesa e dos árabes, nem das dos socialistas judeus. 368

Lubinczik disse aos nazis que se os alemães pensassem que um estado sionista seria politicamente inadequado, os sternistas concordariam com o "plano de Madagáscar", ou seja, a deportação dos judeus europeus para a ilha de Madagáscar, sob domínio alemão. Os Sternistas acreditavam que isso era consistente com a aceitação inicial de Uganda por Herzl como uma colônia temporária. 369 A emigração judaica para Madagáscar tinha sido uma das "soluções" mais fantásticas para a questão judaica discutida pelos anti-semitas da Europa antes da guerra, e em 1940 os hitleristas tinham falado de um "assentamento" judaico ali como uma componente do seu projectado império africano. .
Os alemães disseram a Lubinczik que as sensibilidades árabes teriam de ter prioridade, e Berlim não demonstrou mais interesse nos traiçoeiros sionistas. 370 Isto, no entanto, não deteve os sternistas. O

---

368 *Fundamentos da proposta da Organização Militar Nacional na Palestina (Irgun Zewai Leumi) sobre a solução da questão judaica na Europa e a participação ativa da NMO na guerra ao lado da Alemanha, David Yisraeli, O Problema da Palestina* em *alemão Política 1889-1945,* Universidade Bar Ilan (Ramat Gan, Israel), (1974), pp.315-17. (Para o texto alemão, consulte o Apêndice.)
369 Chaviv Kanaan (em discussão), *Alemanha e Oriente Médio 1835-1939 ,* p.165.
370 Yigal Elam, Haganah, Irgun e "Stern", Quem fez o quê?, *Jerusalem Quarterly,* Primavera de 1882, p.76.

Tendo os vichyistas sido derrotados no Líbano-Síria em julho de 1941, Nathan Yalin-Mor tentou alcançar os nazistas novamente na Turquia neutra, mas foi preso no caminho, na Síria, em dezembro de 1941, pelos britânicos. 371 Qual foi – e é – a atitude de Shamir em relação a tudo isto? Nicholas Bethell o entrevistou para seu livro de 1979, *The Palestine Triangle.* Shamir disse a ele que ele tinha sido:

> contra fazer abordagens à Itália. Achei que não adiantaria nada. Mas Stern tinha boas recordações do seu trabalho na Polónia antes da guerra. Ele conseguiu levar muitos judeus para a Palestina explorando o anti-semitismo das autoridades polacas. Ele pensou que poderia funcionar na Itália. Pelo menos ele sentiu que precisava tentar.[372]

Em outubro de 1983, após assumir o cargo de primeiro-ministro, Shamir foi entrevistado pelo diário israelense *Yediot Ahronot.* Pelo menos desta vez os nazistas entraram na discussão:

> Havia um plano para pedir ajuda à Itália e estabelecer contacto com a Alemanha, na suposição de que isso poderia provocar uma imigração judaica massiva. Eu me opus a isso, mas juntei-me a Leí depois que a ideia de contatos com os países do Eixo foi abandonada.[373]

Mesmo que tomássemos a sua nova história como um evangelho, não estaria o primeiro-ministro de Israel a confessar que se tinha juntado conscientemente a uma organização pró-nazi? Mas ele estava mentindo. Há evidências de que ele foi um dos primeiros seguidores de Stern. Gerold Frank, em seu livro de 1963 *The Deed,* um estudo do posterior assassinato de Lord Moyne pelos Sternistas, escreveu, três vezes, sobre uma reunião, "nos dias imediatamente seguintes à divisão Raziel-Stern", onde Yzernitzky tentou recrutar o ainda jovens indecisos do Irgun à facção de Stern: ""Homens! sua voz profunda retumbou. "Se você quer sentir cheiro de fogo e pólvora, venha conosco!" 374 Além disso, Shamir convenientemente "esquece" que houve duas tentativas de se aliar aos hitleristas, e não há dúvida de que Shamir era um membro proeminente da organização antes de Yalin -Mor fez seu esforço frustrado para ensinar os alemães novamente na Turquia. Embora hoje Shamir negue ter sido membro quando os Sternistas tentaram se unir ao arquiinimigo dos judeus, poucos podem esperar que acreditem na grosseira mentira oficial. Portanto, dir-nos-ão, extraoficialmente, claro, que embora a proposta fosse maluca – as noções de que Hitler poderia ter armado os judeus, ou de que os judeus teriam lutado ao seu lado, estão entre as produções mais grotescas alguma vez inventadas pelo mente humana – no entanto, foi feito antes do início do massacre dos judeus, e foi feito apenas na esperança de salvar vidas de judeus. Como vimos, no entanto, Stern esteve na Polónia nos anos imediatamente anteriores à guerra e nada fez para mobilizar os judeus polacos contra os anti-semitas de lá, e Nathan YalinMor e Israel Scheib (Eldad) fugiram antes que os alemães Exército para a Lituânia e depois não fez qualquer tentativa de regressar à Polónia para organizar a resistência clandestina. Os Sternistas sempre pensaram que o anti-semitismo era justificado e inevitável e nunca poderia ser combatido. Eles estavam firmemente convencidos de que o nazismo era a onda do futuro. Como sionistas, eles acreditavam que é realmente um mau vento que não sopra bem a ninguém", e procuraram colocar o vento do nazismo nas suas velas. Tentaram justificar a sua posição singular numa série de transmissões de rádio ilegais:

> Há uma diferença entre um perseguidor e um inimigo. Os perseguidores levantaram-se contra Israel em todas as gerações e em todos os períodos da nossa diáspora, começando com Hamã e terminando com Hitler... A fonte de todos os nossos infortúnios é a nossa permanência no exílio e a ausência de uma pátria e de um Estado. Portanto, o nosso inimigo é o estrangeiro, o governante da nossa terra que impede o regresso do povo a ela. O inimigo são os britânicos que conquistaram a terra com a nossa ajuda e que permanecem aqui com a nossa licença, e que nos traíram e colocaram os nossos irmãos na Europa nas mãos do perseguidor.[375]

Shamir ainda aprova as negociações dos Revisionistas com os anti-semitas polacos, e disse a Bethell que "Foi um acordo político. Eles ajudaram-nos por razões anti-semitas. Explicamos-lhes: "Se vocês

---

371 Yellin-Mor, Nathan, *Enciclopédia Judaica,* vol.16, col.738. 372
Nicholas Bethell, *O Triângulo Palestino,* p.126. 373
Christopher Walker, Shamir defende o passado terrorista, *The Times* (Londres), 21 de outubro de 1983, p.24.
374 Frank, pp.91-4, 124, 139.
375 Martin Sicker, Ecos de um Poeta, *Sionista Americano.* Fevereiro de 1972, pp.32-3.

quer se livrar dos judeus, você deve ajudar o movimento sionista. " 376 Shamir hoje finge que não estava totalmente envolvido na orientação pró-nazista da Gangue Stern, mas temos todo o direito de concluir que a sua atitude contemporânea em relação ao conluio com os coronéis reflecte igualmente o seu pensamento de então, relativamente à colaboração com os nazis.

Dadas as ligações pré-guerra do Revisionismo com Mussolini, e o Fascismo declarado de muitos dos seus líderes, bem como das suas fileiras, devemos igualmente aceitar a palavra dos Sternistas quando disseram aos Nazis que eram totalitários. Foi o seu nacionalismo fascista e a sua convicção de que o anti-semitismo era, igualmente, uma forma legítima de nacionalismo para os gentios, que levou Yzernitzky a aprovar o pretenso pacto com o Diabo.

Stern é morto O

novo grupo rapidamente perdeu a maior parte de seus seguidores quando as fileiras começaram a perceber para onde Stern os estava liderando e retornaram ao Irgun ou se juntaram ao Exército Britânico. Os obstinados apenas aumentaram o seu intenso isolamento ao financiarem-se através do roubo de bancos sionistas e da extorsão de dinheiro a indivíduos. 377 As suas actividades anti-britânicas nesse período ascenderam a pouco mais do que uma bomba num escritório de imigração em Haifa em protesto contra a deportação de imigrantes ilegais para as Maurícias, alguns cartazes e tiroteios desesperados com o CID, auxiliados por dicas de ambos a Haganah e o Irgun, aproximou-se deles. Em 1941, muitos dos seus quadros foram presos, incluindo Yzernitzky. Em 9 de janeiro de 1942, o assalto a um banco Histadrut resultou no assassinato de dois funcionários, e os britânicos prenderam dois principais suspeitos. Como vingança, os Sternistas armaram uma armadilha para o CID. Em 20 de Janeiro, o que parecia ser um acidente explosivo numa das suas fábricas de bombas levou o CID ao local, onde outra bomba matou dois inspectores e feriu outros dois. Naturalmente, isto apenas fez com que o CID redobrasse os seus esforços, e a maior parte do que restou da organização foi rapidamente detida ou morta. Cada vez mais, Stern foi rejeitado por simpatizantes enquanto tentava se esconder. Não tendo outra escolha, refugiou-se no apartamento de um camarada que já havia sido preso. No dia 12 de fevereiro, o CID invadiu o local, encontrou-o num armário e assassinou-o. 378

O futuro caminho do terror Os

seguidores de Stern que ainda estavam livres foram consumidos pelo desejo de vingança contra a polícia e, em 22 de abril, o carro de um inspetor foi armadilhado e, em 1º de maio, o carro de outro policial escapou por pouco de ser explodido por uma mina elétrica. . Estes incidentes foram, no entanto, os seus últimos esforços, e então a organização praticamente entrou em colapso. Foi a fuga de Yzernitsky e Eliyahu Giladi, em 1 de Setembro de 1942, do Campo de Detenção de Mizra, perto do Acre, que marca o renascimento do movimento, agora renomeado como Lohamei Herut Yisrael (Combatentes pela Liberdade de Israel) ou Lehi, para abreviar. 379 Yzernitzky estava

lentamente a restabelecer contacto com os sobreviventes dispersos quando concluiu que Giladi se tinha tornado uma ameaça à segurança do grupo. Este último decidiu que tinham de embarcar numa campanha de assassinato de líderes da WZO, incluindo Ben-Gurion, e ameaçou expurgar aqueles dentro das suas fileiras que se opunham ao seu esquema. Yzernitzky, agindo por conta própria, ordenou que ele fosse morto sem julgamento interno, só depois reunindo alguns membros do grupo e oferecendo-se para ser ele próprio julgado, naquele momento e ali, se desaprovassem o que ele havia feito. Escusado será dizer que eles aceitaram a sua versão do caso. 380 No verão de 1943, Nathan Yalin-Mor enviou

um artigo do seu campo de detenção em Latrun, proclamando que a prisão era um desastre absoluto para um combatente clandestino. Daí em diante, qualquer membro de Leí pego em uma rede de arrasto foi proibido de descartar sua arma na tentativa de escapar da prisão.

A ordem era "Matar, ser morto, mas sem prisão!" 381 A defesa "racional" do novo comando era o conhecimento de que poderiam levar um tiro tornaria a polícia mais hesitante em isolar uma rua

---

[376] Betel, p.41.

[377] J. Bowyer Bell, *Terror Fora de Sião,*

p.66. 378 Bauer,

p.312. 379 Frank, p.124, e Nathan Yalin-Mor, The British Called Us The Stern Gang, *Israel Magazine,* fevereiro de 1973,

pp.78-9. 380 Amos Nevo, Shamir alcança o cargo de primeiro-ministro sem pressão, *Yediot Ahronot,* 7 de setembro de 1983.

[381] Yalin-Mor, p.79.

apenas para uma busca rotineira de identidade, mas na prática levou apenas à morte de mais alguns Sternistas e a polícia, ao mesmo tempo que apenas reforçou a imagem que o público tem deles como os últimos desesperados. Somente eles efetuou um "desarmamento interno" após a Páscoa de 1944, quando Begin, então à frente do Irgun, encontrou-se Yzernitzky e o convenceu de que a política interferia no planejamento "se a qualquer momento puder ser incidentes não planejados entre um ou mais homens clandestinos e forças inimigas." 382

Durante a noite de 31 de outubro para 1º de novembro de 1943, Yalin-Mor e 19 outros Sternistas abriram um túnel saiu de Latrun e logo um triunvirato assumiu o comando da FFI: Yalin-Mor e Scheib (Eldad) como seus propagandistas e Yzernitzky como Comandante de Operações. Scheib (Eldad) era um direitista místico, capaz de pouco mais do que bombástica retórica, e foi Yalin-Mor quem forneceu seu teorização política distinta. A notícia do Holocausto tornou psicologicamente impossível para para que, como judeus, continuassem como uma tendência fascista e pró-nazista, mas Yalin-Mor manteve e desenvolveu A demagogia de Stern. Agora a FFI via mais dois aliados potenciais: os soviéticos, que Yalin-Mor entendido que reverteria para uma postura anti-britânica após a guerra; e os árabes. Enquanto ainda proclamando o seu objectivo de um Estado sionista desde o Mediterrâneo até ao Eufrates, eles agora insistiam que faziam parte de uma frente anti-imperialista mais ampla no Médio Oriente.

Sua nova linha forneceu grande parte da justificativa pública por trás do ataque de 6 de novembro de 1944 no Cairo. assassinato de Walter Guinness, Lord Moyne, Ministro Residente de Churchill no Oriente Médio. O Os jovens assassinos foram Eliyahu Hakim e Eliyahu Bet Zouri, mas o organizador era um barbudo Chassid em Tel Aviv: rabino Dov Shamir. 383 Shamir ainda defende o assassinato. Moyne

> ... era secretário colonial quando o infeliz navio de imigrantes, o Struma, chegou a Istambul, e foi ele quem que pressionou os turcos a empurrá-lo de volta para o Mar Negro... Foi ele quem perguntou, quando houve havia uma chance de salvar um milhão de judeus do Holocausto nazista: "O que farei com eles?" [384]

No entanto, já em 1940, Stern escreveu aos nazistas para contar-lhes sobre suas atividades militares que, "de acordo com os nossos determinados preparativos", espalhar-se-ia "fora da Palestina". Quando em 1941 Yalin-Mor chegou à Palestina Stern contou-lhe sobre sua ambição de assassinar o Ministro Residente no Egito como uma ilustração de que a sua luta não era apenas contra a presença britânica na Palestina, mas contra o Império como tal. Mas quando Londres nomeou um australiano como residente, o plano teve que ser temporariamente arquivado, pois o assassinato de um australiano não seria compreendido. A atribuição do o ex-secretário colonial do cargo, em 1944, reviveu o plano. 385

Em 1944, o sionismo na Palestina não era de grande interesse para os egípcios que ainda estavam preocupados com o domínio britânico do seu próprio país, e havia uma simpatia natural pelos dois jovens que mataram os representantes dos odiados estrangeiros, e as ilusões locais só foram reforçadas quando Bet Zouri insistiu que não eram sionistas. 386

Embora o papel de Moyne em negar a Palestina como refúgio aos Judeus da Europa seja o pretexto de Shamir para o assassinato, o assassinato não fez nada para ajudar os judeus ainda sobreviventes no território ocupado pelos nazistas, e alienou grande parte da opinião pública e governamental britânica da causa sionista, e provou a questão que permitiu à Haganah colaborar abertamente com o CID para suprimir o Irgun. 387 (Ver capítulo 11.) Na verdade, a FFI foi forçada a restringir as suas actividades, num acordo com o Haganá. 388 Begin, cujos homens estavam sendo perseguidos pela Haganah, relata que:

> Nossos homens ficaram surpresos ao ver membros ativos da FFI andando despreocupados pelas ruas de Tel Aviv. O enigma era resolvido mais tarde, quando o Movimento de Resistência unido foi formado. Disseram-me então que, em novembro de 1944, a FFI prometeram a Golomb (da Haganah) que suspenderiam as operações contra os britânicos e, conseqüentemente, A Haganah não tocou a FFI durante esse período. [389]

---

[382] Menachem Begin, *A Revolta,* p.107.
[383] Frank, p.189 passim.
[384] caminhante.
[385] Bernard Wasserstein, Nova luz sobre o assassinato de Moyne, *Midstream,* março de 1980, p.33.
[386] Franco. pp.262, 277.
[387] Michael Cohen, The Moyne Assassination, novembro de 1944: A Political Analysis, *Middle Eastern Studies,* outubro de 1979, p.370.
[388] Bauer, pp.329-30.
[389] Começar, p.151.

A nova respeitabilidade da Gangue Stern O acordo com a Haganah floresceu no Tnuat HaMeri do pós-guerra, de curta duração, que de repente deu aos anteriormente desprezados fascistas e terroristas da Gangue Stern uma nova respeitabilidade aos olhos sionistas, mas a aliança se desfez na sequência do atentado bombista no Hotel King David, que também, indirectamente, provou ser a ruína do rabino Shamir. O Exército Britânico concluiu que o Irgun organizou o bombardeio do Hotel Jerusalém em Tel Aviv e, no início de agosto de 1946, impôs um toque de recolher na cidade. Shamir, embora disfarçado com uma barba preta, um chapéu de feltro preto e um longo kaftan, foi apanhado numa batida na rua e avistado por um detetive que o reconheceu pelas sobrancelhas espessas. 390 Duas semanas mais tarde foi levado para a prisão em Asmara, na Eritreia. Ele e vários Irgunistas saíram da sua prisão num túnel em 14 de Janeiro de 1947 e, depois de uma viagem sufocante num compartimento escondido num camião de gasolina, ele chegou a Adis Abeba. De lá, ele conseguiu chegar ao Djibouti, na Somalilândia Francesa, onde foi novamente preso. O representante do Irgun em França, no entanto, convenceu o primeiro-ministro Robert Schumann, que era anti-britânico em resposta ao esforço bem sucedido de Londres para empurrar a França para fora do Levante, a ordenar o transporte de Shamir e de outro fugitivo, um Irgunista, num navio naval francês. navio, e ele chegou à França no início de 1948 e recebeu asilo. 391 Ele chegou ao novo estado israelense em maio.

A propaganda de Yalin-Mor deu aos Sternistas uma imagem anti-imperialista, não apenas para várias centenas de jovens judeus na Palestina, mas também no estrangeiro. Ele disse à imprensa mundial que:

> Somos a favor de uma Palestina verdadeiramente democrática, livre e independente. Somos contra todo tipo de exploração. Não somos anti-socialistas. Acreditamos num Estado forte encorajado por métodos cooperativos. A maioria do povo judeu na Palestina são trabalhadores – acreditamos que irão governar bem o país. [392]

A maioria dos líderes do movimento eram, no entanto, ainda direitistas que viam tal retórica como uma tática astuta. 393 Estas correntes militaristas são notórias pela sua falta de clareza ideológica, as suas fileiras realmente não se importam com o que é dito em seu nome, desde que lhes seja permitido brincar com as suas bombas.
Houve pelo menos uma reunião com Meir Vilner, do Partido Comunista da Palestina. 394 No entanto, quando a União Soviética se pronunciou a favor do plano de partição da ONU de 1947, os Sternistas denunciaram a partição como uma negação do direito dos Judeus a toda Eretz Yisrael em ambos os lados do Jordão. Todas as noções da FFI como uma tendência progressista desapareceram completamente com a sua participação na carnificina em Dir Yassin. (Veja o capítulo 12.)

O Assassinato do Conde Folke Bernadotte Com o estabelecimento do estado sionista, a FFI dissolveu-se dentro de Israel propriamente dito, e os seus apoiantes juntaram-se às FDI, mas, tal como o Irgun, continuou a manter uma existência independente em Jerusalém. Foi o assassinato, em 17 de Setembro de 1948, do Conde Folke Bernadotte, o Mediador Especial da ONU para a Palestina, que causou a autodestruição da FFI. Durante meses, a imprensa criticou Bernadotte, e quando uma organização completamente desconhecida, Hazit HaMoledeth (Frente Pátria), assumiu o crédito pelo assassinato, todos entenderam que foi a Gangue Stern quem realmente o fez.
O assassinato foi instantaneamente percebido pelo mundo inteiro como um crime, e o regime de Ben-Gurion proibiu a FFI e prendeu Yalin-Mor e outros membros do grupo, com Shamir sendo forçado a se esconder. Naturalmente, a maioria dos organizadores tem relutado em descrever completamente o enredo.
A identidade do autor imediato, Yehoshua Cohen, foi, no entanto, descoberta muitos anos mais tarde, e ele confessou o crime a Ben-Gurion, que se tinha tornado – e continuava a ser – seu amigo íntimo. 395

---

390 Betel, p.271.
391 Andador.
392 Constantine Poulos, War Chief Pledges Fight - "Wherever Union Jack Flies", *New York Post,* 28 de dezembro de 1945.
393 YS Brenner, The "Stern Gang" 1940-48, *Middle Eastern Studies,* outubro de 1965, pp.7, 13.
394 Dan Margalit, Leí sobre Leí, *Ha'aretz,* 11 de fevereiro de 1983.
395 Michael Bar-Zohar, *Ben-Gurion,* pp.180-81, o amigo mais próximo de Ben-Gurion assassinou o mediador da ONU Bernadotte, *Palestina Livre,* abril de 1971; Israel Shahak, Coleção: *Yitzhak Shamir, o atual primeiro-ministro de Israel: um terrorista, um assassino, um colaborador dos nazistas,* p.2.

Os promotores israelenses decidiram que não havia provas suficientes para ligar diretamente Yalin-Mor ao agir, e preferiu julgá-lo e Matityahu Shmulewitz sob a Prevenção do Terrorismo Portaria, perante um tribunal militar, como líderes de uma organização terrorista. 396 Yalin-Mor denunciou Bernadotte perante o tribunal: "Ele atrapalhou a absorção judaica do Reino da Transjordânia, bem como de toda a Palestina." 397 Yalin-Mor foi condenado a oito anos e Shmulewitz a cinco anos de prisão. Yalin-Mor, no entanto, concorreu nas eleições de 25 de janeiro de 1949 para o primeiro Knesset na lista do Fighters Party, ganhou uma cadeira e foi anistiado em 14 de fevereiro juntamente com todos aqueles que ainda estão detidos. 398 Shamir conseguiu sair do esconderijo.
Shamir foi um dos organizadores do assassinato? Trinta e quatro anos depois, ele se recusou a conceder uma entrevista ao Dr. Amitsur Ilan, que estava pesquisando o caso, mas, baseando-se em fontes publicadas e outras entrevistas bem-sucedidas, Ilan concluiu que Shamir foi o principal responsável pela ação. 399
O veredicto de Ilan é a opinião geral daqueles que escreveram sobre o assunto, como aconteceu com Benny Morris, que escreveu o artigo de fundo *do Jerusalem Post* sobre o futuro primeiro-ministro: "Ele geralmente é acredita-se ter sido responsável pelo planejamento do ... assassinato do mediador da ONU para a Palestina, Conde Folke Bernadotte em setembro de 1948." 400
Shamir ficou com o Fighters Party de curta duração enquanto durou, mas começou imediatamente desintegrando-se, com a saída dos ultradireitistas em 1950. Yalin-Mor não concorreu novamente em 1951 eleições e o Partido desapareceu de cena. Shamir e Yalin-Mor iniciaram negócios que logo falhou. Shamir então administrou uma rede de cinemas e depois tentou abrir um empresa de construção no Negev.[401]

De Terrorista Subterrâneo a Terrorista de Estado

Em 1955, o governo trabalhista recrutou o antigo organizador de assassinatos para o Mossad. Naturalmente, a sua carreira na polícia secreta sionista está envolta em obscuridade. *Quem é quem em Israel – 1978,* em conformidade com sua prática padrão relativa a tais agentes, apenas o listou como tendo ingressou na função pública em um "posto sênior". 402 Ele teria sido um dos principais assessores do então chefe do Mossad, Isser Harel, e ter organizado diversas operações contra cientistas alemães em Egito. 403 Podemos conjecturar se ele tinha alguma ligação com as cartas-bomba eles receberam. Também foi relatado que ele era chefe dos escritórios europeus do Mossad quando aposentou-se em 1965. 404

Após sua aposentadoria, Shamir tornou-se um pequeno empresário e depois gerente de diversas empresas, em no final da década de 1960, gerenciando uma pequena fábrica de borracha em Kfar Sava. 405 Ele se tornou ativo no judaísmo soviético movimento, juntou-se ao Partido Herut em 1970 e foi nomeado chefe do seu novo departamento de imigrantes. Mas o que quer que Begin possa ter pensado dele naqueles dias, quando concorreu pela primeira vez ao Knesset, em Em dezembro de 1973, ele estava apenas em 27º lugar na lista de Herut. 406
Embora não houvesse nada que distinguisse o seu trabalho dentro do Knesset, uma vez no parlamento, a sua ascensão foi rápido e em 1975 foi eleito presidente do partido. Em 1977, após o triunfo do Likud, tornou-se Presidente do Knesset. Sempre linha dura, ele se absteve na votação de setembro de 1978 sobre o Camp Acordo de David e, em março de 1979, absteve-se no tratado de paz egípcio. Ele acreditava que Sadat só queria recuperar o território egípcio antes de voltar a uma postura rejeicionista.[407]
Em março de 1980 ele sucedeu Moshe Dayan como Ministro das Relações Exteriores, depois que Dayan concluiu que Begin era simplesmente enganando Carter no que diz respeito à implementação até mesmo da "autonomia" inadequada exigida pela

---

396 Friedman-Yellin resume a defesa, *Palestine Post,* 23 de janeiro de 1949, p.3.
397 Moshe Menuhin, Um Tributo ao Conde Folke Bernadotte, *Mundo Árabe,* setembro de 1968, p.10.
398 Sune Persson, *Mediação e Assassinato,* p.205.
399 Akiva Eldar e Amnon Barzillai, Yitzhak Shamir, O Homem do Mistério, *Ha aretz,* 7 de setembro
400 Benny Morris, Shamir sai das sombras para os holofotes do mundo, *Jerusalem Post,* 18 de setembro de 1983, p.2.
401 Nevo e Arie Dayan, Shamir em 1949: Nathan Yalin-Mor em Yitzhak Shamir, *Koteret Rashit,* 7 de setembro de 1983.
402 Shamir, Yitzhak, *Quem é Quem em Israel - 1978,* p.330.
403 Sobrinho.
404 Shamir, o Terrorista, *Palestina Livre,* Novembro de 1983, p.3.
405 Morris.
406 Ibidem.
407 Ibidem.

Acordo de Camp David. O facto de ele manter a sua consagrada capacidade de fantasiar tornou-se evidente no seu novo cargo, tal como no seu discurso de 5 de Outubro de 1981 perante a ultraconservadora Associação de Política Externa em Nova Iorque:

> A opinião pública no Ocidente está a ser exposta a fortes clamores em apoio à causa palestiniana... A propaganda árabe apela a uma pátria, como eles dizem, para os palestinianos sem-abrigo... É importante compreender o aspecto "Jordânia é Palestina" e que o conflito não é, e nunca foi, entre Israel e um povo sem Estado. Uma vez compreendido isto, a dimensão emocional que evoca problemas de consciência em algumas mentes será removida. Se for visto sob esta luz, temos por um lado um Estado Árabe Palestiniano-Jordânia, e Israel por outro, então o problema é reduzido a um conflito territorial entre estes dois Estados. O conflito terá então sido reduzido às suas proporções verdadeiras e controláveis. 408

O massacre

Como membro do gabinete, Shamir tem total responsabilidade por todos os aspectos da invasão do Líbano e o massacre que se seguiu, mas ele foi apontado pela Comissão Kahan como responsável por uma série de culpas individuais:

> O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Yitzhak Shamir, recebeu um aviso de que poderia ser prejudicado se a comissão determinasse que, depois de ter ouvido do Ministro Zippori, em 17.9.82, o relatório sobre as acções dos falangistas nos campos de refugiados, ele não tomou a decisão medidas adequadas para esclarecer se esta informação se baseava em factos e não levou a informação ao conhecimento do Primeiro-Ministro ou do Ministro da Defesa.
> No Memorando que o Ministro dos Negócios Estrangeiros nos apresentou em resposta à referida notificação, explicou que o que ouviu do Ministro Zippori sobre a "indisciplina" dos falangistas não o levou a compreender que se tratava de um massacre; ele pensava, antes, que se tratava de lutar contra os terroristas.
>
> Não é fácil decidir entre as versões conflitantes do que o Ministro Zippori disse ao Ministro das Relações Exteriores.
> Tendemos a pensar que na conversa telefónica o Ministro Zippori falou de uma "massacre" perpetrada pelos falangistas, e é possível que também tenha falado de "indisciplina".
> No entanto, não podemos excluir a possibilidade de o Ministro dos Negócios Estrangeiros não ter percebido ou não ter compreendido devidamente o significado do que ouviu do Ministro Zippori. O Ministro dos Negócios Estrangeiros também não escondeu que, ao relatar o que o Ministro Zippori lhe dissera, foi influenciado pelo seu conhecimento de que o Ministro Zippori se opunha à política do Ministro da Defesa e do Chefe do Estado-Maior em relação à guerra no Líbano, e particularmente à cooperação com os falangistas.
>
> O fenómeno que veio à tona neste caso – nomeadamente, o facto de a declaração de um ministro a outro não ter recebido a atenção que merecia devido a relações defeituosas entre membros do gabinete – é lamentável e preocupante. A impressão que tivemos é que o Ministro dos Negócios Estrangeiros não fez qualquer tentativa real de verificar se havia alguma coisa no que tinha ouvido do Ministro Zippori sobre as operações dos falangistas nos campos porque tinha uma atitude céptica a priori em relação às declarações do ministro que lhe relatou esta informação.
>
> É difícil encontrar uma justificação para a informação proveniente de um membro do Gabinete, especialmente nas circunstâncias em que a informação foi comunicada.
> O Ministro dos Negócios Estrangeiros deveria pelo menos ter chamado a atenção do Ministro da Defesa para a informação que recebeu e não se contentar em perguntar a alguém do seu gabinete se alguma nova informação tinha vindo de Beirute e com a expectativa de que as pessoas que viessem ao seu gabinete saberiam o que estava acontecendo e contaria a ele se algo fora do comum tivesse acontecido.
> Na nossa opinião, o Ministro dos Negócios Estrangeiros errou ao não tomar quaisquer medidas após a conversa com o Ministro Zippori em relação ao que tinha ouvido de Zippori sobre as acções falangistas nos campos.[409]

Recorde-se que o gabinete ouviu, em 16 de Setembro, a declaração do seu próprio Chefe de Gabinete de que "vejo nos seus olhos... o que estão à espera... Amin já falou em vingança e todos eles estão afiando as suas lâminas." Aqui, novamente, vemos como os Comissários tiraram conclusões minimalistas das claras evidências que tinham diante de si. Zippori foi alertado por Ze'ev Schiff, o analista militar do Ha aretz, e é razoável supor que ele informou Shamir sobre sua fonte ou que o Ministro das Relações Exteriores lhe pediu sua fonte.Além disso, Shamir pode ter antipatizado pessoalmente com Zippori por suas hesitações em relação à política do Chefe de Gabinete, mas Zippori foi apenas confirmando – no dia seguinte – os receios daquele mesmo Chefe do Estado-Maior. Shamir desconsiderou, primeiro, o Chefe

---

[408] Trechos do discurso do Ministro das Relações Exteriores de Israel, *Times,* 6 de outubro de 1981, p.10. 409
Trechos do relatório sobre a responsabilidade dos funcionários nos assassinatos em Beirute, *Times,* 9 de fevereiro de 1983, p.18.

da observação do Staff, e depois do relatório preciso de Zippori, porque, ao que parece – emocional e conscientemente – ele queria um massacre. Esta é a única conclusão que está em consonância com toda a sua carreira como um dos mais proeminentes assassinos e fanáticos do sionismo.

Shamir chega ao poder: o silêncio é ensurdecedor Por que não houve protestos nas fileiras de Sião pela ascensão ao poder de um homem com um histórico como o de Shamir? Apenas alguns meses antes, em Fevereiro, dois jornalistas que escreviam no *Ha'aretz,* o principal diário do país, tinham discutido a proposta do Gangue Stern aos nazis, por ocasião da denúncia do então Ministro dos Negócios Estrangeiros do sionista de esquerda Uri Avneri por entrevistar Arafat. Mas, além de um apelo de MK Virshuvski, do minúsculo Partido Shinui, para uma investigação, ninguém prestou muita atenção à denúncia.

Quando Shamir foi nomeado para suceder Begin, a Associação Israelita de Combatentes Antifascistas e Vítimas do Nazismo enviou telegramas ao Presidente Herzog e ao gabinete, implorando-lhes que não permitissem que Shamir assumisse o cargo, baseando o seu apelo nas evidências recentes de que Shamir estava "aquele que se esforçou para chegar a uma aliança com os representantes oficiais da Alemanha nazista". 410 E o Professor Yesheyahu Leibowitz, um dos mais ilustres académicos e críticos sociais de Israel, escreveu devidamente uma carta ao *Ha'aretz,* exigindo saber por que razão não houve de facto tal clamor pelo facto de o país ter agora um pretenso colaborador para a sua Primeiro ministro. A oposição oficial, o Alinhamento, manteve-se, no entanto, silenciosa.

O silêncio deles foi baseado em duas considerações. Imediatamente, não tinham qualquer desejo real de tomar o poder na sequência do colapso da bolsa de valores israelita, mas havia também profundas razões históricas para a sua lassidão. Os sionistas trabalhistas tinham plena consciência da política do bando Stern quando os permitiram entrar no Tnuat HaMeri, em 1945, e o governo trabalhista conhecia a história pessoal de Shamir quando o recrutou para o seu Mossad. Eles estavam familiarizados com o passado fascista de Herut quando acolheram Begin no seu gabinete em 1967. Como puderam, em 1983, fingir subitamente que estavam chocados com o passado de Shamir? Além disso, tinham-se ligado a tantos criminosos desde o Holocausto – Nixon e Vorster vêm-me imediatamente à mente – que perderam todo o interesse em queixar-se de um mero pretenso colaborador de Adolf Hitler.

A Crise Económica A 10 de Outubro de 1983, Shamir foi eleito, por 60-53, mas não antes das habituais concessões à Aguda, tão características do Likud. Foi-lhes devidamente prometido o seu quilo de carne: uma lei que restringe a comercialização de produtos suínos (a lei actual apenas proíbe a criação de porcos em áreas não-cristãs). E o governo concordou em pressionar o prefeito de Jerusalém para que abandonasse a construção planejada de uma piscina mista (isto é, masculina e feminina) em um bairro próximo a um projeto ortodoxo 411. Mas ele foi imediatamente confrontado com um problema a bolsa muito mais crucial do que qualquer número de trimestre. porcos ou banhistas seminus: o colapso da boursa, de valores de Tel Aviv. Para isso ele tinha a resposta padrão dos reaccionários em todo o mundo: cortes orçamentais. "O padrão de vida e o consumo serão reduzidos, exceto os dos grupos de renda mais baixa". 412 Mesmo antes da crise, as estatísticas previam claramente que a economia estava a caminhar para o desastre. Embora o desemprego fosse de apenas 5% a nível nacional, era em média 23% para os jovens entre os 18 e os 24 anos nas cidades em desenvolvimento. O desemprego entre os jovens nas favelas judaicas urbanas foi estimado em quase tão alto. 413 Ao mesmo tempo, as exportações de Agosto caíram 15% em relação ao Agosto anterior. As "exportações de segurança" caíram acentuadamente. 414 A agricultura de Israel estava a perder os seus mercados à medida que outros estados colmatavam a lacuna científica. O sistema Moshav, as explorações agrícolas privadas frouxamente ligadas através de cooperativas de comercialização, corriam o sério risco de falir, pois não tinham conseguido seguir o exemplo dos kibutzim, que anteriormente se tinham diversificado na indústria. Por outro lado, as importações aumentavam à medida que o défice comercial ascendia a 5 mil milhões de dólares em 1982.

---

410 Morris.

411 Joshua Brilhante, Aguda satisfeita; maioria para Shamir agora garantida, *Post,* 5 de outubro de 1983, p.1.

412 Shipler, Gabinete em Israel liderado por Shamir é votado, 60-53, *Times,* 11 de outubro de 1983, p.1. 413 Charles Hoffman, 23% dos jovens desempregados em cidades em desenvolvimento, *Post,* 12 de setembro de 1983, p.3.

414 Aaron Sittner, Queda nas exportações de agosto prevista para queda nas vendas de armas, *Post,* 12 de setembro de 1983, p.3.

A taxa de inflação anual de 132% praticamente obrigou o público em geral a procurar formas de reduzir as suas contas, e Yoram Aridor, Ministro das Finanças de Begin, calculou friamente que o governo estaria numa posição melhor se as pessoas investissem em acções em vez de em acções. bens de consumo. Novas emissões foram permitidas com a condição de que parte do dinheiro arrecadado fosse então emprestado ao Estado.[415]
O mercado decolou e o Índice de Ações saltou 70% líquido de inflação. Notícias de que Israel não tinha imposto sobre ganhos de capital trouxeram especuladores estrangeiros. Eventualmente, o boom foi seguido por uma quebra, e os bancos tiveram de obter empréstimos maciços do governo nos seus esforços para sustentar o mercado e, finalmente, acções dos seus próprios bancos, quando, no início de Outubro, o público começou a vender estes na sua corrida frenética para converter os seus shekels em rápida desvalorização em dólares. O colapso da moeda local levou as pessoas aos supermercados com a certeza de que os preços subiriam. A bolsa de valores foi forçada a fechar e o Post de 12 de Outubro publicou três fotografias: um Shamir feliz, sorrindo ao sentar-se na cadeira do Primeiro-Ministro, um Ministro das Finanças sombrio e uma fila de compradores numa fila num supermercado. Em 17 de outubro, Aridor estava fora e Yigal Cohen-Orgad tomou seu lugar. Apenas três meses antes, ele tentara falar no centro de Herut e apenas chegara ao ponto de dizer que as políticas de Aridor tinham falhado, quando o pandemónio se instalou e a reunião teve de ser adiada por receio pela sua segurança. 416 O novo ministro só poderia oferecer ao público uma onda de cortes no seu padrão de vida. Um aumento imediato
de 50% no preço dos alimentos, combustíveis e outros artigos subsidiados, e um aumento de 23% no custo dos bens importados, foram seguidos por um aumento nas taxas de juro e pela duplicação do imposto sobre viagens ao estrangeiro. Os impostos foram cobrados sobre abonos de família e pensões. Foram cobradas taxas para crianças que frequentavam a escola. A proposta foi feita para obrigar os desempregados a aceitar qualquer emprego que lhes fosse oferecido num raio de 60 quilómetros das suas casas, ou perderiam os seus benefícios. 417 O objectivo declarado é reduzir o nível de vida do público em geral em 10% a 12%, e o dos trabalhadores do sector governamental em 15%. 418 Presumia-se que o desemprego aumentaria, mas Cohen-Orgad insistiu que não mais de 18.000 judeus ficariam desempregados, uma vez que os primeiros a sair seriam muitos dos 80.000 trabalhadores árabes dos territórios ocupados. 419 Os burocratas da Histadrut, como sempre, reagiram da forma mais minimalista, com uma greve de duas horas no dia 16 de Outubro, apesar das exigências
dos conselhos locais e dos comités de trabalhadores para uma paralisação de um dia inteiro. 420 Em 12 de Dezembro de 1983, até os editorialistas do *Post* queixaram-se de que:

> ... a erosão dos salários reais entre Outubro e Janeiro pode ascender a 40-50 por cento. O grande mistério em tudo isto é o que Yeroham Meshel, o Secretário-Geral da Histadrut, está a fazer a respeito. Estará ele à espera de ataques espontâneos para ser levado na crista das ondas do descontentamento? Ou aceitou discretamente o argumento de que a única alternativa para o actual corte nos salários reais é o desemprego em massa, que ele teme
>
> ainda mais.[421]

Se se perceber que os trabalhadores industriais israelitas ganhavam apenas uma média de 4,67 dólares por hora em 1982, em comparação com o salário industrial médio de Espanha de 4,99 dólares, é bastante claro que a sua situação se tornará crítica. 422 Se o Alinhamento ou a OLP tivessem a menor capacidade estratégica, Shamir – e o Likud – cairiam como um tiro. Do jeito que está, é quase certo que ele perderá o cargo num futuro não muito distante, à medida que o descontentamento generalizado aumenta, mesmo que seja substituído apenas por outra figura do Likud ou pelos inactivos do Alinhamento. Dada a estagnação nacionalista da OLP e os seus actuais conflitos destrutivos, o afastamento dos trabalhadores orientais do Likud, uma certeza lenta mas segura agora, não irá imediatamente

---

415 Shlomo Maital, The Boursa Bubble, *Midstream,* novembro de 1983, pp.8-10. 416 A. Schweitzer, Democratas com um clube, *Ha'aretz,* 12 de julho de 1983. 417 Gil Sedan e Hugh Orgal, 1 milhão de trabalhadores israelenses realizam greve de 2 horas para protestar contra as políticas econômicas do governo, *JTA Daily News Bulletin,* 17 de outubro 1983, p.1; e Gil Sedan, Rush recomeça a comprar moeda estrangeira, *JTA DNB,* 1 de novembro de 1983, p.2; e David Landau, Gabinete aprova programa abrangente de reformas económicas, *JTA DNB,* 8 de Novembro de 1983, pp.1-2. 418 Jenni Frazer, Living Standards will fall, *Jewish Chronicle* (Londres), 11 de novembro de 1983, p.2; e oficial israelense é relatado para procurar

um congelamento parcial de assentamentos, *Times,* 29 de dezembro de 1983, p.3. 419 Gil Sedan, Cohen-Orgad pinta um quadro sombrio da economia de Israel, *JTA DNB,* 22 de novembro de 1983, p.1. 420 Joshua Brilliant, greve de 2 horas no domingo, *Post,* 12 de outubro de 1983, p.1.

421 Sucesso = inflação de 200%, *Post,* 18 de dezembro de 1983, p.24.

422 Os salários israelenses estão entre os mais baixos, *Post,* 27 de novembro de 1983, p.19.

desenvolver na direção do anti-sionismo. Estamos, no entanto, a testemunhar as fases iniciais da doença terminal do sionismo.

É impossível para qualquer regime sionista concebível resolver os seus problemas económicos sem pagar um preço político impressionante. Como Jabotinsky correctamente assinalou, o sionismo é um empreendimento colonizador, fundamentalmente em desacordo com as aspirações nacionais dos palestinianos e das massas pan-árabes. É o domínio bem sucedido da Palestina pelo sionismo, e agora do sul do Líbano, que garante que o país permanecerá isolado do mercado árabe mais amplo. Nem mesmo a abertura do Egipto ao abrigo do acordo de Camp David alterou esta situação, uma vez que o povo egípcio se recusa a comprar produtos israelitas, especialmente depois do Líbano. Além disso, os produtos israelitas não conseguem encontrar mercado aberto em nenhum país muçulmano, excepto a Turquia, ou em qualquer estado comunista, excepto a Roménia, e grande parte de África e da Ásia também está vedada às exportações israelitas.

O sionismo definitivamente fez florescer o deserto, a sua agricultura é o seu adorno. No entanto, as exportações agrícolas constituem actualmente apenas 10% das suas exportações e em 1983 estimou-se que 150.000 toneladas de citrinos tiveram de ser destruídas, uma vez que os custos excessivos da água e da terra, e a crescente concorrência científica de Marrocos, Argélia, Espanha e Grécia, consumido nos mercados europeus de Israel. 423O impulso da evolução económica de Israel tem sido necessariamente afastado da agricultura e em direcção às exportações industriais de alta tecnologia, nomeadamente armas, com base nas competências do seu estrato instruído. A sua recente metamorfose num explorador colonial clássico de mão-de-obra nativa barata criou, no entanto, um problema insolúvel no que respeita aos seus jovens desempregados e sub-educados nos bairros de lata judaicos e nas cidades em desenvolvimento, que não têm lugar na nova ordem científica e que podem já não se conformam com o trabalho manual mal remunerado, que agora consideram adequado apenas para os árabes. 424 Os militares serviram para atenuar o problema do desemprego, retirando os jovens do mercado de trabalho durante 28
meses e depois exigindo um mês por ano a praticamente todos os judeus do sexo masculino com menos de 45 anos. população que, mesmo sob um regime do Likud que professam desprezar, constitui uma percentagem desproporcional da força aérea e de outros quadros especializados. Além disso, o contato com equipamentos militares avançados serviu para desenvolver as capacidades técnicas de toda a força de trabalho. No entanto, o hipermilitarismo do sionismo é um fardo económico esmagador. Em 1982, o reembolso da dívida, em grande parte referente a armamento importado, constituía 35% do PIB de 1982. 425

A América vem em socorro Na sua
tentativa de resolver a crise económica, o regime de Shamir avançou em duas direcções. Cohen-Orgad recomenda um congelamento parcial de futuras colonizações na Cisjordânia. Foram propostos trinta e um novos acordos, mas o Ministro das Finanças quer reter o financiamento da maioria deles. 426 A Organização dos Colonos, com toda a razão, proclamou a sua política como sendo um "suicídio ideológico", pois qualquer recuo, por menor que seja, levanta o espectro do desaparecimento final de todo o esforço sionista.

Em 29 de Outubro de 1983, a administração Reagan emitiu a Directiva de Segurança Nacional III, optando por um papel israelita alargado no Líbano, e na visita de Shamir de 28 de Novembro a 2 de Dezembro a Washington, ele concordou em cooperar estrategicamente com a América. Um comité planeará exercícios militares conjuntos, organizará a utilização americana do porto de Haifa e o armazenamento de abastecimentos norte-americanos em Israel. Actualmente, o pacote de armas dos EUA para Israel é de 1,7 mil milhões de dólares, sendo metade dele uma subvenção. No ano fiscal de 1985, a América dará a Israel apenas 1,4 mil milhões de dólares em armamento, mas tudo isso será uma subvenção. Quinze por cento do dinheiro será gasto internamente pelos israelitas no desenvolvimento do caça Lavie, em vez de na compra de aviões americanos, um acordo sem precedentes na história da assistência militar dos EUA aos seus clientes.
O Pentágono terá permissão para comprar mais bens e serviços israelenses. Serão iniciadas negociações sobre um pacto de livre comércio, do qual apenas o Canadá desfruta agora. 427

---

423 Benjamin Rubin, A Revolução Silenciosa na Economia de Israel, *Midstream,* novembro de 1983, pp.3, 7.
424 Ibid., pág. 6.
425 Noam Chomsky, *O Triângulo Fatídico,* p.455. 426
Relata-se que funcionário israelense procura um congelamento parcial dos assentamentos, *Times,* 29 de dezembro de 1983, p.3. 427 Jack Colhoun, Israel recebe o dinheiro, Beirute recebe as bombas, *Guardian,* 14 de dezembro de 1983, p.13.

Sob o Alinhamento, a política israelita era evitar antagonizar indevidamente os soviéticos, mas o Likud vende-se agora à opinião pública americana como um bastião militante do "Mundo Livre" na luta global, e não apenas no contexto do Médio Oriente. 428 Portanto, a ligação com o virulentamente anti-soviético Reagan suscita naturalmente uma grande preocupação na opinião pública israelita. Shamir é um orador penoso e ninguém acreditou no seu discurso de 5 de Dezembro de 1983 no Knesset, negando que ele tivesse assumido quaisquer compromissos militares secretos. O Ha Aretz afirmou sem rodeios que era difícil acreditar que os americanos e os israelitas não coordenassem os seus ataques aéreos contra as forças nacionais sírias e libanesas. 429

A futura

opinião israelita tornou-se cada vez mais polarizada pela continuação da ocupação do Líbano, e a derrota das forças de Gemayel em Beirute Ocidental e a subsequente retirada dos fuzileiros navais dos EUA apenas exacerbaram a tensão interna. Quando Shamir visitou o Sul do Líbano no início de Novembro de 1983, um reservista disse-lhe que lhe parecia que estava num filme sobre a conquista alemã da Europa, e uma enorme minoria de israelitas já concordava com ele. 430 No início de Fevereiro, mesmo antes da derrota falangista, o Ha'aretz informou que 39,5% dos israelitas eram a favor de uma retirada incondicional. 431 O desastre de Gemayel e a retirada de Reagan significaram que o Likud falhou no seu esforço para impor um governo em Beirute que se juntasse a ele no policiamento da parte sul do país, e Shamir ficou com duas opções: retirada, que será interpretada como uma derrota política, se não militar, ou ocupação permanente do Sul do Líbano, com a certeza de mais mortes israelitas, sem trazer à vista uma solução política para o problema palestiniano. Além disso: em qualquer dos casos, Israel nunca recuperará o seu apoio popular nos EUA. O erro de cálculo de Reagan foi pensar que a “síndrome pós-Vietnã” finalmente havia se tornado uma coisa do passado. Em vez disso, em última análise, ele teve de enfrentar o facto de que o povo americano não está preparado para ver a sua juventude morrer em defesa do sistema capitalista. O elemento anti-sionista nos EUA saberá como aproveitar a nova “síndrome pós-Líbano” para se mobilizar contra quaisquer tentativas dos políticos de utilizar uma tropa israelita cada vez mais relutante para fazer o trabalho sujo de Wall Street.

Em ambas as sociedades, o crescente sentimento anti-guerra é enfraquecido pelo profundo atraso ideológico das grandes massas, embora por razões muito diferentes. Na América rica, o reformismo, baseado nessa riqueza, é endemicamente forte, e a situação é agravada no caso da Palestina devido à dependência financeira da ala liberal do Partido Democrata – que, em todos os outros casos, expressa eleitoralmente a sentimentos anti-guerra de amplas camadas do público, mesmo que timidamente – nos mesmos ricos doadores judeus que contribuem para os cofres sionistas. 432 O professor Israel Shahak, o ilustre anti-sionista israelita, está absolutamente correcto quando escreve que

> Vemos... o quanto a corrente dominante do chamado ativismo americano pelos direitos humanos foi corrompida quando a questão é o racismo judaico. Até hoje (1983). não encontraremos muitas organizações nos EUA que pronunciem uma palavra de protesto contra esta atrocidade (destruição de casas que albergam alegados terroristas), e refiro-me nem mesmo àquelas organizações que de vez em quando dizem uma palavra ou duas sobre "resolver o problema palestino".[433]

Na Palestina, as massas, tanto árabes como judaicas, ainda são dominadas pela ideologia nacionalista. Os líderes do movimento Paz Agora, de longe o maior elemento dentro do amplo campo judaico da paz, são racistas incuráveis. O seu compromisso com o sionismo é tão profundo que não procuram recrutar membros entre a minoria árabe de 17% entre os cidadãos israelitas. 434 É bem sabido que qualquer “movimento de paz” que se recuse categoricamente a recrutar 17% da população do seu país condena automaticamente

---

428 Yoram Pen, *coexistência ou hegemonia? Mudanças no Conceito de Segurança Israelense, As Raízes do Sucesso de Begin,* (D. Caspi, A. Diskin, E. Gutmann, editores), p.206.

429 Christopher Walker, Shamir nega acordo com os EUA à medida que crescem os receios de um conflito entre superpotências, *Times* (Londres), 6 de Dezembro de 1983, p.7. 430 Um soldado disse a Shamir: Sinto-me como um guerreiro alemão, *Al Hamishmar,* 9 de Novembro de 1983.

431 Shipler, Israelenses relataram improvável participação na briga em Beirute, *Times,* 7 de fevereiro de 1984, p.16. 432 Stephen Isaacs, *Judeus e Política Americana,* pp.120-24, 279. 433 Israel Shahak, Is Israel on the Road to Nazism?, *Freedomways,* vol.23, no.3, 1983, pp.158-9. 434 Entrevista com Galia Golan, 31 de agosto de 1983.

se à impotência. O Peace Now depende do Alinhamento que substituirá inevitavelmente o cada vez mais impopular Likud. É certo que o Likud cairá inexoravelmente, mas pensar que os colonialistas e racistas do Alinhamento podem resolver a crise de uma sociedade colonial e racista é demonstrar extrema ingenuidade.

Para que a causa palestiniana avance, deve superar o seu nacionalismo, o reformismo e o terrorismo.
A OLP está agora profundamente dividida pela sua recente guerra civil fratricida no Líbano e pela subsequente visita de Arafat a Mubarak do Egipto. É demasiado cedo para dizer se continuará como uma entidade, ou mesmo se alguma das suas facções em conflito continuará na sua forma actual. Uma coisa, porém, é absolutamente certa: a luta contra o sionismo continuará e, inevitavelmente, terá sucesso.
Jabotinsky estava bastante correto ao definir o sionismo como um empreendimento colonial e racista. Ele imaginou um Estado sionista triunfante no meio de um Médio Oriente e de um mundo dominado pelo imperialismo, com a população palestiniana a aceitar a sua sorte, como tantos povos nativos tinham sido forçados a fazer antes deles. Ele não previu o nosso mundo, um mundo onde a maioria dos povos coloniais conquistaram a sua independência. Ele nunca poderia ter previsto uma situação em que os Palestinianos fossem o elemento mais educado do mundo Árabe e, inexoravelmente, isso será a queda do Revisionismo-Sionista e da sua doutrina do muro de ferro. Pois não é da natureza da mente educada moderna aceitar até mesmo a menor desigualdade entre as nações. Os palestinianos suportaram muitas provações terríveis e novas provações serão o seu destino, mas têm a capacidade de crescimento ideológico, tal como todas as forças oprimidas, e irão, inevitavelmente, desenvolver a estratégia correcta para a vitória.

O antídoto para a política do muro de ferro é um movimento secular democrático para uma Palestina secular democrática, uma organização que une o povo palestino com a minoria progressista de judeus, uma minoria que certamente crescerá como resultado das guerras intermináveis impostas à população judaica. pela própria natureza do sionismo e pela crise económica criada por essas mesmas guerras. Pensar de outra forma, acreditar na permanência do muro de ferro, é sustentar que haverá uma excepção eterna ao impulso em direcção a um mundo secular democrático.

APÊNDICE 1

Vladimir Jabotinsky

A Parede de Ferro

(Nós e os árabes)

(1923)

Publicado pela primeira vez em russo sob o título **O Zheleznoi Stene** em *Rassvyet,* 4 de novembro de 1923.
Publicado em inglês no *Jewish Herald* (África do Sul), 26 de novembro de 1937.
Transcrito e revisado por Lenni Brenner.
Marcado por Einde O Callaghan para REDS - Die Roten.

Contrariamente à excelente regra de ir direto ao ponto, devo começar este artigo com uma introdução pessoal. O autor destas linhas é considerado um inimigo dos árabes, um defensor da sua expulsão, etc. Isto não é verdade. A minha relação emocional com os árabes é a mesma que é com todos os outros povos – indiferença educada. A minha relação política caracteriza-se por dois princípios. Primeiro: a expulsão dos árabes da Palestina é absolutamente impossível de qualquer forma.
Haverá sempre duas nações na Palestina – o que é suficiente para mim, desde que os Judeus se tornem a maioria. Segundo: tenho orgulho de ter sido membro do grupo que formulou o Programa Helsingfors. Nós a formulamos, não só para os judeus, mas para todos os povos, e a sua base é a igualdade de todas as nações. Estou preparado para jurar, por nós e pelos nossos descendentes, que nunca destruiremos esta igualdade e nunca tentaremos expulsar ou oprimir os árabes. Nosso credo, como o leitor pode ver, é completamente pacífico. Mas é outra questão se será possível alcançar os nossos objectivos pacíficos através de meios pacíficos. Isto depende, não da nossa relação com os árabes, mas exclusivamente da relação dos árabes com o sionismo.

Depois desta introdução, posso agora ir direto ao ponto. Que os árabes da Terra de Israel cheguem voluntariamente a um acordo connosco está além de todas as esperanças e sonhos no presente e no futuro previsível. Expresso esta minha convicção interior de forma tão categórica, não por qualquer desejo de consternar a facção moderada do campo sionista, mas, pelo contrário, porque desejo salvá-los de tal consternação. Com exceção daqueles que foram virtualmente “cegos” desde a infância, todos os outros sionistas moderados há muito compreenderam que não há a menor esperança de algum dia obter o acordo dos árabes da Terra de Israel para que a “Palestina” se torne um país com maioria judaica.

Cada leitor tem alguma ideia da história inicial de outros países que foram colonizados. Sugiro que ele se lembre de todos os casos conhecidos. Se ele tentar procurar apenas uma instância de um país estabelecido com o consentimento daqueles que ali nasceram, não terá sucesso. Os habitantes (sejam civilizados ou selvagens) sempre lutaram obstinadamente. Além disso, a forma como o colono agiu não teve qualquer efeito. Os espanhóis que conquistaram o México e o Peru, ou os nossos próprios antepassados nos tempos de Joshua ben Nun, comportaram-se, poder-se-ia dizer, como saqueadores. Mas aqueles “grandes exploradores”, os ingleses, escoceses e holandeses, que foram os primeiros verdadeiros pioneiros da América do Norte, eram pessoas dotadas de um padrão ético muito elevado; pessoas que não só queriam deixar os peles-vermelhas em paz, mas também tinham pena de uma mosca; pessoas que com toda a sinceridade e inocência acreditavam que naquelas florestas virgens e vastas planícies havia amplo espaço disponível tanto para o homem branco como para o homem vermelho. Mas o nativo resistiu tanto aos colonos bárbaros quanto aos civilizados com o mesmo grau de crueldade.

Outro ponto que não surtiu efeito algum foi a existência ou não de suspeita de que o colono desejava retirar o habitante de suas terras. As vastas áreas dos EUA nunca abrigaram mais de um ou dois milhões de indianos. Os habitantes lutaram contra os colonos brancos não por medo de que pudessem ser expropriados, mas simplesmente porque nunca houve um habitante indígena em qualquer lugar ou em qualquer época que tenha aceitado a instalação de outros no seu país. Qualquer povo nativo – tanto faz se for civilizado ou selvagem – vê o seu país como a sua casa nacional, da qual será sempre o senhor completo. Eles não permitirão voluntariamente, não apenas um novo mestre, mas até mesmo um novo parceiro. E assim é para os árabes. Os conciliadores entre nós tentam convencer-nos de que os Árabes são uma espécie de tolos que podem ser enganados por uma formulação suavizada dos nossos objectivos, ou uma tribo de gananciosos que abandonarão o seu direito de nascença à Palestina em troca de ganhos culturais e económicos. Rejeito categoricamente esta avaliação dos árabes palestinianos. Culturalmente estão 500 anos atrás de nós, espiritualmente não têm a nossa resistência nem a nossa força de vontade, mas isso esgota todas as diferenças internas.

Podemos falar o quanto quisermos sobre as nossas boas intenções; mas eles entendem tão bem quanto nós o que não é bom para eles. Eles olham para a Palestina com o mesmo amor instintivo e verdadeiro fervor que qualquer asteca olhou para o seu México ou qualquer Sioux olhou para a sua pradaria. Pensar que os árabes consentirão voluntariamente na realização do sionismo em troca dos benefícios culturais e económicos que lhes podemos conceder é infantil. Esta fantasia infantil dos nossos "arabófilos" vem de algum tipo de desprezo pelo povo árabe, de algum tipo de visão infundada desta raça como uma ralé pronta para ser subornada a fim de vender a sua terra natal por uma rede ferroviária.

Esta visão é absolutamente infundada. Os árabes individuais poderão talvez ser subornados, mas isso dificilmente significa que todos os árabes em Eretz Israel estejam dispostos a vender um patriotismo que nem mesmo os papuas negociarão. Todos os povos indígenas resistirão aos colonos estrangeiros enquanto tiverem alguma esperança de se livrarem do perigo da colonização estrangeira.
É isso que os Árabes na Palestina estão a fazer, e o que continuarão a fazer enquanto subsistir uma centelha solitária de esperança de que serão capazes de impedir a transformação da "Palestina" na "Terra de Israel".

Alguns de nós imaginávamos que tinha ocorrido um mal-entendido, que porque os árabes não compreenderam as nossas intenções, eles se opuseram a nós, mas, se lhes deixássemos claro quão modestas e limitadas são as nossas aspirações, eles então estenderiam os braços em paz. Esta também é uma falácia que já foi provada repetidas vezes. Preciso me lembrar apenas de um incidente. Há três anos, durante uma visita aqui, Sokolow fez um grande discurso sobre este mesmo "mal-entendido", empregando uma linguagem incisiva para provar quão grosseiramente equivocados estavam os árabes ao supor que pretendíamos tirar-lhes as propriedades ou expulsá-los do país, ou para suprimi-los. Definitivamente não foi assim. Nem sequer queríamos um estado judeu. Tudo o que queríamos era um regime representante da Liga das Nações. Uma resposta a este discurso foi publicada no jornal árabe *Al Carmel* num artigo cujo conteúdo apresento aqui de memória, mas tenho certeza de que é um relato fiel.

Nossos grandes sionistas estão desnecessariamente perturbados, escreveu seu autor. Não há mal-entendido.
O que Sokolow afirma em nome do sionismo é verdade. Mas os árabes já sabem disso. Obviamente, os sionistas de hoje não podem sonhar em expulsar ou suprimir os árabes, ou mesmo em criar um Estado judeu. É evidente que neste período eles só estão interessados numa coisa – que os árabes não interfiram na imigração judaica. Além disso, os sionistas comprometeram-se a controlar a imigração de acordo com a capacidade económica de absorção do país. Mas os árabes não têm ilusões, uma vez que nenhuma outra condição permite a possibilidade de imigração.

O editor do jornal está mesmo disposto a acreditar que a capacidade de absorção de Eretz Israel é muito grande, e que é possível estabelecer muitos judeus sem afectar um árabe. É exatamente isso que os sionistas querem e o que os árabes não querem. Desta forma, os Judeus tornar-se-ão, pouco a pouco, uma maioria e, ipso facto, um Estado Judeu será formado e o destino da minoria Árabe dependerá da boa vontade dos Judeus. Mas não foram os próprios judeus que nos disseram como era agradável ser uma minoria? Não existe nenhum mal-entendido. Os sionistas desejam uma coisa – liberdade de imigração – e é a imigração judaica que não queremos.

A lógica empregada por este editor é tão simples e clara que deveria ser aprendida de cor e ser uma parte essencial da nossa noção da questão árabe. Não tem importância se citamos Herzl ou Herbert Samuel para justificar as nossas actividades. A própria colonização tem sua própria explicação, integral e

inescapável e compreendido por todo árabe e todo judeu com sua inteligência. A colonização só pode ter um objetivo. Para os árabes palestinianos este objectivo é inadmissível. Isso está na natureza das coisas.
Mudar essa natureza é impossível.
Um plano que parece atrair muitos sionistas é o seguinte: se é impossível obter o endosso do sionismo por parte dos árabes da Palestina, então este deve ser obtido dos árabes da Síria, do Iraque, da Arábia Saudita e talvez do Egipto. Mesmo que isto fosse possível, não mudaria a situação básica. Isso não mudaria a atitude dos árabes na Terra de Israel em relação a nós. Há setenta anos, foi alcançada a unificação da Itália, com a retenção pela Áustria de Trento e Trieste. Contudo, os habitantes dessas cidades não só se recusaram a aceitar a situação, como também lutaram contra a Áustria com vigor redobrado. Se fosse possível (e duvido disso) discutir a Palestina com os árabes de Bagdad e Meca como se fosse uma espécie de pequena e imaterial região fronteiriça, então a Palestina continuaria a ser para os palestinianos não uma região fronteiriça, mas o seu local de nascimento, o centro e base da sua própria existência nacional. Portanto, seria necessário prosseguir a colonização contra a vontade dos árabes palestinianos, que é a mesma condição que existe agora.

Mas um acordo com árabes fora da Terra de Israel também é uma ilusão. Para que os nacionalistas em Bagdad, Meca e Damasco concordassem com uma contribuição tão cara (concordando em renunciar à preservação do carácter árabe de um país localizado no centro da sua futura "federação") teríamos de lhes oferecer algo igualmente valioso. Só podemos oferecer duas coisas: ou dinheiro, ou assistência política, ou ambos. Mas não podemos oferecer nenhum dos dois. No que diz respeito ao dinheiro, é ridículo pensar que poderíamos financiar o desenvolvimento do Iraque ou da Arábia Saudita, quando não temos o suficiente para a Terra de Israel.
Dez vezes mais ilusória é a assistência política às aspirações políticas árabes. O nacionalismo árabe estabelece para si os mesmos objectivos estabelecidos pelo nacionalismo italiano antes de 1870 e pelo nacionalismo polaco antes de 1918: unidade e independência. Estas aspirações significam a erradicação de qualquer vestígio de influência britânica no Egipto e no Iraque, a expulsão dos italianos da Líbia, a remoção do domínio francês da Síria, Túnis, Argel e Marrocos. Apoiarmos tal movimento seria suicídio e traição. Se ignorarmos o facto de a Declaração Balfour ter sido assinada pela Grã-Bretanha, não podemos esquecer que a França e a Itália também a assinaram. Não podemos intrigar sobre a remoção da Grã-Bretanha do Canal de Suez e do Golfo Pérsico e a eliminação do domínio colonial francês e italiano sobre o território árabe. Tal jogo duplo não pode ser considerado de forma alguma.

Assim concluímos que não podemos prometer nada aos árabes da Terra de Israel ou aos países árabes. O seu acordo voluntário está fora de questão. Portanto, aqueles que defendem que um acordo com os nativos é uma condição essencial para o sionismo podem agora dizer “não” e afastar-se do sionismo.
A colonização sionista, mesmo a mais restrita, deve ser terminada ou levada a cabo desafiando a vontade da população nativa. Esta colonização só pode, portanto, continuar e desenvolver-se sob a protecção de uma força independente da população local – um muro de ferro que a população nativa não consegue romper. Esta é, na totalidade, a nossa política em relação aos árabes. Formulá-lo de outra forma seria apenas hipocrisia.

Não apenas deve ser assim, mas é assim, quer o admitamos ou não. O que a Declaração Balfour e o Mandato significam para nós? É o facto de uma potência desinteressada se ter comprometido a criar tais condições de segurança que a população local seria dissuadida de interferir nos nossos esforços.
Todos nós, sem exceção, exigimos constantemente que este poder cumpra rigorosamente as suas obrigações.
Neste sentido, não existem diferenças significativas entre os nossos “militaristas” e os nossos “vegetarianos”. Um prefere um muro de ferro de baionetas judaicas, o outro propõe um muro de ferro de baionetas britânicas, o terceiro propõe um acordo com Bagdá, e parece estar satisfeito com as baionetas de Bagdá – um gosto estranho e um tanto arriscado, mas que todos aplaudimos, dia e noite , a parede de ferro. Destruiríamos a nossa causa se proclamássemos a necessidade de um acordo e enchêssemos as mentes do Mandatário com a crença de que não precisamos de um muro de ferro, mas sim de conversações intermináveis. Tal proclamação só pode nos prejudicar.
Portanto, é nosso dever sagrado expor tal conversa e provar que é uma armadilha e uma ilusão.
Duas breves observações: Em primeiro lugar, se alguém objetar que este ponto de vista é imoral, respondo: não é verdade; ou o sionismo é moral e justo ou é imoral e injusto. Mas esta é uma questão que deveríamos ter resolvido antes de nos tornarmos sionistas. Na verdade, resolvemos essa questão, e de forma afirmativa.

Afirmamos que o sionismo é moral e justo. E uma vez que é moral e justa, a justiça deve ser feita, não importa se Joseph, Simon, Ivan ou Achmet concordam ou não com ela.
Não há outra moralidade.
Tudo isto não significa que qualquer tipo de acordo seja impossível, apenas um acordo voluntário é impossível. Enquanto houver uma centelha de esperança de que possam livrar-se de nós, eles não venderão essas esperanças, nem por qualquer tipo de palavras doces ou petiscos saborosos, porque não são uma ralé, mas uma nação, talvez um pouco esfarrapada, mas ainda vivo. Um povo vivo só faz concessões tão enormes em questões tão fatídicas quando já não há mais esperança. Só quando não é visível uma única brecha na parede de ferro é que os grupos extremistas perdem o seu domínio e transferem influência para grupos moderados. Só então estes grupos moderados viriam ter connosco com propostas de concessões mútuas. E só então os moderados oferecerão sugestões para um compromisso em questões práticas como uma garantia contra a expulsão, ou igualdade e autonomia nacional.
Estou optimista em que lhes serão efectivamente concedidas garantias satisfatórias e que ambos os povos, tal como bons vizinhos, poderão então viver em paz. Mas o único caminho para tal acordo é o muro de ferro, ou seja, o fortalecimento na Palestina de um governo sem qualquer tipo de influência árabe, ou seja, um governo contra o qual os árabes lutarão. Por outras palavras, para nós o único caminho para um acordo no futuro é uma recusa absoluta de qualquer tentativa de acordo agora.

APÊNDICE 2

[Gangue Estelar]

Fundamentos da proposta da Organização Militar Nacional na Palestina (Irgun Zewai Leumi) sobre a solução da questão judaica na Europa e a participação ativa da NMO na guerra ao lado da Alemanha

(1941)

Aus David Yisraeli, *The Palestine Problem in German Politics, 1889-1945,* (Phd.), Bar Ilan University, Ramat Gan, Israel, 1974. Em hebraico, p. 315-317.
Transcrição e marcação HTML: Einde O Callaghan para REDS - The Reds.
Reprodução em Roger Garaudy, *Palestina, terra das mensagens divinas,* Paris, Albatros, 1986, p. 365-7.

Tem sido frequentemente enfatizado nas suas declarações e discursos pelos principais estadistas da Alemanha Nacional Socialista que uma reorganização da Europa pressupõe uma solução radical para a questão judaica através da evacuação ("Europa Judaica Pura").
A evacuação das massas judaicas da Europa é um pré-requisito para resolver a questão judaica, mas isto só é possível e definitivo através do reassentamento destas massas na pátria do povo judeu, na Palestina. e através do estabelecimento do Estado Judeu dentro das suas fronteiras históricas.

Resolver o problema judaico desta forma e, assim, libertar finalmente e para sempre o povo judeu é o objectivo da actividade política e da luta de anos do Movimento de Liberdade Israelita, a Organização Militar Nacional na Palestina (Irgun Zewai Leumi).

A NMO, que está bem ciente da atitude benevolente do governo do Reich alemão e das suas autoridades em relação à actividade sionista dentro da Alemanha e aos planos de emigração sionista, é da opinião que existe uma comunidade de interesses entre o desejo de uma nova ordem da Europa de acordo com à concepção alemã e às verdadeiras aspirações nacionais do povo judeu,

que são corporificados pela NMO, seria possível uma cooperação entre a Nova Alemanha e uma renovada cultura hebraica étnico-nacional e o estabelecimento do estado judeu histórico numa base nacional e totalitária, que estaria numa relação contratual com a Alemanha Reich, seria do interesse a preservação e o fortalecimento das futuras posições de poder alemãs no Médio Oriente.

Com base nestas considerações, a NMO na Palestina aborda-o com ofertas de participação activa na guerra do lado da Alemanha, sob a condição de que as aspirações nacionais acima mencionadas do Movimento de Liberdade de Israel sejam reconhecidas pelo governo do Reich Alemão.

A oferta por parte da NMO de que a actividade poderia estender-se às áreas militar, política e informacional, dentro e após certas preparações organizacionais também fora da Palestina, estaria ligada ao treino militar e à organização da mão-de-obra judaica da Europa, sob a direcção e liderança da NMO em unidades militares e sua participação em operações de combate com o objectivo de conquistar a Palestina, caso seja formada uma frente correspondente.

A participação indirecta do Movimento de Liberdade de Israel na nova ordem da Europa, mesmo na sua fase preparatória, em ligação com uma solução positiva e radical para o problema judaico europeu, no sentido das mencionadas aspirações nacionais do povo judeu, tornar-se-ia o os fundamentos morais desta nova ordem aos olhos de toda a humanidade fortalecem-se imensamente.

A cooperação do Movimento pela Liberdade de Israel também estaria em linha com um dos últimos discursos do Chanceler alemão, no qual o Sr. Hitler enfatizou que usaria todas as combinações e coligações para isolar e derrotar a Inglaterra. Breve visão geral das origens, natureza e atividades da NMO na Palestina.

A NMO surgiu em parte da autodefesa judaica na Palestina e do Movimento Revisionista (Nova Organização Sionista), com o qual a NMO manteve uma união pessoal frouxa através da pessoa do Sr. V. Jabotinsky até à sua morte.

A posição pró-inglesa da Organização Revisionista na Palestina, que tornou impossível uma renovação da união pessoal, levou a uma ruptura completa entre ela e a NMO no Outono deste ano e a uma subsequente divisão no movimento Rev.

O objetivo da NMO é o estabelecimento do Estado Judeu dentro das suas fronteiras históricas.

Em contraste com todas as correntes sionistas, a NMO rejeita a infiltração colonizadora como o único meio de abertura e tomada gradual de posse da pátria e faz da luta e do sacrifício o seu lema como o único meio verdadeiro de conquistar e libertar a Palestina.

Devido ao seu carácter militante e à sua atitude anti-inglesa, a NMO é forçada a realizar a sua actividade política e o treino militar dos seus membros em segredo na Palestina, sob constante perseguição da administração inglesa.

A NMO, cujas ações terroristas começaram no outono de 1936, tornou-se particularmente popular no verão de 1939, após a publicação do inglês. Livro Branco, surgiu através da intensificação bem sucedida da sua actividade terrorista e da sabotagem de propriedades inglesas. Esta atividade, bem como as transmissões diárias secretas de rádio, foram gravadas e discutidas por quase toda a imprensa mundial da época.

Até ao início da guerra, a NMO manteve escritórios políticos independentes em Varsóvia, Paris, Londres e Nova Iorque.

O escritório em Varsóvia foi o principal responsável pela organização militar e formação da juventude nacional sionista e esteve em estreito contacto com as massas judaicas que, particularmente na Polónia, seguiram entusiasticamente a luta da NMO na Palestina e apoiaram-na em todos os sentidos. Havia dois jornais em Varsóvia (Die Tat e Jerozolima wyzwolona) que cobriam a NMO.

O escritório de Varsóvia manteve relações estreitas com o antigo governo polaco e com os círculos militares, que demonstraram o maior interesse e compreensão nos esforços da NMO. Assim, durante 1939, formaram-se grupos fechados de membros

NMO da Palestina foram enviados para a Polónia, onde foram aperfeiçoados no seu treino militar por oficiais polacos nos quartéis.
As negociações que tiveram lugar entre o NMO e o governo polaco em Varsóvia para activar e concretizar a sua assistência, e que provêm dos arquivos do antigo pohn. o governo, o que seria fácil de ver, chegou ao fim com o início da guerra.

Em termos da sua visão de mundo e estrutura, a NMO está intimamente relacionada com os movimentos totalitários na Europa.
A capacidade de combate da NMO não poderia em momento algum ser paralisada ou seriamente enfraquecida, nem por medidas defensivas implacáveis por parte da administração inglesa e dos árabes, nem por parte dos socialistas judeus.

APÊNDICE 3

Drew Middleton

África do Sul precisa de mais armas, diz israelense
(New York Times, 14 de dezembro de 1981)

A relação militar entre a África do Sul e Israel, nunca totalmente reconhecida por nenhum dos países, assumiu um novo significado com a recente visita de 10 dias do ministro da Defesa de Israel, Ariel Sharon, às forças sul-africanas na Namíbia, ao longo da fronteira com Angola.
Numa entrevista durante a sua recente visita aos Estados Unidos, o Sr. Sharon destacou vários pontos relativos à posição sul-africana.
Primeiro, ele disse que a África do Sul é um dos poucos países de África e do sudoeste da Ásia que está a tentar resistir à infiltração militar soviética na área.
Acrescentou que tem havido um fluxo constante de armas soviéticas cada vez mais sofisticadas para Angola e outras nações africanas e que, como resultado disso e da influência política e económica de Moscovo, a União Soviética estava "ganhando terreno diariamente" em toda a região.

EMBARGO DE ARMAS DA

ONU O Sr. Sharon, em companhia de muitos analistas militares americanos e da NATO, relatou que a África do Sul precisava de armas mais modernas se quisesse lutar com sucesso contra as tropas fornecidas pela União Soviética. O embargo de armas das Nações Unidas, imposto em Novembro de 1977, cortou fontes de armas estabelecidas, como a Grã-Bretanha, a França e Israel, e forçou a África do Sul a fazer acordos ocultos.
Ao abrigo destes acordos, armas e peças sobressalentes são vendidas pelos principais produtores de armas europeus a intermediários não governamentais. Estes últimos vendem as armas para a África do Sul, geralmente enviando-as em segredo, quer através de um país não alinhado, quer através de um país onde os inspectores aduaneiros estão preparados para desviar o olhar em busca de suborno.
Israel, que tem uma pequena mas próspera indústria de exportação de armas, beneficiou do comércio militar sul-africano antes do embargo de 1977.
De acordo com *The Military Balance,* a publicação anual do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres, a Marinha Sul-Africana inclui sete embarcações de ataque rápido construídas em Israel e armadas com mísseis israelitas. A publicação observou que mais sete embarcações desse tipo estão encomendadas. Presumivelmente, o pedido foi feito antes da imposição do embargo de 1977.

ESCASSEZ DE PEÇAS DE

REPOSIÇÃO Devido ao embargo, a África do Sul enfrenta uma escassez aguda de peças de reposição. Algumas peças de reposição para seus tanques Centurion de fabricação britânica chegaram à África do Sul através das Ilhas do Canal, de acordo com

Fontes britânicas. Há outros relatos de que a África do Sul comprou 41 Centurions e o sistema de mísseis Tiger Cat da Jordânia.

Com alguma ajuda sub-reptícia de amigos estrangeiros, a África do Sul também conseguiu implantar o míssil antitanque Entac, fabricado em França, e um moderno sistema de radar que cobre as suas fronteiras setentrionais.

A indústria de armamento da África do Sul tornou até agora o país auto-suficiente numa série de áreas, incluindo armas ligeiras, bombas, morteiros e carros blindados, segundo a fonte britânica. A África do Sul também está produzindo sob licença o caça Mirage de design francês.

A África do Sul, na opinião dos analistas da NATO, é militarmente superior e assim permanecerá durante alguns anos no ar e no mar. A força aérea com os seus 239 aviões de combate, incluindo 48 caças Mirage, é quantitativa e qualitativamente superior a qualquer outra força aérea ou combinação de forças aéreas ao sul do Sahara.

Sharon disse que Moscovo e os seus aliados obtiveram ganhos consideráveis na África Central e estabeleceram "corredores de poder", como o que liga a Líbia ao Chade. Disse que Moçambique estava sob controlo soviético e que a influência soviética estava a crescer no Zimbabué.

O oficial israelita, um comandante bem sucedido de forças blindadas em duas guerras com os árabes, viu a colocação de armas soviéticas, especialmente tanques, em toda a área como outro perigo.

A política militar da África do Sul de manter reservas adequadas, disse Sharon, irá permitir-lhe manter forças no terreno num futuro próximo, mas alertou que com o tempo o país poderá ser confrontado com armas mais poderosas e soldados melhor armados e treinados.

O FIM